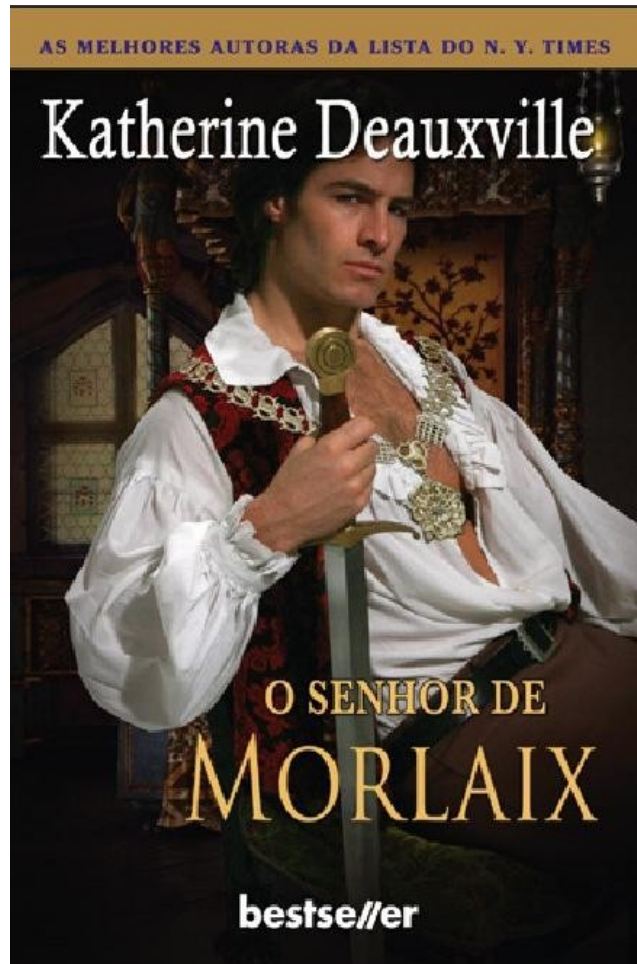


O Senhor de Morlaix

The Crystal Heart

Katherine Deauxville



País de Gales, Idade Média

Ela precisava dar um herdeiro ao marido...

Emmeline não sabia nada a respeito do homem que aceitara sua oferta, nem mesmo seu nome. Por dinheiro, ele lhe daria o que ela precisava. No entanto, em vez de pagar o homem e se afastar sem pensar mais no que acontecera, ela viveu uma noite de paixão que a assombraria para sempre. Emmeline teve o bebê que tanto queria... mas a vida lhe cobraria um preço bem mais alto dez anos depois...

Niall FitzJulien é o novo lorde do Castelo Morlaix. Para seu espanto, a mulher que está à sua frente para homenageá-lo segura a mão de seu filho... seu filho de dez anos de idade!

Ele se recorda daquela noite, uma década antes, quando acordou na manhã seguinte a uma noite de paixão, apenas para descobrir que a mulher havia se esgueirado de sua cama... e levado consigo o seu coração. Agora ele compreende quão cruelmente foi usado, e como foi privado da convivência com o filho. Porém não mais.

Agora, Emmeline será sua vassala, e irá servi-lo de todas as maneiras que ele determinar...





Querida leitora,

Desesperada para garantir o destino da fortuna de seu marido, Emmeline ordena que seu criado encontre um homem disposto a passar uma noite com ela, em troca de pagamento, para deixá-la grávida. Mas ela não contava em se apaixonar pelo jovem cavaleiro que aceitou sua oferta. Ela fez o que precisava fazer para sobreviver, e fugiu do rapaz, porém dez anos depois, é obrigada a confrontar o pai de seu filho, numa história medieval de intrigas e traições, carregada de fortes emoções...

Leonice Pomponio Editora

Copyright © 2011 by Katherine Deauxville

PUBLICADO SOB ACORDO COM HIGHLAND PRESS PUBLISHING

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: THE CRYSTAL HEART

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patricia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Gabriela Machado

CAPA E DIAGRAMAÇÃO Mônica Maldonado

ISBN 978-85-13-01473-8

© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 – sala 20ª – Jd. Rancho Alegre – Santana do Parnaíba

São Paulo – SP — CEP 06515-200

www.romancesnovacultural.com.br

Sobre a Autora

Katherine Deauxville é um pseudônimo da escritora Maggie Davis, autora de mais de 30 romances publicados, inclusive o best-seller *A Christmas Romance*, que foi publicado na revista *Good Housekeeping* e produzido em 1994 com absoluto sucesso pela rede de tevê americana CBS, no programa *Sunday Night Movie*, estrelado por Olivia Newton-John e Gregory Harrison, e que ainda pode ser visto na televisão, transmitido no Brasil sob o título *Um Romance de Natal*.

Maggie Davis é ex-colunista do *Atlanta Journal-Constitution*, redatora da agência de publicidade Young & Rubicam de Nova York, e assistente de pesquisa do chefe do Departamento de Psicologia da Universidade de Yale. Dá aulas em três cursos de extensão em escrita criativa em Yale e foi a artista escritora convidada do International Cultural Center, de Hammamet, na Tunísia. Escreveu artigos e contos curtos para as revistas *The Georgia Review*, *Good Housekeeping* e *Cosmopolitan*, entre outras, e ganhou o prêmio de Excelência Acadêmica. Saiba mais sobre Maggie visitando o site www.maggiedavis.com

Capítulo I

— É aquele — apontou Gulfer. — O rapagão de cabelo ruivo e ombros largos. — Parado na rua escura, ele ergueu a tocha para mostrar que eram pacíficos, não ladrões ou assaltantes. — O garoto pode ser ainda um fedelho, mas é mais alto que nós uma meia cabeça. E pelo tamanho daquele volume entre as pernas, parece que não vamos encontrar um melhor para a nossa tarefa.

Observaram conforme dois rapazes pararam à porta da estalagem, com a luz por trás deles. Bêbados, agarravam-se um ao outro para não cair. O mais baixo começou a cantar.

O outro cavaleiro deu de ombros.

— Tamanho não é tudo. Meu primo em Lincolnshire não é tão avantajado, mas é pai de doze filhos, apesar disso. Gulfer soltou um bufo de impaciência.

— Deixe isso para lá, apenas olhe o rapaz. Levando em conta que há um bando de gentinha por aí por causa dessa maldita guerra, a gente poderia achar pior. Estou seguindo esse aí já faz dias, pelos becos de Wrexham, e digo que, de todos em que pensamos... cavaleiros, escudeiros, fidalgotes, até algumas crias de mercadores... aquele galinho de cabelo vermelho fica bem acima do melhor para o que precisamos.

Uma sombra surgiu por trás dos rapazes bêbados.

— Fora! — berrou o estalajadeiro. — O dinheiro de vocês acabou. Mas aqui dentro ou lá fora, parem com esse maldito barulho!

A porta bateu atrás dos dois, empurrando-os para a rua. O rapaz mais alto conseguiu manter o equilíbrio, mas o cantor cambaleou e depois se sentou na sarjeta.

— Puxa, Niall. — Esfregou a cabeça com uma das mãos, enquanto balançava o elmo na outra. — Que belo jeito de tratar a gente! Uma quinzena nesse buraco do inferno e nem nos dão as boas-vindas.

Das sombras, Aimery bufou.

— Aposto — disse, por trás da mão — que os dois não têm um tostão. Esses moços ganham pouco como soldados de aluguel. E o que ganham, jogam fora com bebida e jogo.

— É como você, na idade deles. — Ainda segurando a tocha no alto, Gulfer adiantou-se. O rapaz ruivo estava tentando fazer o outro ficar em pé. — Cavalheiros, com licença — acrescentou. — Peço um favor. É um assunto sobre um pequeno emprego e uma excelente paga.

O jovem cavaleiro soltou o outro, que se sentou no mesmo instante.

— Afaste-se. — Sua mão voou para o cabo da espada. — Temos emprego. Somos homens do conde Robert de Gloucester.

— Certo, certo.

De perto, o rapaz era ainda melhor do que Gulfer esperava; com feições benfeitas, podia até ser considerado bonito, com olhos cor de âmbar para combinar com os cabelos

ruivos, um nariz longo e arrogante e uma boca que se entortava com graça nos cantos. A mão continuava na espada enquanto o olhar se alternava entre Gulfer e Aimery.

— Fique tranquilo, jovem senhor — disse Gulfer. — Peço seus serviços para um pequeno dever digno de seu... ahn, de sua juventude e vigor. É uma tarefa que ocupará apenas esta noite, uma ocupação tão agradável que qualquer um iria desejar. Porém com uma finalidade muito séria e digna.

O ruivo olhou para Gulfer por cima do nariz. Seu companheiro levantou-se, cambaleante.

— O que estão vendendo? — perguntou, com um olhar de suspeita. Gulfer sorriu.

— Meu jovem senhor, tire os pensamentos impróprios da cabeça! Deixe-me assegurar, quero apenas contratar seus honrosos serviços. — Fez uma pausa e esfregou o queixo.

Então, esclareceu o que estava procurando. Quando terminou, os dois cavaleiros o encararam. E então, caíram na risada.

Gulfer esperou. Tinham reagido conforme ele esperava. Ele tirou uma bolsa de sob a cota de malha e, entregando a tocha a Aimery, esvaziou o conteúdo na palma da mão. A luz da tocha arrancou faíscas das moedas.

— Dois marcos de ouro de Flandres — disse —, por apenas algumas horas do seu tempo. O silêncio se seguiu, rompido apenas pelo ruído que vinha da taverna.

O outro jovem cavaleiro puxou o companheiro pelo braço.

— Niall, vamos embora — pediu. — Estamos tudo menos sóbrios, e isso só pode ser coisa de alguma velha prostituta dos diabos que quer atrair rapazes para a cama. E esses velhos cavaleiros aí são cafetões, oferecendo dinheiro sujo!

O olhar do outro rapaz estava fixo nas moedas.

— Virgem Maria — Niall murmurou —, mas é um bocado de dinheiro. Gulfer observou-o, atentamente.

— Rapaz, juro pela Santa Virgem que é como eu lhe disse. Um rico mercador desta cidade, já idoso, casou-se com uma jovem com quem tentou ter um herdeiro durante os últimos três anos. Mas depois desse tempo todo, e considerando que o pobre homem está a cada dia mais velho e doente, não parece que vai arranjar esse filho. Porém, tem medo do que vai acontecer com sua fortuna, caso ele morra e deixe a esposa sozinha com toda essa riqueza. Fui incumbido de encontrar um jovem saudável e honrado que dê ao meu mestre o que ele deseje. Em troca, como pode ver, será bem pago.

O outro rapaz puxou o braço do amigo.

— Pelo amor de Deus, Niall, vamos embora! Você está bêbado demais para saber o que está fazendo! Se der ouvidos a essa proposta maluca, vai acabar roubado, assaltado, e seu corpo jogado no rio quando amanhecer!

O ruivo o empurrou.

— Calma, Orion, eu não disse que vou fazer isso. — Seus olhos se estreitaram. — Se eu disser sim — virou-se para Gulfer —, me explique como isso vai ser feito. Sem hesitar, Gulfer retrucou:

— Você será levado a um lugar que não posso dizer qual é, apenas que é uma casa das mais respeitáveis. Ficarà vendado até lá para manter tudo em segredo. Será muito bem tratado, com toda a cortesia, e depois levado de manhã a qualquer local que queira indicar, com os olhos cobertos. Nessa hora, receberá o pagamento.

Orion encarou-o com ar astuto.

— Tudo bem até aí. Mas toda a cristandade sabe que não se pode fazer um bebê apenas em uma noite. Gulfer abriu os braços e deu de ombros.

— Foi isso mesmo que eu argumentei. Mas está tudo nas mãos de Deus. Esta noite é só o que será pedido a você, pela paga que está aí, diante de seus olhos. A boca do jovem cavaleiro entortou-se num sorriso cínico.

— Diga-me, quantos homens antes de mim a dama chamou para sua cama? O velho cavaleiro fechou a carranca.

— Está enganado, pirralho. A dama não é nenhuma assanhada. Sua intenção é nem mais nem menos o que lhe foi dito. — Deu de ombros outra vez. — É muita falta de sorte, o engano foi meu. Não tomarei mais o seu tempo.

Afastou-se, e Aimery o seguiu. O jovem cavaleiro postou-se, meio hesitante, à sua frente.

— Não, tenho o direito de perguntar? Afinal, essa é uma proposta muito estranha. Gulfer o encarou, muito sério.

— acredite em mim, rapaz, se eu pudesse, tiraria essa fantasia da cabeça dela. Mas aqui estou. Niall ficou parado por um momento, pensando. Finalmente, disse:

— Mostre-me o ouro de novo.

Gulfer estendeu a mão. O ruivo pegou uma peça de ouro e segurou-a entre o indicador e o polegar.

— Louis rex Francia — leu. — Com um ramo de trigo do outro lado. Esta é uma moeda de ouro francesa, meu amigo, não dos Flandres.

— Então, você sabe ler. — Gulfer estava impressionado. — E sabe escrever também?

— Hum-hum. — Niall virou a moeda entre os dedos marcados pelas batalhas. — Por todos os santos! — exclamou, de repente. — Por que não deixamos a moeda decidir?

Lançou a moeda para cima, e a peça de ouro girou no ar. Ele pegou-a e bateu-a no dorso na mão.

— Quero cara — avisou Gulfer.

Niall tirou a mão e Gulfer inclinou-se para espiar.

— Coroa. — Endireitou-se. — Aimery, pegue a venda. Orion jogou-se no meio dos dois.

— Não, não! Isso é loucura! — gritou. — Niall, isso cheira a... a... bruxaria... e traição! Não vá, não vou deixar! — Olhou ao redor, desesperado. — Não, a menos que... você me leve junto também!

Aimery empurrou-o de lado.

— Não rapaz, você fica aqui.

O jovem sacou a espada, mas Niall segurou-o pelo braço.

— Não, Orion tem razão, tem de levar nós dois. Para prevenir uma traição.

— Pirralhos rebeldes — bufou Gulfer. — A coisa toda não vale a sombra de um inseto, só que a moça insiste nisso. — Enfiou a mão sob a cota de malha, e depois por baixo do colete almofadado. — Só o Senhor Todo-Poderoso sabe o que ela pensa em conseguir com isso — resmungou. — A menos que seja um milagre.

Aimery amarrou a venda preta no rapaz mais alto, e o próprio lenço ensebado de Gulfer no outro. Assim que estavam vendados, os dois jovens cavaleiros ficaram ombro a ombro.

— Não vamos entregar nossas espadas — avisou o grandalhão ruivo, tocando a venda. — Nem vão amarrar nossas mãos.

— Tudo bem, mas mantenha as mãos para trás — advertiu Gulfer. — Não queremos ninguém espiando. Será o fim, se fizerem isso. Os dois inclinaram a cabeça ao mesmo tempo. O ruivo resmungou alguma coisa por entre os dentes.

— Niall — murmurou Orion —, eu não ligo. Só quero que você se lembre de que é esse seu maldito pau sempre pronto que está metendo a gente nessa confusão! Gulfer ouviu. E porque sabia que não podiam vê-lo, sorriu.

Capítulo II

Levados a pé pelas ruas escuras até uma casa com uma porta larga, eles tropeçaram no degrau baixo da entrada. Pelo cheiro de cavalos, deviam estar no pátio de carroças de uma casa grande. Logo depois havia outra porta.

Niall bateu os ombros contra uma parede quando os cavaleiros os fizeram subir uma escada estreita. Passaram por corredores cheios de calor, ruídos e cheiros de cozinha. Finalmente pararam, e Gulfer tirou-lhes as vendas.

— Vão se lavar, rapazes — disse. — Depois, terão comida.

Pestanejando, Niall olhou ao redor. O quarto talvez pertencesse a um mordomo ou intendente, já que tinha uma mesa, uma cama e fogo ardendo na lareira. O jantar estava esperando por eles. Colocar a comida quente onde pudessem ver fora calculado para convencê-los a se esfregarem até arrancar a pele em tempo recorde.

Niall arrancou as roupas de boa vontade para entrar na enorme tina de água. Orion foi a seguir, com um pedaço de sabão macio e uma escova de alguma ajudante de cozinha. E isso deu a Orion a certeza de que estavam ali para divertir alguma bela dama lasciva *a deux*, e não por causa da história que os velhos cavaleiros tinham contado.

Depois, vestidos apenas com as ceroulas, encolhidos de vergonha pela nudez, sentaram-se à mesa e atacaram a comida.

Niall terminou primeiro e empurrou os cabelos curtos para trás, recostando-se para arrotar. O jantar estava melhor que bom... fatias grossas de porco assado e pão preto, e um pudim de aveia nadando em mel e manteiga, tudo regado a uma jarra de cerveja de Gales de virar a cabeça.

— Então, ela vai querer nós dois, Orion? É isso o que você pensa? — Niall levantou-se da mesa, segurando as calças ainda molhadas numa das mãos. — Vai precisar de nós dois para dar conta de uma velha dama parálitica?

— Não faça pouco-caso disso — retrucou o amigo, com preguiça. — Ouvi dizer

que as velhotas são as piores. Estou avisando, Niall, isso é algum complô perigoso de alguma velha malvada e murcha que chora noite e dia pelo mastro vigoroso de rapazes inocentes!

— Inocentes? — Niall procurou o resto de suas roupas pelo chão. — Nossa, se eu tiver de rastejar sobre alguma megera na cama com você respirando no meu cangote, vai ser preciso alguém mais inocente que eu.

O amigo rasgou um pedaço de pão e jogou-o na direção do outro. Niall pegou-o com um gesto rápido e enfiou-o na boca.

Até o momento, a noite não fora tão ruim, pelo menos para os dois jovens cavaleiros cansados e famintos do conde de Gloucester. O banho quente fora muito bem-vindo, assim como o jantar; fazia tanto tempo desde a última vez que Niall fora até Wrexham e saboreara os famosos ensopados da cidade que ele nem se deu o trabalho de tentar lembrar. Agora, sua pele cheirava a limpeza, embora estivesse um pouco escorregadia. E graças à comida boa, ele não estava tão bêbado como antes. Mesmo assim, saltou quando os sinos de uma igreja próxima badalaram nas últimas horas canônicas. Sua mão voou para o punhal.

Orion concordou, com expressão muito séria.

— Isso, é melhor carregar sua espada junto para onde quer que seja levado.

Devagar, Niall soltou a respiração. Pelo que reconhecia, estavam em algum lugar no quarteirão dos mercadores em Wrexham. Ainda era possível... embora Deus soubesse que eles não tinham nada para ser roubado... que fossem emboscados ali numa parte desconhecida da cidade, ao terem insensatamente se separado dos demais comandados do conde Robert. E até mesmo as coisas feias de que Orion suspeitava ainda poderiam acontecer.

Niall tentou expulsar a sensação. Pelo amor de Deus! Era um cavaleiro, disse a si mesmo; tinha vindo da Irlanda com sua espada de aluguel na esperança de ter fama e recompensa, arriscando a própria pele, e até a morrer. A única coisa que lamentava, enquanto pegava a cota de malha e as roupas do chão, era ter ficado tão bêbado na taverna. Porque só Deus, em Sua sabedoria, sabia como aquele negócio estranho iria se revelar.

Inclinou-se para pegar o colete almofadado.

— Confie em mim, Orion, vou ganhar bem meu dinheiro, não tenha medo. Apesar de todos os bordéis a que você me arrastou, meu pau nunca me deixou na mão. O colete exalava um cheiro forte de suor. Niall pensou na condição de suas roupas e nas sensibilidades de uma mulher. Nas sensibilidades de qualquer mulher.

Resolveu que era melhor deixar o colete ali.

Isso o deixava vestido com nada além das ceroulas, o que provavelmente era o bastante, se o trabalho da noite fosse de fato o que lhe haviam apresentado. Uma simples questão de se enfiar rapidinho na cama e sair ligeirinho do mesmo jeito, esperando, como Orion havia comentado, que a mulher não fosse muito velha e repulsiva de se encarar.

Seu companheiro o observava, apoiando o queixo na mão.

— Vocês, irlandeses malditos, pensam que podem fornicar com a irmã do demônio — disse Orion, parecendo estar com a língua inchada. Niall olhou ao redor, procurando as botas.

— Não, é o ouro que me atrai. O que o velho cavaleiro está oferecendo é mais que a paga de dois anos a serviço da rainha.

— Ah-ah! *Quando* formos pagos. — Orion ergueu a jarra vazia e sacudiu-a. — Diga, qual é a maldita utilidade desta guerra? — Parecia ressentido. — Nós dois sabemos que a rainha nunca irá se sentar no trono da Inglaterra, mesmo com a ajuda do irmão Gloucester. A Inglaterra nunca vai ter uma mulher a governá-la, mesmo que seja a filha do velho rei.

Niall deu de ombros.

— Se bem que eles têm uma “mulher” no rei Estevão, não têm? Estevão não consegue decidir se enfrenta seus inimigos ou se os perdoa. — Virou-se. — Está sóbrio o suficiente para eu deixá-lo sozinho?

Nesse momento, a porta se abriu e Gulfer entrou. Niall amarrou a cintura da ceroula, inclinando-se para pegar a espada. Gulfer fez uma careta.

— Nossa, rapaz, largue isso aí. Não pode ir até ela assim. Não é numa batalha que vai entrar, é no quarto de uma dama! Ele se manteve firme.

— Minha espada vai, ou eu não vou. Aimery enfiou a mão no gibão e tirou a venda.

— Ora, moço, pense no pouco que pode fazer com sua espada usando isto sobre os olhos.

Niall hesitou, sem vontade de abandonar a arma. Mas o sujeito tinha razão. E ele já estava se maldizendo por ter dado ouvidos àquela história maluca. Quanto mais sabia, mais ridículo parecia. A esposa de um velho mercador que precisava arranjar um filho? Só dois bêbados de miolo mole, como Orion e ele, teriam engolido uma história dessas!

Por outro lado, pensou, conforme estudava o velho cavaleiro, havia o dinheiro. O ouro era bastante verdadeiro. Ele o vira e o tocara. E quando se levava isso em conta, havia poucas coisas que ele não faria por dois anos inteiros de pagamento.

— Dê-me sua palavra — disse a Gulfer — de que isso não é nenhuma traição. Da mesa, Orion exclamou:

— Isso, faça o homem jurar sobre o túmulo da mãe que essa velha bruxa é meiga e agradável, e não a rainha dos *trolls* de Wrexham!

O olhar de Gulfer foi firme.

— Não é traição, rapaz. A dama é como eu disse.

Niall hesitou. Então virou-se e ficou de costas para ele. O velho cavaleiro estendeu a mão e passou-lhe a venda pelos olhos.

Deixaram Orion diante do fogo e desceram por um corredor da casa agora silenciosa. Niall não tropeçou tanto como antes, e seus sentidos estavam atentos a tudo o que ele ouvia e cheirava: couro e vela, pó e a gordura de carneiro fumarenta das candeias que iluminavam o caminho. Chegaram a um lance de escadas, e Niall tropeçou, raspando as canelas nos degraus. Praguejou por entre os dentes.

— Virgem Maria, me avise quando houver degraus, sim? — reclamou. — Ou o próximo poço aberto em que eu possa cair para a minha morte, combinado? Gulfer pôs a mão em seu braço.

— Aguarde firme, rapazinho, não está longe. — Soltou um suspiro fundo no ouvido de Niall. — Ah, vocês, jovens galinhos, pouco sabem que tesouros têm em sua juventude e seu vigor! Eu daria tudo que tenho para estar dentro das suas ceroulas esta noite!

Ele empurrou Niall rumo a outro lance de escadas. No patamar, pararam de repente.

O velho aposentado bateu e, sem esperar resposta, empurrou a porta. Niall ouviu as dobradiças ranger quando a porta se abriu. Cauteloso, ergueu as mãos para a frente, sentindo o ar quente. Um arrepio em sua pele o avisou que, se houvesse alguma traição, seria naquele instante.

A mão de Gulfer na curva de suas costas empurrou-o para a frente. Sem tirar a venda de Niall, o velho cavaleiro saiu, fechando a porta atrás de si.

Niall ergueu a mão para tirar o pano, e descobriu-se pestanejando ante a luz brilhante das velas.

Longos círios enchiam o quarto, dezenas deles, o suficiente para iluminar uma missa solene. Ele estava num quarto de dormir, com as quatro paredes cobertas por ricas tapeçarias; havia cenas tecidas em fios brilhantes de caçadas de javalis e cervos, círculos de donzelas dançando numa floresta, procissões de nobres em contraste com cidades muradas e fortificadas; cadeiras forradas de veludo, mesas e baús de madeira escura entalhada estavam dispostos pelo ambiente; no chão, havia tapetes de pele de ovelha e de cabra presos com tranças vermelhas; o fogo crepitava numa lareira de arenito branco; no meio do quarto, havia uma cama enorme de dossel de onde pendiam cortinas enfeitadas com cordões vermelhos e pingentes dourados.

Niall pestanejou de novo. Estivera em castelos e mansões que não eram tão ricos como o que via agora. Era difícil acreditar que simples mercadores, e não a alta nobreza, morassem ali. Quase não percebeu a moça de pé, absolutamente imóvel, ao lado da cama encortinada.

A esposa do mercador.

Um nervo em seu queixo se contraiu.

Ela tinha altura mediana, lábios descorados e grandes olhos verdes. Em contraste com as cortinas vermelhas de veludo, os cabelos, soltos sobre os ombros, brilhavam como um rio de cobre entremeado de correntes de fogo. Um robe bordado pendia dos ombros, mas era evidente que a jovem tinha compleição esguia, seios fartos e altos.

O coração de Niall saltou no peito.

Ela não só era apenas jovem, pensou, fitando-a, era bonita também. O que mesmo o velho cavaleiro lhe dissera? Casada havia três anos com um velho mercador, sem conseguir ter um filho? A maioria das moças daquela classe se casava aos catorze anos. Às vezes, aos treze.

Dezessete, Niall disse a si mesmo. Com certeza, nem um dia a mais.

No instante seguinte, sentiu um súbito desconforto. Aquela não era a velha harpia que Orion havia profetizado. Niall supunha que talvez nem todos os homens achassem atraentes aquele nariz curto e reto, a aparência insolente das maçãs do rosto, ou os grandes olhos verdes de gata, mas para ele, a moça possuía uma delicadeza que lembrava, com aqueles cabelos flamejantes, os lírios alaranjados e vermelhos que cresciam nas campinas no meio do verão.

Estudando-a, ele decidiu que aquela não era, por certo, a dama loira e distante das canções dos trovadores, mas uma feiticeira dourada, uma ninfa flamejante dos bosques, toda creme, fogo e olhos de esmeralda. Tão encantadora que ele se lembrou dos avisos de Orion sobre bruxaria.

Um calafrio correu por suas costas, fazendo eriçar os cabelos na nuca. Recriminou-se por ser um tamanho idiota. A garota era tão delicada como uma flor, e os lábios tremiam de incerteza quando o fitou. Seria estupidez ficar assustado com uma moça, cujo único feitiço era a beleza.

Ela segurava a frente do robe bordado, fechando-o, com mãos alvas e macias. Tinha dedos graciosos, com unhas rosadas e benfeitas.

De repente, Niall lembrou-se de que suas mãos estavam escuras do trabalho duro e de cuidar de armas e cavalos. Sentiu-se plenamente consciente da forma como devia parecer para aquela mulher, um cavaleiro rude de aparência jovem, embora largo de ombros, com cabelos ruivos que nunca combinariam com o brilho intenso dos dela. Vestido apenas com as ceroulas molhadas, descalço, por ter deixado as botas e as meias no quarto com Orion... nossa, que figura devia parecer...

Mas era tarde para pensar nisso agora. De repente, estava ansioso para terminar logo com tudo.

Então disse, um pouco rouco:

— Eu sou... creio que sou quem estava esperando, senhora.

Capítulo III

As chamas das velas estendiam-se, longas e brilhantes, na quietude do quarto, e as sombras subiam pelas paredes cobertas de tapeçarias. Emmeline ficou parada, esperando, enrolada numa camisola de seda chinesa tão cheia de bordados que o tecido farfalhava a cada respiração sua.

Seria preciso coragem para fazer aquilo, pensou. Mais do que ela havia imaginado. Estava descobrindo que era muito mais fácil planejar, pensar, organizar e arranjar do que lidar com a materialidade de um plano quando de repente se mostrava de verdade.

Agora, depois de irromper quarto adentro, descalço e usando apenas um surrado par de ceroulas, o jovem cavaleiro que Gulfer trouxera ao seu quarto era *muito* real.

Observou, aturdida, quando a meio caminho de distância, ele pareceu prender o dedo num dos tapetes de pele de ovelha. Perdeu o equilíbrio e cambaleou, agitando os braços. Emmeline viu, de relance, os olhos cor de âmbar como os de um tigre, e um ar de feroz determinação.

O cavaleiro parou.

Emmeline não conseguiu desviar os olhos dele. Desde o momento em que ele entrara no quarto, sentira-se paralisada no lugar, incapaz de se mover. Antes de mais nada, ele era muito maior do que Gulfer tinha lhe contado!

Seu marido, Bernard de Neufmarche, era velho, baixote, com hábitos gentis e fala mansa. Agora, ela via que seus velhos aposentados tinham lhe trazido um jovem alto e forte, seminu, em ceroulas surradas, que caminhava em sua direção com as longas pernas cobertas de tufo de pelos escuros aparecendo onde terminavam as ceroulas, quase na altura dos tornozelos.

Sua boca, de repente, ficou seca.

Santa Maria, ela pensou, desesperada, por toda aquela invasão desastrada em

seu quarto, era óbvio de se perceber por que Gulfer o havia escolhido! Parecia que o rapaz era capaz de procriar centenas de bebês! Os cabelos de um ruivo queimado caíam até os ombros. A pele dourada tinha um brilho sedoso, os quadris eram estreitos, as pernas longas... Na verdade, ele era tão poderosamente... tão vigorosamente másculo que, se não estivesse enraizada no lugar, ela teria fugido correndo.

Seus olhos desceram para a virilha onde o pano úmido mostrava o eixo grosso do sexo comprimido ao corpo. E, que parecia, conforme ela olhava, ficar cada vez maior.

De repente, sentiu-se atordoada. Deus do céu, não poderia rejeitá-lo, mandá-lo embora agora que ele estava ali; era tarde demais para isso! Além do mais, o que estavam fazendo era muito perigoso e, no mínimo, aos olhos da Igreja, um pecado mortal.

Engoliu em seco, Tateando mais uma vez a coisa que a babá lhe dera para assegurar que o trabalho daquela noite não seria em vão. *Coragem*, disse a si mesma, trêmula. Para o bem ou para o mal, ali estava o rapaz.

Ele parou diante dela, encarando-a abertamente. Emmeline tentou devolver aquele olhar atrevido, consciente demais do tamanho dos braços, dos ombros e dos pés descalços do jovem cavaleiro. Ele parecia preencher todo o espaço com aquela nudez musculosa.

Naquele momento, ela não tinha mais nenhuma ideia de como conseguira convencer Gulfer e Aimery a ajudá-la; parecia um milagre que os velhos cavaleiros de seu marido tivessem lhe dado atenção, quanto mais encontrar aquele galinho impressionante em algum lugar da cidade.

Era tarde demais para mudar de ideia, para mandá-lo embora. Fora ela quem arquitetara aquele plano, e via-se obrigada a cumpri-lo... e que a boa Mãe do Céu a perdoasse por isso. Mas a percepção de que tinham a noite toda pela frente, de que aquilo poderia levar quase a noite inteira, deixou-a nervosa.

Cravou os olhos num ponto na parede do fundo. O sangue fugiu de seu rosto, rígido como um pergaminho. De algum jeito, tinham de começar.

— V-você sabe por que está aqui? — Sua voz saiu quase esganiçada.

Quando Emmeline ergueu os olhos, deparou-se com aquele estranho olhar acastanhado fixo nela, e foi um choque. Disse a si mesma que pelo menos ele olhava para os outros com franqueza; supunha que fosse um sinal de bom caráter.

— Sim — disse o rapaz, finalmente. — Me disseram.

Emmeline não conseguiu reprimir o calafrio ao som áspero daquela voz. Apesar da boa aparência juvenil, ele era um estranho, alguém a quem ela teria de entregar a parte mais íntima de seu corpo. Relanceou os olhos depressa para as mãos do cavaleiro. Santo Deus, eram quase tão grandes quanto os pés! Suas palavras saíram da boca numa tropelia.

— Q-quantos anos você tem?

As sobranceiras do rapaz se arquearam. Ele pensou por um momento antes de responder:

— Quatro anos como escudeiro sob as ordens de meu senhor, o conde Robert de Gloucester. Agora, quase um ano como um cavaleiro. Ahn... tenho vinte.

Emmeline fechou a frente do robe. Vinte anos. Era muito jovem, apenas dois a três anos mais velho que ela. Sua mente acelerou. O bebê, se fosse gerado, seria, sem dúvida, ruivo. E grande. Se fosse uma menina, seria uma gigante de olhos castanhos.

Fechou os olhos, rezando e fazendo uma prece muda. Só poderia entregar-se à misericórdia da Santa Virgem e esperar que tudo aquilo fosse para o bem, mas estava quase perdendo o juízo de tanta apreensão.

— V-você entende — conseguiu balbuciar — que será pago de manhã? A expressão do rapaz mudou.

— Sim. Agradeço por me lembrar disso, senhora. De que serei pago. — Deu um passo na direção dela com a mesma expressão no rosto. — Devemos começar agora?

Emmeline recuou, batendo do lado da cama.

— Agora?

— A noite não volta para trás — ele a lembrou.

Era verdade. Fitando aqueles olhos castanho-dourados, Emmeline experimentou uma sensação estranha formigar em cada pedaço de sua pele. Um calor subiu dos bicos de seus seios, que pareciam se encolher. Sua boca, de repente, parecia extremamente sensível. Ela tentou dar outro passo para trás, mas a cama a bloqueou.

Obrigou-se a respirar fundo. Deus no céu sabia que ela não era covarde; aquela poderia ser a pior coisa que ela iria fazer na vida, mas valia a pena, porque ela precisava demais daquele bebê! Não só por Bernard e pelo destino da fortuna do marido, mas por si mesma. Fazia tanto tempo que ansiava por ter um bebezinho nos braços que era como um sonho tornado realidade. Se conseguisse, ao menos, sobreviver àquela noite...

Emmeline sufocou a sensação de pânico. Era do conhecimento de todos na cidade de Morlaix que a esposa do ourives era teimosa e mimada, e que seu velho marido lhe fazia todas as vontades de bom grado. Mas essas mesmas pessoas também admitiam que ela era uma esposa boa e obediente, e que fizera Bernard de Neufmarche feliz.

Respirou fundo.

Sim, aquela era a hora, Emmeline disse para si mesma. Enquanto ainda tinha bom-senso para fazer isso.

Ergueu as mãos e puxou a fita de seu robe, que se abriu, revelando a camisola branca enfeitada com fitas.

O cavaleiro a observava atentamente. Ela ouviu-o inspirar com força e depressa. Então ele estendeu a mão e puxou-a para perto.

As mãos grandes e calosas em sua pele eram quentes, e tremiam um pouco.

— Se isto é um sonho — ela o ouviu resmungar —, não me deixe acordar até que eu a tenha possuído!

Inclinou a cabeça, e a boca firme apossou-se da sua com uma brutalidade ansiosa. Emmeline arquejou ao ser puxada tão depressa contra aquele corpo seminu, ao sentir aquela energia vigorosa. Seus dedos se enterraram nos ombros nus do cavaleiro. Em resposta, ele fechou os braços com força em torno dela, quase retirando todo o ar de seus pulmões.

A cabeça de Emmeline rodopiou. Aquele jovem cavaleiro podia ter parecido impetuoso, até mesmo desajeitado, mas era mais experiente do que parecia. Uma pressão insistente brotava daquele beijo duro, pulsante em seus lábios. As mãos apertaram-se com força conforme um fogo flamejava de dentro dos bicos de seus seios e, em seguida, de seus pontos mais femininos como rios de desejo líquido.

Emmeline tentou empurrá-lo. Aquele beijo era completamente desnecessário, claro; podia sentir pela volumosa evidência que se projetava contra seu ventre que ele

não precisava de mais nada para ficar excitado. Porém, continuava a abraçá-la ainda mais apertado, enquanto esfregava os lábios em seu pescoço e nas faces.

Bem ao seu ouvido, ele murmurou, com voz rouca:

— Nunca pensei que encontraria um tesouro tão maravilhoso no fim da jornada desta noite. Por Deus, algo mágico me encantou!

— Meu braço — Emmeline conseguiu balbuciar.

Com algum esforço, tirou-o de onde ficara preso debaixo do cotovelo do rapaz. Ele pareceu não notar. Continuou a abraçá-la enquanto deixava uma trilha de beijos ávidos por seu rosto.

— Não sei como isso aconteceu. — Ela podia perceber o assombro na voz do cavaleiro. — Mas agradeço de todo o coração aos deuses pela sorte que, não sei como, me sorriu esta noite.

Emmeline conseguiu se afastar. Toda aquela conversa apaixonada não era o que queria ouvir; tinham uma tarefa a cumprir. Ele a fitou, com os olhos cor de âmbar faiscando, a boca molhada daquelas carícias turbulentas.

Ela desviou os olhos. Seu corpo, seus sentidos traiçoeiros pareciam desejar aquele corpo lascivo dentro dela! Estava tremendo como uma folha ao vento.

— E-e-eu... vou apagar as velas. O cavaleiro a segurou pelo braço.

— Minha doce senhora, quero tomá-la da maneira mais terna, e... ahn, conseguir o resultado que deseja. Porém, a senhora não sabe que não se pode conceber um bebê se a mulher não sentir prazer?

Emmeline virou-se, com os olhos arregalados.

— O quê?

— Sim, o que estamos prestes a realizar não é nenhum ato de acasalamento como os animais fazem. Se uma mulher não tiver prazer, não ficará grávida. Emmeline nunca ouvira falar uma coisa dessas em sua vida. Levou a mão ao pescoço.

— Tenho de sentir prazer? — balbuciou, num fio de voz. Um lampejo de malícia brilhou nos olhos do cavaleiro.

— Somente no mais agradável transe físico entre um homem e uma mulher é que uma nova vida pode ser criada.

Emmeline o encarou, boquiaberta. Aquelas palavras, pronunciadas com um sotaque levemente cantarolado que ela não conseguiu identificar, a confundiram. E, no entanto, não havia dúvida da segurança com que eles a proferia.

Claro que a Santa Igreja pregava que os prazeres da carne deviam ser desfrutados apenas para a procriação, para se ter filhos, e não para satisfazer a luxúria. Contudo, era do conhecimento comum que a maioria das pessoas, casadas ou não, prestava pouca atenção a isso.

Emmeline passou a língua pelos lábios secos. Parecia muito mais fácil ir para a cama, fazer o ato e acabar logo, como acontecia com Bernard.

— Tem certeza? — murmurou.

Ela o viu sorrir. Suas mãos grandes cobriram-lhe os seios depressa, acariciando os mamilos através do tecido da camisola.

— Deixe-me provar a você — ele murmurou.

Emmeline apoiou-se nele, sentindo os joelhos subitamente fracos. O contato ao mesmo tempo brusco e carinhoso provocava uma sensação que ela nunca havia experimentado antes, e que a percorria por inteiro. Enquanto vacilava, cativa daquelas mãos, o cavaleiro inclinou a cabeça e puxou o decote de sua camisola. Os seios alvos saltaram para fora, livres, firmes e empinados. No segundo seguinte, aquela boca quente estava sobre eles, rolando os botões macios entre a língua e os dentes.

Emmeline enterrou os dedos nos cabelos ruivos, segurando-se para não gritar. Seus mamilos tinham se endurecido em nós latejantes, ligados a uma labareda que transpassava seu corpo da cabeça até os pés. Enquanto a boca ávida sugava e mordiscava seus seios, as mãos estavam em suas nádegas, apertando e acariciando, empurrando-a de encontro a ele.

Ela deixou escapar um soluço alto. Estava sendo maravilhosamente assaltada, estranhamente atormentada! Ao mesmo tempo, suas pernas e quadris se contorciam contra o cavaleiro conforme ela esfregava o corpo para cima e para baixo, comprimindo-se às pernas e à virilha dele como uma gata manhosa. Bernard, seu pobre marido, nunca lhe impusera uma tortura tão deliciosa e enlouquecedora em todos os anos em que se deitava com ela!

As mãos de Niall afastaram as de Emmeline dos cabelos ruivos.

— Calma, minha bela doçura. — Sua voz soava estranhamente estrangulada. — Meu amor precioso e apaixonado. — Levou os dedos dela aos lábios e beijou-os. — Juro que lhe darei prazer, meu coração. Mas precisa me dar um momento para isso.

Emmeline o encarou com olhos arregalados.

— Por que está levando tanto tempo?

Ela o ouviu suspirar. A boca máscula brilhava com a luz das velas. Ele inclinou a cabeça e, com os lábios, capturou o outro seio, a mão empalmando-o enquanto ele puxava a barra da camisola para cima. Antes que Emmeline pudesse recuar, a mão dele deslizou por entre suas coxas, afastando-as.

Ela gemeu. Aquilo era muito, muito mais do que esperava suportar. A mão atrevida já encontrara o caminho para a fenda macia de seu sexo, e Emmeline desabou para trás nos braços do cavaleiro, quando, com uma rápida estocada, ele enterrou os dedos dentro dela.

No instante seguinte, ele a deitou sobre a cama.

— Não tenha medo — disse, conforme rolava sobre ela, comprimindo-a.

Medo? Emmeline estava quase berrando. Em cima dela, o cavaleiro parecia uma fúria de energia motriz apaixonada. Ela então sentiu as costas se arquear e os quadris se contorcer, acompanhando com avidez o toque fervente e palpitante que a invadia. Agarrou-se a ele, não sabendo o que esperar, nem mesmo o que queria.

— Ah, minha querida, minha pequena deusa dourada! — Com rudeza, ele cobriu-lhe o rosto e o pescoço de beijos.

Emmeline contorceu-se e se debateu conforme as carícias do cavaleiro a deixavam louca de desejo. Vagamente, lembrou-se de que tinha planejado conseguir seu bebê tranquila e cuidadosamente naquela noite, na segurança do próprio quarto, enquanto o marido estava fora, em viagem para York. Tinha pensado em deitar-se na cama espaçosa como sempre fazia e suportar o que fosse necessário com algum jovem que seus cavaleiros pudessem lhe arranjar.

Agora percebia que olhava para os cortinados balouçantes da cama, via-se nas

garras de uma estranha loucura que emanava daquele cavaleiro de olhos da cor do âmbar e de corpo flexível e poderoso. De uma luxúria aprendida em bordéis.

Aquele rapagão forte e bonito lhe dissera que ela não poderia gerar um filho sem sentir prazer carnal... E agora ela estava agindo como uma louca, uma prostituta maluca de estrada, com os seios ansiando por ele, os quadris buscando desesperadamente a carícia tormentosa daquelas mãos enormes, nada mais desejando que o alívio estonteante e cheio de gemidos que ele podia lhe oferecer.

— Isso, meu bolo de mel... — Ele arquejou em seu ouvido, enquanto a cama balançava loucamente. — Ah, querida, não refreie nada!

Emmeline nunca se sentira assim em todos os seus anos com Bernard Neufmarche. Estava horrorizada. Sentia-se pervertida, desavergonhada, devassa.

No fundo de sua mente febril, percebeu que ainda havia tempo de empurrá-lo, de sair da cama antes que ele pudesse impedi-la e fugir do quarto. Gulfer estava em algum lugar por perto, de guarda no corredor; ela poderia correr até ele e dizer que pagasse ao garanhão ruivo os dois marcos de ouro que haviam prometido e o mandasse embora. Então, tudo estaria acabado!

Fechou os olhos. Ele respirava ofegante, escorregando os dedos para dentro e para fora de seu ninho molhado.

— Se isto é um sonho — murmurou, rouco —, então, com os deuses por testemunha, digo que pelo menos por esta noite eu posso fazê-la toda minha!

Emmeline sentiu o falo duro de repente comprimir-se contra seu corpo. O cavaleiro a segurou com mais força, com as duas mãos por baixo de suas nádegas, afastando suas pernas. Então, com um repentino jogo dos quadris e uma forte investida, estava dentro dela.

O grito que ela ia soltar ficou sufocado quando o cavaleiro tomou sua boca na dele. O rapaz era tão avantajado que ela ficou rígida sob o corpo dele, sentindo-o pulsar e palpar dentro de seu ventre. Por fim, conseguiu puxar o fôlego, com um soluço alto. Quando o fitou, aqueles olhos dourados estavam cravados nos seus.

— Beije-me — ele murmurou. — Meu anjo, me dê a sua boca. — Afagou-lhe os cabelos com a mão forte.

Os lábios de ambos se tocaram, e a boca rude reivindicou a sua, afogando-a, possuindo-a. Depois de um instante, o cavaleiro começou a se mover.

Emmeline ergueu os braços e o envolveu pelo pescoço, para em seguida entrelaçar as pernas em torno de seus quadris, ouvindo o gemido trêmulo do cavaleiro quando se comprimiu contra ele. Então, ele começou a bombear com toda a força do corpo forte, e ela não pôde reprimir um grito.

O ritmo aumentou num crescendo, e por várias vezes parecia que ele ia jogá-los para fora da cama com aquelas estocadas frenéticas. Ela agarrou-se ao tronco musculoso, com as pernas enroscadas ao redor dos quadris do rapaz, inclinando a cabeça para trás, os longos cabelos soltos no ar. Então atingiu um clímax forte, agitado, um vórtice que nunca havia imaginado, e choramingou.

Ele mal fez uma pausa. Tomou-a nos braços, tirou-a da cama e a colocou apoiada ao pé da cama. Erguendo-lhe o quadril até sua virilha, enterrou-se dentro dela, enquanto estavam de pé, ali, de frente um para o outro.

O corpo de Emmeline contraiu-se com um choque violento. Ela deixou escapar um gemido que morreu nos lábios de Niall, enquanto ele a penetrava repetidas vezes. Com

um tremor que o sacudiu por inteiro, ele urrou, anunciando o alívio.

Quando acabou, ergueu-a nos braços e carregou-a de volta para a cama, onde a deitou de bruços. Beijando-lhe as costas das espáduas até a curva das nádegas, escorregou por cima dela e penetrou-a como ela estava, de cotovelos e joelhos dobrados.

Ele voltara a ficar excitado depressa. A sensação do membro dentro de seu corpo era quase demais de se aguentar. Emmeline gemeu quando ele enterrou os dentes de leve em seus ombros e no pescoço. Sentindo a ponta do dedo entre suas pernas, ela se ergueu nos joelhos e contorceu-se como louca, jogando os quadris para trás. O quarto começou a girar, conforme o cavaleiro a empurrava com as investidas até a beirada da cama. Quando escorregaram e caíram sobre o tapete no chão, ambos ofegavam, arrastados pelas garras do êxtase. Por um momento, depois que acabou, nenhum dos dois conseguiu falar. O chão cheirava a poeira e cachorro; Emmeline virou o rosto, lutando para respirar.

Com as mãos trêmulas, ele pegou-a e virou-a de costas. Inclinou-se e afastou a massa úmida dos cabelos de Emmeline da face. Estavam nus e ensopados de suor, emaranhados e esparramados no chão.

Ele a fitou e caiu na risada. Arquejante, Emmeline riu também. Estava nua embaixo do cavaleiro, com as pernas enroladas nas dele.

— Minha bela e apaixonada feiticeira... — Ele estava corado e parecia muito jovem. — O destino nos trouxe um para o outro apesar da crueldade de seu marido. Você é meu verdadeiro amor, e sabe que não posso deixá-la agora.

Emmeline o encarou. Era quase impossível pensar com a mente e a corpo assim, tão saciados de luxúria. Mas ele estava falando de amor, e ela mal podia acreditar nos próprios ouvidos.

Afastou do rosto as mechas úmidas de cabelo. O cavaleiro estava dizendo que não poderia deixá-la.

— Não, espere... — ela tentou dizer. Seus lábios estavam tão inchados dos beijos impetuosos que ela mal conseguia movê-los. — Você está enganado. Meu marido...

Ele pousou um dedo sobre seus lábios. Passando os braços em torno dela, ergueu-a até a cama.

— Não precisa falar dele. — Os olhos cor de âmbar a fitavam com adoração. — Ah, querida, você não sabe nada de mim. É verdade que sou pobre, e tenho poucos bens neste mundo, mas isso não me impede de amá-la. Não sou plebeu, fique certa disso. Sou filho de um cavaleiro, e meu pai é filho de um conde, embora seu nascimento não seja legítimo. Mas eu cuidarei de você, a resgatarei deste lugar maldito, e nada semelhante a esse... esse... — olhou ao redor do quarto — a esse tratamento abusivo, você será forçada a suportar de novo.

Emmeline apoiou-se no cotovelo. Seus braços tremiam de fraqueza. Havia marcas vermelhas em sua pele que ela imaginou que fossem hematomas, embora ele tivesse tentado ser gentil. Fitou-o, sem saber o que dizer. Naquele momento, a seu lado na cama revirada, ele parecia disposto a brigar com o mundo inteiro por sua causa.

Começou a sentir uma terrível dor de cabeça.

— Pelo amor de Deus, o que está dizendo? — Sua voz soou mais nervosa do que ela queria. — Eu não sou maltratada... A mão enorme do cavaleiro cobriu-lhe a boca gentilmente.

— Shh, não tenha medo, os velhos cães de guarda do seu marido não são páreo

para mim, e sabem disso. — Um pensamento repentino o assaltou. — Está preocupada porque pelo fato de seu marido ainda ser vivo a Igreja talvez não abençoe o nosso amor? É isso?

Sentou-se na cama e correu a mãos pelos cabelos ruivos suados.

— Temos de nos casar — disse a ela. — Mas a barreira para a nossa felicidade é que você já tem um marido, droga...

Emmeline estendeu a mão para tocá-lo e, então, deixou-a cair. Estava espantada com a fraqueza que sentia, e seu corpo doía quase tanto quanto sua cabeça latejante. Quase maldisse o momento em que pensara naquele plano absurdo. Queria um bebê... talvez até mesmo tivesse conseguido um. Mas o que, pensou, olhando para o rapaz a seu lado, o que faria com *e/e*?

Santo Deus, parte dela desejava apenas passar os braços em torno do pescoço do rapaz e agarrar-se a ele, grudar-se àquele jovem cavaleiro impetuoso que falava tão confiante em amor e casamento. Como se amor e casamento, para eles, tivesse algum significado!

Contudo, pensou, olhando para as costas e os ombros nus do rapaz, qualquer mulher seria louca de não desejá-lo. Seu corpo era belo, seus olhos cheios de amor e de um fogo cor de âmbar. Pior, ele falava como se pudesse fazer tudo o que tinha dito que faria!

Emmeline quase chorou quando ele saiu da cama. Viu-o atravessar o quarto até a mesa com seus pratos de bolo e a jarra de vinho.

— Precisamos conseguir ajuda em algum lugar. — Ele pegou uma taça e serviu-se de vinho. — Farei uma petição a sir Robert de Gloucester, meu senhor soberano e comandante. Ou talvez à Igreja. — Fez uma careta. — Embora seja difícil pensar em algum amigo que eu possa ter lá.

As pernas de Emmeline estavam enroscadas nas cobertas. Com esforço, ela conseguiu se desemaranhar e levantou-se.

— Espere! — gritou. — Não beba isso! Mas ele não lhe deu ouvidos.

— Não é possível que uma mulher jovem e bonita como você fique acorrentada a um velho bruto idiota que exige... — Entornou o vinho e colocou a taça sobre a mesa. — Que exige o que nenhum homem decente exigiria de uma esposa!

Emmeline cobriu a boca com a mão e afundou-se na beirada da cama, desarvorada. Mãe do céu, ele tinha bebido! Observou-o enxugar as gotas de vinho dos lábios com o dorso da mão.

O cavaleiro pensava que Bernard a tinha obrigado a se deitar com outro. Observou quando ele encheu a taça outra vez e bebeu tudo de um só gole.

Era tarde demais. Não havia nada que ela pudesse fazer agora.

O rapaz se aproximou, sentou-se a seu lado e ergueu a mão para lhe acariciar o rosto.

— Meu sangue gela nas veias só de pensar que você poderia ter encontrado outro alguém esta noite — disse. — Algum outro cavaleiro para ocupar o meu lugar. Emmeline não ofereceu resistência quando os lábios dele tocaram sua boca no mais doce dos beijos. Ergueu a mão e afagou-lhe as costas, sentindo os músculos sob a pele macia, porém firme.

— Precisamos elaborar um plano. — Sua voz soava abafada pelos cabelos de

Emmeline. — Já que pode resultar uma criança disso tudo, quero fazer amor com você de novo. Temos a noite toda, querida, para nos comprometermos um com o outro.

Niall soltou-a, inclinou a cabeça para trás e se espreguiçou.

— Coração, acabei de me dar conta... eu nem mesmo sei o seu nome! Ela se virou para o lado.

— Não importa.

— Importa, sim. Preciso saber o nome do meu amor. — Bocejou e depois caiu de costas sobre as cobertas. — De manhã — disse com voz engrolada —, antes de o sol nascer, eu a levarei daqui.

Ele fechou os olhos.

Emmeline esperou, mas podia ver que ele ainda não estava completamente adormecido.

— De manhã — murmurou.

De manhã.

Niall conseguia se lembrar das palavras, porém de mais nada depois disso.

Acordou e estendeu os braços, puxando-a para si, mas a cama estava horivelmente fria. Era como estar deitado no gelo.

Com um resmungo, abriu os olhos. Havia uma claridade acinzentada no céu, um gosto horrível em sua boca, e sua cabeça doía a ponto de rachar. Disse a si mesmo que não havia bebido tanto assim, para se sentir tão mal.

Ergueu-se e se apoiou no cotovelo. Estreitando os olhos, virou-se para um lado e para outro e percebeu que estava deitado num beco, na terra fria e lamacenta. O corpo que ele apertava nos braços era de seu amigo Orion, deitado a seu lado e roncando como um cavalo. O sol começava a subir, e o ar cheirava a neblina.

Com uma sensação de pavor, Niall notou que havia algo preso em seu pulso. Ergueu a mão e apertou os olhos, procurando entender, apesar do tumulto em sua cabeça latejante. Quando abriu os dedos, algo caiu e bateu em seu peito para depois escorregar para o chão a seu lado.

Era uma pequena bolsa de couro.

Ele não precisou abri-la para saber o que havia dentro. Já ouvira o tilintar denunciador.

Niall deitou-se de costas no chão gelado e respirou fundo, sabendo, com uma explosão de raiva impotente, com um grito silencioso que quase o cegou, que a noite havia terminado.

Ela se fora.

E ele tinha sido pago com duas peças de ouro.

Capítulo IV

Morlaix

Uma tempestade de primavera soprou do vale e caiu rugindo sobre a cidade. O uivo do vento das montanhas de Gales era tão alto que abafava o ruído de uma tropa de cavaleiros que chegava a galope pelas ruas sinuosas. Felizmente o vinhateiro, Jermyn Villers, que carregava um par de odres de algumas das melhores safras de vinho de Borgonha, ouviu-os a tempo.

Agarrando os odres contra o peito, o mercador saiu correndo, gritando ao ajudante, que lutava sob o peso de uma pequena barrica de vinho branco de Sancerre, para sair do caminho. Os cavaleiros montados tinham pouco respeito pelo povo da cidade, pelos porcos, cães ou qualquer outra coisa que pudessem encontrar pelas vielas estreitas de Morlaix. Se alguém queria viver para ver outro dia, são e sem estar aleijado, corria.

Momentos depois, os cavaleiros estavam sobre eles.

O garoto galês saltou para dentro da soleira mais próxima. Jermyn Villers viu-se, de repente, correndo pela vida na frente de trinta cavaleiros em cota de malha que cavalgavam de dois em dois pelas ruas.

Villers corria como se todos os cães do inferno estivessem em seu encalço. Numa esquina, escorregou e caiu. O cavaleiro que vinha à frente, um homem alto de armadura de aço, puxou as rédeas de seu corcel. Os que vinham atrás frearam até parar, com as montarias empinando e depois batendo os cascos no chão.

O líder abaixou-se, agarrou o casaco do vinhateiro e ergueu-o de pé. Villers viu apenas de relance os olhos cor de âmbar atrás da proteção do nariz do elmo, antes de ser solto. Mergulhou no mesmo instante atrás de um barril de chuva na porta do açougueiro e desabou.

A coluna de cavaleiros demorou-se ali por um momento. O líder gritou alguma coisa. Então, com um tilintar de armas e esporas, a tropa passou pelas lojas do fabricante de lã, pela igreja e pelo pátio, virou à direita e desapareceu na estrada que levava ao Castelo Morlaix.

O vendedor de vinho ficou de pé, arquejante, e encostou-se à parede. Um odre havia estourado quando ele caíra, e uma poça de vinho se espalhava pelo leito da rua. O outro odre, sem danos, ele agarrou contra o peito. Mas suas roupas finas estavam tintas de vermelho-escuro.

Seu aprendiz pisou na rua, de olhos arregalados.

— Mestre Villers — o garoto perguntou —, está machucado? Não foi o lorde em pessoa que o ergueu da sarjeta?

Villers praguejou por entre os dentes contra todos os cavaleiros da cristandade, principalmente os do novo rei da Inglaterra. Não fazia tanto tempo que a recente guerra havia acabado, a ponto de que se pudesse esquecer como os nobres investiam sobre as pessoas comuns e nem olhavam para trás. Pouco lhes importava, os demônios assassinos, como se as pessoas não tivessem de ganhar a vida honestamente.

— É vinho, não sangue! — esbravejou. — Embora não haja nada a agradecer àquele lixo estrangeiro por eu ter evitado ficar com um par de ossos quebrados! O garoto

mudou a barreira de vinho para o outro braço.

— Está em condições de caminhar, ou devo ir adiante até a casa do ourives e pedir uma maca? Logo acima deles, as venezianas de uma janela se escancararam.

— Ah-ah, o mestre vendedor de vinho, era ele, não era? — uma voz de mulher gritou. — O novo lorde? — A criatura apoiou os braços no peitoril da janela. — Vi você voar por cima do barril de chuva e disse a Harry: olhe o que estão fazendo com mestre Jermyn Villers, coitado! São uns demônios, esses cavaleiros. Eu disse a Harry que se o novo mestre que o rei Henrique acabou de nos dar não afastasse seu cavalo por um fio de cabelo, a gente não teria vinho mais na cidade, pois nosso pobre vinhateiro estaria morto a esta hora!

O ajudante ergueu os olhos.

— Eles fazem isso para se divertir — gritou —, tentando espantar o coitado do povo das ruas. Agrada aos cavaleiros derrubar a gente e derramar seja lá o que a gente esteja carregando!

Jermyn Villers sacudiu-o pelo braço.

— Cale a boca, moleque. — Já bastava o que tinha sido falado. O meio da rua não era lugar para reclamar do novo lorde. A mulher debruçou-se para fora a fim de olhá-los.

— Estão subindo para o castelo agora, para ver o que a guerra deixou de sobra! — gritou. — Deixou para ele, isto é, para o novo lorde. Não é uma vista bonita, agora, é? É melhor a gente rezar para todos os santos darem a ele um pouco de sorte para fazer o melhor por nossa pobre terra arruinada, se ele puder!

Jermyn fez um sinal ao ajudante para apoiar a barreira de Sancerre no ombro, e seguiram para a moradia do ourives. Umas poucas casas depois, o garoto deixou de lado a barreira para bater na porta.

Não esperavam que a própria Emmeline de Witherow atendesse, mas aparentemente a viúva do ourives tinha ouvido a comoção na rua.

Ela escancarou a porta de madeira.

À vista da figura rasgada e manchada de vinho de Jermyn Villers, ela sufocou um grito. No mesmo instante, saiu para a rua, olhou para cima e para baixo e, depois, abriu a porta de novo, chamando pelos criados.

— Não fique alarmada, bela dama — Villers lhe disse, tremendo. — Pode ser que eu tenha cortado meus joelhos quando caí.

— Calma, poupe sua energia.

A sra. Emmeline estava vestida para a reunião com os membros da corporação de ofício num vestido azul bordado com fios de ouro. Sobre o corpete, havia uma bela amostra do trabalho dos ourives: correntes de ouro e prata, algumas com pérolas e gemas polidas, broches esmaltados. Uma tiara entalhada em três cores de ouro estava colocada sobre sua testa, ao estilo saxão. Mas mesmo as joias empalideciam ao lado do brilho estriado dos cabelos avermelhados, trançados e puxados para cima em rolos grossos, ladeando os olhos verdes como esmeraldas.

— Foi atacado por ladrões? — Ela deu um passo para o lado a fim de deixá-los entrar na casa. — Pensei que o novo vigia que contratamos poria um paradeiro nisso!

O vinhateiro suspirou.

— Sim, ladrões, mas não do tipo de costume. Apenas aqueles que o rei mandou para nos governar.

Apesar de tudo, os joelhos do vinhateiro bambearam de repente. Meia dúzia de criados da cozinha, acompanhados pelo administrador, tinha corrido para o salão. Eles o pegaram a tempo e o puseram de pé.

— Com delicadeza — Emmeline ordenou. — Levem mestre Villers para o lado da lareira. Conforme os garotos da cozinha o carregavam, o vinhateiro esticou o braço para lhe pegar a mão.

— Que bom que tivemos este encontro hoje — disse, em voz baixa. — Pois eu vi o sujeito, o objeto de nossas especulações. Foi ele que não deixou o cavalo me atropelar.

Antes que pudesse dizer mais qualquer coisa, os garotos entraram no salão da mansão. O fogo ardia na lareira. Os membros das corporações de ofício estavam esperando ali, aquecendo as costas.

— Jermyn... — o corpulento ferreiro indagou. — O que aconteceu? Conforme os garotos sentavam Villers numa cadeira, ele contou:

— Uma tropa de cavaleiros a caminho do castelo. E o novo lorde de Morlaix, tenho certeza. Um homem grande, com feições de aço, embora jovem. Dizem que a velha rainha lhe deve muito. Ele foi um de seus mais corajosos comandantes. Ouvi falar que é irlandês.

Os membros da corporação o rodearam.

— Não, ele é normando e irlandês — o curtidor de couro afirmou. — Meu irmão, o escriturário dos escritórios do arcebispo, diz que FitzJulien é parente de seu pai, um filho bastardo do velho conde, Gilbert de Jobourg, que descansa em paz. Tem certo direito sobre Morlaix.

O fabricante de lã franziu a testa.

— Meio normando, meio irlandês? Será que Henrique vai dar o ruim e o maluco enrolados num só para nós? E um bastardo para completar? Todos riram.

— Pouco resta da Inglaterra depois que o rei Estevão e a rainha lutaram pelo trono — disse alguém. — Mas, bastardos dos nobres... ah, isso não falta.

— Melhor nossos próprios bastardos que os de outros — outra voz emendou. Emmeline ordenou que os criados voltassem para a cozinha.

— O novo senhor não é um bastardo, se o pai se casou como deveria — ela ponderou.

Os membros das corporações de ofícios e os burgueses da cidade rodeavam o vinhateiro, todos vestidos em suas melhores roupas. Nem todas as profissões estavam ali representadas, já que a cidade de Morlaix era pequena e comportava apenas certas atividades, como a dos laneiros, que incluía fiandeiras, tecelões, tosadores e o pisoeiro. Mas havia também dois taverneiros, o ferreiro, o seleiro, o armeiro, um latoeiro e dois padeiros, marido e mulher. E o vinhateiro.

Watris, o ferreiro, disse:

— Seja lá quem for, normando ou irlandês, precisamos pedir a ele para controlar esses seus cavaleiros franceses grosseiros que estão aboletados na cidade. Essa gentinha não só toma nossas camas, mas briga e bebe e não deixa as moças decentes em paz.

Emmeline acenou para as aias que traziam panos e panelas com água quente. Ajoelhou-se ao lado do vinhateiro.

— Ah, pobres dos seus joelhos, mestre Villers!

Os cortes eram profundos, mas tinham sangrado bastante, o que era bom. Havia uma vala na rua onde os bacios eram esvaziados, e o veneno daquilo era conhecido de todos.

— Normando ou irlandês — disse o laneiro —, vai querer dinheiro. Agora que temos um lorde outra vez, o rei e os coletores de impostos vão nos sangrar com tributos.

Emmeline deu a bacia de água ensanguentada para a copeira esvaziar. O aprendiz galês de Villers tinha aberto uma pequena barrica de vinho, e agora se apressava em encher os copos. Resmungos de prazer se seguiram. Mais criados vieram da cozinha com bandejas de comida. O inverno tinha sido difícil, e ainda faltava um longo tempo até a colheita; Emmeline dissera a seu administrador para dar aos membros das corporações de ofício apenas broas de aveia e repolho em conserva, dos quais ainda havia bastante.

O aprendiz do vinhateiro aproximou-se para lhe oferecer um copo do Sancerre amarelado. Enrubescou violentamente e quase não conseguiu olhar para ela.

Emmeline sorriu, divertida. Sabia que os aprendizes tinham apostado que ela era ainda mais bonita que outras viúvas que moravam na cidade. Corria até mesmo um boato de que os filhos brigões do curtidor de couros tinham encomendado a um menestrel viajante que lhe compusesse uma canção. Era lisonjeiro, supunha Emmeline, que os aprendizes pensassem que era bonita, mesmo com sua avançada idade de vinte sete anos.

— Pelo menos, ele vai manter os galeses longe do vale — o açougueiro estava dizendo. — Não precisamos do príncipe Cadwallader mandando aqui. O jovem pisoeiro ficou observando Emmeline enquanto ela enfaixava os joelhos do vinhateiro. Então disse:

— Os galeses não mandam, só brigam entre si. Se soubessem como, eles agora teriam um rei, e não um país cheio de príncipes bastardos.

— Os galeses não são o único perigo — disse uma voz, suavemente. — E se esse novo lorde vier para desentocar aqueles que traíram a rainha, a mãe de nosso jovem rei?

O silêncio caiu sobre a sala.

— O pobre rei Estevão está morto — murmurou o pequeno vinhateiro. — Que Deus dê descanso à sua alma. Emmeline recolheu os panos molhados.

— Por certo que não haverá mais vingança. Deus misericordioso, a guerra acabou faz mais de três anos!

Os que estavam ao lado da lareira se entreolharam. Durante os longos anos da guerra, as forças da rainha Matilda tinham andado para cima e para baixo pelo vale, e os exércitos do rei Estevão haviam tomado Morlaix não uma, mas várias vezes. E o grupo de burgueses havia tentado esquecer como sua lealdade mudava conforme o lado vitorioso.

Jermyn Villers empalideceu.

— Vamos rezar a Deus para que o novo lorde deixe o que passou no passado. Corc, o armeiro, virou-se.

— Fale por conta própria, vinhateiro. Eu era homem da rainha desde o começo.

— Não vamos discutir isso de novo — Emmeline apressou-se a dizer.

— Isso mesmo — concordou o ferreiro. — Deixe que procurem quem imaginem que estava do lado errado. Eu digo que o mais importante disso tudo são os impostos. Ninguém tem dinheiro este ano. O novo lorde precisa escutar a voz da razão.

— Razão? — O pisoeiro fez um ar azedo. — Que nova palavra é essa que aprendeu, Watris, “razão”? Esta cidade não é Stamford, nem Londres, onde os burgueses

são tratados como barões e os mercadores são quase tão nobres como os cavaleiros. Estamos aqui nas fronteiras de Gales, espremidos entre Chester, ao norte, Hereford ao sul e Cadwallader a oeste, e não temos razão nem direitos, a não ser o que o cavaleiro ladrão naquele castelo maldito agachado lá na colina nos dá!

Um vozerio ergueu-se, todos falando ao mesmo tempo. O ferreiro declarou, muito sério:

— A menos que queira ver o lado de dentro daquele castelo lá, pisoeiro, é melhor atentar para suas palavras. O garboso pisoeiro saltou da cadeira.

— Diga que parte do que eu falei é mentira. FitzJulien é o filho descalço do bastardo do velho Gilbert, um vira-lata meio irlandês que não sabe nada além de lutar como mercenário. A velha rainha o amava porque ele era tão impiedoso quanto ela.

Emmeline fez um sinal aos criados para que recolhessem os pratos vazios. Vários membros da corporação gritaram para o pisoeiro ficar quieto, que ele faria com que todos fossem enforcados como traidores se não fechasse a boca. Emmeline sabia que muitos concordavam com ele, embora tivessem medo de dizer.

Levantou-se, pegou a cesta de costura e levou uma banquetta até perto do fogo. Helrud, a mulher do padeiro, afastou-se para lhe dar espaço e sorriu. Helrud fora chefe da corporação de ofício em Morlaix e também da pequena cidade de Wychden, ao sul, mas o bispo de Chester começara uma pregação contra mulheres no controle da administração ou até mesmo pertencentes a corporações, e fizera Helrud ceder seu lugar ao marido, Wulfer.

Emmeline afastou a banquetta para um pouco mais longe do fogo e começou a bordar uma flor amarela no centro da toalha de altar que estava fazendo. Sentia-se feliz de não ter um marido a quem fosse obrigada a ceder seu lugar como ourives. Os ourives eram os mais ricos dos membros das corporações, e mantinham seus negócios muito reservados; ninguém realmente sabia tudo o que faziam.

— Os mercadores e comerciantes têm mais direitos agora que a Inglaterra está crescendo! — esbravejou um tecelão. — Olhe todas as cidades que estão brotando por aí.

— Antigamente, era raro ver uma moeda de cobre, e tudo era feito na base da barganha — retrucou o padeiro. — Tem muitos de nós vivos que ainda se lembram de que aqui, onde estamos agora sentados, na elegante sala da sra. Emmeline, naquela época era a choupana de um açougueiro, e a cidade não era muito maior que a taverna do velho moleiro e a casa paroquial dos padres irlandeses.

— Os tempos mudaram — observou o vinhateiro —, mas fomos abençoados.

— Ah! — Nigel bufou alto. — Cuidamos de nós mesmos, eis o que aconteceu. Foram os mercadores e as cidades que mantiveram a Inglaterra viva durante a guerra. E não o rei Estevão e a rainha e seus exércitos, que destruíram tudo em seu caminho!

O açougueiro olhou para os pés.

— A gente deveria esquecer esses tempos difíceis, amigos, menos aquelas pessoas generosas que nos ajudaram, como a sra. Emmeline. Se quiser entoar elogios a alguém, entoe a ela.

Emmeline ergueu a cabeça. Todos olhavam para ela.

— Foi presente do meu marido — disse com doçura —, que Deus e os anjos velem por seu descanso eterno. Ele faria o mesmo, não querendo que nenhum de nós sofresse.

No que lhe dizia respeito, não fazia nenhum bem lembrar os anos ruins em que o

rei Estevão e a rainha haviam lutado pelo poder por toda a Inglaterra, sem que nenhum fosse forte o bastante para derrotar o outro. A seu lado, a esposa do padeiro murmurou:

— O jovem pisoeiro está pensando em conquistá-la? Ele nunca fala desse jeito.

Emmeline ergueu o bordado e cortou a linha com o dente. Observou o rapaz pelo canto do olho, refletindo que a cidade inteira sabia que ela não estava interessada em se casar outra vez. O pisoeiro viera de Wrexham, e frequentara a escola primária. Estava sempre falando de York e de Londres, e até mesmo da longínqua Flandres. A corporação da lã era grande, se nela se incluíssem os tosadores que tosquiavam as ovelhas, os intermediários que negociavam a lã, os fiandeiros e tecelões, e os pisoeiros, que encolhiam e finalizavam o tecido.

A conversa à beira da lareira tomou outro rumo, todos falando da festa da Ascensão, que se aproximava.

— O povo da vila quer que a gente alimente os bois — disse o ferreiro —, ou não vão aparecer. — Olhou ao redor. — A região conseguiu pouco este ano. A esposa do padeiro inclinou-se para Emmeline e murmurou:

— O pisoeiro *está* interessado, veja só como olha para você! O que é isso que está bordando?

Emmeline ergueu a toalha de altar para a mulher ver. Quase todas as corporações preparavam uma carroça para a festa da Ascensão de Morlaix, com um palco e um toldo, e representavam cenas da Bíblia de acordo com o trabalho de cada ofício. Levava o dia inteiro para a procissão seguir seu caminho até o morro do castelo, pois era praxe que cada carroça parasse nas casas dos membros das corporações, onde, depois de um brinde de comida e bebida, os atores se apresentavam.

A festa não havia contado com muita ajuda durante os quinze anos em que a guerra perdurara. Porém, nos anos bons, quando não havia exércitos por perto, os mercadores de roupas e de lã apresentavam peças fantásticas, confeccionando muitas das fantasias dispendiosas, máscaras, e até mesmo contratando músicos. Os açougueiros e os padeiros, para não serem superados, apresentavam não apenas peças, mas distribuíam amostras de linguiças e tortas de carne.

Certa vez, quando o próprio rei Estevão fora a Morlaix, o vinhateiro, que era um dos leais seguidores de Estevão, contratara atores mascarados de Chester para apresentar uma versão das Bodas de Caná. Na carroça do vendedor de vinho, havia um Cristo muito fiel que transformava a água em vinho para os convidados do casamento bíblico. Infelizmente, tanto vinho foi consumido que vários dos discípulos estavam completamente vacilantes ao pôr do sol, e começaram a cair da carroça na estrada, enquanto o ator que representava Cristo, esbanjando uma alegria fora do comum para uma figura tão santa, tinha acessos de riso ao dizer suas falas.

Emmeline olhou para os membros das corporações ricamente vestidos pela sala. O povo precisava ser feliz depois de tantos anos de dificuldades; naquele ano, provavelmente, a festa seria animada. O jovem rei Henrique tinha prometido manter a paz e trazer de volta os tempos de prosperidade. E todos queriam acreditar nisso.

Colocou o bordado no colo e inclinou a cabeça de lado, pensando que tinha muito pelo que agradecer. Viera para aquela casa aos catorze anos, filha de um pobre cavaleiro, quase sem dote, já que tinha outras seis irmãs em casa, porém, com pouco além de sua aparência para recomendá-la, e havia se casado com um homem que tinha idade para ser seu avô. Mas tinha aprendido a ser prudente, esperta e poupadora. Através das guerras, mantivera a propriedade de seu marido intacta e até mesmo a fizera crescer.

Não havia muita gente que pudesse se gabar disso.

De repente, ouviram o alarido de cães de guarda no pátio.

Emmeline pôs de lado a cesta do bordado e foi verificar.

— Ninguém nunca pagou pelo uso das carroças da Ascensão ou para alimentar os bois — disse, ao seguir para a porta. — Em ocasiões passadas, todos contribuíam livremente para honrar a Deus.

Lá fora, o dia de início de primavera estava ensolarado, mas não muito quente. Meia dúzia dos cavaleiros do novo lorde, que tinham se aboletado no estábulo, estavam provocando os cachorros. Do outro lado do quintal, o próprio pessoal da casa se agrupava, com caras azedas.

Os cães enormes estavam enlouquecidos, uivando e forçando as correntes, enquanto um cavaleiro, mais alto que os outros, os aticava com uma vara, querendo que os mastins a pegassem. Pelas feições avermelhadas, os homens tinham bebido.

Emmeline saiu para o quintal ensolarado.

— Se provocar os cães — disse, erguendo a voz acima do tumulto —, eles logo vão aprender a latir por qualquer coisa e não nos darão mais sossego.

O cavaleiro alto girou nos calcanhares. Os demais cutucaram uns aos outros. Eram franceses do sul, de Languedoc, e falavam um dialeto, mas ela ouviu a palavra “viúva”.

O cavaleiro deu de ombros e depois jogou a vara pelo ar. O pau bateu do lado de um telheiro antes de cair aos pés de Emmeline. Eles, então, se afastaram, conversando e rindo, na direção dos estábulos.

O administrador, Baudri Torel, aproximou-se, correndo.

— Sra. Emmeline, os cavaleiros estavam na taverna — bufou. — A cada dia que passa fica pior ter essa gente por perto. Chamam o varapau de Serlo, foi ele que a senhora...

Emmeline fez um gesto para que ele se calasse. Sabia que tinha esperado até o último momento para ir procurá-la. Seu pessoal estava com medo dos cavaleiros; todos se lembravam do que tinham suportado durante a guerra.

Virou-se para voltar para o salão e ergueu os olhos para a cabeça chifruda do cervo entalhado no lintel da porta. Bernard de Neufmarche trouxera o entalhe de Falaise, na Normandia; era o emblema de sua família de ourives.

No penúltimo ano da guerra, Morlaix tinha sido tomada por um dos comandantes do rei Estevão, um flamengo cruel que queimava os aldeões vivos para lhes roubar os grãos e nada fazia quando seus soldados violentavam e matavam algumas mulheres dos tecelões e jogavam os corpos no rio. Depois de alguns meses, a região arquitetou sua vingança: matar Pers Lastels e todos os seus cavaleiros, e tomar Morlaix para a rainha Matilda e seu jovem filho, o príncipe Henrique.

Os membros das corporações de ofício, principalmente os laneiros, logo enxergaram a tolice de tal ideia. Qualquer rebelião só traria a vingança de punhos de ferro que os nobres de ambos os lados reservavam para qualquer insurgência. Em vez disso, Emmeline abriu os cofres de Bernard, e eles então ofereceram um polpudo suborno em ouro e prata ao flamengo e seus homens. Para surpresa de todos, deu resultado.

Alguns meses depois, Lastels foi chamado para as terras do meio para ajudar o rei Estevão em sua última campanha. Os habitantes de Morlaix exultaram e rezaram no mesmo instante para que o monstro tivesse uma morte particularmente horrível. Mas, pelo que se sabia, Lastels ainda estava vivo. E muito provavelmente, não que fosse tempo de paz, todo feliz em casa, em Flandres.

Emmeline parou embaixo da cabeça do cervo, com o sol de maio incidindo ao seu redor. Era grata por todas as coisas que lhe eram preciosas: a bela mansão murada no meio da cidade, suas cozinhas, seus aposentos, suas camas de pluma, a loja de ourivesaria... embora fosse preciso um exército de criados para conservar e proteger tudo. Mais de uma vez tinham convocado os porteiros, os ajudantes da cozinha e os garotos que serviam a mesa para proteger a mansão de multidões ruidosas de aprendizes, ou de desertores de ambos os exércitos.

Deus tinha permitido que ela ficasse com a casa, com os negócios do marido, com sua boa vida, Emmeline disse a si mesma. E seu mais precioso tesouro.

Magnus.

Seu filho vinha entrando pelo portão. Passou pelo estábulo correndo, as pernas compridas como as de um potro, e os ombros já se alargando. Um cavaliço estendeu o braço e deu-lhe um tapa de brincadeira nas costas. Magnus sorriu.

Era sempre assim. Ele atraía todos os olhares; era impossível não amá-lo.

E estava sujo como um pintinho no lixo, como sempre.

— Deus do céu, onde você esteve?

— Ora, mamãe, eu queria ir pescar. — O menino endereçou-lhe um sorriso cativante. — A senhora disse que eu podia.

— Não no rio. Olhe para você. Para suas roupas. Santo Deus, não o estou criando para ser um malandro!

— Mamãe! — Os olhos cor de âmbar, belos de dar inveja a uma moça, faiscaram. — A lagoa é para bebês. Além disso, Tom estava comigo.

Ela o levou para a sala. Os membros das corporações, que conversavam sobre a procissão da cidade, sorriram ao vê-lo. Emmeline sentou-se à mesa com Helrud, e Magnus inclinou-se para beijá-la nas faces. Ela fingiu empurrá-lo.

— Falei a sério. Você só tem nove anos, e Tom não é mais velho. Não quero você no rio, é muito perigoso. — Afastou-lhe os longos cabelos cacheados da face. Eram de um dourado escuro, não da cor de ouro avermelhado como os seus.

O marido de Helrud estava dizendo que embora os padeiros sempre tivessem apresentado a cena da Bíblia dos pães e dos peixes, seria difícil, naquela primavera, arranjar pão suficiente. Os padeiros, ao contrário de algumas outras corporações que ele poderia nomear, não eram ricos.

O pessoal reunido estava começando a ficar um pouco embriagado com o vinho do vinhateiro. O tecelão gritou que todas as carroças davam alguma coisa para a multidão, que era o costume.

Magnus passou o braço pelos ombros de Emmeline, brincando com o véu que lhe cobria as tranças.

— O novo lorde está aqui, mamãe — disse a ela. — Tom o viu. Tem uma aparência feroz. Um cavaleiro normando, tal como dizem.

— Falam que é irlandês.

O padeiro estava claramente bêbado, tentando calar o açougueiro aos berros. Helrud levantou-se, parecendo aborrecida, e saiu. O corpulento ferreiro empurrou o padeiro sobre o banco.

— Todas as carroças dão alguma coisa, se é esse o costume. Padeiros dão pão.

— Peça a sra. Emmeline um parecer. — O pisoeiro virou-se, com as mãos nos quadris, e encarou-a. — Ela é nossa líder.

Emmeline ergueu a cabeça, refletindo que ele era bonito, mas muito ousado. Ela era mestre de uma corporação, a única ali além do laneiro. Todos sabiam disso. Mas, considerando a ocasião, não gostou de ser escolhida.

— Alguns dos ofícios — disse —, dão ao povo, e alguns não. Os saboeiros, que têm a carroça com os anjos ajudando Cristo a ascender aos céus, nunca deram nada.

— Que nojo, quem iria dar sabão? — O ferreiro olhou ao redor. — Além disso, o povo todo quer é se entupir de vinho de graça.

— Não se esqueça das nossas linguças — o açougueiro intrometeu-se.

— Mamãe... — Magnus enrolou um dedo em torno de uma das correntes de ouro de Emmeline. As pontas de seus dedos eram ásperas; ele já havia começado a trabalhar na mesa de ourives. — Tom diz que se pescarmos no rio e não na lagoa, pegaremos peixes suficientes para a cozinheira preparar para o jantar.

— Pescadores sempre dizem isso. — Ela passou o braço pela cintura do filho, e ele inclinou-se para beijá-la de novo. — Devemos comprar comida para os bois dos aldeões — disse aos membros das corporações. — Não é muito, e eles têm razão, tudo está em falta nesta primavera. — Olhou por sobre o ombro do filho para Nigel, o pisoeiro, e disse com firmeza: — Eu bancarei o custo do pão dos padeiros.

Capítulo V

A coluna de cavaleiros tomou a estrada para o castelo. O dia estava ensolarado, e conforme a estrada afundava pelo vale, o ar se tornava consideravelmente mais quente. Dos dois lados, o mato crescia alto e viçoso, mas a sorveira branca e a faia florescia em moitas espessas de folhagem rendada. Nuvens de insetos pareciam véus salpicados no ar. Com o calor repentino, alguns dos cavaleiros tiraram as capas e as penduraram sobre as selas.

Niall FitzJulien refreou o cavalo até uma marcha. Os sinais da guerra estavam por toda parte, na mata fechada, nos campos cobertos de mato.

Seus campos, ele pensou, surpreso diante da súbita sensação. Suas feições nada revelavam; ele não era um garoto para sorrir com euforia repentina, tinha uma tropa de cavaleiros que comandava e que vinha trotando logo atrás. Mas a recompensa que ele esperava e pela qual havia trabalhado durante treze longos anos para a velha rainha e agora para seu filho, Henrique, o novo rei da Inglaterra, estava toda ao seu redor. O Castelo Morlaix, a cidade e o feudo.

E era tudo seu!

Ouvira falar disso, é claro, durante toda sua vida. Morlaix era o sonho de seu pai, o filho bastardo do conde Gilbert. Quando estava bêbado, Julien de Nossvile falava nisso sem parar... e isso partia seu coração, quando era criança... de como a herdeira tinha

renunciado à sua herança para se casar e morar numa terra estrangeira e, assim, o que deveria ser deles — de Niall e de seu pai — escapara por entre seus dedos, caindo nas mãos ávidas do velho rei Henrique.

Agora ele estava sentado, observando a cor lamacenta do rio através das sorveiras. O sonho vão de ter Morlaix algum dia estragara suas vidas. Seu pai tinha sido um cavaleiro fora da lei com uma grande e carente família, que alugava seu braço de espada a qualquer chefe de clã irlandês com uma disputa a acertar, pelo que pudesse obter. Mais tarde, quando ele próprio fora sagrado cavaleiro, Niall aprendera que o mundo era cheio de bastardos de sangue nobre, quase todos eles pobres. E quase todos sonhando com fortunas que nunca poderiam herdar.

Agora, porém, por mais impossível que parecesse, ele tinha o sonho do pai nas mãos. Depois de semanas de expectativa em Londres, para que os escreventes da chancelaria conseguissem a outorga do rei e afixassem os selos, e o delegado da Inglaterra designar a guarnição de cavaleiros para protegê-la, ele finalmente ia ver o que Henrique lhe dera.

De repente, desejou que seu pai estivesse ali.

Tocou as esporas nos flancos do corcel, e o enorme cavalo de batalha disparou num trote acelerado.

— Este terreno baixo é um local excelente para uma emboscada — disse ao seu capitão. — Chame seis homens amanhã e limpe as moitas dos lados da estrada até pelo menos uns vinte passos. Mais longe, se puder.

O jovem Walter o encarou. Os galeses estavam a vinte léguas de distância, naquelas montanhas úmidas; o perigo de uma emboscada na estrada de Morlaix era muito pequeno.

— Milorde, se me permite dizer, parece que reunir alguns aldeões para limpar os lados da estrada seria melhor.

Eles tinham passado pela curva da estrada que descia para uma ponte de pedra. Alguns garotos estavam pescando no rio raso. Quando viram a coluna de cavaleiros, os garotos deixaram de lado os caniços e subiram ao parapeito para observar. Walter continuou:

— Como pode ver, nos deram a maioria dos sulistas da cota da rainha, os gascões, os bascos e alguns provençais. Eles rejeitam o trabalho braçal. Já tive um trabalho danado para conseguir que moderassem o comportamento com as mulheres e a bebida na cidade.

Aos ver os garotos empoleirados na mureta da ponte, o corcel de Niall resfolegou e passarinhos para a esquerda. Então andou de lado como caranguejo, sacudindo a cabeça. Niall deu-lhe um novo toque de esporas nos flancos. Walter ergueu a mão, e a coluna de cavaleiros, num movimento bastante apático, colocou-se em fila única. No morro verdejante além do rio, um pomar de maçãs ácidas silvestres estava em flor.

Niall guiou seu cavalo para a ponte. Os garotos ficaram de olhos arregalados conforme a coluna, com as flâmulas esvoaçando, as cotas de malha e as armas tinindo, passou. Olharam para Niall, cuja cota de malha de aço reluzia da cabeça aos pés.

— Eles o conhecem — disse Walter Straunge.

Niall suspirou. Tinha servido como soldado desde que era um pouco mais velho que os meninos na ponte. Havia ocasiões em que precisava lembrar a si mesmo que era apenas alguns anos mais velho que seu capitão cavaleiro.

Para além do pomar de macieiras, as campinas se abriam, verdes e cheias de mato alto. O vulto negro do Castelo Morlaix erguia-se acima do vale, de costas para as montanhas cambrianas.

Niall puxou as rédeas. Existira ali um forte, um posto avançado saxão erguido contra os selvagens galeses, por uma centena de anos antes da chegada do Conquistador. Depois de Guilherme, os normandos tinham derrubado a fortaleza de madeira para levantar uma cidadela apropriada de pedra. Durante o reinado do filho do Conquistador, Guilherme, o Ruivo, fora acrescentada outra torre, uma ala de cozinha, e depois um salão nobre. Finalmente, quando Henrique I subiu ao trono, o primeiro conde de Morlaix construíra uma bela mansão de tábuas no pátio.

Agora, as muralhas de defesa do castelo estavam rachadas e escancaradas como cascas de ovo quebradas. A fortaleza normanda ainda estava lá, uma torre de aspecto antigo, quadrada. Era difícil ver o resto por causa das pilhas de cascalho enegrecido.

O escudeiro de Niall emparelhou o cavalo ao dele.

— Ah, senhor! — exclamou. — Quero dizer, não é tão ruim assim, é?

O castelo fora tomado dois anos antes pelo jovem príncipe Henrique. *Tomado e assegurado*. Niall ainda podia ouvir as palavras do rei. Levou o dedo ao queixo e o esfregou. Aqueles que recebiam recompensas de Henrique Plantageneta tinham de aprender a tomar cuidado. O que o rei não lhe dissera fora que “*assegurado*” era, na mente de Henrique, um sinônimo para “*completamente destruído*”.

O rei também deixara claro ao seu novo barão que era seu dever tornar Morlaix inteira de novo. Niall tocou as esporas dos lados de Martelador.

— Vamos dar uma olhada nisso.

Seguiram a meio-galope rumo ao morro, com a coluna a acompanhá-los de maneira desleixada. Pararam no que havia sido um dia a ponte levadiça. Niall levou Martelador num trote até a beira do fosso. Da ponte levadiça, podiam olhar além do portão e dentro do pátio. A velha fortaleza enegrecida pelo fogo parecia intacta, mas não havia mais um salão nobre nem uma mansão. A segunda torre estava sem telhado, aberta para o céu.

— O bretão, Alan de Briouc, e seu aliado local galês mantiveram o castelo por um ano — informou Walter. — Mas o príncipe Henrique marchou de Wrexham e os sitiou. Disseram-me que a queda do castelo foi um enorme golpe para o rei Estevão, que nessa época precisava muito manter o que tinha aqui na fronteira de Gales.

Niall se lembrava. Na época, a guerra estava tudo menos acabada. Estevão via-se fracassando, seu filho Eustáquio estava morto, e o jovem Henrique, recém-chegado da França, começava a reunir os barões ingleses à sua volta.

Levou a montaria ao longo da borda do fosso. A água na vala estava verde de limo. As chuvas de inverno tinham-no enchido até a borda. Um rato morto boiava, preso nos galhos de uma planta.

Deus sabia que Niall também estava contente que a guerra tivesse acabado. Uma boa parte de sua existência como soldado tinha ficado para trás. Agora queria uma vida boa, ali na fronteira. Sua reputação era tal que os príncipes alemães e o rei francês comprariam seus serviços se ele estivesse interessado; seu capitão cavaleiro e seu escudeiro o julgavam o maior dos heróis. Mas Niall queria o que via diante de si. Arruinado ou não.

— Como pode ver — disse Walter —, não nos deram uma guarnição completa. Há apenas quinze cavaleiros alocados na cidade. A comida aqui é escassa, e o povo da

cidade nada amistoso. Tivemos de quebrar cabeças em algumas casas para fazer que levassem nossos homens para dentro.

Niall virou-se para olhar a coluna atrás deles. Os franceses sentavam-se amontoados nas selas, parecendo entediados.

— Eles não gostam do frio — Walter continuou. — Reclamam disso sem parar. Mas, por outro lado, cavaleiros são tão bons quanto sua paga. — Baixou o tom de voz. — O que têm agora, não tiveram em muitos meses.

Maldito Henrique, pensou Niall. Olharam para a parte externa do castelo.

— O rei não tem dinheiro — disse, sem rodeios. — E o pouco que tem deve ir para comprar o amor de seus condes ingleses. Que, como sabemos, continuarão tão loucos e sem lei como fizeram com o rei Estevão, se ele permitir.

Debruçou-se sobre o fosso. A água estava coberta por uma camada de gelo. Walter tinha razão. Precisavam dos aldeões com baldes e pás. Cavaleiros não se sujariam numa vala que parecia um esgoto a céu aberto. Endireitou-se.

— Enquanto isso, não creio que conseguiremos o preço de uma panela de ferro de Londres.

Niall afastou o corcel da beirada do fosso, sentindo a perna começar a latejar. Tinha cavalgado desde Chirk até aquele dia, sem parar. O antigo ferimento iria atormentá-lo até que encontrasse um pouco de água quente para molhá-lo.

— Vamos recrutar os aldeões para que paguem a cota de trabalho para seu senhor. Seis dias para o castelo, com exceção do domingo. E precisam trazer suas ferramentas.

Debaixo do elmo, a expressão de Walter era de desolação.

— Essa é outra dificuldade. É tempo de arar. O povo local é extremamente necessário nos campos.

— Pelo sangue de Cristo, o que temos nós a ver com isso?

Niall estava atormentado pela dor. Quando montava, era como se tivesse um ferro em brasa enfiado dentro do encaixe do quadril.

— Olhe ao seu redor. Eles não deram a cota de trabalho do senhor das terras durante anos. — Deu um arranco na cabeça de Martelador, e o cavalo dançou de lado, surpreso.

Irritado, tirou Martelador da estrada e entrou pelos campos. Os outros esperaram enquanto ele fazia o cavalo trotar pelo mato.

A maldita perna. Nem mesmo o rei sabia o quanto ainda o atrapalhava. Se não sarasse logo, o mundo inteiro saberia.

O cavalo de batalha percorreu a extensão do campo. Niall queria um momento para pensar. O castelo estripado era uma tentação para os galeses descenderem das colinas e o saquearem. Ele tinha uma centena de mercenários franceses para proteger Morlaix, mas estavam espalhados em quartéis pela cidade. E não contava com nenhum soldado de infantaria, quando era preciso ter soldados tanto quanto a cavalaria ali.

Martelador erguia as patas num trote pesado. O chão era macio e elástico. Em Londres, Niall tinha lido as descrições de seu feudo no registro do velho Conquistador, o *Livro do Dia do Juízo Final*, como era agora chamado. De acordo com ele, nos campos de Morlaix eram cultivados trigo, centeio, aveia e até mesmo painço, e havia uma fartura de terra comunitária para o gado e as ovelhas. Antes da guerra, a lã de Morlaix era enviada

até para os fabricantes de roupas em Flandres.

Em Londres, o rei também tinha falado da urgência da receita dos impostos.

Pelo amor de Deus, receita de impostos!

Niall guiou Martelador através de algumas velhas sebes, pondo para fugir algumas cotovias assustadas e uma pequena lebre. A menos que pensasse em alguma coisa, Henrique teria de esperar um tempo danado pela receita dos impostos. Mesmo que fizesse a terra pagar aquele ano, os galeses estavam prontos para atacar; sem dúvida, o príncipe tinha seus espiões.

Levou Martelador num trote de volta até onde seu escudeiro e Walter esperavam.

— Fale-me da cidade — pediu. — Deve haver dinheiro em algum lugar. Walter ficou radiante.

— Acho que é mais rica do que parece, embora o armazém de grãos tenha sido incendiado pelas forças da rainha e não seja usado desde então. E, ah, sim, estão programando uma procissão para a festa da Ascensão dentro de alguns dias.

— Ascensão? Por que não a Páscoa? Ou o Corpus Christi?

— A Ascensão é um costume aqui. Dizem que, na festa, o povo da cidade irá homenageá-lo. Acho que ainda esperam fazer os juramentos de lealdade. Até vão lhe dar presentes.

— Ah! Vão pensar diferente quando souberem o que quero deles.

Viraram os cavalos e trotaram de volta para a ponte. Os garotos continuavam sentados no parapeito. Atrás deles, o rio roncava com a inundação da primavera. Niall puxou as rédeas de Martelador para que seguisse em marcha lenta. As crianças os encaravam abertamente.

Niall olhou para trás. Sem dúvida, de elmo e cota de malha, e com o longo escudo pendurado na sela, ele parecia tão perigoso quanto o próprio Satã. Era o que teria pensado, naquela idade.

Um menino de uns oito ou nove anos estava de pé no alto do muro. Os outros se empurravam. O parapeito da ponte era um lugar perigoso para se empoleirar.

Niall ia ordenar que tirassem os garotos da ponte quando, de repente, não os viu mais. Puxou as rédeas, fazendo a montaria parar. Por um momento, pensou que todas as crianças tivessem caído do lado, dentro do rio. Então, ouviu vozes. Havia algum tipo de caminho do lado exterior.

Walter continuava falando:

— Pelo que vi, há riqueza suficiente na cidade para estabelecer um imposto pesado. Se o povo tem dinheiro para uma festa, tem o suficiente para o Castelo Morlaix.

Niall incitou a montaria para a frente.

— Espero que tenha encontrado um lugar para eu ficar — resmungou. — Quero dormir numa cama, para variar. O capitão pareceu aliviado.

— Sim, posso prometer vinho quente e uma cama para dividir comigo na taverna. Os angevinos dormirão no estábulo.

Niall olhou ao redor. As crianças tinham desaparecido. Algo nelas atraía sua atenção, embora não conseguisse agora se lembrar do que era. Nada de muito importante, disse a si mesmo. Mas o belo garoto, aquele que tinha notado, tinha cabelos ruivos. Por alguns minutos conforme cavalgavam, ele pensou no pai.

Capítulo VI

— A senhora tem vinte e sete anos, sra. Emmeline, vinte e oito no ano que vem — disse a casamenteira. — E tem um menino já crescido. Não sobra tanto tempo assim no mundo.

— Eu sei.

Ela pegou o prato vazio da mulher e serviu outra porção de arenque e pão preto que a cozinheira trouxera. A mulher gorda começou a comer de novo, faminta.

Estavam sentadas do lado de fora da loja do ourives, no quintal de lavar roupas. Ao redor, as aias penduravam as roupas de cama do inverno. Os lençóis pendiam esticados no varal conforme o vento os assoprava, agitando-os como chicotes. A casamenteira usava um toucado de linho, duro de goma. Segurou-o na cabeça com uma das mãos enquanto erguia a caneca e acabava com a cerveja.

Cloris de York nunca tinha viajado muito além da fronteira do país nos anos recentes, pois a jornada era bastante insegura com a presença dos exércitos da rainha Matilda e do rei Estevão. Ainda era perigosa. A companhia de mercadores armados com quem a casamenteira viajara tinha acabado de ser atacada por um bando dos homens do príncipe Cadwallader, logo ao norte de Chirk. Foram completamente saqueados, passando uma noite faminta e lastimável na estrada até que o novo lorde de Morlaix e alguns de seus cavaleiros passaram a cavalo e os encontraram.

— Magnus só tem nove anos — disse Emmeline, pegando a caneca para enchê-la outra vez. — Não é crescido.

— Nove mais nove dá dezoito, e isso é crescido, não é? — Cloris limpou o restante do suco do arenque com um pedaço de pão. — Agora, seja razoável, moça. Com sua riqueza e aparência, pode ter qualquer homem da cristandade. Dê uma olhada nos retratos que eu trouxe desses belos cavalheiros e faça seu juízo.

Emmeline puxou a capa em torno de si e inclinou a cabeça para olhar os retratos em seu colo. Apesar do dia ensolarado, o tempo não estava quente. Sob a capa pesada, ela usava um vestido de lã com gola fechada no pescoço, uma túnica por cima e uma touca verde de lã sobre os cabelos recém-lavados.

Toda vez que a casamenteira aparecia, era como se houvesse razões para ela pensar em algum mercador ou outro burguês que desejava lhe propor casamento.

Virou o que parecia ser um pedaço de pergaminho nas mãos. Aquele era um novo costume, Cloris lhe dissera, mandar desenhos dos pretendentes. Embora ela pudesse admitir a semelhança, era provável que nem todos os retratos fossem confiáveis.

— Este aqui não, então?

Cloris estendeu a mão para pegar o desenho da mão de Emmeline. Quatro vezes nos últimos seis anos, o ourives Myneer Boogs de Ghent mandara a casamenteira atravessar o norte da Inglaterra para entregar seu pedido de casamento. Cloris deu de

ombros.

— Bem, Boogs teve seu dia. Não voltarei por causa dele. Tenho uma viúva em Lincoln que posso tentar encaminhar a ele. — Enfiou o pergaminho no bolso da saia. — Agora, então, minha cara, e quanto aos outros?

O jovem italiano mandara uma pintura a óleo não maior que a mão de Emmeline. No retrato, ele parecia cheio de juventude e beleza, com seus olhos escuros e cabelos cacheados. O retratista o pintara com um chapéu bordado em ouro, casaco vermelho e um ligeiro sorriso. Seu nome era Giovanni della Forza. Ele era também um “financiador de investimentos”.

Emmeline ergueu a pintura.

— Ele não pode ser assim tão bonito.

— Ah, mas é! Eu mesma o vi quando chegou com o pai a York para comprar ouro. Um belo e elegante rapaz.

— Na carta, ele exalta suas riquezas. E se recomenda como um comerciante em empréstimos a seu príncipe, em Turim.

— E por que não? Eles são muito inteligentes, esses italianos. Dizem que superam os judeus em número agora em Londres, e trabalham para tirar deles o negócio da troca de dinheiro. — Bateu as mãos nas coxas. — Olhe, com esse aí, a senhora estaria se casando dentro do mesmo ramo de comércio, e é sempre uma boa coisa manter igual com igual, eu sempre digo. Terá um homem ousado e experiente, por mais jovem que seja.

Emmeline virou a pequena pintura nas mãos. Não havia nada no verso, nem mesmo o nome do retratista. Mas, por outro lado, nem mesmo ela sabia o que estava procurando.

A casamenteira inclinou-se para mais perto.

— Não apenas isso, della Forza tem apenas vinte anos, é forte e potente, nada parecido com o que a senhora teve antes, que Deus possa dar descanso à alma do velho Bernard. É a verdade, não me olhe assim. Soube pelo pai dele que o rapaz teve duas amantes... é, eles começam cedo por lá, e é pai de uma menininha. Portanto, eis a prova. Todo mundo sabe que os italianos têm o sangue quente... Eu apostaria um belo níquel como ele faria sua cama gemer!

Emmeline manteve os olhos no retrato provocante de della Forza. Era difícil não rir. Não queria ferir os sentimentos da casamenteira. Afinal, a mulher viera de longe, e fora roubada à toa. Porém, também não queria se casar com um jovem italiano com duas amantes e uma filha ilegítima. Com cama gemendo ou não.

Soltou um suspiro, sem querer. Cloris de York não era a única que acreditava que Emmeline estava ansiosa pelos prazeres da carne. Pelo que suas aias lhe contavam, a cidade inteira fazia fofocas sobre isso. Mas se a casamenteira pensava que a tentava com isso, estava enganada.

Olhou para o retrato de della Forza, sem enxergá-lo, na verdade. Permitiu-se recordar o que tivera naquela noite, dez anos antes, com um cavaleiro desconhecido que Gulfer e Aimery tinham tirado das ruas.

Mesmo agora, era algo tão inquietante, tão temerário, que ela não conseguia pensar nisso sem um terrível sentimento de culpa. Santa Mãe do Céu, era tão jovem e impetuosa, tão segura em conseguir o que queria! Poderia ter trazido o desastre sobre todos eles. Por certo, jamais cogitaria fazer algo assim agora.

Contudo, Emmeline pensou, com saudade, fora uma loucura que lhe trouxera a dádiva e a missão de sua vida: seu filho. E o mais importante, o milagre que tanto esperava, como uma tola, acontecera, afinal.

Cloris de York observou-a com olhos estreitados.

— Qual é o problema, moça, é a idade do rapaz? É isso? — Deu um tapinha no joelho de Emmeline. — Acalme-se, agora é a moda. Desde que o jovem rei Henrique tomou sua Leonor de Aquitânia do rei de França e casou-se com ela, está em voga a mulher ser mais velha. Claro que a Igreja não gostou disso, ele tendo só dezoito anos, e a rainha Leonor divorciada e já nos trinta, com duas meninas do francês... Isso para não mencionar — disse, por trás da mão — a consanguinidade, pois são parentes mais próximos do que deveriam ser, de acordo com tudo que a Igreja prega sobre tais coisas. Mas tudo ficou pelo caminho, agora que a rainha Leonor deu um herdeiro ao jovem rei.

Emmeline ficou em silêncio. Cloris sacudiu a cabeça com veemência.

— Eu lhe digo, dá certo! O jovem Henrique está abobalhado com a rainha Leonor, e ela lhe trouxe a Aquitânia, metade da França. Além do mais, sabe como é, aquele rapaz. Sua própria mãe, a rainha Matilda, casou-se com o pai dele quando tinha trinta anos, e o jovem duque de Anjou apenas dezessete. Claro, aqueles dois se detestaram à primeira vista, mas isso é outra história. Agora, o que estamos falando aqui... — a casamenteira se recostou na cadeira e cruzou as mãos no colo — ...é de apenas sete anos. Isto é, o jovem Giovanni tem vinte, e a senhora tem vinte e sete. Não é uma barreira para um bom par, é?

A mulher fazia aquilo parecer tão razoável, pensou Emmeline, olhando para a pequena pintura. Era possível casar-se com aquele janota italiano e sentir-se absolutamente na moda, como o rei Henrique e a rainha Leonor. Ou mesmo com a mãe e o pai do rei, a condessa e o conde d'Anjou. O artesão ourives, Ortmund, atravessou o quintal, limpando a mão no avental.

— Senhora — chamou. — Há cavaleiros na rua cobrando outro imposto para o novo lorde. Eu disse a eles que já pagamos.

Emmeline levantou-se.

— O que, em nome de Deus, eles querem agora?

— O de sempre. — Apontou para a casamenteira com um olhar curioso. — Aquele jovem capitão cavaleiro chamado Walter exige comida e cerveja para os trabalhadores no castelo.

— Comida e bebida?

Não era para estarem de volta, os cavaleiros do lorde. Os mercadores já tinham pago dois impostos exorbitantes.

Ela suspirou. Era melhor não discutir. Os burgueses da cidade já tinham aprendido que, se alguém protestava, o imposto era duplicado. Felizmente, ainda havia um estoque de repolho salgado, e a cozinha havia assado pão para dois dias, embora só Deus soubesse o que haveria como refeição à noite, já que tinham uma casa cheia de criados e a quota de cavaleiros do lorde aboletados no estábulo, para alimentar.

— Diga a Torel para dar a eles o que temos — instruiu. — Quantas vezes vão fazer isso, afinal? Ele deu um sorriso triste.

— Quem sabe? Pelo menos, não nos levaram para o castelo para trabalhar como os outros membros das corporações de ofício. A cabeça da casamenteira virava na direção ora de um, ora de outro.

— É verdade que o novo lorde de Morlaix faz os aldeões trabalhar no castelo para não terem tempo para os campos durante o dia, e os obriga depois a arar de noite à luz das tochas?

Emmeline mandou Ortmund embora com um recado ao administrador para dar aos cavaleiros do castelo o que pudessem encontrar na cozinha.

— Não tivemos um senhor no castelo aqui por tanto tempo que nos esquecemos como era — observou. — Esse não está aqui há uma quinzena e já cobrou impostos duas vezes. Na segunda vez, mandou seus cavaleiros bater às portas no meio da noite dizendo que havia outra taxa. A verdade é que tive de pagar os cavaleiros, ou eles se revoltariam. Precisei ir até a loja de ourivesaria no meu turno e dar-lhes ouro bruto da caixa forte.

Cloris colocou seu prato no chão ao lado da cadeira.

— A senhora o viu? Ele não tem má aparência, me disseram. Emmeline fez uma careta.

— Eu o vi cavalgando pela cidade com os cavaleiros. Com elmos e cota de malha, todos parecem iguais.

— Bem, contanto que ele seja justo — disse a casamenteira.

— Justo? — Emmeline a encarou. — Cinco dos rufiões do Sul que eles chamam de cavaleiros ficaram bêbados na cidade e violentaram uma moça. Ele só mandou que recebessem vinte chibatadas. O povo da cidade queria que fossem enforcados. — Entregou-lhe o retrato do ourives italiano. — Muito obrigado, mas não penso em me casar. Com toda a sinceridade, tenho o suficiente para tomar conta de tudo aqui.

A outra mulher pegou o retrato e enfiou-o na bolsa.

— O velho Bernard estragou-a com mimos — queixou-se. — O velho a tratou mais como filha do que como esposa, foi esse o seu problema. Mas lembre-se, sra. Emmeline, eu mesma a trouxe da casa de seu avô em Wroxeter, uma coisinha linda com cabelos de cenoura, mas mesmo assim pobre e sem dote. Foi uma sorte e tanto que eu encontrasse alguém como o velho Bernard para a senhora. E agora pensa em ficar como está, uma bela viúva com uma fortuna que ninguém sabe dizer qual é o verdadeiro tamanho?

A boca de Emmeline apertou-se numa linha fina.

— Sinto muito se a ofendi. Mas vou dizer mais uma vez, não preciso me casar.

— Não precisa? Escute, moça, faz anos agora que se trancou aqui e amealhou a fortuna do velho Neufmarche pelo bem de seu filho. Mas, por Deus e Santa Maria, não pode ficar desse jeito para sempre! Os tempos estão mudando, e a senhora tem dinheiro demais... Há muitos que não hesitariam em capturá-la e arrastá-la para fora daqui.

Emmeline esboçou um sorriso tenso.

— Faz nove anos que meu abençoado marido morreu, e nada me aconteceu.

— Ora, foi bastante fácil esconder-se aqui na fronteira agreste de Gales com exércitos percorrendo a terra para cima e para baixo. Mas eu lhe digo, agora as coisas são diferentes.

— Meu filho é o herdeiro aqui — disse Emmeline. — Ele terá tudo que o pai lhe deixou. A outra mulher se levantou.

— Minhas bênçãos à senhora, então, se é assim que as coisas são. Deus é minha testemunha, eu nunca vou contra a virtude de uma viúva. A Santa Madre Igreja ensina que um homem e um casamento é tudo que é permitido à vista de Deus, e nada mais. — Pegou a bolsa de pano e a capa. — Mas nenhuma de nós é santa. É a carne viva que se

sente solitária e precisa de um companheiro. E é isso que eu procuro encontrar, e satisfazer.

Emmeline acompanhou-a até o pátio das carroças. No portão, colocou algumas moedas de prata na mão da casamenteira. O humor da outra mulher mudou.

— Deus a abençoe, minha cara. — Agarrou-lhe a mão e beijou-a. — Lembre-se, não é natural viver sozinha. Se mudar de ideia, sabe onde mandar alguém me encontrar.

Emmeline voltou para a loja do ourives. Um braseiro com carvões reluzia no canto, e a caldeira estava acesa, deixando o aposento agradavelmente quente. O artesão ourives debruçava-se sobre a mesa com seu filho e Tom, o aprendiz.

— Mamãe, olhe para isto! — exclamou Magnus.

Ortmund pegou um pedaço de vidro derretido da caldeira com o fundo de uma pipeta. Inclinou-se sobre a mesa, colocou a boca no tubo e soprou, fazendo o vidro curvar-se dentro do cálice dourado de um broche, enchendo-o quase até em cima. Tirou o tubo da boca.

— Agora — disse a Magnus.

O filho de Emmeline pegou o filamento de vidro com pinças, cortando-o.

— Está vendo, mamãe? Olhe só o que estou fazendo.

Quando o vidro no pequeno cálice dourado endurecesse, deveria ser lixado e polido até ficar com a superfície nivelada ao trabalho de ouro. Depois que o azul estivesse feito, Ortmund e os garotos trabalhariam na haste, que deveria ser verde. De todas as peças fundidas no mundo cristão, o melhor ainda era feito na Bretanha. Quando terminado, o broche seria enviado para Londres e, depois, provavelmente para Paris, onde todas as damas amavam joias que eram feitas como flores.

Magnus ergueu os olhos de repente.

— Mamãe, tem uma bolha dentro dela!

Emmeline virou-se para o artesão, que arqueou as sobrancelhas. Às vezes, isso acontecia. O pequeno aprendiz bufou de desapontamento. Magnus puxou a manga do vestido da mãe.

— Precisamos fazer alguma coisa, mamãe, diga alguma coisa! O que eu tenho de fazer?

Ela estendeu-lhe uma pequena palheta de cobre e sentou-se ao lado do filho. Olhou para o broche de ouro preso no torno de metal.

— Primeiro, fique quieto. Nada é feito com um monte de gritos. Pelo menos, não aqui.

— Você não pode estourar a bolha — disse o aprendiz. — O vidro está muito duro agora.

— Cale a boca — retrucou Magnus.

Emmeline ergueu a cabeça e olhou para Tom. O menino baixou os olhos. O artesão foi para a sala de fora e sentou-se diante do balcão alto para pesar barras de prata.

Magnus pegou a palheta e enfiou-a com cuidado na bolha de ar. Mãe e filho se inclinaram, as cabeças quase se tocando, para observar. A bolha estourou. Havia agora duas reluzentes bolsas de ar no vidro azul, brilhando como luas.

— Eu lhe disse — o outro garoto falou, baixinho. Magnus jogou a palheta sobre a

mesa.

— Eu não lhe disse para calar a boca?

A palheta rolou pelo tampo de madeira e caiu no chão. Magnus ergueu o punho fechado.

— Mamãe, posso esmurrá-lo?

Emmeline recostou-se no banco. O treinamento de aprendizes tinha sua parcela de surras, chutes e, às vezes, com mestres severos, ficar sem comer. Ela não deixava Ortmund tratar Tom Parry assim. Mas o garoto gostava de atormentar Magnus.

Inclinou-se para pegar a palheta do chão. Quando se endireitou, seu filho já se levantara do lugar e investia sobre o outro garoto.

— Mamãe, ele sempre me provoca. Tem ciúmes. A maior parte do tempo, meu trabalho é melhor que o dele! O pequeno Tom saltou de pé.

— Senhora, não é verdade! Meu trabalho é melhor! Emmeline segurou o aprendiz pelo braço.

— Estou farta de gritos. Quer que eu bata em você? Vá procurar Ortmund e ajude-o com a prata.

Quando Tom saiu, Emmeline ordenou que Magnus fosse para o quintal procurar o mestre do estábulo para avisá-lo que ele próprio, Magnus, iria alimentar e escovar seu pônei. Com os ombros derrubados, o garoto afastou-se, batendo o pé.

No silêncio repentino que se seguiu, Emmeline sentou-se e empurrou as ferramentas do artesão, os martelos, pinças e cinzéis, de um lado. O tampo da mesa mostrava talhos profundos, e estava manchado de muitas cores das tintas espirradas. Numa prateleira acima da mesa havia frascos com rótulos onde se liam: “cobre”, “prata”, “chumbo”, “bórax”, todos usados para ligas. Ela estendeu a mão e empurrou-os para poder tirar um dos cofres-fortes.

Colocou-o à sua frente no meio do material usado da bancada, abriu-o e tirou a bandeja de cima, que guardava as gemas preciosas soltas. Separou-as entre o âmbar, a opala, o topázio, a ametista, o cristal branco e o crisoberilo, pensando em Cloris de York. A pequena pintura que a casamenteira lhe trouxera do jovem della Forza fora excepcionalmente benfeita, uma pequena joia por si só. E ela gostaria que colocá-la numa moldura para guardar.

No fundo do cofre, encontrou o que estava procurando, uma fivela de prata com o formato de uma cabeça de lobo. As presas se abriam para agarrar o lado oposto do fecho. Era uma peça antiga, provavelmente saxônia, pesada e benfeita, um adorno principesco. Se ela bem se lembrava, viera de Winchester; os reis ingleses sempre tinham mantido seus tesouros ali.

A casamenteira tinha lhe perguntado qual era a aparência do novo lorde.

Não havia qualquer interesse de sua parte num casamento com o novo senhor, pensou Emmeline, conforme estendia o pano de polir e colocava o broche sobre ele. Os nobres arranjavam seus próprios casamentos, e todos, a não ser alguns poucos, tinham de pedir permissão ao seu soberano para casar.

Quanto à pergunta, ela não saberia dizer como ele se parecia. Poucos poderiam, já que o novo barão estava ocupado de manhã até a noite, galopando de uma ponta até a outra de seu feudo, enquanto arregimentava homens para trabalhar no castelo. Todos sabiam que ele tinha pouca ou nenhuma fortuna; precisava taxar a cidade de novo para pagar seus cavaleiros, ou eles iriam desertar e voltar para Londres.

Ficara decidido que as corporações de ofício dariam presentes ao novo lorde quando fizessem o juramento. O seleiro trouxera o primo de Wrexham para dar o acabamento final e enfeitar de dourado a sela dos coureiros, para a qual o açougueiro e o curtidor tinham dado dinheiro. Embora houvesse uma discussão entre os membros das corporações de ofício de que presentes em dinheiro feitos pela cidade, aos olhos do lorde, pareceriam mais valiosos, Emmeline achava que isso o tentaria a voltar e taxá-los novamente com impostos exorbitantes.

O presente da corporação dos laneiros era um pedaço de um belo tecido azul-escuro, suficiente para uma capa, feito pelos tecelões de Morlaix e depois limpo e tratado pelo novo pisoeiro para que ficasse macio e bonito, e protegesse da chuva melhor que qualquer couro de vaca.

A bela cabeça de lobo em prata ficaria linda, Emmeline sabia, com a capa azul. Ergueu-a diante da luz da janela, pensando em algum tipo de pedra preciosa para os olhos do lobo. Pegou as pinças e o martelo e trabalhou para aumentar a beirada de prata em torno das órbitas.

O metal fundido ainda estava quente. Ela enfiou a ponta da pinça de aço nos carvões e deixou até que avermelhasse; depois pressionou-a ao redor dos olhos do lobo, fazendo o metal maleável formar uma beirada.

Enquanto trabalhava, seu pensamento corria. Supôs que, em se tratando de prazeres carnavais, alguns casamentos pareciam mais desejáveis. Afinal, o negócio da casamenteira era unir casais e ganhar seu pagamento. Claro que a luxúria era uma atração. Havia homens que usavam suas esposas toda noite. Pelo menos, era o que dizia a esposa do administrador.

Emmeline enxugou uma gota de suor do lábio superior com a ponta do dedo e pegou uma peça redonda, polida, de berilo amarelo com marcações em anel.

Por outro lado, sua mente continuou devaneando; era um pouco difícil acreditar que muitos homens e mulheres fornicassem todas as noites. Não havia muitos homens que pareciam assim tão lascivos. Por certo, não seu gordo administrador, Baudri Torel.

Talvez a esposa dele estivesse falando de alguma outra pessoa.

Emmeline colocou o berilo amarelo como olho de gato dentro do rebordo que fizera e inclinou-se para olhar melhor. Claro, ela, entre todas as pessoas, dificilmente poderia julgar esse tipo de paixão. Por mais bondoso e gentil que fosse, seu marido Bernard era idoso, e muitas vezes seu membro era muito fraco para fazer o que ele tanto desejava.

As marcações do berilo o tornavam azulado e leitoso como uma opala, como os verdadeiros olhos de um lobo. Emmeline pegou as pinças e trabalhou para fechar a prata em torno das pedras.

Quando se confrontava com isso, ela até poderia admitir que às vezes pensava naquela noite em Wrexham. Não era escrava das lembranças, mas quando estava sozinha na cama e o vento sombrio uivava, e o mundo inteiro parecia inquieto, ardendo... *ansiando*... o mistério do que tinha acontecido naquela noite, tanto tempo atrás, não a deixava em paz.

Ela conhecia bem o próprio corpo agora para satisfazer-se sozinha, em silêncio, sem perturbar as aias que dormiam ao seu redor. E conseguia fazer isso melhor quando se permitia pensar no dia em que o jovem cavaleiro fora trazido à sua presença, em como o brilho das velas iluminava aquele belo corpo, no murmúrio de suas palavras ardentes, em seus modos desajeitados... e, ah, em como ele a amara, Emmeline pensou, com um arrepio delicioso. Mesmo agora, ainda podia sentir a umidade nas partes íntimas, que se contraíam com luxúria.

Deixou as pinças de lado e fechou os olhos. Deus do céu, aqueles devaneios ficavam vívidos demais, às vezes. Era melhor não pensar nisso. Depois de todos aqueles anos, o que tinha acontecido era apenas uma história igual à que os trovadores cantavam sobre cavaleiros em peregrinação pelo amor de uma dama. Ou príncipes errantes que poderiam se tornar amantes encantados.

Naquela noite, seu sonho parecia que não teria fim. Mas tivera, desastrosamente, e cedo demais. Ele havia bebido aquele vinho drogado antes que Emmeline pudesse impedi-lo. O velho Gulfer, que Deus agora desse descanso à sua alma, e o cavaleiro aposentado, Aimery, tinham carregado o rapaz para fora.

Emmeline abriu os olhos. Ortmund viera até a porta da loja, lembrá-la da refeição da noite. O sol se punha. Ela acendeu o pavio da pederneira e depois pegou uma vela, acendeu-a e colocou-a no lampião. A luz da vela fez a bancada encher-se de brilho. No centro do pano de polir, a fivela de cabeça de lobo encarou-a com olhos reluzentes de fera.

Resolveu não ir jantar. Gostava de ficar na loja nas noites em que tudo estava silencioso. Mandou Ortmund procurar Tom e Magnus e providenciar que comessem, e em seguida voltou à tarefa de limpar e polir o broche. Quando acabou, pegou um pano macio e a argila de joalheiro e poliu os cristoberilos, fazendo-os parecer mais ainda com olhos de animal.

Todos os berilos, safiras e cristais de rocha faziam parte de um estoque que os ourives Neufmarche tinham trazido consigo ao deixarem a França. Emmeline pegou uma pequena caixa de cedro e colocou a fivela dentro dela, para ser levada para a procissão da festa da Ascensão. Depois limpou a bancada de trabalho e, ao colocar uma tampa de pedra no cadinho, encontrou a peça fundida que dera errado de tarde. O tempo passou conforme ela escareava o vidro azul, absorta, remoendo-o da pétala de flor de ouro com uma pinça, e depois o deixou de lado para que Ortmund e os garotos o refizessem de manhã. Estava tão atenta ao que fazia que, só quando a vela no lampião se consumiu ela ergueu os olhos.

Um dos garotos do estábulo estava parado na soleira da porta. O porteiro o mandara avisar de que havia alguém no portão, perguntando por ela.

Emmeline levantou-se, pegou o lampião, acendeu-o de novo e seguiu o garoto para fora, pelo quintal de lavar roupa e depois pelos estábulos. A lua estava alta, derramando uma brilhante luz prateada. Pelo silêncio da casa ao redor, todos estavam dormindo.

O porteiro mantinha as portas entreabertas, resmungando alguma coisa sobre a hora tardia. Quem quer que estivesse esperando por ela, estava lá fora, na rua.

Emmeline passou pelos portões da mansão. O homem estava encostado à parede, uma sombra ao luar. No momento em que o viu, ela soube quem era.

— Mãe de Deus — disse, pegando-o pelo braço. — Pensei que o tivesse perdido. — Ele estava vestido como um monge dessa vez, com o capuz puxado, as mãos enfiadas nas mangas do manto. — Que estivesse com os mercadores que foram atacados na estrada de Wrexham.

— Não viajo com mercadores pedindo para ser roubado. Os tolos tinham até mesmo uma liteira transportando alguma gorda de York. Emmeline sabia quem era a mulher; passara toda a tarde com ela. Conduziu-o para as sombras do portão.

— Venha para a loja. Vou lhe arranjar um pouco de comida e bebida.

— Não. — Ele parecia pouco à vontade, o que era incomum. — Não posso me

demorar, quero tirar estes trapos sagrados e vestir outras roupas. Passei cinco dias na estrada e estou sedento por um vinho, e uma mulher. O que não posso conseguir, vestido assim.

Passou por ela e enfiou a mão embaixo do hábito de monge. Emmeline viu de relance a pele branca e peluda quando ele puxou as tiras que prendiam os sacos de couro à sua perna.

— Tome cuidado — disse, ao entregá-los a ela. — A última parte da viagem a Gales é a mais perigosa. Ela puxou os sacos para trás, de encontro às saias.

— Quando vai voltar de novo? Viu o faiscar dos dentes brancos.

— Quando o príncipe mais precisar. E vamos conseguir. Esse ouro não veio da França desta vez, vem dos lordes próximos a Henrique. — As palavras morreram de repente em seus lábios. De repente, ele a segurou pelo braço. — Escute — murmurou. — Está ouvindo?

— Ouvindo?

Ela não estava ouvindo nada. Atrás deles, o porteiro chegou ao portão e parou, olhando para fora. Emmeline levou a mão ao pescoço. A princípio, era apenas um sussurro, um débil ruído que poderia não ser nada.

— Santo Jesus! — o loiro emissário do ouro exclamou por entre os dentes. Afastou-se dela, colando-se à parede.

Ouviram o tropel de cavalos pelas ruas do centro da cidade. Acima dos telhados, uma mancha avermelhada como uma falsa alvorada começou a aparecer no céu.

— Senhora — o porteiro chamou.

— O que é isso? — Emmeline dirigiu-se ao homem que não conseguia mais ver.

Seu coração estava disparado quando ela enfiou os sacos de ouro debaixo do braço e bateu, tentando encontrar o homem na escuridão. Mas ele se afastara além do seu alcance.

Sua voz chegou até Emmeline de alguma distância.

— Não percebe? Estão queimando o castelo.

— O quê?! — ela gritou. Mas ele se fora.

Capítulo VII

O sino da igreja começou a badalar. Niall saltou da cama, levando a mão ao cabo da espada, enquanto Walter, emaranhado nas cobertas que dividiam, caiu do outro lado com um baque e um palavrão sonolento.

— Levante-se! — Niall esbravejou — É o alarme!

Cavaleiros aos berros galopavam pela rua lá fora. Ele bateu o chão, de gatinhas, procurando a caixa com a mecha e a pederneira.

Abaixo deles, podiam ouvir o tumulto da sala comunitária conforme os cavaleiros acordavam. Ninguém tinha uma luz lá, a julgar pelos berros e trombadas. Walter bateu pela escuridão e encontrou as mãos de Niall e a caixa de fazer fogo.

— Pronto, milorde, deixe que eu faça isso.

Niall entregou-lhe a caixa justamente quando alguém chegou correndo pelas escadas, gritando que o castelo estava sendo atacado. O escudeiro, Joceran, irrompeu como louco pelo quarto. Walter finalmente arrancou uma faísca que atingiu a mecha e a luz flamejou. Niall sentou-se na cama para enfiar as calças. Seu capitão acendeu uma vela e ergueu-a bem alto. Na rua, a multidão gritava o alarme.

Niall correu as mãos pelos cabelos antes de enfiar o capuz de malhas de aço.

— Ache minha maldita cota de malha! — berrou.

Três sargentos cavaleiros subiram as escadas em busca de ordens. Niall berrou que descessem de novo. Nu, a não ser pela espada, Walter desceu correndo atrás deles.

Niall enfiou os braços pela cota que Joceran enfiou por sua cabeça.

— Diga-me o que está acontecendo — pediu, com a voz abafada.

— Um dos cavaleiros do castelo está lá embaixo. — O menino estava nervoso de ansiedade. — Está ferido. Ah, aqui está ele. O comandante da guarda do castelo cambaleou para dentro, com o rosto e os braços ensanguentados. A chama da vela oscilou.

— Milorde, Gotselm e os outros protegem a fortaleza... — Arquejou. — Helpo e Theobald estão mortos. — Arrastou-se até a beira da cama e apoiou-se nela. — Escapei nadando pelo fosso.

Soltando uma praga, Niall pegou sua espada. Dispensou o garoto com um gesto de mão, pegando as botas.

— Então, eles puseram fogo no novo portão. — O sargento pegou a ponta da manta e tentou estancar o sangue do braço. — São os galeses. Aquele maldito príncipe deles, Cadwallader, está nos atacando.

Niall rumou para a porta. Quando chegou à sala da taverna lá embaixo, Walter gritou que tinha enviado cavaleiros à frente para patrulhar a estrada do castelo. O pátio do estábulo estava cheio de cavalos, com os cavaleiros tentando pegá-los para selar. Lá fora, o povo da cidade andava de um lado para o outro na escuridão, apontando o brilho rosado do fogo no céu.

Walter surgiu puxando Martelador, o corcel de Niall. O cavalo de batalha dançava e relinchava, farejando uma luta.

— Pelo amor de Deus, pretende lutar pelado?! — Niall berrou. Walter sorriu, mostrando os dentes brancos.

— Sim, parece. — Afastou-se pela multidão para pegar seu cavalo.

Niall saltou para a sela e puxou um estandarte com o grifo de Morlaix da mão de um cavaleiro que se aproximou trotando.

— Sigam-me — berrou, sacudindo o estandarte. Esporeou o cavalo, passando pelo portão. O povo da cidade afastou-se, abrindo caminho.

Com gritos e hurras, os cavaleiros gascões irromperam pelo quintal do estábulo. A lua estava cheia e brilhante. Os cavalos dispararam num galope trovejante. Na praça do mercado, outro grupo de cavaleiros quase se chocou contra eles.

Alguém entre os gascões gritou que havia mais cavaleiros aboletados na casa do ourives.

Era muito tarde para mandar alguém atrás deles. Niall virou Martelador na direção da estrada do castelo. Conforme passaram galopando pelo pátio da igreja, um ruído áspero como o de uma grosa raspando soou entre eles. Um cavaleiro caiu na estrada, atingido no peito. Vários outros se amontoaram nas selas.

Com um berro de alerta para Walter, Niall fez seu corcel saltar o muro da igreja. Os galhos pendentes das árvores escondiam a lua; estava escuro como breu embaixo das copas. O enorme garanhão refugou, com passo hesitante. Niall esporeou-o com força. Martelador empinou e então saltou para a frente, derrubando as lápides das sepulturas.

Os arqueiros galeses, de repente, saíram do esconderijo logo à frente. Niall perseguiu-os entre os túmulos, inclinando-se na sela para girar a espada. Atrás dele, seu capitão cavaleiro saltou o muro. Os galeses bateram em retirada, ziguezagueando pelas sepulturas antes de se esgueirarem por sobre um muro dos fundos. Por um instante, a luz brilhante revelou uma meia dúzia de homenzinhos selvagens vestidos de peles e couro, antes que corressem para dentro da mata.

Niall freou seu cavalo de batalha.

— Malditos, eles planejaram isso muito bem, até mesmo a emboscada! Walter debruçou-se na sela para pegar o estandarte caído.

— Cadwallader quer nos humilhar. Niall deu uma risada áspera.

— Ele vai aprender o que é bom.

Fizeram os cavalos dar meia-volta, juntos, e saltaram de novo o muro do cemitério da igreja. Os gascões estavam a pleno galope, seguindo o curso da estrada do rio, gritando seus brados de guerra. Um grupo de cavaleiros do príncipe Cadwallader veio de encontro a eles na ponte.

Os galeses repeliram o primeiro ataque enfurecido dos cavaleiros gascões. Quando Walter e Niall chegaram, em disparada, as forças de Cadwallader tentavam empurrar os cavaleiros de Morlaix para dentro do rio.

Niall atacou, agitando sua enorme espada sobre a cabeça. Ao vê-lo aproximar-se, os gascões em combate uivaram como *banshees*, os demônios da morte. Niall levou Martelador para o meio dos galeses, que mantiveram a posição por um momento, sob a luz brilhante da lua. No morro, logo atrás, o Castelo Morlaix, reparado com novas tábuas, queimava feericamente.

Os gascões avançaram aos guinchos no meio da confusão em torno de Niall. Os galeses começaram a recuar. Niall incitou a montaria sobre eles, e o imenso corcel abalroou o pequeno cavalo de um galês e enterrou os dentes no pescoço do animal.

De súbito, um dos homens de Cadwallader soprou uma trombeta. Ao sinal, os galeses viraram seus pôneis da montanha e fugiram a galope para a floresta. Como os arqueiros no cemitério da igreja, parecia que tinham se fundido ao negror da noite. Os gascões, aos uivos, investiram as montarias para a mata, atrás deles.

Niall puxou as rédeas de Martelador até pará-lo de todo. Alguns cavaleiros de Morlaix tinham desmontado para cuidar dos feridos. Dois cavalos no chão debatiam-se nas garras da agonia. Pouco além, jazia o corpo imóvel de um cavaleiro galês.

Joceran manquitolou para a estrada, sem o cavalo. Niall debruçou-se na sela, arquejante.

— Está ferido?

Atordoados, seus escudeiros sacudiu a cabeça. Alguns gascões galopavam em torno deles, em círculos, berrando e ainda querendo lutar. Walter Straunge aproximou-se a meio-galope, com os longos cabelos esvoaçando como prata ao luar, nu, a não ser pela capa enfunada.

— Jesus — disse Niall, olhando para ele.

Percebeu que seus próprios pés, no estribo, estavam descalços. Esfregou o rosto, escorregadio de suor, e notou que as tiras de seu elmo estavam cortadas. Os galeses o tinham acertado com força.

Os gascões desmontados começaram a se reunir ao redor dele. Niall olhou para suas feições risonhas, sem entender o que diziam naquele francês estranho. Walter aproximou-se e pegou a brida de Martelador.

— Estão chamando você de Satã com uma espada invencível — explicou. — Falam isso.

— Falam?

Niall escorregou pelo lado do garanhão. Os gascões amontoaram-se à sua volta, dando-lhe tapinhas nos braços e nas costas, mostrando os dentes. A perna de Niall o torturava, e ele recuou quando um dos cavaleiros ajoelhou-se e tomou-lhe a mão. Levou-a até a borda do elmo e segurou-a ali.

— Leão de coragem! — gritou, com seu sotaque carregado. — Deus nos favoreceu, deu-nos um verdadeiro herói. O senhor luta como um gascão! Walter murmurou pelo canto da boca:

— Talvez agora eles esqueçam o resto da paga que lhes devemos.

Niall soltou um resmungo. Os guardas do castelo tinham ido até o lado dos fundos do fosso e jogavam tábuas sobre a vala para poderem atravessar. A nova ponte levadiça que tinham acabado de construir havia queimado toda e caído dentro do fosso. O portão da guarita era agora apenas madeira carbonizada pendurada pelos gonzos.

Niall seguiu descalço até o lado oposto, seguido por Walter e Joceran. O guarda do castelo, Gotselm, os esperava com um grupo de cavaleiros enegrecidos pela fumaça.

Seguiram o sargento para dentro do pátio. Os gascões, conversando entre si, atravessaram o fosso. O dano não fora tão ruim no pátio interno, se não se contasse a madeira. A velha torre continuava intacta.

— Eles dispararam flechas de fogo por cima, milorde — disse Gotselm. — Perdemos Helpe e Theobald quando pegavam água no fosso.

Niall fez o sinal da cruz. Deveriam estar com a guarnição completa no castelo àquela altura. Ele não precisava ser lembrado da madeira que tinham reunido para reconstruir as dependências da cozinha e o telhado da torre dos cavaleiros.

O cheiro de fumaça pairava, pesado, no ar. A maioria dos focos de incêndio se apagara. Dois cavaleiros andavam de um lado para o outro com baldes, extinguindo as brasas. Os franceses perambulavam pelo pátio, chutando pedras.

Niall observou-os. A incursão tivera por objetivo desacreditá-lo entre seus cavaleiros e o povo de Morlaix. Isso não funcionara com os gascões; desde que o tinham visto lutar, ele poderia se passar pela Santa Virgem. Mas agora, Niall teria de trazer os moradores de Morlaix de volta ao castelo debaixo do chicote para recomeçar o trabalho.

Olhou ao redor do pátio. Precisava de pedreiros de Chirk. Precisava mudar os cavaleiros da guarnição para a Velha Fortaleza e mostrar aos galeses que ele estava ali

para ficar.

O cansaço o abateu, e Niall esfregou o rosto. Se taxasse o povo da cidade uma terceira vez, haveria uma revolta. Parecia que os únicos que o amavam era os sanguinários gascões. E isso não iria durar se não pudesse lhes dar o resto do pagamento.

— O que é isto? — Inclinou-se e pegou uma tábua quebrada.

— O tablado, senhor. — Gotselm franziu a testa. — Um dos cavaleiros, Osmer, salvou a maior parte dele.

— Salvou? — Niall encostou a tábua na parede. — Um tablado para quê? O guarda do castelo remexeu os pés.

— Milorde não ouviu dizer? Esse é o tablado onde o senhor se sentará amanhã quando todos da cidade celebram a festa da Ascensão. É onde irá receber o juramento de lealdade de todos.

Niall endireitou-se devagar, sua perna ruim disparando agulhadas de dor. Ele havia se esquecido completamente da maldita festa. Olhou ao redor para o semblante de seus cavaleiros. Apesar do fogo, do ataque dos assaltantes galeses, ou de que o Castelo Morlaix era de certa forma uma ruína, no dia seguinte o povo de seu feudo teria sua procissão da Ascensão. Quando então... Gotselm acabara de lembrá-lo... prestariam homenagem e jurariam lealdade a seu novo senhor.

Por Deus... Niall esfregou as mãos pelo rosto de novo, espalhando a fuligem.

Precisava de um milagre.

Começou a garoar, coisa nada habitual na região de fronteira em maio. Um pouco antes do alvorecer, os artesões de ofícios que não tinham colocado toldos sobre seus palcos cambaleavam para fora de seu acampamento nas campinas, praguejando, para tentar fazer alguma coisa sob a luz das tochas.

A chuva passageira logo acabou. Com a alvorada, o sol subiu num céu cheio de brumas. Um sinal, segundo o povo da região, de que o tempo estaria quente e bom. Quando a equipe da casa de Emmeline estava pronta e reunida, a cidade já se enchera de gente. Magnus queria marchar com os aprendizes curtidores. Usando uma bela camisa de seda bordada com fios de prata para marcar os ourives, e uma touca de veludo verde com uma longa pena branca, ele estava tão lindo, que Emmeline dificilmente teria condições de lhe negar alguma coisa. A não ser, é claro, a companhia de notórios arruaceiros.

Ele ainda insistia nisso quando o administrador trouxe a égua de Emmeline.

— Mamãe — suplicou. — Deixe-me ir! Os outros meninos caçoam de mim sempre que cavalgo com a senhora como um bebê!

— Não, eu já disse. Os aprendizes de tecelão são bastante ruins, mas os curtidores e os outros são ainda piores. — Tentou pegá-lo para alisar-lhe os cabelos, mas ele se esquivou. — Você não se lembra, era muito pequeno, mas houve um ano em que os açougueiros brigaram e viraram as carroças. Foi uma desgraça.

Um dos garotos do estábulo deu um impulso para ajudar Emmeline a subir na sela. Ela levou a égua pelo quintal do estábulo onde seus criados da cozinha, vestidos com suas melhores roupas, se postavam, esperando. Inclinando-se sobre a montaria, disse ao administrador, Torel:

— Verifique que todas as moças usem panos para cobrir os cabelos. Não quero ouvir que algum cavaleiro estrangeiro confundiu uma delas com uma prostituta comum.

Magnus seguiu-a, passando pelo portão com seu pônei e entrando na rua, com as feições tempestuosas.

— Santa Mãe, precisa ficar assim?! — Emmeline esbravejou. — Leve seu pônei atrás do velho Aimery, então. Quero saber onde você está.

O ferreiro aproximava-se, empurrando as pessoas pela multidão, chamando por Emmeline. Os atores da carroça dos padeiros, onde Jesus distribuía pães e peixes, estavam reclamando que o ofício lhes dera poucos mantimentos. Tinham apenas dois sacos de pão para distribuir para o povo. Ameaçavam não se mexer até conseguirem mais. Diziam que, quando o pão acabasse, o povo se voltaria contra eles.

Era provável que tivessem razão, pensou Emmeline. O que Wulfer havia feito com o dinheiro que ela lhe dera para comprar farinha e banha?

Um dos membros da corporação dos tecelões surgiu do outro lado e segurou-lhe o estribo.

— Você não deveria ter dado dinheiro ao padeiro — disse a ela —, mas comprado o pão em Chirk, a senhora mesma. Se houver confusão, teremos um tumulto aqui, com tanta gente da região agreste chegando.

Emmeline afastou o pé da mão do homem. Ele se referia aos pastores e ao povo da floresta, como os carvoeiros e os caçadores de aves, que raramente eram vistos, exceto nos dias de festa.

Ela suspirou. Algo sempre acontecia no último momento; fazia tanto tempo desde que tinham celebrado a festa da Ascensão que haviam se esquecido disso.

A campina estava cheia de carroças e bois, de lavradores e suas famílias, e os pastores traziam uma imensa imagem de palha que carregavam nas festas, que acreditavam ser de um antigo espírito. Alguns diziam que era uma deusa pagã dos porcos, chamada *Henwas Hwych* – a Velha Serva. Não havia tanta gente da fronteira num único lugar desde o fim da guerra do rei Estevão. Tinham vindo não apenas para a procissão da Ascensão, mas para ver o novo lorde.

A desolada esposa do padeiro aproximou-se correndo.

— Graças a Deus, sra. Emmeline, a senhora vai deixar as coisas nos conformes! Os atores estão dizendo que não temos pão suficiente para usar o dia inteiro. — Olhou feio para os homens sentados na beirada do palco. — O que dizem é mentira. Havia bastante pão ontem à noite. Eu mesma vi colocarem os sacos na carroça!

Emmeline desmontou e levou a égua até os sorridentes atores. Estavam bebendo. Dois não passavam de moleques, mas um tinha barba e uma pança relaxada. Ela o encarou, atentamente. Poderia jurar que, anos atrás, ele fora o Cristo embriagado das Bodas de Caná dos vinhateiros. Ele olhou-a com malícia.

— Pão? — Virou-se para os outros dois. — Por que estamos falando de pão, rapazes, quando eis aqui uma saborosa tortinha de carne que podemos experimentar agora mesmo?

Atrás de Emmeline, a esposa do padeiro arquejou. O ator estendeu a mão para tocá-la, mas Aimery aproximou-se, desajeitado. Emmeline fez um gesto para que o velho se afastasse.

— Temos um senhor severo aqui, e ele aplica castigos duros. — Ela era mestra de ofício; bêbados não a assustavam. — Está pronto para representar a parte do homem de uma mão só?

Os rapazes perceberam qual era o castigo para roubo, ao ouvirem aquilo.

Escorregaram depressa do palco e fugiram. Uma mulher saiu de trás da carroça e postou-se com as mãos nos quadris.

— Só pusemos alguns de lado para ter uma reserva — lamentou-se. — Os sacos estão lá perto do rio.

— Não, eles pegaram o pão para vender, senhora — disse Aimery, atrás dela. — Os mascarados são um bando de ladrões.

Emmeline mordeu o lábio. Não faria bem nenhum expulsar os atores, iria estragar a encenação dos padeiros. Mas então, pensou em todos os sacos de pão que iriam desperdiçar.

— Levante-se — disse ao Cristo barbudo.

Ele ficou de pé, ajeitando o manto, e encarou-a com ar sombrio.

— Você vai representar o Cristo com os pães e os peixes, e vai fazer isso bem, ou contarei ao novo lorde de Morlaix que você não é apenas um ladrão, mas um blasfemo, já que tentou roubar o pão sagrado do ofício dos padeiros.

— Não faça isso, senhora! — interveio a mulher. — Odo vai apresentar uma bela peça, um precioso drama do Cristo que alimentou as multidões. A senhora não terá nada do que reclamar, eu juro.

Mesmo enquanto ela falava, o barbudo apressou-se a andar pelo palco, endireitando as cortinas, pegando os peixes de madeira, chamando os rapazes para que voltassem. Emmeline observou por algum tempo e depois afastou-se, dizendo a Aimery para cavalgar com os padeiros e ficar de olhos nos atores.

As outras carroças começaram a se mover. Os moradores da vila cutucavam os bois de pernas curtas com as pesadas varas de carvalho que usavam às vezes como armas. A carroça do mercador de vinho passou, com seus atores de bela aparência que representariam o milagre da transformação da água em vinho. O velho sacerdote surdo, padre Wilbert, ia à frente, seguido pelo padre mais novo, de quem ninguém gostava, carregando o estandarte da Ascensão desde a igreja. Faltava a Morlaix uma verdadeira relíquia, como o famoso osso do dedo de São Jaime, num relicário de cristal, que era levado em procissão nas festas em Wrexham, porém tinham atraído uma considerável multidão, apesar disso.

Acrobatas e músicos maltrapilhos tinham aparecido do nada. Um homem e uma mulher caminhavam juntos, tocando tambores e cantando. Outro conduzia um grupo de cães que se equilibravam nas pernas traseiras. Meninos acrobatas giravam e davam cambalhotas pela estrada. E por toda parte havia os cavaleiros estrangeiros do novo lorde, armados e trajados com cota de malha, cavalgando no meio do povo, olhando avidamente as moças da vila por trás de seus elmos e proteções de aço do nariz. Emmeline puxou sua égua pela multidão, procurando por Magnus.

Ao longo da estrada, o povo mais pobre, muitos vestidos apenas em longos camisolões rústicos, caíam de joelhos e de mãos postas, conforme as carroças passavam. Vendo-lhes a piedade, Emmeline pensou nos mascarados que tinham tentado roubar os sacos de pão. Estava contente de ter colocado Aimery para vigiá-los.

O sol já começava a aquecer as cabeças e os ombros da multidão. A primeira parada era no mercado. Emmeline levou sua égua até a montaria de Aimery, atrás do palco dos padeiros.

— Estou procurando por Magnus — disse. — Você o viu?

O velho cavaleiro meneou a cabeça. A multidão se empurrava para assistir ao

milagre da multiplicação dos peixes e dos pães. Um fragor subiu quando o ator barbudo que representava Cristo jogou os primeiros pedaços de pão.

Emmeline tirou sua capa e colocou-a sobre o ressaltado da sela. A caixinha de madeira com o presente dos ourives estava amarrada ao seu espartilho de couro. Conforme ela andava, batia contra sua coxa. O povo da cidade espremia-se contra as carroças para assistir às representações das histórias da Bíblia.

Ela reconheceu um grupo de laneiros de aparência séria, com suas famílias, e o belo pisoeiro, que tentava atrair sua atenção. Três cavaleiros carregando um odre de vinho subiram numa carroça de feno cheia de risonhas moças da vila. Bandos de aprendizes perambulavam pelas beiradas da multidão, sacudindo galhos de salgueiro que usavam para bater uns nos outros. Porém, ela não viu Magnus.

Pela inclinação do sol, ainda era cedo. A próxima parada seria na igreja, onde aqueles que iriam se amontoar lá dentro ouviriam o padre Wilbert e o novo sacerdote rezar uma missa especial pelo Dia da Ascensão. Depois disso, a procissão faria seu trajeto pela cidade, parando nas casas dos membros das corporações de ofício, antes de subir o morro até o castelo.

Emmeline enxugou o suor do rosto com o dorso da mão, desejando que a festa tivesse acabado. Então avistou Magnus sem o chapéu novo, levando o pônei no meio de uma multidão de aprendizes. Virando a montaria, partiu atrás dele.

O sacristão subiu à torre da igreja para tocar as nonas, conforme a procissão saía da cidade e se afastava, tomando a estrada para o castelo. Em algum momento depois do meio-dia, o vinho do vinhateiro acabara, e assim, aqueles que queriam continuar bebendo tinham ido embora para passar o resto da tarde nas tavernas. Uma multidão mais sóbria caminhava entre os bois e as carroças de palco, alguns rezando, alguns cantando velhos hinos do campo e salmos. O padre Wilbert desistiu de andar e subiu numa das carretas de feno. O novo cura, com o rosto e o nariz queimados de sol, tomou o lugar do velho padre à frente da procissão, carregando o estandarte da igreja. No meio da multidão de pastores, a figura gigante de seios enormes da deusa dos porcos também balançava, agitando seus braços e pernas estofados de feno.

Emmeline pegou as rédeas de Magnus e, apesar de seus protestos de que queria cavalgar com os outros meninos, puxou-o para trás dos trabalhadores de couro que carregavam a sela de presente para o novo lorde. Todos os laneiros, tecelões, tosadores e o pisoeiro seguiam atrás do chefe do ofício, mestre Avenant, que levava o pedaço de bela lã azul que era o presente para a nova capa do lorde. Depois de passarem a ponte, Emmeline desmontou para caminhar com os membros das corporações, e obrigou Magnus a fazer o mesmo.

Viram que o jovem padre com seu estandarte já havia quase chegado à plataforma armada a uma curta distância do fosso. O lorde de Morlaix estava sentado na frente do portal carbonizado de seu castelo, ladeado por uma vintena de cavaleiros em reluzentes armaduras polidas.

Os cavalos e as carroças tinham levantado uma nuvem de poeira. Havia lugares em que mal se conseguia respirar. Emmeline tirou seu diadema de ouro e prata, e depois o véu de seda verde que lhe cobria os cabelos. Quando o sacudiu, sentiu o gosto de pó nos lábios. Estava muito quente, refletiu, um tanto irritada, para andar até tão longe em suas melhores roupas de seda. Debaixo da sobrecapa e do manto branco, o suor escorria por suas espáduas. Os burgueses, de rostos vermelhos e transpirados ao seu redor, não pareciam estar em melhores condições.

Resolveu não pôr de novo o véu e enfiou-o no cinto. Os laneiros adiantaram-se

para jurar lealdade ao novo lorde, e os trabalhadores do couro carregando a sela de presente se amontoaram atrás deles. Os cavaleiros do lorde estavam postados em semicírculo e bloqueavam sua visão, mas Emmeline pôde ver o topo da cabeça do novo senhor quando ele se inclinou para a frente. Tinha tirado o elmo. Os cabelos eram de um ruivo escuro, molhados de suor, colados à cabeça. Ela o ouvir dizer alguma coisa ao mestre laneiro, Avenant, e colocar as mãos do chefe do ofício entre as dele.

Algo naquelas mãos grandes, ainda que bloqueadas parcialmente pelas costas de um cavaleiro, provocou um sobressalto em Emmeline. Ela não poderia dizer que a incomodavam, porém. Ouviu a voz baixa do mestre laneiro repetir o juramento ao senhor. E teve uma sensação estranha, repentina, de que Niall FitzJulien, o novo lorde de Morlaix, mudaria seus destinos, tal como o novo rei, o jovem Henrique Plantageneta, e sua esposa, a rainha Leonor de Aquitânia, tinham mudado o da Inglaterra.

Meio normando, meio irlandês.

Filho, diziam os boatos, do bastardo do velho conde. Todos em Morlaix imaginavam como aquele homem, o herói recompensado pelo rei, e seus cavaleiros franceses, iriam governá-los. A maior parte do mundo encarava as tribos irlandesas como selvagem, bárbara.

Um pouco nervosa, Emmeline virou-se para Magnus e ajeitou os cabelos do filho para trás, depois tirou a poeira da frente de seu casaco de veludo. Sem erguer os olhos, ele afastou-lhe as mãos. Naquele momento, o alto capitão aproximou-se dizendo que eles seriam os próximos. Emmeline já o tinha visto antes; era o cavaleiro loiro que passara de casa em casa recolhendo os impostos.

— A ourives? A senhora é a ourives?

Ao parar à sua frente, ele olhou ao redor vendo se alguém o corrigia. Depois, devagar e pensativo, mediu Emmeline desde os cabelos cor de cobre reluzindo em um tom incandescente até os pés calçados em sapatilhas bordadas. Ela o encarou da mesma forma franca.

— Os ourives desejam dar um presente ao lorde. — Estendeu a caixa de madeira.

O capitão agora estava olhando para Magnus. Parecia não conseguir desviar os olhos do menino.

— O quê? — O cavaleiro olhou para a caixa que ela lhe estendia. — Não, não, não sei... é melhor entregar isso na mão dele, acho. Franzindo a testa, afastou-se depressa.

Os laneiros tinham dado um passo para trás. Emmeline esticou o pescoço para ver. Niall FitzJulien inclinou-se em sua cadeira para entregar a um cavaleiro o tecido dobrado da capa azul que os tecelões tinham lhe dado. O sol arrancava faíscas de sua cota de malha polida.

Tinham razão em chamá-lo de homenzarrão. Sobre a armadura acolchoada e coberta de malha de aço, ele usava uma túnica branca de lã, com as pernas musculosas enfiadas em meias, presas por belas ligas. O que se destacava eram os ombros, poderosos e largos de girar a enorme espada de dois lados.

Ela adiantou-se depressa, segurando Magnus pela mão. Um cavaleiro entregou uma taça de vinho ao lorde, e Emmeline observou o movimento dos músculos do pescoço conforme ele bebia, sedento. Então o lorde devolveu a taça, e o cavaleiro loiro inclinou-se, murmurando-lhe algo ao ouvido.

Emmeline empurrou Magnus para fazê-lo ajoelhar-se e abaixou-se ao lado do filho. O sol estava muito quente. Ela sabia que seu rosto estava corado, e já se sentia amarrotada e empoeirada. A estranha inquietação que havia começado quando vira o

mestre laneiro prestar seu juramento, minutos antes, não tinha desaparecido. Ela segurou a caixa com as duas mãos e ergueu os olhos para encarar o lorde.

Estava perto o suficiente para ver as linhas finas nos cantos de seus olhos e para notar o nariz longo, o talhe duro da boca, as mechas de cabelo ruivo escuro, ligeiramente ondulado, que caíam sobre sua testa. Tinha esperado ver um homem mais velho. Em algum lugar antes, ela pensou, ao fitá-lo, ela já tinha visto olhos daquela cor castanho-amarelada.

A expressão do lorde mudou quando ele olhou para Emmeline. Ele inclinou-se de súbito para a frente, agarrando a cadeira. Então seus olhos se arregalaram ao olhar para Magnus. Depois, de novo para ela.

Atrás de Emmeline, o seleiro e seus primos murmuraram alguma coisa. Um dos cavaleiros do lorde deu uma tossidela.

Com os olhos arregalados e as feições transtornadas, o lorde deixou escapar um som estranho da garganta.

— Você!

Emmeline pestanejou, observando aquelas feições tensas de alguma emoção desconhecida, que retorcia os lábios do lorde de Morlaix.

Algo estava acontecendo. Todos os que estavam reunidos ali para prestar juramento não conseguiam se mexer, os olhos cravados no novo lorde, que parecia dominado por alguma pavorosa possessão demoníaca.

Um murmúrio percorreu o ar até as últimas carroças na estrada. Emmeline agarrou a mão de Magnus e, antes que ela pudesse ficar de pé, o homem de armadura inclinou-se para a frente. Estendeu o braço, e os dedos da mão forte se fecharam em torno de seu pescoço.

— Demônio! — berrou o novo lorde de Morlaix. — Traidora miserável! — Segurou Emmeline com a mão apertada em seu pescoço. Ela arquejou, de olhos esbugalhados. — Ele é meu, não é?! — vociferou.

— Mamãe! — Magnus pendurou-se no braço coberto pela cota de malha, tentando forçá-lo a afrouxar o aperto da mão. Mas Emmeline tinha desmaiado.

Capítulo VIII

— Pelos chifres do demo! — berrou Niall. — Metade do leste de Gales deve a ela!

Pela porta aberta da loja, podiam ouvir o canto noturno dos sapos da primavera no pátio de lavar roupas. Passava de meia-noite; o quintal do estábulo da mansão estava pontilhado de tochas, conforme os cavaleiros saíam da casa para esperar as carroças ir e voltar. A viúva do ourives, com o capuz da capa jogado para trás e os cabelos dourados reluzindo na luz bruxuleante, estava de pé numa carroça cheia com os bens de sua casa, com o braço em torno de seu filho. Ainda chorava com raiva.

Que falta de sorte a dela, Niall disse a si mesmo. Tinha pouca simpatia pela criatura. Quanto a si, havia rezado por isso, e agora conseguira seu milagre! Pelo que podia ver, o velho Neufmarche deixara não apenas o negócio de ourivesaria, mas um meticuloso comércio de empréstimo de dinheiro também. Um que chegava a todo lugar no leste da Inglaterra. E a raposa dos diabos que ele tinha por esposa, aparentemente, desde a morte do velho, expandira os negócios ainda mais.

Levantou-se e estendeu a mão sobre a bancada, pegando outra caixa-forte e usando a ponta do punhal para quebrar a fechadura. Já tinha aberto quatro. A quinta era igual às outras, com o fundo cheio de sacos de moedas de ouro e prata empilhados ordenadamente. Por cima, os registros em pergaminho enrolado das contas de empréstimo em dinheiro, e os nomes e as localizações dos devedores.

Os registros eram uma maravilha de ordem e precisão, assim como as variadas taxas de juros. Ao lê-las, era possível ver que os empréstimos tinham sido feitos aos mercadores na fronteira de Gales, mais particularmente de Morlaix e Chirk, mas alguns para gente de tão longe como Wrexham. Havia também somas modestas emprestadas por toda parte a artesões e trabalhadores especializados, médicos e advogados, trabalhadores sazonais do corte do feno, e até mesmo um caçador de ratos. Ela não deixava nada de fora.

— O empréstador de ouro — disse Walter, erguendo um rolo de pele — deixou toda a sua fortuna para sua sensual viúva. Que, ao que tudo indica, continuou a emprestá-la com mais lucro ainda.

Niall bufou. Pelo jeito da contabilidade que ela mantivera, a viúva havia negociado empréstimos e notas promissórias muito eficientemente, triplicando a taxa de empréstimo do velho Neufmarche. E quase esse tanto dos lucros.

Não era de admirar, ele pensou, que a cidade miserável fosse próspera. Não havia faltado aos artesões e aos lavradores o melhor financiamento fora de Londres desde que o ourives morrera.

Estendeu a mão e pegou o pergaminho de Walter, virando-o na mão.

— Tente com o lado direito para cima. Você faria bem em aprender a ler. O outro deu de ombros.

— Eu me arranjo muito bem. Posso fazer contas, não posso?

Niall não estava com disposição para discutir. Na verdade, estava saboreando seu triunfo. Depois de todos aqueles longos e amargos anos pensando o que teria sido feito dela, a mulher tropeçara e caíra em suas mãos com uma fortuna maior de que qualquer herdeira da corte!

Que sorte. Ele apostava que havia um estoque de ouro e prata nos cofres igual a qualquer fortuna no Norte. Ela não negociava apenas com ouro e prata brutos e moedas estrangeiras, mas também emprestava dinheiro a um terço da região de fronteira. Até onde ele podia ver, isso acontecia fazia uns bons sete ou oito anos. Tudo durante a Anarquia.

E ninguém sabia de nada.

Só de pensar nisso, Niall sentiu um calafrio descer por sua espinha. Olhou pela porta aberta e viu-a de pé, com o braço protetoramente em torno do garoto.

Cristo crucificado, ele nunca tinha pensado em vê-la de novo nessa vida! Nem mesmo sabia o nome dela. Chegara até a pensar que ela nunca existira, que fora tudo um sonho.

Houvera ocasiões, como quando fora ferido em Stafford e ficara deitado com uma febre por três dias, em que sonhara tanto com ela que tivera de dizer a si mesmo que aquela mulher não passava de uma paixão dos vinte anos, cheia de fantasia. Que nunca havia acontecido. Isso, longo tempo depois de Wrexham, quando ainda era o ardente e jovem cavaleiro de Robert de Gloucester.

Quando pensara nela durante anos, desde então, a realidade se tornara ainda mais tênue. Os cabelos de um ouro dourado, as feições delicadas, os lábios macios, de biquinho, a beleza sobrenatural do corpo que ele tivera aquela noite nos braços, tudo era tão perfeito que ele dissera a si mesmo que nenhuma mulher sem defeitos como aquela com quem tinha feito amor em Wrexham jamais havia respirado neste mundo dos vivos.

Não, não havia nada de real naquilo tudo. A não ser a dura realidade com que ela o tratara, ao terminar com ele. Niall iria se lembrar, pelo resto de sua vida, de acordar na lama pegajosa num beco, em Wrexham.

Dez anos, espantou-se. Fazia todo esse tempo. Ele tinha vinte anos, então. Estava com quase trinta e um agora.

Quando a havia encarado, horas antes, naquele dia mesmo, ajoelhada para o juramento, ouvira um enorme retinir nos ouvidos e sentira tontura, uma escuridão na mente como o prenúncio da morte.

Pela face de Deus, ela estava ali! Era de verdade!

Outro golpe de arrasar... o menino ao lado dela. Niall soube de imediato que o garoto era seu. Como alguém poderia se enganar? Olhar para as feições do menino era como olhar para um espelho!

Agora, parado na soleira da porta da loja, ele viu quando um dos criados veio procurá-la, erguendo bem alto uma tocha e dizendo alguma coisa. Ela limpou as lágrimas dos olhos com o dorso da mão e sacudiu a cabeça.

Niall fechou a carranca. Maldita, não faria nada bem a ela sacudir a cabeça para alguma coisa. Mas a criatura se mostrara desafiadora desde o momento em que a agarrara pelo pescoço delgado.

O pessoal da casa ao seu redor estava em pandemônio. Vagava, aturdido, conforme os cavaleiros tiravam a mobília para fora e carregavam as carroças para levar tudo embora. Surpreendentemente, seus criados mostravam-se fiéis. O velho cavaleiro aposentado fizera o melhor para defendê-la antes que os gascões o desarmassem. Depois, seus furiosos garotos cavaleiros e os ajudantes de cozinha tiveram de ser enfrentados.

Ele estudou-lhe a expressão agoniada conforme a viúva segurava o garoto com força, enquanto seus pertences eram carregados para fora e empilhados nas carretas. Era quase possível alguém sentir pena dela, se não conhecesse o coração perverso daquela mulher. Jesus, Niall pensou, como alguém chamaria afinal uma mulher que tomava cavaleiros como presa, cavaleiros que não passavam de meros garotos? Se ele se lembrava direito, havia algum tipo de demônio que assumia a forma de mulher para fazer isso.

Súcubo.

Era isso. A entidade demoníaca em forma de mulher que rastejava sobre um homem de noite, quando ele estava dormindo, e roubava seu ar. E sua semente, se pudesse.

Niall esfregou o queixo, observando-a. Poderia bem acreditar nessa história. Ela não roubara um filho de dentro dele, aquela prostituta dos infernos de cabelos cor de

fogo? Ninguém poderia olhar para o menino e não saber que era seu. Era inclusive a imagem do avô, Julien de Nessville.

Por um momento, Niall desejou estar com as mãos em torno do pescoço daquela mulher outra vez. Se não fosse por Joceran e Walter, que o tinham por fim arrastado para longe dela, ele não saberia dizer o que teria acontecido.

— Milorde — disse Walter —, há caixas com pedras preciosas. Nós...

— Leve tudo. — Niall fechou o cofre com um baque surdo. — Carregue o ouro e a prata e as moedas numa carroça, e coloque um guarda de prontidão. As pedras preciosas, eu mesmo levarei.

Estava bem ciente de que o que fazia era confisco de propriedade do rei, já que tudo na Inglaterra era de Henrique, sem ordem ou decreto. E o sequestro de bens, sob o rei Henrique, tinha de ser defendido, na maioria dos casos, como uma questão de direito. A não ser, é claro, quando era do próprio rei.

Tirou os sacos de couro com as gemas preciosas das caixas e enfiou-as dentro do cinto, jogando as poucas que restavam para Walter.

Henrique, Niall disse a si mesmo, poderia se apossar de cada raspa da fortuna de Neufmarche e levá-la para Londres, se e quando descobrisse isso. Niall não havia parado de pensar no rei desde o momento em que pusera os olhos no tesouro.

Não era nenhum segredo que Henrique Plantageneta via-se duramente pressionado por dinheiro. Quinze anos de guerra tinham drenado a Inglaterra, e nobres desleais brigando pelo reino tinham se refestelado à custa dos sofrendores a maior parte do tempo.

E fariam o mesmo com Henrique também, se conseguissem derrubá-lo. Quanto à rainha Leonor, era rica, mas não havia muito que se pudesse conseguir de suas terras, na Aquitânia. O rei, Niall estava bem ciente disso, precisava da fortuna da viúva de Neufmarche tão desesperadamente quanto ele próprio.

Walter fora embora para buscar alguns cavaleiros para transportar os cofres-fortes. Quando Niall ergueu os olhos, Gotselm estava na porta.

— Há mercadores na rua — avisou o sargento. Olhou ao redor da loja do ourives. — Sabem que está com a viúva aqui, e estão pedindo para falar como senhor sobre ela.

Niall levantou-se e seguiu-o até o quintal do estábulo. Na mesma hora, ela se postou em seu caminho.

— Eu lhe imploro... — Sua voz estava rouca de tanto chorar. — Por favor, me deixe falar...

Ele a empurrou. Deus o livrasse, não tinha de responder. Não lhe devia nada. Pegou o menino pela mão.

— Como se chama? — perguntou, puxando a criança para a frente.

O menino o encarou com olhos arregalados. Com sua cota de malha e o elmo, Niall era uma figura imponente.

— Por favor, senhor... — O menino olhou para trás, para a mãe. — Por favor, minha mãe quer saber o que vai fazer com a gente. Niall empurrou-o para o portão.

— Não se preocupe com isso, falarei com ela depois. Primeiro, precisa me dizer seu nome. Ele hesitou, ainda olhando para trás.

— Magnus. Magnus Neufmarche. — Sua voz era alta, embora soasse trêmula.

Niall olhou para baixo, sentindo uma curiosa sensação. Mesmo no quintal escuro do estábulo, seu filho era a imagem de seu avô, com aqueles olhos e cabelos dourados.

— Eu o chamarei de Julien — declarou, com voz rouca.

O garoto pareceu surpreso. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Niall o empurrou pelo portão da frente da ourivesaria. Os cavaleiros lá o saudaram quando o viram, com os olhos cravados no menino.

O porteiro correu para abrir o portão. Uma pequena multidão esperava do lado de fora, burgueses e mercadores da cidade, e um homenzarrão com um avental de couro que parecia um ferreiro. Atrás deles, um grupo maior de gente da cidade estava reunido, apesar do escuro e da hora.

— Milorde, pedimos um favor.

De chapéu na mão, o homenzinho gordo que Niall reconheceu como o vendedor de vinho caiu de joelhos. Os demais ficaram de pé, com as feições muito sérias. Um bando de teimosos.

— Milorde — disse o vendedor de vinho, ao levantar-se —, viemos falar em nome das corporações de ofício. — Olhou para o menino ao lado de Niall. — O que ele... o que o ourives... — gaguejou. — O que o...

O enorme ferreiro abriu caminho para a frente com os ombros.

— O que Villers quer saber é que ofensa houve ao senhor por parte desta casa. E por que seus bens estão sendo colocados em carroças e levados embora.

— É um confisco ilegal — alguém resmungou.

Niall podia ver que estavam com medo de perguntar o que ele pretendia fazer com a esposa do ourives. Não a tinham mencionado, apenas a propriedade. Ele enfiou a mão no cinto.

— Os bens da casa vão para o castelo. Assim como a viúva e o menino.

Todos se entreolharam. O garoto agarrou sua mão com mais força. Niall continuou:

— Não se trata de um confisco. Estou reivindicando tudo como dote. Antes de a noite cair, eu me casarei com ela. Ouviram-se arquejos de surpresa, e alguém gritou:

— Ela não tem desejo nenhum de casar-se! Pergunte a qualquer um de nós.

— Milorde, a senhora é um membro da corporação — o vendedor de vinho apressou-se a dizer. — Muitos pretendentes mandaram a casamenteira de York até aqui e gostariam de...

— Ela se casará comigo. Não há mais nada a dizer.

Niall puxou o menino para trás e fez um sinal para o porteiro fechar o portão, que se cerrou na cara do povo. Do lado de fora, na rua, houve um súbito silêncio. Então, alguém bateu com força.

Niall afastou-se, puxando o garoto pela mão, chamando por Joceran e Walter. Alguns cavaleiros saíam da mansão, cambaleando sob o peso de uma cama. Não tinham parado para desmontá-la, mas carregavam a peça inteira, com o cortinado de veludo balançando, enquanto corriam num trote. Viraram a peça de lado numa carreta de feno. Um dos sargentos correu atrás deles, gritando.

Niall parou. Continuou segurando a mão do filho quando, enrolados em cordas douradas e franjas e cortinados de cama, seus cavaleiros faziam força para endireitar a estrutura. Era uma cama grande e elegante que, sem dúvida, gerações de ourives tinham

apreciado.

De repente, ele se deu conta de que a conhecia. Como alguém poderia se esquecer daquela cama... ou da noite que passara nela? Não ali em Morlaix, em Wrexham. Mas era a mesma.

Por um breve e louco momento, ele sentiu vontade de rir. Era apenas uma questão de justiça que levasse a maldita cama consigo!

Walter apareceu com Joceran logo atrás.

— Traga o padre — ordenou Niall. — O jovem, ele parece bastante corrupto. Leve-o ao castelo. — Colocou a mão do garoto na do escudeiro. — Ele diz que tem um pônei. Ponha-o nele e o mantenha com você.

— Senhor — o garoto disse. Estava de pé, com as costas eretas, mas os lábios tremiam. — Eu gostaria de ficar com minha mãe. Niall vacilou. Pousou a mão na cabeça do filho e a manteve ali por um breve momento.

— Você entendeu — disse a Joceran. — Não tire os olhos dele.

Afastou-se pelo quintal para falar com ela. Ou, pelo menos, para lhe dizer o que iria fazer.

Na rua, Watris, o ferreiro, ergueu o vinhateiro do chão. O coureiro e seus sobrinhos estavam de pé com os braços cruzados no peito.

— Virgem abençoada, ele disse que vai se casar com ela? — Villers gritou. — Bem, isso é melhor que nada. O jovem pisoeiro abriu caminho aos empurrões pela multidão.

— Você acha mesmo? Homem, ele a pegou pelo pescoço no castelo!

Os membros das corporações de ofício se entreolharam, lembrando-se do menino.

— Existe mais coisa aí do que parece aos olhos — disse um dos seleiros de Chirk. O ferreiro grandalhão meneou a cabeça.

— Apesar de tudo o que diz, que vai se casar com ela, o homem está pondo abaixo a casa do velho Bernard e levando tudo embora. O jovem rei Henrique jurou às corporações em Londres que não haveria confisco ilegal. Que protegeria o comércio...

— Escória, o rei diz o que ele tem de dizer! — O pisoeiro olhou ao redor em busca de apoio. — Santo Deus, algum de vocês a viu? Bateram nela, foi maltratada? Deus do céu, ele a está mantendo prisioneira!

Um dos tecelões tocou-lhe o braço.

— Calma, pisoeiro, não queremos começar uma briga.

— Isso mesmo, quem sabe qual é a verdadeira história disso tudo? — perguntou o vinhateiro. — Ele estava com o menino ao lado. A semelhança era notável. Todos ficaram em silêncio por um momento. O povo da cidade, atrás, comprimiu-se para a frente, tentando ouvir.

— Só há um jeito de descobrir — disse o ferreiro, por fim. — Podemos mandar chamar os ourives em Chester e contar aos mestres da corporação de lá o que aconteceu aqui.

Capítulo IX

A noiva teve de ser arrastada até diante do jovem padre, gritando tão alto em protesto, que fez o garoto se debater e urrar também. Niall pegou os dois pelos braços e sacudiu a mulher até que os dentes dela batiam como chocalhos.

— Faça isso — rosnou —, ou, tendo Deus por minha testemunha, eu mandarei o menino esta noite para a corte do conde de Chester para ser treinado como pajem.

Ela endereçou-lhe um olhar enlouquecido, mas engoliu os soluços o suficiente para o padre continuar.

Pouco antes da alvorada, a cerimônia teve lugar no pátio do castelo, diante dos cavaleiros gascões e dos criados de Neufmarche que tinham acompanhado os bens da casa. Conforme o padre pronunciava as palavras finais, uma tempestade desabou, mandando lençóis de água em cima deles. Depois de uns poucos vivas desanimados, os cavaleiros se dispersaram, alguns para arrastar as carroças para o abrigo, outros para correr até seus aposentos na torre dos cavaleiros ainda quase toda sem telhado.

Walter Straunge acompanhou a nova senhora de Morlaix para o quarto na Velha Fortaleza, arrastando-a pela maior parte do caminho. Voltou quase no mesmo instante para informar que a cama fora levada para o quarto nupcial, mas não passava pelas escadas, e era preciso que um dos criados da mansão de Neufmarche mostrasse aos gascões como desmontá-la. Praguejando, Niall encontrou o administrador do ourives, Baudri Torel, escondido da tempestade debaixo do telheiro quebrado, ao lado do canil, e arrancou-o de lá para buscar os homens e dar um jeito na cama.

Joceran arrastou Magnus para fora, ainda se debatendo e chorando, para passar a noite nas barracas dos cavaleiros. Sem dar trégua, a tempestade fustigava o castelo com rajadas de chuva e estouros de raios que dançavam pelo topo das torres. Um lago de água negra formou-se na praça, devido ao incêndio recente.

Niall foi ajudar os cavaleiros a puxar as carroças do ourives para baixo da saliência do portão da guarita. Conforme a última carreta entrou, Walter Straunge apareceu, chapinhando na água.

— Chuva durante um casamento é um bom sinal! — berrou o capitão. Quando Niall respondeu com uma obscenidade, ele limitou-se a rir e a apertar algo na mão, uma grande chave de ferro. — Alegre-se, milorde, vi que a cama de casamento está em pé, e a noiva trancada em segurança a esperá-lo.

Niall limpou a chuva dos olhos com o dorso da mão. *A noiva trancada a esperá-lo.*

Uma bela perspectiva. Pela expressão dos cavaleiros gascões ao seu redor, era claro que o achavam um homem ousado e inteligente por agarrar uma viúva rica da cidade para se casar. Tinham dado vivas quando o padre os declarara marido e mulher. Walter ergueu a coberta da carreta mais próxima.

— Embora o dote de sua noiva esteja um pouco danificado por causa do aguaceiro. Niall bufou.

— Tem mais de onde isso veio.

Não tinham esvaziado nem um quarto da esplêndida casa, enquanto o castelo ainda não estava em condições de ser habitado. Pelo menos, a cama estava armada para

a noite de núpcias.

Joceran surgiu correndo pela chuva.

— Pelas chagas do Senhor — Niall resmungou —, o que é agora? Seu escudeiro fez uma expressão estranha.

— O garoto quer o senhor. Não vai parar com a gritaria. Está deixando todos acordados.

Niall forçou os fechos de sua túnica de malha. O couro tinha inchado com a chuva, tornando os nós duros como pedras. Ele os puxou com raiva.

Viu o escudeiro e seu capitão se entreolharem. Jesus, a ala inteira sabia do garoto! Ou tinha adivinhado. Irritado, acompanhou Joceran pela praça alagada até a torre dos cavaleiros. Ao baixar a cabeça para passar debaixo da verga da porta, odores familiares o assaltaram: estrume de cavalo, palha mofada, óleo para armadura. Ele havia passado a vida inteira em lugares assim.

Mantas de sela estavam jogadas pelo teto para servir de abrigo, mas a chuva escorria do mesmo jeito. Havia um lampião no chão. Com a luz, ele podia divisar os cavaleiros espalhados por toda parte. Algumas das molduras das camas das velhas barracas tinham se salvado. O garoto estava sentado numa delas, com dois gascões de cada lado e uma manta sobre os ombros. Estava soluçando quando Niall entrou, mas enxugou o nariz depressa com as costas da mão e saltou de pé.

— Quero ver minha mãe! — gritou.

— Amanhã.

Niall teve a sensação de que deveria dizer mais alguma coisa. Afinal, tinha mudado a vida do menino com aquele casamento. Não havia nenhum lugar para conversarem a menos que o puxasse para o pátio e ficassem na chuva. Ali, eram ouvidos por cinquenta ou mais gascões curiosos.

— Venha — chamou, tomando o menino pela mão.

Assim que estavam lá fora, ele quis colocar sua capa sobre o filho, mas o menino a empurrou.

Era apenas uma criança, pensou Niall, olhando para o filho. Lembrou-se de todas as vezes em que ficara parado daquele mesmo jeito diante do próprio pai.

— Quero ver minha mãe. — As lágrimas sufocavam a voz do garoto.

— Santo Deus, é tudo o que consegue dizer? Pare com essa manha, ou vou levá-lo de volta lá para dentro. O menino ergueu a cabeça num gesto brusco. Empertigou-se, de punhos fechados.

— Sei o que vai fazer! — gritou, com voz aguda. — Sei o que os homens fazem com as mulheres com quem se casam. Ah, então era esse o problema. Niall inclinou-se para o rostinho inchado de chorar.

— Então, sabe o que acontece quando homens e mulheres se deitam, é? O garoto devolveu o olhar, corajoso.

— Eu... eu vi os cavalos — choramingou. — E os touros com as vacas. É... me disseram que é parecido. Joceran apareceu à porta da torre. Niall apontou-o com o queixo.

— Está vendo? Aquele é meu escudeiro, Joceran. Ele me vê dentro de minhas roupas e fora delas. Se lhe perguntar, ele vai dizer que sou bem-dotado, mas não do

tamanho de um garanhão. E muito menos de um touro.

O menino pensou por um instante.

— É a mesma coisa, então? — murmurou. Niall fez uma careta.

Raios que o partam...

Por que será que os garotinhos eram tão preocupados com essas coisas, droga? Ele mal se lembrava de pensar a respeito quando tinha aquela idade.

Num tom brusco, retrucou:

— Com Deus por minha testemunha, você não precisa ter medo. Eu lhe dou a minha palavra de que a tratarei bem. — Empurrou o garoto na direção do escudeiro que esperava na porta. — Diga a Joceran para achar um lugar seco para dormirem.

O menino hesitou e, então, virou-se e saiu correndo pela chuva. Niall atravessou o pátio, puxando as malditas tiras de sua armadura. A noite amaldiçoada parecia infundável. A tempestade se afastava, e os trovões agora ecoavam à distância. Ele ergueu os olhos e viu que estava quase claro.

A escadaria da velha fortaleza, contudo, estava escura como breu, e como tudo mais no castelo, cheirava a queimado. Niall encostou a mão à parede e subiu tateando. No patamar, encontrou Gotselm, o sargento, montando guarda com uma vela.

— Desça e durma um pouco — disse a ele.

Usou a chave de ferro que Walter lhe dera para destrancar a porta e entrou. A cama fora armada no canto do quarto, e as cortinas azuis e os pingentes dourados estavam encharcados da chuva. Mas era a mesma cama, ele a reconheceria em qualquer lugar. Podia até imaginá-la no mesmo quarto, e que quase dez anos não tinham se passado. A sensação era tão forte que ele esfregou os olhos com as mãos.

Seu humor mudou depressa quando ele tropeçou em roupas empilhadas pelo chão. A mobília estava toda espalhada. Uma cadeira, uma mesa baixa com velas queimando em cima... Um guincho áspero o fez dar um pulo.

— Onde está meu filho? — Sua nova esposa investiu em sua direção do outro lado da cama, ainda enrolada numa capa molhada de chuva.

— Pelas chagas do Senhor! — berrou Niall — Isto não tem fim?

— Não vou dormir com você!

Ela jogou o capuz para trás. Na penumbra do quarto, os cabelos eram uma massa de ouro avermelhado, emaranhado em brilhantes mechas em torno do rosto. Olhos verdes o encaravam, faiscantes. Ela atirou-se sobre ele, de punhos fechados.

— Isto não é um casamento de verdade, você só quer o meu dinheiro! Disse, quando me obrigou a aceitar, que não tiraria meu filho de mim!

Niall agarrou-a para impedi-la de socá-lo. Quando a empurrou, Emmeline tropeçou num embrulho de suas roupas e caiu. Ficou lá no chão, ofegante. Ele se sentou na beirada da cama e puxou as tiras de couro molhadas mais um pouco. Precisava de Joceran para ajudá-lo a livrar-se da cota de malha. Mas então se lembrou de que Joceran estava com o menino. Ela ergueu-se de joelhos.

— Precisa me deixar ir ver meu filho! — implorou. — Magnus não está acostumado a ficar separado de mim! Vai ficar assustado. Sem erguer os olhos, Niall retrucou:

— Ele será chamado de Julien. Como meu pai.

— Você está louco! — Ela arquejou. — Seu pai? Eu nunca o vi antes, em toda a

minha vida!

Ela estava mentindo, Niall podia ver isso em seu semblante. Por outro lado, supunha que deveria ter mudado. Contudo, ela parecia tão jovem e bela como sempre. Sacou o punhal. À vista da arma, Emmeline soltou um grito agudo e rastejou de joelhos para trás.

— Não me toque!

Niall colocou o punhal de lado na cota de malha e, virando a cabeça para enxergar, cortou a tira de couro. Detestava cortar as tiras; e o que o deixava ainda mais bravo era saber que custaria um dia inteiro a Joceran para substituí-las. Porém, estava farto de se ver prisioneiro da própria armadura.

O problema era que o mundo achava que seu filho era de Neufmarche. Um mercador, não um aldeão humilde, mas não um nobre também. Algo no meio.

Era castigo de Deus, Niall pensou, enfiando a faca de volta no cinto. Ela fizera toda aquela bagunça com seu plano infernal. Era monstruoso roubar a semente de um homem e depois fazer o filho passar como se fosse de outro homem!

Inclinou-se para a frente a fim de tirar a cota de malha pela cabeça. Nenhuma mulher decente faria o que ela fizera, buscar alguém nas ruas para fazer a coisa, com qualquer homem que encontrasse!

— Ele é meu — disse, colocando a armadura no chão ao lado da cama. Seria bom para o garoto dormir com Joceran e os cavaleiros gascões nas barracas; antes dos oito anos, a maioria dos meninos bem-nascidos estava no treinamento para pajem. — O garoto é meu, como você sabe muito bem. E será chamado de Julien.

Enquanto ela o encarava, boquiaberta, Niall arrancou seu colete almofadado, depois soltou os laços das meias de ligas e jogou-as pelo quarto. Em seguida, tirou as botas.

— Jesus — resmungou. — Encolheu os dedos gelados com câimbra. — Deite-se na cama — ordenou. — Levantou-se de um salto da beirada da cama para tirar as calças justas e deixou-as cair no chão.

OuvIU um som débil, gorgolejante. Quando ergueu os olhos, ela estava parada com a mão no pescoço, olhando para o que estava entre suas pernas. A expressão naquele rosto o fez praguejar de novo.

— Santa Mãe de Deus — ela murmurou, sem desviar o olhar. Niall ficou de pé e girou o braço pela cama.

— Vamos, droga, vai se deitar, ou devo jogá-la na cama? Ela ergueu aqueles olhos verdes faiscantes.

— Não, não estou casada com você! Não é um casamento quando uma mulher é arrancada de casa à força, sob a ameaça de ter o filho tirado dela! A lei diz... Emmeline calou-se com um grito agudo quando Niall estendeu a mão e agarrou a frente de sua capa.

— Ao diabo com a lei! — ele esbravejou.

Estava nu, o quarto estava frio, a noite fora infernal, e ele queria ir para a cama. Erguendo os braços para cima e para baixo, ele conseguiu arrancar-lhe a capa. Ela recuou, cambaleou e caiu sobre as cobertas da cama.

Niall moveu-se depressa, deitando-se sobre ela. Debaixo da capa, ela usava um vestido de seda e lã de lindas cores. Em torno do pescoço, faiscavam correntes de ouro,

e brincos também de ouro pendiam-lhe das orelhas. Ela parecia opulenta, bela, mesmo desalinhada como estava.

Segurando-a para baixo com uma das mãos, ele arrancou-lhe a túnica de seda, e depois as saias. Emmeline enfrentou-o o tempo todo, libertou-se e rolou pelas cobertas, cuspidando fogo como uma gata ruiva. Ele a arrastou de volta, prendendo-lhe as mãos, para lhe tirar os sapatos e depois as meias.

— Patife, perjuro, ladrão!

Ela estava com os olhos esbugalhados, e as mãos pareciam garras a arranhá-lo conforme ele lhe arrancava o restante das roupas. Niall a repeliu. Tinha de reconhecer que a mulher era corajosa. Estava em seu direito dar-lhe uma surra daquelas pelo problema que estava lhe causando. Os cabelos de Emmeline tinham escapado das tranças e tombavam como fogo líquido pelos ombros nus. Ele não conseguia desviar os olhos deles. E tampouco daquele par de seios.

Ela estava nua agora, a não ser pelos colares de ouro e os brincos pingentes. O peito nu era firme, ligeiramente salpicado de sardas douradas, os mamilos de bicos rosados, sensuais. Abaixo, a elegante cintura era estreita, os quadris curvos, as longas pernas perfeitas e torneadas, um verdadeiro deleite. Mesmo os pelos entre as coxas eram ruivos. Ele se ajoelhou na cama, admirando-a.

Ninguém diria que aquela mulher já tinha tido um filho; o corpo dela era perfeito, primoroso, impecável, toda feita de pele cremosa e olhos de esmeralda e cabelos de cobre e ouro faiscantes. Diante da vista dela sob seu corpo e daquele olhar de pedras preciosas a fitá-lo com ferocidade, todas as antigas lembranças vieram à tona.

Niall sentiu a respiração apertar-se em seu peito. Nunca imaginara que fosse possível voltar atrás e ter uma doce vingança, mas, pela graça de Deus, isso lhe fora concedido! Ele a havia encontrado. E estava se lembrando de cada momento daquela noite como num sonho, e de como entregara seu jovem coração longos anos atrás, naquela mesma cama. E de como, maldita fosse, ela o jogara na lama de um beco em Wrexham.

Devagar, baixou a cabeça e tocou-lhe o bico do seio com os lábios. Sentiu-a estremecer.

— Eu lhe darei qualquer coisa — ela gemeu —, mas pare! Escute-me. Tenho bens de que não sabe... A voz de Emmeline oscilou quando ele ergueu a cabeça.

— Qualquer coisa — ela murmurou.

As mãos de Niall acariciaram-lhe a curva cheia dos seios, brincando com os botões duros dos mamilos. Ela gemeu, virando a cabeça de lado.

— Não — ele respondeu, com voz rouca. — Não só qualquer coisa, querida, mas *todas* as coisas. Eu terei tudo de você desta vez. E muito mais.

Para lhe mostrar que falava a sério, sua boca abaixou-se sobre a de Emmeline e tomou-a de assalto de um jeito que a fez arquejar. Sua língua afundou-se dentro dela.

Emmeline tentou resistir, mas Niall segurou-a para baixo e beijou-a com volúpia; depois deixou que seus lábios escorregassem para lhe acariciar os seios sedosos, a veia pulsante no pescoço, o lóbulo macio da orelha. Ao mesmo tempo, seus dedos a afagavam na parte interna das coxas.

Então, bem devagar, com muito cuidado, seu toque explorou a fenda úmida e macia entre as pernas, enquanto ela se contorcia. E quando o corpo de Emmeline estava escorregadio de suor e tremendo, Niall moveu-se, colocando-se sobre ela, deixando que

sentisse seu peso, sua força, a rigidez tensa de seu falo a cutucá-la. Beijou-a de novo, dessa vez longa e avidamente, até que ela parasse de lutar. Afastou-se, pegou um punhado dos cabelos emaranhados e puxou-lhe o rosto para baixo.

— Se me morder — resmungou —, vou estrangulá-la aqui, na cama.

Quando Emmeline sacudiu a cabeça para cima e tentou se afastar, Niall puxou-a de volta pelos cabelos. Achou que deveria fazer algo mais, pelo menos ameaçar surrá-la, porém, com um soluço alto, ela se rendeu. O primeiro toque dos lábios dela quase o aniquilou. Seu pensamento rápido, torturado, foi de que pelo menos disso ela não havia se esquecido.

Abraçou-a, uma das mãos agarrando-a pelo ombro, a outra enterrando-se nos cabelos úmidos. O calor da boca de Emmeline envolveu-o ao mesmo tempo que ele lhe ouvia o soluço abafado.

Porém, ela estava fazendo o que ele queria que fizesse. E como estava fazendo!, pensou, aturdido. Ele mal conseguiu manter a sanidade quando ela primeiro correu a língua pela ponta rígida de seu falo tenso e depois deixou que escorregasse para lambê-lo e sugá-lo com aquela boca quente e deliciosamente molhada. E deveria saber como isso o torturava, pois, de repente, apertou-lhe as nádegas, enquanto deslizava a boca para cima e para baixo em sua carne rija.

Um rosnado de agonia explodiu de dentro dele. Niall já oscilava à beira de um êxtase louco. Foi ele que se rendeu primeiro, tomando-a nos braços e puxando-a depressa sobre o peito.

Estava delirante, enlouquecido de desejo de possuí-la. Virou-a, deitou-a de costas, ergueu-lhe os joelhos e penetrou-a com ímpeto, sem dar atenção aos gritos engasgados de Emmeline.

Ah, céus, mas como ela era apertada, macia e ardente, a espremê-lo com toda a força do corpo que protestava! Contudo, ele honraria a palavra dada ao garoto. Não iria tratá-la com grosseria.

Conforme se afundava naquela suavidade flexível, ele lembrou-se de deslizar a mão entre os dois e massagear o pequeno botão feminino. Emmeline saltou em seus braços e gritou, mas ele continuou a acariciá-la. Por fim, ela o segurou pelos ombros, enterrando as unhas em sua pele.

A carícia no ponto nevrálgico feminino dissipou as últimas resistências de Emmeline, que começou a contorcer-se sob Niall, gemendo. Ele a agarrou pelos quadris, ergueu-a da cama e se enterrou dentro dela.

Ao alto, a cama sacudia, as cortinas balançavam tal como havia acontecido naquela noite, tanto tempo atrás. Niall a penetrava com uma violência que quase os atirou dos lados. Então, com um rugido, ele investiu uma última vez e esparramou-se sobre ela, arquejante.

Nunca houvera, ele percebeu, vagamente, outra mulher que o excitasse tanto. Ela era um demônio de cabelos de fogo, má e trapaceira como naquele dia, anos atrás, mas quando a segurava nos braços, isso não importava.

E agora, Deus o ajudasse, ela era sua esposa.

Enquanto ele jazia esparramado sobre seu corpo, Emmeline de repente empurrou-o com ambas as mãos e rolou para longe dele. Virou-se, erguendo-se num cotovelo, e o encarou.

Niall sabia com certeza que não a tinha machucado. Por isso, foi tomado de

surpresa quando a próxima coisa que percebeu foi que ela erguia o punho e o descia em sua face.

Ele saltou, ereto, na cama, levando a mão ao nariz. Encarou-a, admirado. Emmeline devolveu o olhar, soluçando alto.

Por todos os santos, a criatura o acertara! E logo quando ele estava se orgulhando de ter feito tudo sem usar o recurso de surrá-la.

Com um gesto brusco do dorso do braço, Niall derrubou-a da cama. Ela escorregou com o traseiro nu do outro lado e caiu no chão. Ficou sentada ali, rodeada pelas roupas esparramadas, com ar aturdido.

Ele esfregou o nariz. Viu, incrédulo, que sangrava um pouco. Ela tinha um punho respeitável para uma mulher miúda. Mas, por Deus do Céu, ele não tinha qualquer intenção de lhe dar a chance de fazer isso de novo. Estendeu a mão pela beirada da cama, pegou-a por um braço e puxou-a de volta para a cama. Teve de arrastá-la; o corpo úmido e lúcido do brilho das correntes de ouro e dos brincos dançantes estava frouxo, passivo.

Acomodou-a, deitada, a seu lado. Havia uma coberta em algum lugar. Niall sentou-se de novo, pegou a manta e puxou-a sobre os dois. Em seguida deitou-se com um gemido.

O vento da tempestade rugia em torno das pedras da Velha Fortaleza e fustigava algo solto no pátio. O quarto era úmido, gelado até, como sempre era o verão na região de fronteira. Teria de mandar arrumar a lareira quando os pedreiros chegassem.

A mulher a seu lado choramingava.

Esposa, Niall lembrou a si mesmo. Virou a cabeça e viu-a olhando para o cortinado azul acima de suas cabeças.

O calor de seus corpos nus finalmente começava a aquecer as cobertas frias. Niall sentiu uma pontada aguda de dor na perna machucada. Mas estar deitado ali, ouvindo a chuva cair, de repente era bastante agradável. Milhares de vezes mais que dividir uma manta e as pulgas com Walter.

Em algum lugar, além das montanhas, o príncipe de Gales, Cadwallader, esperava para atacar todos que ele acreditava terem feudos no vale. Somado a isso, havia os cavaleiros da guarnição de gascões, aguardando o melhor momento, esperando o resto da paga. E em Londres, o rei Henrique aguardava impaciente sua parte dos lucros futuros.

Niall esticou o braço, curvando a mão para tocar o ombro nu de Emmeline. Deixou os dedos deslizar pela pele macia. Por enquanto, disse a si mesmo, ele tinha mais do que alguma vez havia imaginado ter na vida: o Castelo Morlaix e a terra pela qual seu pai ficara com o coração partido; a bruxa de cabelos de fogo que assombrara seus sonhos por longos anos. Uma riqueza incontável. Até mesmo um filho.

Depois de todos os anos famintos da infância e juventude, e da guerra que o transformara no jovem e famoso comandante cavaleiro do rei, mortífero e implacável, aquilo tudo era seu.

O pensamento foi como uma luz triunfante estourando em sua cabeça, uma estrela flamejante penetrando fundo em sua alma.

E, agora, Niall disse a si mesmo, era sua insana tarefa tentar manter tudo aquilo em suas mãos.

Capítulo X

— Não, não! — Walter Straunge gritou. Meteu-se na confusão, agitando os braços para separar os combatentes. — Cutilada, não murro! Não vai conseguir nada usando a espada como porrete, a não ser uma lâmina estragada.

O garoto mais alto deu um passo para trás na mesma hora.

— Eu estava fazendo como disse, senhor.

— Não, não estava. — Walter pegou as espadas de madeira, enfiou-as embaixo do braço e agarrou Magnus pelo ombro. — Tenho olhos para ver, garoto. Você luta como um ajudante de cozinha armado com um espeto de assar!

Era óbvio que o garoto menor, Tom, não era páreo para o enteado do novo lorde. Nem era tanto uma questão de altura, mas, como a maioria dos garotos da cidade, ele não tinha o entusiasmo para o estilo de luta de um cavaleiro. Varas de carvalho e pedras eram as armas dos aprendizes, não espadas. Por outro lado, Magnus pedia muitas desculpas. Em alguns outros lugares, tais como na casa de um conde, tirariam essa tendência dele na base do chicote.

Agora, Walter notou, o garoto se postava com as mãos de lado, encarando-o corajosamente, embora esperasse, claro, ser castigado por mentir. Isso pelo menos ele tinha aprendido, afinal, nas últimas semanas.

Olhando para aqueles olhos castanho-amarelados tão jovens, Walter deu-se conta, mais uma vez, da semelhança com os de Niall FitzJulien. Todo mundo sabia que havia uma história ali: a guarnição inteira murmurava sobre isso. Se o lorde de Morlaix quisesse algum dia negar que aquele pirralho era seu, seria duramente contestado; era como olhar num espelho que apenas reduzisse o tamanho.

No entanto, o que quer que pudessem dizer sobre o casamento apressado com a viúva do ourives, isso havia proporcionado, num átimo de tempo, tudo o que desfrutavam agora. Os pedreiros tinham vindo de Wrexham quase imediatamente quando souberam que seriam pagos com moedas de prata. Assim como os carroceiros e os marceneiros que faziam algazarra, dia e noite, pelo lugar.

Walter estendeu a espada de madeira de novo para Tom. O garoto estava desanimado, pensando em começar tudo de novo, até que ele explicou o que queria.

— Por ter mentido para mim — disse ao aprendiz —, seu adversário deve se defender sem uma arma. Os dois garotos o encararam.

Tom olhou para Magnus e passou a língua pelos lábios.

— Posso vencer numa luta justa, quando ele não tiver arma para revidar? Walter tocou-lhe o ombro nu.

— Ah, garoto, você entendeu o espírito da coisa, não é?

Deixou-os olhando um para o outro com cautela e voltou ao seu assento, na barreira do pátio do estábulo. O sol estava quente. O ano se aproximava de seu zênite, o

dia do solstício de verão. Perto dos estábulos, o cheiro de estrume de cavalo era forte.

Do outro lado do pátio, uma fila de carroças subia a estrada do castelo e passava pelos portões da guarita para serem descarregadas e, em seguida, fazer o caminho de volta com muito barulho e levantando poeira. A praça estava movimentada com os construtores e seus carrinhos de mão, escudeiros cuidando dos cavalos e os criados apressados e suados do ourives descarregando os bens da casa da senhora de Morlaix.

A mansão do ourives na cidade estava sendo lentamente esvaziada. O pátio começava a parecer um lugar cheio dos espólios de guerra. Tochas de ferro iluminavam a praça à noite, carretas com sacos de grãos estavam paradas esperando ao lado da cozinha que acabara de ser construída, e a grama estava cheia de galinhas aguardando para serem engaioladas. Havia até mesmo camas nas barracas dos cavaleiros, algo quase desconhecido mesmo nos melhores tempos.

Walter recostou-se para observar os garotos, a quem tinha permitido que tirassem as camisas. Rodeavam um ao outro sob o sol quente, com os peitos magros estufados como galinhos impetuosos.

Tom atacou Magnus, que ergueu as mãos e levou uma série de estocadas nos braços e nos ombros.

— Ai, ai! — berrou, lançando olhares de piedade para Walter.

Cheio de coragem, o pequeno Tom disparou vários golpes no topo da cabeça de Magnus. A cada vez, Magnus gritava. Pelo canto do olho, Walter viu a senhora de seu novo lorde afastar-se de suas aias e atravessar o pátio. E ele sabia por que ela estava se aproximando.

Ele gostaria de contar com alguns instantes a mais para ver o desfecho do combate. Magnus, porém, com um calombo na testa e um pouco de sangue escorrendo do corte, finalmente avançou sobre Tom e arrancou a espada de madeira de suas mãos.

— Pela c-cruz! — O garoto mais alto estava vermelho e cuspiendo de raiva. — Você queria me *machucar*, não queria, s-s-seu ratinho? Tudo o que quer é uma vantagem injusta!

Tom tentou manter seu terreno, mas, girando a espada como uma foice, Magnus o atacou, acertando-o nas costelas.

— Parem! Meninos! Parem! — Como Walter esperava, a esposa do lorde chegou correndo, com um farfalhar de saias. — Santa Mãe de Deus, quem lhes disse para enfrentarem um ao outro? Olhe para Magnus, ele está sangrando!

Ela usava o cabelo enrolado num pano branco, mas cachos de um ouro avermelhado caíam-lhe pela testa e em torno do rosto. Mesmo sem o dinheiro do ourives que viera com ela, só um cego resistiria à nova esposa do lorde. Ela bateu o pé, furiosa.

— Estou dizendo para pararem! Não quero meu filho aprendendo esgrima. Ele está treinando para ser um joalheiro!

— Milady — disse Walter —, eu faço o que o lorde de Morlaix me diz para fazer.

Quando ela os agarrou pelos braços, Tom e Magnus debateram-se nas mãos da senhora. O jovem aprendiz tinha lágrimas nos olhos, depois de ter provado qual seria sua verdadeira sorte na vida. O outro garoto, ofegante e triunfante, tinha um vislumbre da *dele*.

Emmeline conseguiu separá-los e passou os braços em torno do filho, murmurando algo, afagando-lhe os cabelos molhados de suor. Walter tinha percebido que, quando ela conseguia levá-lo para longe de Joceran e dos cavaleiros da guarnição, ela lhe trazia bolo

e frutas e tentava enchê-lo de mimos. Joceran tinha ordens do lorde de não permitir isso.

Walter cruzou os braços e encostou-se ao barril. Sentia pena dela. O garoto não era um bebê, embora ela o tratasse como um. Imaginava que tivesse pouco foco para tanto afeto, e não era provável que achasse um no novo lorde de punho de ferro. Que, no momento, não estava muito longe dali, no pátio externo, com o escudeiro e o ferrador, ajudando a colocar ferraduras em seu cavalo de batalha.

— Mamãe — Magnus choramingou. — Olhe o que ele me fez!

Ela tentou colocar um pedaço de bolo de frutas na mão do menino, e Tom aproveitou o momento para dar um chute nas canelas de Magnus. Quando o aprendiz virou-se para correr, Magnus partiu atrás dele, girando a espada.

— Vou matá-lo! — berrou. Emmeline conseguiu segurá-lo pelo braço.

— Santo Deus, não diga isso! Tom Parry é seu colega aprendiz, seu amigo! Ele a encarou, furioso.

— Não agora! Não entende? *Agora*, ele não é!

O outro garoto correu entre as carroças para o pátio externo.

— Não vou mais ser aprendiz! — Magnus esbravejou e empurrou a mãe. — Nunca! Vou ser um cavaleiro! Walter levantou-se e limpou seu colete almofadado.

— Cavaleiros devem obedecer às senhoras suas mães. — Pegou-o pela orelha. — Peça desculpas, pirralho. Emmeline atirou-se sobre Walter.

— Largue-o! Está machucando o menino! Santo Deus, quer lhe arrancar a orelha?

Naquele momento, o lorde de Morlaix apareceu, acompanhado por Joceran e o ferrador de Chirk. Estava nu até a cintura, só de calças justas e botas. Puxou seu ganhão na direção deles, resmungando:

— Diabos, o que é essa gritaria toda? Não têm nada para fazer? Pode-se ouvi-los o caminho todo até a cidade. Magnus escapou e correu para ele.

— Oh, senhor, eu estava acabando com aquele ratinho do aprendiz, mas ele fugiu! — Brandiu a espada de madeira. — Pergunte a sir Walter. Ele me deu um castigo, mas fui corajoso e inverti a situação!

Niall olhou por sobre a cabeça do menino para Walter.

— Onde está o aprendiz agora? Magnus fez um ar de desdém.

— Fugiu para a cidade, o safado. Me acertou quando eu estava desarmado! Ah, senhor — implorou —, deixe-me ir atrás dele!

A mãe apressou-se a intervir, com o toucado caído pelos ombros e os cabelos cor de chamas tombando livres.

— Santa Mãe do Céu, não o mande atrás do pobre Tom. O menino já teve o suficiente!

— Maldição, não se intrometa! — vociferou o lorde de Morlaix. — E acrescentou para Magnus: — Se começou, termine. Magnus deu um grito de alegria e saiu correndo.

— Santo Deus, por que fez isso? — Emmeline levou as mãos aos cabelos. — Já é horrível eu nunca poder ver meu filho, mas agora você o está ensinando a ser como essa gentinha estrangeira que perambula por todo este lugar!

— Que besteira é essa que está falando? Quer que eu mande o garoto para a loja do ourives fazer com aquele outro uma porcaria de um anel de ouro? — Pegou o trapo

que Walter lhe estendia e enxugou o peito e os braços suados. — Julien vai ser um cavaleiro, não um mercador insignificante!

Por um momento, Emmeline prendeu a respiração. Então, explodiu:

— Ele não é um mercador insignificante! Sou filha de um cavaleiro de nascimento legítimo. Embora essa condição possa ser estranha a você! Sei por que está fazendo isso. Pensa que está se vingando!

Niall jogou o trapo de volta ao capitão.

— Pelas chagas do Senhor, continue com isso e mandarei o garoto para Londres, para a corte do rei! Henrique vai ficar bastante contente em tê-lo. Ela recuou um passo.

— Não pode fazer isso!

Ele inclinou-se para lhe gritar na cara:

— Não posso? Por Deus, sou o senhor aqui! A menos que o rei Henrique me diga que não, faço o que me agrada. E se pensar no que faço na cama com você, senhora, vai entender a maldita verdade disso!

Emmeline deixou escapar um grito sufocado de humilhação. Walter Straunge estava de pé do lado. Àquela altura, o castelo inteiro podia ouvir o lorde e sua esposa gritando a plenos pulmões. Seria natural pensar que se detestavam.

Era certo, Walter não pôde deixar de pensar, que o lorde a atormentava por causa daquele menino mimado. Mas o que a senhora de Morlaix dissera a respeito de nascimento legítimo, já que todos sabiam que o pai de Niall FitzJulien era filho bastardo de um conde, não fora para acalmá-lo também.

Viu a expressão dela mudar de repente, e ela baixou os olhos verdes faiscantes.

— Eu lhe imploro, milorde, peço só um pouco de bondade. Não para mim mesma...

— Ora, eu lhe dispenso tanta bondade quanto você dispensa aos outros. Em becos dos fundos! Devo lhe dizer agora, na frente de todos que possam me ouvir, que tipo de “bondade” é a sua?

Emmeline o encarou por um segundo, como se fosse dizer alguma coisa. Então apertou os lábios, ergueu as saias e voltou a atravessar a praça. Walter observou-a afastar-se. As palavras sobre o que o lorde conseguia dela na cama pairavam em sua mente quando ele contemplou-lhe o gingar dos quadris sob as saias pesadas.

— O garoto é forte — disse, com ar ausente —, e tem um bom braço. Mimado pela mãe como é, pode ser que o treinamento seja o melhor a ser feito no caso dele.

O homem a seu lado não deu sinal de ter ouvido, conforme continuava parado observando a mulher que se afastava. Então, sem uma palavra para Walter, virou-se e foi embora.

Uma das aias de Emmeline, com os braços cheios de bacias e travesseiros, veio de encontro a ela.

— Oh, senhora! — exclamou, cheia de pena.

— Calma — disse Emmeline. — Dê-me isso.

Pegou os travesseiros dos braços de Hedwid. Tinha dito a si mesma que não iria chorar ali na praça, com metade do castelo olhando. As outras aias a acompanharam, murmurando palavras de simpatia.

Emmeline continuou andando para a velha fortaleza, pelas escadas da torre, com as aias logo atrás. Assim que entrou no quarto do lorde, jogou os travesseiros na cama e

sentou-se na beirada, querendo que as lágrimas chegassem. Não chegaram. Ela ainda estava muito brava. Inclinou-se e segurou a cabeça nas mãos. Jesus abençoado, só poderia culpar a si mesma!

Cloris, a casamenteira, tinha tentado chamá-la à razão, avisando-a de que tinha esperado muito tempo para se casar de novo. Tudo o que a mulher dissera tinha se tornado realidade. Ela fora capturada e casada à força com um senhor implacável que só queria seu dinheiro. Agora estava presa. E depois, havia Magnus. Niall FitzJulien poderia cumprir as ameaças, mandando-o para a corte do conde, em Chester. Ou pior ainda, para Londres, para o rei Henrique. Poderia até mesmo colocá-lo num mosteiro como um oblato, uma criança presenteada a Deus para se tornar um monge!

Ela esfregou os olhos que queimavam.

Que Deus o levasse, o grosseirão irlandês que a mantinha cativa acreditava ser o pai de seu filho. Mas aquele aventureiro de braço de aluguel que a obrigara ao casamento, desmontara sua casa, roubara seus cofres-fortes e a fortuna que havia neles, não era e nunca seria o jovem cavaleiro ansioso que a havia segurado nos braços naquela mesma cama, anos atrás. Jamais! Ela rejeitava a ideia com fervor.

Jogou-se de costas nas cobertas com a mão na boca. Oh, Mãe Abençoada, aquela noite nos braços dele fora um pecado contra Deus e a natureza! Ela o tomara voluntariamente dentro do próprio ventre para ter um filho com alguém que não era seu marido legítimo. E isso, todo mundo sabia, era o pecado mortal do adultério.

Deus a estava castigando. Se durante todos aqueles anos algum dia tivesse confessado seu crime terrível a um padre, ela sabia que ele lhe diria que ela teria de viver com esse castigo para sempre. Não apenas nesta vida, mas além.

Sufocou os soluços que subiram à sua garganta. Contudo, por mais que tentasse, não conseguia sentir arrependimento. Santo Deus, nem mesmo agora!

Pior, pensou, ao erguer os olhos para as cortinas ao alto, ela sonhara com aquela noite durante anos. Nunca havia parecido uma coisa pavorosa, ter gerado um filho com um jovem cavaleiro de quem se lembrava como tão belo, tão ardente, tão cheio de ternura.

Mas não podia ficar deitada ali por mais tempo pensando nisso. Rolou de lado e levantou-se da cama. As velas queimavam no toco, e o quarto estava começando a ficar escuro; ela olhou ao redor à procura de mais velas, mas as criadas ainda não as tinham levado para cima.

Precisava fugir. Não suportaria viver com aquele normando-irlandês cruel e de baixa extração, que além de tudo o que tinha feito, corrompia Magnus, seu belo e gentil garoto que vivia feliz aprendendo o ofício de ourives. O maldito tentaria fazer de Magnus outro cavaleiro. Outro bandido assassino como ele próprio.

E Deus e os santos sabiam, Emmeline pensou, enquanto andava de um lado para o outro no quarto, o desejo incessante daquele homem por fornicar punha em rebelião o seu corpo. Ele não a deixava em paz. Ansiava por deitar-se com ela toda noite da semana até ela chegar a rezar para que seu fluxo menstrual viesse, quando tinha uma desculpa para ir dormir com as aias.

Sabia que ele a desejava, disse a si mesma, ao se virar e andar pelo quarto de novo. Precisava de filhos, herdeiros, e de arranjá-los o mais depressa que pudesse. Era isso o que todos os homens da classe dele pensavam.

Pior, nem sempre ela conseguia recusá-lo. Com sua perícia de bordel, ele sabia como lhe despertar a paixão até fazê-la gemer como um animal em seus braços,

implorando desavergonhadamente pelo gozo. Niall FitzJulien fazia isso para que ela se visse para sempre sob o seu domínio.

Virou-se e foi até a janela do lado da torre, construída para os antigos senhores inspecionarem seus domínios, e apoiou os cotovelos no peitoril. As venezianas estavam abertas, o ar da tarde ainda quente.

Da velha fortaleza, o castelo dominava o vale que os galeses ainda chamavam de Llanystwyth, embora fosse conhecido havia muito tempo pelo nome normando de Morlaix. A janela dava para o oeste, e a região da colina era cortada pelo fio reluzente do rio. Abaixo, nas terras do castelo, o trigo e a cevada estavam amadurecendo, ondulando em verde-dourado contra o solo escuro dos campos recém-arados. Naquela região úmida, a neblina subia dos cumes das montanhas como fumaça e, quando o sol aparecia depois da chuva, produzia um céu cheio de arco-íris.

A região de fronteira de Gales era verde e fértil. O povo do campo e da cidade, se deixado em paz para trabalhar a terra e comerciar sua fartura, tornava-se próspero, bem-alimentado. Somente reis e nobres, e seus cavaleiros, queriam destruir tudo aquilo com suas guerras.

Emmeline ergueu-se na ponta dos pés e debruçou-se o quanto pôde para ver uma fila de carretas que voltavam da cidade, cruzando a ponte, carregando mais pertences de sua casa.

Gostaria de não se sentir tão aflita. Mas para fugir, precisava pegar seu dinheiro. Com ouro suficiente, poderia levar Magnus e ir para o Norte, a Chester, e embarcar num navio para a Escócia ou França. Pelo caminho, tinha certeza de que pelo menos a corporação dos ourives a ajudaria.

Mordeu o lábio.

Niall FitzJulien tinha seus cofres cheios de ouro e seus livros de contabilidade. E Deus o amaldiçoasse, ela não sabia onde estavam guardados! Mesmo que soubesse, não conseguia pensar num jeito de obtê-los.

Porém, de alguma forma, pensou com tristeza, precisava salvar Magnus e a si mesma. Se ficasse ali, se fosse obrigada a viver com ele, Emmeline sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de matá-lo.

Mais tarde, naquele dia, um bando de mascates apareceu, vindo da vila. Primeiro, tinham ido procurar os burgueses da cidade para pedir permissão. Os mercadores haviam examinado seus pacotes para se certificar de que nada que era feito no vale fosse vendido por eles ali. Só então os mascates tinham deixado a estrada do rio e seguido para o castelo.

Quando os ambulantes passaram pelo portão da guarita, foram saudados com gritos de empolgação, principalmente pelas aias de Emmeline e pelas moças da cozinha, que caíram como abelhas sobre as fitas e pentes elegantes, pomadas para a pele e unguentos para deixar os cabelos mais volumosos e mais bonitos. Baudri Torel, agora mordomo-mor do castelo, saiu com um meirinho para inspecionar os utensílios de cozinha. Até mesmo os cavaleiros perambulavam por ali, seguindo as moças, e se postavam zombando e flertando com elas ao lado da porta da cozinha.

A cozinheira comprou blocos de sal e examinou os saquinhos de pano com especiarias: cravo e canela trazidos da Terra Santa através da França, alho seco, ervas raras de Veneza e de Malta.

Emmeline comprou agulhas de costura de Toledo, leves como plumas, objetos feitos de osso e babados de seda preta para prender numa capa. Não tinha dinheiro seu;

teve de mandar um dos cavaleiros buscar com o senhor do castelo, o que a aborreceu. Era a primeira vez que tinha de pedir seu próprio dinheiro.

Torel puxou-a do lado do jovem vendedor de especiarias.

— Os preços estão muito altos — disse em voz baixa.

Emmeline não duvidava. Tudo estava escasso, os preços nas alturas, embora a guerra tivesse acabado mais de três anos antes. O mascate protestou:

— Só a canela vale seu peso em ouro! Chegue perto e escute. — Fez um sinal para que sentasse ao lado de seu pacote aberto sobre a grama. — Juro, o ouro é o contrapeso quando tanto a canela quanto o cravo são pesados.

Ele a tomava por alguma esposa de um soldado normando de miolo mole. Emmeline inclinou-se para encará-lo.

Santa Virgem Maria, ele não era um monge dessa vez, Emmeline viu, com um choque. Mas imitava um mascate de modo muito convincente com um sorriso de soslaio e um gorro verde vistoso sobre os cabelos castanhos. Com um gesto rápido, ela dispensou o administrador.

— Eu mesma cuido disso.

O mascate escolheu aquele momento para quebrar uma rama de canela em pedaços, e apertou-os na palma da mão de Emmeline. Esfregou-os para cima e para baixo com o dedo. O aroma pungente subiu no mesmo instante.

— O que, em nome de Deus, está fazendo aqui? — ela murmurou. Ele sorriu.

— Ah, se quisesse pelo menos cheirá-la e prová-la — respondeu o emissário —, veria o que quero dizer. Fez um longo caminho no dia de hoje. — Encarou-a com os brilhantes olhos azuis. — De longe, de além-mar.

Emmeline encostou a ponta da língua nos pedaços de canela. “Muito longe” significava a França. Ele carregava ouro, desta vez do rei Luiz, em Paris, para passá-lo para o príncipe Cadwallader de Gales.

Nesse momento, o gosto forte da canela encheu sua boca, e Emmeline percebeu o quanto se envolvera naqueles complôs. Era esposa do lorde agora, praticamente uma prisioneira ali no castelo. O emissário entenderia se ela tentasse lhe dizer?

Com cuidado, devolveu os pedaços esmagados de canela para dentro do saco de pano que ele lhe estendeu, tentando raciocinar.

Aquele não era um plano seu, mas do falecido marido, que Deus desse descanso à sua alma. Até morrer, Bernard Neufmarche havia recebido entregas regulares de ouro do rei francês para mandá-lo a Gales. O dinheiro, pelo menos nos anos iniciais da guerra, ajudava o rei Estevão nos ataques dos galeses aos castelos da rainha nas fronteiras. Às vezes, Emmeline descobrira, ia para subornar o príncipe galês, Cadwallader, para fazer o que quer que julgasse melhor para servir os próprios interesses. O que muitas vezes se resumia a não dar apoio a nenhum dos lados.

Quando o rei Estevão morreu e o filho da rainha, o jovem rei Henrique, por fim ascendeu ao trono, o ouro, para surpresa de Emmeline, ainda passava pelos portos do Leste, transportado por um novo emissário. De Morlaix, a casa do ourives o entregava aos pastores para transportá-lo pelas montanhas. Nos últimos anos, contudo, não era apenas o suborno do rei Luiz, de Paris, mas agora também ouro e prata eram enviados secretamente pelos próprios inimigos ingleses do rei Henrique, alguns poucos de seus nobres aparentemente leais que desejavam manter Gales forte e rebelde. Entre eles, estava o poderoso Hugh Bigod, um dia seguidor do príncipe, que agora se opunha

disfarçadamente a Henrique Plantageneta.

— A loja — disse Emmeline, pegando outro saco de pano e cheirando — está fechada agora. Os olhos do emissário estavam velados.

— Diga-me onde deixar meu fardo. Deve cruzar as montanhas em breve, como é esperado.

Ela devolveu-lhe o saquinho da especiaria, sem saber o que fazer. Então, veio-lhe o pensamento: o ouro que o emissário carregava, destinado a comprar os favores do príncipe Cadwallader, era justamente o que ela precisava para resgatar Magnus e a si própria dali.

Santo Deus, que ideia inteligente!

Encarou o emissário por um longo instante, com a mente cheia de tentação furiosa.

Era perigoso até mesmo pensar em tal coisa! Se roubasse o ouro, se não o passasse para os pastores para ser levado para Gales, mas o pegasse para comprar passagens da Inglaterra para a Noruega ou Dinamarca, para si e para Magnus, eles iriam atrás dela para matá-la.

Emmeline mordeu o lábio. Por outro lado, talvez não, se ela sumisse logo antes que dessem pela falta dele.

O emissário a observava atentamente.

— Devo levar de volta? — perguntou. — Será a primeira vez em todos esses anos que minhas encomendas não chegaram aonde deveriam. — Deu de ombros. — Se for o caso, teremos de encontrar alguma outra...

— Não, não — Emmeline murmurou depressa. Pegou os sacos de canela e cravos e entregou-os a Hedwid, que acabara de chegar. — Ache alguém para pagar por isso — disse à criada.

Apenas me deixe pensar.

No dia seguinte, ela voltaria à mansão com as carroças e uma escolta de cavaleiros. Daria uma desculpa de que a casa quase vazia precisava ser deixada em ordem. Que precisava encontrar caseiros; era uma casa boa demais para ficar desocupada.

— No mercado, na praça — disse, quando Hedwid se aproximou com as moedas. — Ao meio-dia, amanhã.

O emissário do ouro concordou. Pegou seu fardo da grama, enfiou os sacos de especiarias dentro dele e afastou-se para o meio da praça. Emmeline, tremendo de excitação, deixou a criada recolher as compras.

Capítulo XI

O menino ajoelhou-se nos juncos com um dos joelhos, segurando a bandeja com mãos trêmulas. Thomas Becket olhou para o pajem, sem se dar conta do escudeiro que espreitava no fundo, esperando evitar desastres.

— Posso servi-lo, milorde? — a criança flauteou.

O chanceler da Inglaterra estudou a bandeja de pombos assados e cebolas que o garoto erguera à altura dos olhos. A boca de Becket torceu-se. O Castelo Morlaix parecia infestado de ruivos. Seus informantes tinham lhe contado alguns dias atrás que o garoto era o novo enteado de Niall FitzJulien. Apesar disso, conforme seus espiões também tinham apontado, a semelhança incomum indicava algo mais. E ele não pôde deixar de pensar que o rei Henrique, um *connoisseur* de boas histórias, adoraria essa.

Ao longo da mesa principal, a observá-los embora tentando prestar atenção ao superior do mosteiro cisterciense a seu lado, estava a mãe do menino ruivo. Ela também tinha os cabelos da cor de cobre recém-polido.

A nova senhora de Morlaix, tinham dito ao chanceler, era filha e neta de cavaleiros, e seu avô fora o venerável Simon de Wroxeter, famoso sábio e amigo íntimo do velho rei Henrique. Mas a família não tinha dinheiro, como era muito comum na nobreza mais baixa. Assim, sem dote, a moça fora casada na classe dos mercadores, com um ourives idoso, já havia muito tempo falecido.

Thomas avaliou o menino ruivo por um longo instante.

— Tire o dedão do prato quando servir — disse. — Esse contato no molho me ofende.

O escudeiro escutou e, imediatamente, adiantou-se. Thomas Becket dispensou-o com um gesto.

— Está me ouvindo?

Apavorado, o garoto mal conseguiu concordar com a cabeça.

— Não sei que educação rude dão aos meninotes por aqui, nas terras agrestes da fronteira de Gales — o chanceler continuou no mesmo tom agradável —, mas quando treinar para servir seus melhores, algumas ideias deveriam estar em primeiro lugar em sua cabeça. Tais como, um polegar tão sujo como esse que você tem pertence à *borda* do prato, não ao molho.

Estava deixando claro seu ponto de vista, como normalmente fazia, com suavidade e ao mesmo tempo uma delicada aspereza. O menino tremia. Atrás dele, Thomas ouviu o mestre da corporação dos laneiros rir à socapa.

Thomas permitiu-se esboçar um sorriso gelado. A verdade da questão era que embora o arcebispo Teobaldo o tivesse elevado ao posto de arqui-diácono da Inglaterra alguns meses atrás, o próprio Thomas vinha de uma família de mercadores. Os Becket eram prósperos fornecedores e mercadores de velas nas docas de Londres.

— Um rapaz promissor, o jovem Magnus — o mestre de ofício comentou. — A nova senhora aqui... — hesitou. — Isto é, a esposa do lorde, lady Emmeline, pensou em pôr seu garoto como aprendiz no comércio de ouro do pai dele, o velho Bernard Neufmarche. Mas o marido dela... sir Niall quer treinar o enteado para ser um cavaleiro.

— Hum... — Thomas pegou a colher de madeira da bandeja e serviu-se de outro pombo assado.

Era melindroso quanto à rústica comida provinciana e sempre viajava com seus próprios cozinheiros. Mas pelo cheiro que subia das aves, ele percebeu um toque de mel e canela. Talvez a senhora de Morlaix já tivesse dado um toque sofisticado na nova

cozinha.

Ao redor da praça gramada, pois jantavam fora, já que o salão do castelo ainda tinha de ser completado, estava a comitiva do chanceler, composta de soldados, cavaleiros, cozinheiros, cavaleiros e ajudantes de cocheira, e seu pequeno exército de criados pessoais. Moscas e mosquitos vinham do fosso, assim como o mau cheiro habitual. Os criados que traziam a comida das cozinhas tinham de passar por cima dos carrinhos de mão dos pedreiros e das tábuas para chegar às mesas. Mas o sol da tarde que declinava atrás das muralhas do castelo era dourado, e o jantar se tornara alegre, de certa forma. Só os monges cistercienses que o arcebispo mandara para Morlaix para a nova capela faziam uma refeição frugal de pão preto e repolho salgado.

Thomas estudou os monges por cima da borda de sua taça. Ao acompanhá-los a Morlaix, ele agia segundo sua posição de arquidiácono, em vez de ministro-chefe de Estado do rei Henrique. Os cistercienses eram uma ordem formidável, agora dominada pelo monge Bernard de Clairveaux, e diziam que se dedicavam a rezar e à mortificação da carne, inclusive ao jejum e ao uso de túnicas de tecido de crina, como seu líder. Como resultado, sofriam uma dor constante, com as costas e as costelas perpetuamente flageladas e ensanguentadas e cheias de feridas inflamadas.

Thomas suspirou. Estava longe de ser um admirador das ordens de ascetas; seu próprio estilo luxuoso de vida era testemunha disso. Contudo, o arcebispo, sem dúvida, fora sábio em usar os cistercienses para restabelecer a Madre Igreja nas terras de fronteira. Por todos os relatos, o povo da região ainda era inclinado a várias heresias, à apostasia e ao paganismo. E não era possível confiar nas igrejas celtas da região, galesa ou irlandesa, que eram selvagens, indisciplinadas e a favor de estranhas teologias. Seus padres meio civilizados até se casavam. Isto é, quando suas vidas particulares não eram até mais escandalosas.

O chanceler tirou o punhal do cinto e cortou habilmente a carne do peito do pombo, usando a ponta para levar o bocado à boca. Outro pajem se aproximou, oferecendo ameixas frescas cozidas em soro de leite. Thomas meneou a cabeça.

Uma explosão de aplausos irrompeu da mesa principal. Além do fabricante de lã, sentavam-se ali o meirinho do conde de Chester e, depois dele, o novo xerife do rei para as terras da fronteira, embora de Londres. Do lado oposto ao mestre Avenant, estava um dos vassalos de aparência maltrapilha de FitzJulien, Hugh de Yerville. Aplaudiam um grupo de criados bem-vestidos que, de repente, aparecera no gramado na frente das mesas. Ao mesmo tempo, dois tocadores de gaita de fole e um de tambor se adiantaram.

O chanceler tomou seu vinho, reprimindo um sorriso. Tentar proporcionar algum tipo de divertimento, apesar do estado desordenado do castelo, não poderia deixar de ser apreciado. E podia ver que havia mais depois disso. Esperando do outro lado do pátio, um grupo de arqueiros carregava os famosos arcos galeses. Teriam uma exibição de tiros também. Um excelente divertimento.

Na verdade, isso era mais do que Thomas havia esperado. Talvez, pensou, conforme limpava a boca e se recostava no banco, o irlandês não tivesse sido uma má escolha para ter a posse de Morlaix, afinal. Estava bem ciente de que FitzJulien era de uma certa forma carente em linhagem de sangue, por mais que o pai fosse filho bastardo de um conde. A mãe era irlandesa... uma raça instável, imprevisível.

Na corte, fora amplamente discutido que Henrique se mostrara muito generoso em fazer de FitzJulien um barão. O famoso jovem comandante da velha rainha tinha sido, afinal, mais que um aventureiro tosco: mostrara-se eficiente. O rei, porém, era fervorosamente leal aos defensores de sua mãe, e não era possível deixar de admirar os primeiros movimentos de FitzJulien ali em Morlaix. Na falta de dinheiro e de homens, ele

se apossara da viúva do rico ourives e, com ela, segundo os espiões do chanceler tinham lhe contado, um tesouro apreciável.

Deus sabia, ele pensou, olhando ao redor, o homem era diligente. A muralha baixa do castelo e as instalações da cozinha tinham subido em tempo recorde com a ajuda do próprio lorde, que não se julgava acima dos outros ao erguer uma tábua ou puxar um carrinho, quando isso servia de bom exemplo.

Becket fez um sinal para que o pajem ruivo enchesse sua taça de novo. Era uma pena que tivesse chegado quando FitzJulien estava fora, perseguindo os invasores de Cadwallader que recentemente tinham incendiado um vilarejo. Porém, isso lhe dava tempo para observar a disciplina e a boa ordem, o trabalho de reconstrução que prosseguia bem. Até mesmo os vilarejos, agora se apossando das praças de guerra, ele achara em melhores condições do que alguns nos outros distritos do rei.

Claro, havia também um ar silencioso de discórdia que, em algum momento, era possível de se notar. A nova esposa estava evidentemente infeliz por o escudeiro e o capitão de FitzJulien nunca ficarem longe do enteado do lorde. Por todos os olhares ansiosos que lançava ao garoto, eles nunca deixavam o garoto fora das vistas.

Ninguém iria se enganar tomando uma vigilância tão cerrada por dever de rotina. Será que mantinham o garoto longe dela? Será que o novo lorde de Morlaix, como as companhias dos ourives se queixavam em Londres, estaria mantendo o enteado como refém para assegurar a obediência da mãe num casamento criminoso que confiscara a maior parte dos bens da mulher?

O criado pessoal de Thomas aproximou-se com um odre de seu vinho francês predileto. Thomas fez-lhe um sinal para que oferecesse um pouco ao mestre Avenant e inclinou-se para a frente a fim de olhar do outro lado da mesa, para a senhora de Morlaix. Ela era uma coisinha deliciosa; sem dúvida, FitzJulien a apreciava plenamente. Por outro lado, o confisco de uma propriedade de um membro de corporação era um assunto sério. As corporações de ofício tinham se fortalecido muito durante a anarquia do reinado de Estevão, e agora se mostravam inflexíveis a respeito de seus direitos. Henrique mandara notícias da França ao seu chanceler de que qualquer que fosse essa queixa sobre a esposa de FitzJulien, ele não queria nenhum problema com as corporações.

Thomas Becket presumia que o tesouro do ourives devia ser grande para ter tentado o irlandês a se casar sem pedir permissão ao rei Henrique. FitzJulien tinha a reputação de ser impetuoso, mas era possível perceber que o dinheiro da viúva o ajudara enormemente; só era preciso olhar ao redor do castelo para ver o que isso havia realizado. Mas Thomas estava ciente de que um ato imprudente como um casamento significava uma multa imensa. A afeição com que o rei o favorecia... Thomas tinha plena consciência de que FitzJulien salvara a vida do jovem Henrique no cerco de Atliers... dificilmente ajudaria o irlandês nisso.

Tomou um gole de vinho e rolou a bebida pela língua, saboreando-a. Ao seu lado, o fabricante de lã apreciava os moradores das vilas dançando sua música regional. Thomas sabia que o mestre Avenant estava impaciente para tratar de negócios.

O arqui-diácono estava supervisionando a destruição de alguns dos castelos ilegais dos defensores do rei Estevão quando recebera a petição que os burgueses tinham enviado. Isto é, sobre o casamento forçado de uma mestra de ofício com o senhor local e a apropriação da propriedade do ourives pelo lorde.

Agora, ele pensou, observando-a, a viúva estava muito bem-casada para que houvesse algum jeito de desfazer isso. A fortuna do ourives era que precisava de acerto. Thomas diria ao rei Henrique que pedisse pelo menos metade dessa fortuna como multa

pelo casamento sem licença.

Os servos terminaram de pular e saíram em bandos na praça, seguidos pelos tocadores de gaita de fole e de tambor.

Soldados adiantaram-se para fixar os alvos dos arqueiros. Thomas avistou o administrador do castelo, vestido em belo veludo preto e correntes de ouro, que se aproximava da mesa principal para conversar com sua senhora.

Ela franziu a testa e, depois, levantou-se e inclinou-se no tablado para lhe dizer alguma coisa, aparentemente sobre os arqueiros. O criado de Thomas adiantou-se e serviu mais vinho no copo do amo.

— Vai gostar do espetáculo, milorde — disse Avenant. — Eles são mestres especialistas, esses atiradores de arco longo. O arco em si, que é tão alto quanto um homem, vai fazer uma flecha atravessar seis camadas de madeira a umas cem jardas.

Thomas murmurou algo em resposta. Estava observando a senhora de Morlaix. Ela usava uma túnica verde de lã, e tinha os cabelos cor de cobre trançados e torcidos com correntes de ouro e prata e pedras preciosas engastadas. Sem dúvida, FitzJulien devia orgulhar-se da boa sorte; era uma bonequinha suntuosa, delicada, mas bem provida de curvas. De repente, tentou imaginá-los juntos.

Thomas nunca tinha visto uma mulher nua. A corte inteira sabia que ele era casto, e se orgulhava disso, como tantos de sua profissão clerical. Havia muitos clérigos e auditores a serviço do arcebispo, como o chanceler, que escolhiam obedecer às leis de castidade por amor a Deus e, na maioria dos casos, às suas carreiras. O arcebispo demonstrava uma consideração favorável para com aqueles que eram fortes o suficiente para negar os anseios da carne. Thomas era abençoado, também, por ter amado profundamente sua devotada mãe, que o orientara e o ensinara, e morrera quando ele tinha apenas vinte anos.

Contudo, ele *tinha visto* pinturas lascivas. Pensava nelas, às vezes, quando observava mulheres elegantes como lady Emmeline de Morlaix.

As pinturas que tinha visto eram cruas, cenas vivamente coloridas enfileiradas em painéis de madeira, conservadas cuidadosamente trancadas a sete chaves pelos padres, e abertas só para a instrução de jovens sobre os terrores e as tentações que levavam à danação eterna nas profundezas do inferno.

Agora, as pinturas de prostitutas e meretrizes de repente voltavam vividamente à sua lembrança conforme ele observava lady Emmeline conversando com o administrador. Thomas olhou, fascinado, quando ela ergueu a mão para afastar uma mecha de cabelo da testa.

As mulheres nas terríveis pinturas alemãs germânicas estavam postadas com as pernas bem abertas para mostrar as partes da lascívia feminina. As meretrizes e prostitutas, estiradas de costas em cadeiras e sofás cheios de almofadas, com os corpos pálidos de joelhos bem separados, mostravam sua genitália estranha e chocante. Thomas tinha achado impossível tirar os olhos das dobras vermelhas e rosadas, os montes carnudos, tudo emoldurado por pelos escuros. E não pudera deixar de pensar que eram mais como bocas famintas, escancaradas no meio de uma barba.

Mesmo agora, ele não saberia dizer se a visão o assustara ou o excitara vergonhosamente. Lembrava-se apenas da assombrosa feiúra. E a lembrança ainda requemava em sua mente.

— Se quiser minhas ideias sobre isso, milorde — Avenant estava dizendo —, o que está acontecendo agora é o direito do lorde contra os direitos dos ofícios. Não foi escolha

dela se casar, foi *dele*. Estávamos todos lá para testemunhar, vimos como foi. Ele saltou sobre ela na hora do juramento e pôs as mãos em torno de seu pescoço, pôs sim. Com todo o devido respeito ao novo lorde, ele viu o que tinha a ganhar. — O laneiro respirou fundo. — Mas ela ainda é uma de nós. Uma ourives e uma mestra de ofício.

Thomas virou-se para o laneiro, de sobranceiras erguidas. Alguns chefes de ofício na região oeste da Inglaterra eram mulheres. Apesar disso, a Igreja se opunha vigorosamente à prática, e se empenhava em fazê-la desaparecer.

A senhora de Morlaix voltou a ocupar seu assento. Um arauto escolhido entre os cavaleiros da guarnição enfileirou os galeses com seus arcos no fundo da praça.

O chanceler inglês recostou-se para apreciar o torneio. Não nascera na classe guerreira, e preferia muito mais o tiro com arco e a luta livre aos esportes mais sangüinários, alguns dos quais tinham se tornado ainda mais sangrentos com a crescente popularidade dos torneios.

O que precisavam fazer primeiro, Thomas disse a si mesmo, era determinar o tamanho do tesouro do ourives.

Antes de começar a dividi-lo.

Da mesa principal, Emmeline observou os arqueiros de Morlaix formar uma fila para atirar. No último minuto, ela pedira a Torel para mudar os alvos de modo que os arqueiros ficassem de frente, num ângulo mais amplo de distância da mesa. Havia ainda muitos nas terras de fronteira que tinham aliança mais com os príncipes de Cymry do que com o jovem rei normando; ninguém queria ver o belo chanceler do rei Henrique levar uma flechada acidental no coração. Fora esse o jeito com que o primeiro rei normando, Henrique, encontrara o caminho para o trono da Inglaterra.

Mais importante ainda, Emmeline não queria provocar alarido e choro pela morte de alguém, quando pegasse Magnus e saísse sorratamente dali.

Teria de apressar-se agora, pensou, olhando ao redor. As sombras se encompridavam conforme o sol afundava atrás da muralha do castelo. Um emissário já tinha partido para as colinas de Gales a fim de encontrar Niall FitzJulien e sua companhia de cavaleiros para lhe contar que o chanceler do rei, Thomas Becket, havia chegado ao castelo. Portanto, o lorde de Morlaix voltaria em breve. Em quanto tempo, ela realmente não tinha certeza.

Olhou para as mãos torcidas no colo. Santa Mãe do céu, ela não tinha planejado que a fuga acontecesse tão depressa. Não sabia se as corporações de ofício da cidade que tinham dito que a ajudariam, Nigel, o jovem pisoeiro, em particular, haviam recebido sua mensagem.

O xerife sentado perto dela, um saxão de Wressex, chamou sua atenção para o primeiro voo de flechas. Todas aterrissaram no centro do alvo ou perto dele.

— Ah, milady, uma bela exibição! — Verdadeiramente, para fazer um torneio agora, eles terão de afastar os alvos.

Ela esboçou um sorriso ausente. Walter Straunge já mandara os soldados afastar mais os alvos. Assim que as estrelas começassem a piscar, por certo o chanceler terminaria a festa e, acompanhado por seu secretário, o meirinho e o xerife e o exército de criados, iria se retirar para o imponente acampamento na campina. Os monges cistercienses tinham pedido abrigo dentro do castelo, nos estábulos. Baudri Torel, depois de avisar Walter, providenciara para que alguns cavaleiros e soldados cedessem espaço.

Assim que seus hóspedes se recolhessem para passar a noite, ela iria até seus aposentos, pediria a uma das crianças que encontrasse Magnus e, de alguma forma, o

afastaria de seu cuidador, o escudeiro Joceran.

Gritos e aplausos ressoaram conforme os arqueiros fizeram um disparo espetacular. Emmeline esfregou a testa com o indicador e o polegar. Tinha de chamar uma das aias e pensar em alguma boa desculpa para tirar Magnus de perto do escudeiro. Um ponto entre seus olhos latejava dolorosamente. Tudo em que ela conseguia pensar era no ardil para afastar Magnus até as latrinas. Suas aias não fariam isso, a menos que ele estivesse doente. Portanto, alguém tinha de ficar doente.

Santo Deus, ela não era boa nesse tipo de coisa!

Emmeline fechou os olhos. O barulho dos aplausos aos arqueiros galeses ecoava em seus ouvidos. Ela ainda estava de posse do ouro que os inimigos do rei Henrique esperavam que mandasse para o príncipe Cadwallader. Era uma bela soma.

Se a coragem não lhe faltasse, era o que ela planejava usar para viajar para o Norte, até Chester, e então embarcar num navio para a Escócia ou Dinamarca. Quando deixasse Morlaix, sem dúvida seria perseguida não só por Niall FitzJulien, mas também talvez pelo príncipe Cadwallader, quando o galês percebesse que o pagamento em ouro não iria chegar até ele.

— Milady está pálida — o xerife observou. — Tome um pouco de vinho francês!

Emmeline conseguiu esboçar um sorriso. Quando fosse embora de Morlaix, deixaria para trás tudo o que conhecera desde a juventude: lembranças de seu marido, da vida confortável que ele lhe oferecera, sua valiosa mansão na cidade, suas aias, o negócio que aprendera a duras penas. Até mesmo a cama onde havia gerado seu filho.

Deixaria tudo isso carregando um saco de ouro roubado, fugindo para salvar a própria vida. Seu estômago revirou-se dolorosamente ao pensamento. Mas não viveria ali no Castelo Morlaix com um homem que abusava dela, que lhe tirara o filho, que lhe roubara a fortuna, que a obrigava a se deitar com ele! Se falhasse, e ele a capturasse, a traria de volta, a prenderia ou mesmo a mataria.

Engoliu em seco, aflita.

As corporações não permitiriam que o rei deixasse que isso acontecesse, Emmeline disse a si mesma. Era para o bem de Magnus, afinal; ela faria qualquer coisa para impedi-lo de ser um animal assassino como um cavaleiro.

Capítulo XII

— Não quero ir a lugar nenhum! — Magnus gritou, quando a mãe o arrastou para a trilha até o rio. — Quero ficar e ser um cavaleiro!

— Shh! — Emmeline murmurou. — Perdeu o juízo? Aquele louco que pensa que casou comigo vai transformá-lo num assassino. E me deixar na miséria, além disso!

Viu o rosto do filho como um borrão branco quando ele a encarou. Estava desesperada para sair dali; a qualquer momento, Walter ou Joceran descobririam que

Magnus tinha sumido. Emmeline disse a si mesma que explicaria tudo mais tarde. Em sua pressa, tropeçou numa raiz, quase arrastando os dois para baixo. Já passava bem da última hora canônica, e quase todo mundo fora se deitar, o que os ajudara, e muito, a fugir do castelo. Porém, estava escuro como breu ao longo da beira do rio. Andavam meio desamparados entre moitas e trepadeiras quando começou a chover. A cada poucos instantes, havia um clarão de um raio que indicava que uma tempestade descia das montanhas de Gales.

Emmeline estava procurando por Nigel, o pisoeiro. Estivera tão ocupada tirando Magnus do castelo que nem pensara que o mestre de ofício pudesse não responder à sua convocação. Ou que não conseguisse encontrá-lo ali, na escuridão ao longo do leito do rio.

Adiante, viram as ruínas da capela. Emmeline deixou escapar um soluço de alívio. Quando Magnus tentou recuar, ela arquejou:

— Venha, precisamos fugir deste lugar amaldiçoado! Ele empurrou-lhe a mão.

— Não quero! Quero ficar com Joceran e Walter. E com o lorde! Perto da nave arruinada, uma sombra destacou-se das demais.

— Santa Maria, eu podia ouvi-los chegando a meia légua de distância.

O homem entrou num retalho de luar. Viram o belo pisoeiro com sua barba curta e os olhos faiscantes. Ele estendeu uma capa marrom que trazia pendurada no braço para Emmeline. Franziu a testa ao ver Magnus.

— Por que trouxe o garoto? Ela o encarou, surpresa.

— Em nome de Deus, por que eu não o traria? Onde estão os cavalos?

— Correm rumores de que o garoto é de FitzJulien e não do velho ourives — disse ele. — Se isso for verdade, o senhor de Morlaix virá atrás de nós e nos matará. Emmeline tentou olhar em torno dele. Por que não tinha trazido os cavalos?

— Ele virá atrás de nós e tentará nos matar de qualquer jeito. Está com medo? Tudo o que precisa fazer é nos levar até Wrexham. A corporação dos ourives nos ajudará.

O pisoeiro aproximou-se.

— Sra. Emmeline, sou o único a responder à sua mensagem, os outros não virão. Dizem que está casada agora e que, se quiser justiça, deve apelar para o rei. Emmeline virou-se para encará-lo.

— O que está dizendo? Mandei uma mensagem. Sei que as corporações ao longo do caminho nos ajudarão.

— Ajudarão, se deixar o menino para trás. — Os olhos de Nigel desviaram-se para Magnus. — Talvez então o irlandês fique satisfeito e não a persiga. Quanto a mim — acrescentou, com a voz repentinamente rouca —, acredite quando digo que arriscarei tudo o que tenho para ajudá-la. Mas em nome dos céus, precisa dizer que gosta um pouco de mim.

Magnus puxou o braço de Emmeline.

— Mamãe, não vá. Vamos voltar! Ela encarou os dois, furiosa.

— Pelas chagas do Senhor, fiquem parados, vocês dois!

A chuva começou a cair sobre eles. Não tinham ido a lugar algum ainda, e Emmeline já estava ensopada. Agora, via-se sem cavalos e com um idiota apaixonado que queria que ela abandonasse o próprio filho e fosse embora com ele!

Andando devagar por causa do peso que carregava, ela fez Magnus dar meia-volta e empurrou-o para a trilha do rio.

— Jesus amado, como iremos a algum lugar a pé? — Estava muito brava. — Subornei metade do castelo para nos tirarem de lá, e agora, olhe para nós. O pisoeiro apressou-se a correr atrás dela.

— Sabe que gosto da senhora. Por Jesus que está no céu, escute a voz da razão! Para onde vai?

— Não há vau aqui, teremos de usar a ponte. — Quando Magnus enterrou os calcanhares no chão, ela o arrastou. — Juro, ninguém vai me manter aqui, não depois de tudo o que fiz para ir embora. Vou para a cidade arranjar cavalos.

— Está louca. — Saíram da cobertura das árvores. — Olhe para trás — o pisoeiro implorou. Corria para alcançá-la. — Descobriram que sumiu do castelo. Desceram a ponte levadiça.

Do outro lado do rio, alguém se aproximava da cidade. No escuro, mal conseguiram divisar uma coluna de cavaleiros, cujas armas e armaduras faiscavam com os raios.

— Mamãe! — Magnus gritou. — É lorde Niall voltando. Olhe...

Ela cobriu-lhe a boca com a mão. Correram para a ponte, que balançava de um lado para o outro. Mas Emmeline segurou o filho com firmeza. Não conseguiram atravessá-la. Um raio ziguezagueou no céu. Na claridade azulada, o cavaleiro na vanguarda os avistou, esporeou a montaria e disparou na direção deles. No seu lado da ponte, puxou as rédeas. O enorme corcel empinou, relinchando.

— Aonde pensa que vai, diabo dos infernos?! — esbravejou o lorde de Morlaix.

A chuva, de repente, desabou em lençóis d'água. Ouviu-se outro estouro ensurdecedor de trovões. Magnus lutou para se soltar, mas Emmeline segurou-o pelas costas do casaco.

— Não vou voltar! — ela gritou.

Cavaleiros aproximaram-se a galope. Um incitou o cavalo em disparada para caçar o pisoeiro, que corria de volta pelo caminho que tinham vindo. Emmeline sabia que iriam matá-lo. Jogou-se no estribo de Niall FitzJulien e agarrou-se a ele.

— Deixe-o ir! — implorou. — Ele não fez nada. Estava apenas nos ajudando.

Sob o pesado aguaceiro, os cavalos davam de encontro uns com os outros. Ela agarrou-se a Magnus para não deixá-lo ser derrubado. Um cavaleiro, com a cota de malha erguida para cobrir o pescoço, estendeu a mão e puxou Magnus por um braço, erguendo-o para a sela.

Emmeline cambaleou. Não conseguia reconhecer ninguém, com os elmos e protetores do nariz cobrindo todos os rostos.

— Escute-me! — berrou.

Os enormes cavalos rodavam em círculos pela estrada. O lorde de Morlaix gritava ordens. Os cavalos vinham trotando de volta com o pisoeiro amarrado por uma corda e arrastado pela barriga. Tinha o rosto todo ensanguentado.

— O que está fazendo?! — ela gritou. — Não o castigue.

O pisoeiro, puxando a corda, tentou se ajoelhar. Emmeline ia correr para ajudá-lo, mas Niall bloqueou-lhe o caminho com o enorme corcel. Inclinou-se e gritou:

— Cale essa sua boca traidora!

Estendeu a mão e agarrou-a pelo braço; ia puxá-la para cima, para colocá-la na sela à sua frente, mas em vez disso, ficou com a mão no ressalto da sela, inclinado no ar, incapaz de se mover.

Emmeline ergueu o rosto e encarou aqueles olhos castanho-amarelados sob o elmo.

— Que diabos...? — ele resmungou.

Saltou da sela. Um grupo de cavaleiros os rodeou com seus cavalos.

— Em nome de Satã, o que é isso?

Suas mãos enormes, cobertas por malhas de aço, tatearam os ombros de Emmeline, depois sua cintura, e em seguida enfiaram-se debaixo de suas saias encharcadas.

— Gotselm!

O sargento desmontou e entregou as rédeas a um dos cavaleiros.

— Não me toque! — Emmeline gritou.

Gotselm saltou sobre ela enquanto Emmeline se debatia.

— Maldição, não consigo erguê-la — disse Niall. — Está pesada como uma pedra de moinho.

Ergueu as saias molhadas de Emmeline até os quadris. Quando se inclinou, a chuva escorreu-lhe pela beirada do elmo. As mãos, às apalpadelas, encontraram os sacos de ouro do príncipe Cadwallader presos às coxas de Emmeline com tiras de couro. Do mesmo jeito que o emissário do ouro as carregara pela Inglaterra. Ajoelhando-se na lama, Niall soltou as tiras. Ergueu os sacos de ouro nas mãos, sopesando-os. Os cavaleiros se inclinaram nas selas para observar.

— Ouro, pelo peso. Não é de se admirar que erguê-la fosse como tentar ombrear um touro. — Encostou o rosto no dela. — Há mais tesouros que está escondendo de nós, senhora? — exigiu. Talvez entre suas tetas? Ou até em outra parte do corpo?

Antes que ela pudesse se mexer, ele arrancou-lhe a capa dos ombros. Quando puxou a ponta da túnica, grampos de cobre e de ouro voaram conforme o pano se abria. A chuva que se derramava, de repente, bateu nos seios nus de Emmeline.

Ela soltou um grito. Ergueu a mão livre para esmurrá-lo, mas ele segurou-lhe o pulso enquanto lhe agarrava o cinto e o arrancava. Em seguida, tirou-lhe a massa pesada das saias.

Emmeline berrou as pragas mais horríveis que conhecia, tentando enterrar as unhas nele com a mão livre, mas o aperto de ferro das mãos de Niall se fechara em torno de seu pulso. Agora, ela estava quase nua. Mesmo assim, ele não parava. A mão forte agarrava os pedaços de sua combinação ainda grudada ao corpo. Sua capa, suas saias, amontoavam-se no chão, no meio da lama.

Gotselm adiantou-se.

— Milorde...

— Maldita seja! — ele vociferou. — Ela escondeu um monte de ouro por todo o corpo. Onde está o amante? Vocês o pegaram?

— Ele não é meu amante! — Emmeline protestou.

Niall virou-se, erguendo a mão como se fosse esmurrá-la. Mas em vez disso, parou, inclinou-se e pegou alguns sacos de couro.

— Leve isto — disse a Gotselm — e entregue o resto a mim quando eu montar.

O sargento ergueu a capa ensopada e jogou-a sobre Emmeline, para cobrir-lhe a nudez. Ela não parava de soluçar. O lorde de Morlaix saltou na sela e então estendeu a mão e puxou a mulher para cima, a fim de sentá-la à frente da sela.

Emmeline sentiu as mãos de Gotselm em sua perna, empurrando-a para cima. Os anéis da malha de aço enterraram-se em suas costas. Ela sabia que o filho estava em algum lugar atrás, na coluna dos cavaleiros. Era tudo que a sustentava.

Fechou os olhos, dizendo a si mesma que não se importava com o que viesse a acontecer; estaria melhor morta, se não fosse por Magnus. Pensou no que seria de Nigel. Se ainda estivesse vivo. Contorceu-se na sela para olhar para o rosto de Niall.

— O que vai fazer comigo? — balbuciou.

— Cale a boca. — Ele apertou o braço em torno dela. — Temos o respeitado investigador do rei Henrique, Thomas Becket, acampado diante de nós. O chanceler do rei. Emmeline quase se esquecera.

Ela apertou os olhos para enxergar na chuva, percebendo que ele queria que chegassem ao castelo sem despertar a atenção de Becket. Começavam a cruzar a ponte. As tendas estavam silenciosas no escuro e na chuva. Seguiram estrada acima para o Castelo Morlaix.

Na curva, o vigia do chanceler os confrontou. Quando Gotselm respondeu, o cavaleiro ergueu a lança, em saudação.

— Milorde de Morlaix, Deus lhe dê as boas-vindas, espero que tenham tido uma boa caçada.

— Razoável. — Niall inclinou a cabeça para trás, na direção dos prisioneiros galeses. — Uns poucos pássaros de Cadwallader que não irão cantar tão docemente por algum tempo. — Incitou o cavalo para a frente e a coluna avançou. — Boa sorte a você, sentinela, e uma manhã de tempo firme.

As patas dos cavalos ressoaram com estrépito nas tábuas da ponte levadiça. As grades corrediças estavam abertas, e tochas flamejavam sob o arco. Walter Straunge estava à espera. Os cavaleiros da guarnição correram para pegar as bridas dos cavalos. Walter estendeu a mão para o estribo de Niall. Ergueu os olhos e correu a língua pelos lábios.

— Milorde, juro que eu não sabia que ela...

Niall acertou-lhe o lado da cabeça com o punho fechado. O capitão cavaleiro cambaleou para trás. Então, sem dizer nada, o senhor de Morlaix entrou no pátio.

Capítulo XIII

Arrastando-a pelo pulso, Niall subiu as escadas, berrando para alguém lhe trazer água quente. No patamar, o cavaleiro de guarda apressou-se a abrir a pesada porta de madeira. Emmeline caiu de joelhos, mas isso não fez nenhuma diferença: com a mão enorme ainda fechada em torno de seu pulso, ele a arrastou pela soleira da porta e não a soltou até que estivessem no meio do quarto, ao lado da cama. Ela amontoou-se nas palhas, enrolada na capa marrom do pisoeiro.

Walter estava logo atrás deles, seguido pelo sargento, Gotselm.

— Milorde — disse Walter, estendendo as mãos num gesto de súplica. — Ela mandou uma das aias entreter Joceran enquanto fugia. O rapaz não está acostumado a esse tipo de coisa. Enquanto ele...

A plenos pulmões, o lorde de Morlaix soltou um palavrão escabroso. Seu capitão encolheu-se. Gotselm apressou-se a ajudar Niall a tirar a pesada cota de malha.

— Walter, seu asno consumado! — berrou Niall. — Por todo bem que me fez esta noite, eu poderia pegar uma tigela de pedinte e sair pela estrada como um monge. Cristo Jesus, em poucas horas fui obrigado a cavalgar dez léguas pelas malditas montanhas de Gales, atormentar cada pastor e guardador de porcos com um arco de caça, para chegar aqui antes que o mestre espião do rei, Thomas Becket, confiscasse minha própria cama e o chão aos meus pés. — Arrancou o colete almofadado manchado de suor e jogou-o ao intendente. — E você mostrou-se inútil ao não conseguir manter os olhos em minha esposa traíçoeira, que, descobri agora, fugiria com qualquer mascate de passagem, a menos que eu consiga acorrentá-la.

Walter engoliu em seco.

— Não, senhor. Não creio que lady Emmeline estivesse namorando o pisoeiro, se é o que quer dizer. Acho que ele...

— Maldito seja, sabe como o chanceler iria se deliciar contando tudo isso ao rei?

Dois criados trazendo baldes de água quente e uma jarra entraram depressa no quarto. Niall sentou-se na beirada da cama enquanto Gotselm se ajoelhava para lhe tirar as botas e as meias de ligas.

— Thomas Becket vai informar todo feliz ao nosso glorioso soberano que me encontrou fora nas montanhas, caçando os ladrões de Cadwallader, enquanto minha esposa estava me traindo, fugindo do meu castelo na companhia do um comerciante local, com as saias cheias de meu ouro!

Emmeline estremeceu ao ouvi-lo esbravejar. A capa que o pisoeiro lhe dera estava encharcada, e seus dentes batiam de frio. Ela fechou os olhos, pensando que aquele dia era ainda mais um que teria de sofrer no inferno. Seus pecados não seriam esquecidos; ela os encontraria lá, a esperá-la.

Com sua maldade pecaminosa, ela roubara o dinheiro destinado ao príncipe Cadwallader, e agora estava nas mãos do único homem que nunca deveria pôr as mãos nele... seu inimigo, o senhor de Morlaix. Pior, Niall FitzJulien evidentemente encarava o ouro como parte da antiga fortuna do velho Bernard, já que o encontrara com ela e, portanto, o considerava por direito como *dele*.

Emmeline segurou a cabeça entre as mãos, com vontade de chorar. Será que seria sempre uma mulher tão amaldiçoada? No mínimo, seu marido a jogaria nos calabouços de Morlaix e a deixaria lá para apodrecer.

Ou a mataria bem ali.

Era o mais provável, disse a si mesma. Ele pensava que ela era uma esposa

adúltera, e a morte era o castigo costumeiro. Um soluço escapou de sua garganta. Fora sua própria impetuosidade que a levava a isso, como no começo, quando arquitetara o plano de ter um filho. Seu destino tinha sido selado anos atrás, pelo ato precipitado que colocara Niall FitzJulien em sua cama.

Reconhecia agora, nas profundezas de seus miseráveis pecados, que, amaldiçoada pelo orgulho, ela não optara por ser como as outras mulheres, aquelas que os padres consideravam um modelo de virtude. Mulheres obedientes, cordatas, sem ânimo e acomodadas, que deixavam a administração dos assuntos importantes para os homens.

Em vez disso, ela havia agido como seus demônios interiores queriam, e tivera seu filho com um estranho. Não importava que Magnus tivesse lhe trazido o prazer e o conforto sem limites. Como mulher, nunca deveria ter insultado a natureza de Deus fazendo uma coisa dessas. Agora, estava sendo castigada.

Ou talvez, pensou, ao observar quando o lorde de Morlaix se livrou de suas ceroulas e afundou um pano num balde de água fumegante, fosse um castigo do demônio.

Nu, Niall FitzJulien inclinou-se e lavou as pernas, primeiro uma e depois a outra. As cicatrizes das batalhas riscavam suas costas. Uma cicatriz mais nova, com a pele ao redor ainda inflamada, corria como uma mancha rosada do quadril até a coxa. Gotselm, o sargento, ajoelhou-se para enxugá-lo.

Emmeline mordeu o lábio. Era evidente que ele ia matá-la. Seria fácil: ele era um homem forte, de ombros largos, maior que Gotselm ou Walter. Bem maior que qualquer um dos criados que entravam e saíam apressados, vindo até a luz do fogo, trazendo roupas secas. Com um arrepio, ela observou-lhe os músculos das costas se retesar poderosamente conforme ele erguia o pano ensopado para esfregar o pescoço.

Conhecia aquele corpo muito bem. Aqueles braços poderosos de espadachim que a seguravam, impotente, quando ele a desejava. O falo pulsante, grosso e comprido, com bolsas igualmente grandes embaixo. Na cama, ele a cavalgava com uma luxúria insaciável, instintiva, satisfazendo-se mais de uma vez... a menos que estivesse tão cansado de trabalhar com os colhedores de feno que caía dormindo ao primeiro alívio, desabando sobre ela.

Emmeline disse a si mesma que não poderia suportar mais.

Contudo, uma vozinha em sua cabeça a lembrou de que tinha o ouro do príncipe Cadwallader. E ela, realmente, não pôde evitar. Soluçou alto.

Walter virou-se para encará-la. Gotselm usava um pedaço de linho para enxugar Niall conforme ele se levantava, ainda nu, bebendo um copo de vinho. Os criados andavam pelo quarto, retirando os baldes de água, e a espada e a armadura do lorde para o escudeiro limpar.

Walter disse alguma coisa que ela não conseguiu ouvir. Com uma careta, o outro homem virou-se para encará-la.

— Não, não vou matá-la. Não com o chanceler do rei pernoitando na campina, ansioso por qualquer notícia de desgoverno para levar a Londres. — Niall entregou-lhe a taça vazia. — Quando Becket partir, será a hora certa.

Gotselm e Walter o encararam, espantados. Ambos queriam falar, mas ele os empurrou para a porta e jogou-os para fora, para depois fechá-la com um baque. Emmeline saltou de pé. Tinha muito pouco tempo, se ele fosse matá-la quando Thomas Becket partisse. Pensou em Magnus, em deixar seu filho órfão, e imaginou se poderia

tentar arranjar agora algum tipo de horrível vingança contra Niall FitzJulien para acontecer depois que estivesse morta.

— Não pode castigar Nigell! — gritou. — As corporações sabem que ele é inocente. Mesmo que me mate, as corporações de lá continuarão com o assunto, pois o pisoeiro é um membro deles. Irão peticionar até mesmo ao rei!

Niall virou-se para ela, com os dentes arreganhados.

— Que Deus a apodreça, maldita! Sua boca se agita o tempo todo e não sabe o quanto meu punho comicha de vontade de fechá-la. Onde está o resto do ouro? Quanto mais de sua fortuna você escondeu de mim?

Ela recuou.

— O resto?

Ele a confrontou, de punhos fechados, com uma película de suor nos ombros nus.

— Você ia para o Norte... para onde, depois que me deixasse? Para fornicar numa hospedaria de Chirk durante uma quinzena? Para divertir seu cafetão de mãos sujas de argila numa casa de prostituição em Chester?

Emmeline cambaleou para trás, boquiaberta.

— Eu ia procurar as casas de ofício no Norte para pedir que nos ajudassem. O pisoeiro não ia conosco. O ouro era apenas para Magnus e para mim. A raiva explodiu dentro de Niall.

— Maldita seja, o menino é meu! — Estendeu o braço e, antes que ela pudesse se esquivar, agarrou-a pelo pescoço com as duas mãos. — Tente tirá-lo de mim de novo, e eu irei atrás de você e a matarei! Tem a minha palavra!

Emmeline debateu-se desesperadamente nas mãos do cavaleiro. Os dedos dele enterravam-se em seu pescoço, a capa enlameada agitava-se em torno dos dois. Com um palavrão, ele a empurrou.

Ela desabou no chão, massageando o pescoço. Niall iria estrangulá-la da próxima vez... era assim que iria matá-la. Ele afastou-se, chutando as peças de roupa pelo chão. E Emmeline viu quando ele segurou a perna ferida.

— Aleijado! Animal! — ela berrou. — Sei por que o rei Henrique só lhe deu um feudo de fronteira. É porque você não é um homem por inteiro! Ele estacou, imóvel. Depois, virou-se. Quando Emmeline viu-lhe a expressão, gritou:

— Mate-me agora e acabe logo com isso! Niall avançou e parou diante dela.

— Eu a matarei quando estiver preparado. — Ele tremia de raiva. — Com Deus por minha testemunha, eu sabia desde o momento em que pus os olhos em você que estava amaldiçoado. Você me usou para seus medonhos propósitos naquela noite em Wrexham, quando fui vendado e levado até você. Eu não passava de um rapaz inocente...

— Inocente?! Seu mestre dos bordéis! Naquela mesma cama — ela apontou com a mão trêmula, furiosa —, você dificilmente se mostrou um inocente. Com toda a verdade, você me ensinou mais atos lascivos do que eu jamais poderia ter sonhado.

— Fique quieta! — ele esbravejou. — Tenho título e fortuna, agora, maldita seja você. Eu a trancarei neste quarto e a mantereí aqui antes de permitir que traga o caos a tudo que tenho.

— Tudo que você tem?! — Emmeline saltou de pé e seguiu-o pelo quarto. — É o *meu* ouro que você está gastando. Você não teria este castelo sem isso. Seus preciosos

cavaleiros o teriam abandonado! Esqueceu-se de dizer isso ao seu eminente chanceler do rei?

Niall virou-se e agarrou-a pelos pulsos.

— Não vou dizer nada a Thomas Becket, e nem você. Por mais que seja uma gata selvagem, você é minha esposa. — Avançou para a cama, empurrando-a. — Pelas chagas de Cristo, você é minha, minha esposa, até que eu diga *não*!

Jogou-a sobre a cama. Emmeline arrastou-se para longe de gatinhas, com os longos cabelos esvoaçando.

— Volte para a cama! — ele vociferou, quando ela escorregou da cama e ficou de pé do outro lado.

— Nunca!

A cama estava entre ambos. Ofegante, Emmeline correu para a porta. Estava quase tão nua quanto Niall, apenas farrapos de sua combinação colavam-se ao seu corpo. Levou a mão para a porta.

— Fique com meu dinheiro e que se dane! Que Deus o amaldiçoe para sempre se conseguir algo mais de mim... a menos que eu esteja morta. Niall alcançou-a antes que ela pudesse abrir a porta.

— Que bruxa de boca suja você é, para me chamar de aleijado!

Ele a agarrou pelos ombros e a sacudiu. Enquanto Emmeline ainda vacilava, ele a suspendeu e a jogou sobre o ombro. Atravessou o quarto, mancando, jogou-a sobre a cama e, nu, com a carne máscula empinada, deitou-se sobre ela, abriu-lhe as pernas e penetrou-a.

Emmeline soltou um grito, ultrajada. Debateu-se sob ele, enterrando as unhas nas costas de Niall, tentando arrancar-lhe os olhos, sem mais se importar que ele, com certeza, a matasse.

Em troca, ele a segurou sob o peso do corpo e a penetrou, o falo enorme enterrando-se dentro dela e preenchendo-a como se ele a possuísse, conquistasse e submetesse através da força absoluta de sua energia. Emmeline viu-lhe as feições contorcidas, os cabelos compridos caindo sobre os olhos, a boca entreaberta, ouviu o som dos arquejos aflitos ecoando pelo quarto.

Tentou gritar para que ele parasse, mas não teve fôlego. Queria matá-lo, percebeu, como queria que ele a matasse.

De repente, percebeu-se a se mover contra ele, incendiada pela raiva que os lambia como uma labareda brilhante e incandescente, girando em torno dos dois. Agarrou punhados dos cabelos molhados de suor e fechou os dedos neles com toda a força. Foi de encontro à força das estocadas furiosas, cruzando as pernas em torno dos quadris de Niall. Enterrou as unhas na carne macia dos ombros e ouviu-o gemer.

Então, ele ergueu suas nádegas com as mãos e enterrou-se tão fundo e com tanta força que Emmeline gritou. A velha cama balançou com aquele frenesi, e os pingentes se agitaram. Estavam loucos, os dois, provocando um ao outro com um desejo nu, cru e raivoso. As cobertas se emaranharam em torno deles, prendendo-lhes as pernas. Mesmo assim, eles não pararam.

De repente, com um grunhido alto, Niall inclinou a cabeça e apossou-se da boca de Emmeline com fúria, enfiando a língua com volúpia dentro dela. Abafou-lhe o grito quando seu corpo retesou-se e depois entrou em convulsão com se atingisse um vórtice que era como o fogo do inferno e a escuridão total. Como se o mundo tivesse se acabado.

O grito de Emmeline mesclou-se ao rugido de Niall conforme ele dava marradas e se contorcia em seu próprio clímax. De repente, era como uma avalanche, uma montanha desabando sobre ela, quando ele soltou o corpo, frouxo e saciado. O peso repentino era um castigo, e Emmeline arquejou, procurando respirar.

Sacudida por arrepios, sua própria maré de paixão lentamente refluíu, enquanto Niall jazia largado sobre ela com os dedos entrelaçados em seus cabelos molhados, respirando pesadamente em seu ouvido. Ainda gemendo.

Emmeline fechou os olhos. Vagamente, pensou no quanto o odiava. Niall roubara tudo o que ela possuía... seu filho, sua casa, seu dinheiro. Seus pensamentos começavam a se ocupar, dia e noite, com planos desesperados para recuperar o que tinha perdido. Não sentia nada por ele. Era uma luxúria profana que os unia assim, num momento de prazer violento e vergonhoso.

Ela sentiu-o estremecer. No centro de sua feminilidade sensível e macia, a carne de Niall remexeu-se, úmida e relutante, e lentamente escorregou para fora. Ela o ouviu respirar fundo, e os braços se apertaram ao seu redor.

O rosto de Niall estava comprimido entre o pescoço e o ombro de Emmeline. O cheiro do corpo forte, suado, almiscarado e sensual, encheu suas narinas. Por um momento, seu ódio oscilou. E se ele já a tivesse deixado com um filho?

Uma onda traiçoeira de ternura a invadiu, e Emmeline lutou com todas as forças para expulsá-la da mente. Tentou não pensar em bebês, em casamento, em vida feliz e confortável como tantas outras mulheres sonhavam. Isso não era para ela.

Deitada sob o corpo molhado e ainda pulsante de Niall, ela disse a si mesma que iria para algum lugar fora da Inglaterra com Magnus. Esse ainda era o seu plano. E se tivesse de matar o lorde de Morlaix para conseguir, ela o mataria.

Ele não se movia. Tinha as mãos ainda em seus cabelos, afagando-os. Ela afastou a cabeça e sentiu-o ficar rígido.

— Vá apagar as velas — ordenou ele.

Emmeline ergueu as mãos para empurrá-lo. Niall rolou para o outro lado da cama, soltando as cobertas em torno das pernas enquanto isso.

Emmeline pôs os pés para fora da cama e levantou-se. Não se deu o trabalho de cobrir-se, Deus sabia que ele a vira nua até demais. Nenhuma de suas roupas estava por perto, de qualquer maneira; ele as rasgara em farrapos naquele ataque de fúria na ponte, e mais tarde, no quarto.

O calor do dia desaparecera. Ela estremeceu quando caminhou descalça até os suportes das velas. Conforme apagava as chamas, uma por uma, com o polegar e o indicador, o quarto foi ficando às escuras. Então ela levou o último castiçal até a mesinha de cabeceira, assoprou a vela e deitou-se na cama.

Não sabia se ele iria querê-la de novo ou não. Pelo menos, não se virara para ficar de costas para ela. Estava observando-a. Ela viu o brilho nos olhos dele.

Puxou as cobertas até o queixo. Seu corpo nu ansiava pela força daquele outro corpo potente, pelas próprias respostas apaixonadas. O que ele pusera dentro dela ainda se grudava, pegajoso, entre suas coxas. E Emmeline pensou num filho outra vez, inquieta.

Tentou ficar acordada, imaginando maneiras de como poderia matá-lo. Alguém poderia cortar-lhe uma tira da barrigueira da sela de modo que se partisse a pleno galope, e ele seria jogado para a frente e morreria sob as patas do próprio garanhão. Não era um

acidente assim tão incomum.

Quando fosse caçar veados nas florestas, em agosto, na época do acasalamento e da matança dos cervos machos, ele poderia ser morto por um tiro “acidental” no coração. Isso também não era incomum, embora ela soubesse que o problema seria encontrar alguém disposto a fazer isso. Com a morte do rei Guilherme, o Ruivo, na Floresta Nova, todos sabiam que Walter Tirel havia matado o rei desse jeito, embora tivesse conseguido fugir da Inglaterra são e salvo e viver o resto da vida na França.

Emmeline apertou os nós dos dedos na boca, imaginando por que se sentia com vontade de chorar. Detestava o Castelo Morlaix. Faria qualquer coisa para estar longe dali.

A seu lado, no escuro, Niall falou:

— Vou mandar o garoto para longe. Vai com alguém, um amigo meu, que tem uma guarnição própria do castelo, e providenciará para que seja treinado para a cavalaria. Joceran vai com ele.

Emmeline ficou imóvel, ouvindo aquelas palavras, tão angustiada que não conseguia respirar. Ele ia fazer exatamente o que ameaçara. Tirar Magnus dela. Disse a si mesma que era inútil brigar com ele no momento. Quando conseguiu falar, disse com voz rouca:

— Para onde?

Houve um silêncio. Então, ele respondeu:

— Você não vai saber.

Capítulo XIV

Joceran e Magnus partiram pouco antes das luzes da alvorada. Quase ninguém, a não ser os guardas do portão da guarita, os viu sair. Emmeline não teve chance de fazer qualquer tipo de despedida, até mesmo de ver se Magnus levava a roupa certa com ele, ou de lhe dar um beijo e um abraço choroso de mãe. Nada.

Mais tarde, Gotselm trouxe-lhe a pasta de couro com os instrumentos de ourives de Magnus que, disse-lhe o sargento, fazia tempo que estavam debaixo de uma das camas das barracas na torre dos cavaleiros.

— Tranquelize-se, milady, o garoto queria ser um cavaleiro. — Era evidente que Gotselm pretendia consolá-la. — E não um artesão, como pode ver, já que as ferramentas estavam, havia tempo, esquecidas embaixo da cama. É um excelente rapazinho. Estava muito animado quando o escudeiro o levou embora em seu pônei. Ouvi sua voz flautada no escuro descendo pelo caminho do castelo, fazendo perguntas daqui, perguntas dali, para onde iam, quanto tempo iria demorar até chegarem lá, se parariam numa estalagem no caminho...

Incapaz de suportar mais, Emmeline trancou-se no quarto da torre e chorou a

manhã inteira. Suas aias, trabalhando ao redor, faziam caras compridas de simpatia, embora algumas esperassem que o lorde pelo menos a surrasse até perder os sentidos e a trancasse no fundo do calabouço onde os prisioneiros eram encarcerados.

As copeiras da mansão achavam que FitzJulien a poria de lado e a confinaria num convento. Contudo, quando as moças chegaram ao meio-dia com uma refeição que consistia de uma caneca de cerveja e um pouco de carne e pão, e viram as roupas do lorde esparramadas sobre a cama revirada, ficaram radiantes. Deus misericordioso, ele já a perdoara!

Tiraram Emmeline da cama para vesti-la.

— Ah, agora o que a senhora precisa é encher isto aqui — disse Hedwid, dando um tapinha no abdômen da patroa. — Com a ida do garoto, bendito seja seu coraçõzinho, vai precisar de um novo bebê para ocupar seu tempo.

A ideia do filho de Niall FitzJulien dentro dela encheu Emmeline de sensações violentas. *Jamais*, jurou. Não considerava aquilo um casamento de verdade, apenas rapto, roubo e prisão. Como alguém como ele poderia ser pai de seu filho?

Ele era o pai de Magnus, uma vozinha a lembrou.

Emmeline ficou de pé, desesperada, enquanto as aias se agitavam ao seu redor. Era inútil negar isso por mais tempo. A noite em Wrexham não fora um sonho. O jovem cavaleiro desajeitado e cheio de paixão que Aimery e Gulfer tinham lhe trazido e aquele homem sem sentimentos, implacável, feito novo lorde de Morlaix pelo rei Henrique, eram um só e o mesmo.

Uma onda de amargura tão violenta a inundou que Emmeline começou a chorar de novo, as lágrimas rolando de suas faces.

No dia seguinte, o lorde de Morlaix saiu com Gotselm e uma tropa de cavaleiros para caçar os ladrões de ovelhas de Cadwallader, deixando Walter encarregado dos trabalhadores nas muralhas externas. Emmeline trancou-se no quarto da torre para prantejar a perda de seu filho e planejar como poderia descobrir onde estava Magnus. Porém, depois de um constante fluxo de gente, começando por Baudri Torel, a cozinheira, suas aias e até mesmo o mestre do estábulo subindo as escadas da torre com reclamações do caos em que tudo estava, com os cavaleiros estrangeiros no comando, ela desistiu de ficar reclusa e desceu.

Na praça, Walter aproximou-se dela, sorrindo através de uma máscara de sujeira e com os longos cabelos loiros estriados de preto. Estivera ajudando o grupo de marceneiros a erguer as vigas do teto da cozinha destruída no incêndio.

— A senhora ganhou um presente — informou.

Emmeline não queria conversar com ele. Aquele homem era tão ruim como o resto, atraindo Magnus para longe dela com sua esgrima e as supostas artes da cavalaria. Começou a atravessar a praça para a cozinha, onde a cozinheira estava brigando com os ajudantes. Ele a alcançou e a acompanhou, ainda sorrindo.

— Não quer seu presente agora, depois de todas as súplicas para ter permissão de continuar com sua bela casa?

Um par de cães de caça surgiu correndo, felizes em vê-la depois de um lapso de alguns dias. Saltaram, batendo as patas em suas saias. Emmeline os empurrou para baixo.

— O castelo inteiro está admirado que ele não a tenha matado — Walter estava dizendo. — Agora, maravilha ainda maior... ele lhe deu o que a senhora quer. As mulheres

estão aqui.

— As beatas? — Emmeline quase tropeçou nos cachorros. Ela pedira caseiras para a mansão. Mas não podia acreditar. — Santa Maria, não brinque comigo. Onde estão?

— Onde poderiam estar? — Walter moveu as sobrancelhas com malícia para ela. — Onde as queria. Na cidade.

Emmeline não esperou para agradecer-lhe. Walter não merecia nenhum agradecimento, disse a si mesma conforme erguia as saias e corria para os estábulos, chamando alguém para selar sua égua. Ouviu-o gritar:

— Eu lhe disse que era um presente! Lembre-se disso...

As duas beatas eram uma tia robusta, muito, muito grande e loira, das terras baixas de Flandres, e uma sobrinha magra e esguia como um galho de salgueiro, de rosto esculpido, olhos baixos e belos cabelos de um loiro muito claro.

Emmeline quase saltitou de tanto entusiasmo. Ambas as mulheres pareciam capazes de fazer o que seu contrato prometia: cuidar da casa da melhor forma possível, inclusive de toda a limpeza, além de cozinhar, fiar, tecer, fazer queijos e manteiga, colher ovos, criar as galinhas e tratar do pombal, fazer conservas e defumar outros alimentos e, é claro, administrar os criados.

Quando Niall FitzJulien lhe dera permissão para trazer as beatas de Londres, Emmeline tinha certeza de que ele não sabia tudo o que isso significaria. Mas estava descobrindo que, ao contrário de muitos homens de sua classe, ele tinha alguma noção de propriedade. A casa na cidade era boa demais para deixar que se arruinasse. Ter, finalmente, as mulheres ali para cuidar dela era pura alegria.

Elas não eram baratas. A beata mais velha normalmente pediria dois xelins de cobre por quinzena, e a garota, um xelim. Para conseguir que viajassem para trabalhar nas fronteiras de Gales, Emmeline tivera de oferecer três xelins para a mais velha e um e meio para a mais nova. Porém, disse a si mesma, valeria a pena. Os monges cistercienses tinham saído algumas semanas antes da mansão do ourives, onde haviam se hospedado até erguerem a própria casa da ordem. E o lugar já mostrava sinais de abandono.

Era esperança de Emmeline que, não importava o que acontecesse, ela pudesse manter a mansão intacta. As beatas tinham a melhor das reputações, sendo devotas, embora não numa ordem da Igreja, observando uma vida piedosa casta e de trabalho. Todo mundo ouvira falar delas, mesmo no longínquo Oeste da Inglaterra. Pareceu a Emmeline que, num mundo onde as mulheres tinham pouca escolha a não ser o casamento ou a Igreja... ou a prostituição... as beatas vivenciavam algo ainda melhor. Não se casavam, levavam vidas castas e independentes dos homens, e faziam da profissão de supervisionar as casas uma refinada arte. Já eram famosas pela qualidade de seus destilados e fermentados, especialmente a excelente cerveja frísia, e dos alimentos em conserva, como presunto e pickles. Por tudo que se contava, o número delas estava crescendo nas terras-baixas de Flandres, onde seus contratos para cuidar de casas sofriam pouca interferência por parte da Igreja.

O mesmo não acontecia, infelizmente, no norte da França. Lá, o bispo de Rheims expedira uma ordem aos burgueses da cidade para adverti-los a não contratar beatas, segundo o fundamento de que violavam, ao trabalharem fora de casa, o papel cristão como mulheres, conforme constava na Santa Bíblia.

Claro que a mesma acusação era muitas vezes levantada contra as mulheres nas corporações de ofício, mesmo aquelas que tinham simplesmente assumido os negócios

dos maridos ao ficarem viúvas. A maioria das mulheres que eram membros das corporações de artesãos, ou mesmo mestras por seu próprio direito, faziam doações consideráveis à Igreja para evitar problemas.

Agora, ao olhar ao redor do quintal da mansão, Emmeline pensou nas mudanças que as beatas poderiam fazer. A casa tivera sua cota de problemas com os cavaleiros do castelo aboletados nos estábulos, e depois, com os monges vivendo ali enquanto construíam sua casa capitular. Tanta coisa já fora tirada de dentro de lá para o castelo que o lugar parecia sombrio e decadente.

— Mandarei cavalos para cá e uma carroça em breve — Emmeline disse às beatas conforme as conduzia pelo pátio —, pois vão precisar para o transporte. A cozinha também está bastante vazia agora, mas terá panelas e chaleiras e outros utensílios trazidos de volta do castelo.

O cavaleiro seu acompanhante demorava-se nos estábulos, conversando. A beata de cabelos dourados, Berthilde, caminhava um passo atrás da tia, com os olhos no chão. Quando a viram, os jovens cavaleiros ficaram mudos.

Emmeline destrancou as portas e entrou no salão. O térreo cheirava a mofo das lareiras, que precisavam ser esfregadas e alvejadas. A beata mais velha torceu o nariz.

— Água de cal — ela resmungou, com seu sotaque carregado. — Precisa de água de cal e escova de pelo de porco.

Emmeline mostrou-lhes os quartos das despensas, cubículos sem janelas que ficariam quentes no inverno atrás das chaminés, mas que estavam abafados na estação do feno de verão.

Ao olhar ao redor, a mulherona soltou um grunhido de aprovação. Deixou seu embrulho no chão e inclinou-se para cutucar o colchão da cama. Atrás dela, Berthilde continuava calada. A beata mais jovem mantinha os olhos tão pregados no chão, que Emmeline nem tinha certeza de que cor eram.

Naquele momento, a moça olhou para cima.

Eram azuis, Emmeline viu, com surpresa. Azuis, grandes e deslumbrantes como o céu de julho.

— Ela não fala muito a língua normando-francesa — a tia explicou. Cruzou os braços, e seu toucado parecia uma enorme vela branca em torno da cabeça. — Dentro de pouco tempo, eu ensino a ela um pouco, quem sabe.

Emmeline ficou espantada ao ver como a moça era jovem e linda, com aqueles olhos azuis, os cabelos cor de prata e a pele branca como leite. O mundo dos reinos da Dinamarca até a Sicília de posse dos normandos considerava tal cor como a única beleza verdadeira. Ora, Emmeline imaginou, como uma moça adorável como aquela haveria de querer dedicar-se à piedade e a uma infundável labuta, não importava o quanto fosse qualificada, para o resto da vida?

Imaginou que sabia a resposta. Aquelas eram camponesas, ou vindas de famílias de trabalhadores de berço humilde da cidade. Se casassem com homens de sua classe, em breve encontrariam uma sina ainda pior. Isto é, a criação de filhos, além do trabalho extenuante de sua condição, se a mais jovem não atraísse a atenção de algum nobre lorde primeiro.

Emmeline deixou as beatas arrumando seus pertences e saiu, explorando a cozinha e depois descendo para o quintal. O velho porteiro veio ao seu encontro.

— Há coisas que acontecem aqui à noite, na rua, com a casa vazia — reclamou. —

Temos ladrões e assaltantes agora. Sra. Emmeline, deveria providenciar que haja cavaleiros do castelo postados aqui para proteger sua mansão.

Ele ainda a chamava de “sra. Emmeline”. Muitos do povo da cidade ainda a chamavam assim. Ela sempre fora uma boa amiga para eles, principalmente para aqueles que tinham emprestado dinheiro dela; não achava que fizessem isso para ofendê-la. Deus sabia que não tinham amor pelo lorde de Morlaix que pudesse levá-los a isso.

— Eudo, você tem razão, é o dever do lorde, agora, manter as ruas seguras. — Antes, as corporações todas contribuíam com dinheiro para contratar seus próprios vigilantes armados.

Emmeline atravessou o quintal até a loja do ourives e abriu a porta, surpresa ao encontrá-la destrancada. Ficou ainda mais surpresa ao ver o jovem Tom sentado à bancada sob um fecho de sol, martelando algumas moedas de prata. Ortmund, o artesão diarista estava parado à janela, com os cotovelos no peitoral, olhando para o beco.

— Mãe de Deus, o que estão fazendo aqui?

Ela não pagava seus salários desde que tinha se casado. Jamais esperaria encontrá-los ali. Ortmund virou-se para ela.

— Milady. — Ele a encarou, do véu cor de escarlate preso com uma tiara de prata sobre os cabelos trançados ao vestido de linho de corte justo que descia até o assoalho de madeira, com um cinto de elos de prata. — Não temos para onde ir — disse, simplesmente.

Emmeline sentou-se no banco com o aprendiz. Pelo amor de Deus... Então, eles tinham continuado trabalhando.

Nas prateleiras atrás da mesa havia filas de trabalho acabado, terminado e trancado, e portanto, sem o conhecimento do lorde e os meirinhos do castelo. A luz da tarde iluminou um cálice de prata decorado com uma corda de ouro em torno da borda que estava destinado a passar pelas montanhas até Gales, onde seria usado como cálice de comunhão em um mosteiro. Tinham trabalhado nele durante o ano anterior. Contas de prata entalhadas jaziam num prato de madeira esperando para serem engastadas numa corrente para o colar da esposa de um mercador de Chirk. Uma trombeta de caça recentemente folheada a ouro e com faixas em cobre era para o corte do conde de Chester. Havia muitos objetos para contar, todos finalizados. Emmeline imaginou que Ortmund não sabia o que cobrar por eles.

E durante todo aquele tempo, ela fora uma prisioneira no Castelo Morlaix, pensou, exasperada. Sem nem o suficiente do que um dia fora o seu próprio dinheiro para pagar os salários dos artesãos.

— O que está fazendo? — perguntou ao garoto. Pegou uma moeda de prata, martelada até ficar plana. — Não temos nenhuma outra prata para precisarmos derreter dinheiro?

O pequeno Tom meneou a cabeça.

— A prata toda se foi, senhora. — Escorregou para mais perto de Emmeline no banco. — Os homens do lorde vieram e levaram tudo. Raspam nossas caixas de prata até deixar tudo limpo.

Emmeline tateou a moeda achatada, lembrando-se de que ninguém vira Nigel desde aquela noite fatídica perto do rio. Corriam rumores de que o lorde o mantinha nas próprias profundezas do castelo, no poço dos prisioneiros.

Mas ela não tinha meios de descobrir. Tudo era segredo agora. Ninguém falava com

ela sobre nada.

— Tome estas. — Ela juntou o restante das moedas numa pilha e entregou-as a Ortmund. — Isso deve ser mais que os salários que lhe devo. Sem esquecer o xelim de Tom.

O artesão continuou parado num fecho de luz, olhando-a com os olhos apertados.

— O que faremos, senhora? Dê as suas ordens.

O pequeno Tom aconchegou-se com força contra ela. Falou tão baixinho que ela quase não conseguiu ouvir.

— Senhora, estou tão sozinho... Sinto tanta falta de Magnus... O artesão empertigou-se, lançando um olhar para Emmeline.

— Ora, segure a língua, moleque...

— Não, deixe-o. — Ela pousou a mão nos cabelos emaranhados de Tom e afagou-os. — Não me machuca ouvir de Tom o que eu digo a mim mesma.

Ela tinha certeza que queriam saber de Magnus, porém não podia lhes contar nada. Estava sendo castigada por tentar deixar Morlaix, sendo privada de seu filho. Fora um castigo que dera a Niall FitzJulien o que ele queria, de qualquer forma, ter Magnus treinado na corte de algum lorde como pajem, e depois como cavaleiro.

Todos os membros das corporações na região de fronteira sabiam que, em retaliação por sua tentativa de abandoná-lo, o lorde de Morlaix mandara seu filho para algum lugar distante, e agora, não lhe diriam onde ele estava. Pelo que suas aias tinham lhe contado, a indignação sobre o assunto se espalhava. Uma delegação de ourives tinha se apresentado ao superior de Niall FitzJulien, o conde de Chester, para protestar contra o confisco da propriedade de Neufmarche. Mas o conde estava cauteloso com relação ao herói do jovem rei Henrique, e dispensara os burgueses sem conceder-lhes uma audiência. Ao todo, contudo, muitos ofícios tinham se comprometido a transmitir quaisquer notícias que soubessem. Mas tinham se passado semanas, e nada acontecera.

— Com esse tanto de coisas terminadas, temos de vendê-las e conseguir nossa compensação — Emmeline lhes disse. — Sei que os monges galeses estão esperando por meses por seu cálice. Virei amanhã e farei as contas para cada um.

Ortmund normalmente montava sua mula para entregar o trabalho terminado. O cálice de comunhão seguiria pelas montanhas até o mosteiro em Gales com os pastores. Se conseguissem encontrá-los.

Emmeline olhou ao redor, para o artesão e o aprendiz, que a fitavam com feições solenes. Sim, tudo aquilo era trabalho deles, mas o dinheiro pertencia ao lorde, que já limpava a loja para que houvesse pouco com que trabalhar.

— Com o que conseguirmos com isso — disse Emmeline —, vamos comprar mais metal. Estamos especialmente carentes de cobre e de prata.

Viu os dois se entreolharem. Sentiam-se contentes com a ideia de reter o dinheiro do trabalho completado para comprar o material, mas era perigoso. Ela não tinha ideia do que o lorde de Morlaix faria com eles quando chegasse para reclamar seus lucros.

Se, ela pensou, com astúcia, ele algum dia descobrisse. Olhando para as peças marteladas de prata, Emmeline lembrou-se de que havia se esquecido do emissário do ouro. Fazia meses que ela não o via.

Um calafrio percorreu sua espinha. Será que o emissário, viajando de um lado para o outro como fazia, da Inglaterra para a França, teria algum meio de saber se a última

parte do ouro fora ou não entregue a Cadwallader? Ou será que o príncipe galês tinha algum jeito de fazer o emissário saber que o ouro não fora passado para ele depois da última parada, das mãos de Emmeline, a ourives em Morlaix?

Ela esfregou o dedo na boca com a mão ligeiramente trêmula, espalhando a poeira ácida do metal. O velho Bernard Neufmarche não poderia imaginar o mal que semeara quando começara a entregar, pela primeira vez, o ouro do rei Estevão para os príncipes galeses, tantos anos atrás. E então, mais tarde, depois da guerra, quando o ouro começara a afunilar pelo canal, vindo do rei da França, para pagar aqueles mesmos príncipes para perseguir o novo marido de sua ex-esposa, o jovem rei Henrique.

Agora, Emmeline percebeu, ela havia quebrado, deliberadamente, aquela cadeia mortal. Não havia meio em que pudesse pensar para consertar a situação, já que o lorde de Morlaix estava com o ouro.

— Senhora? — disse Ortmund.

Ela o fitou, distraída. O ouro não serviria ao seu propósito, de qualquer forma, que era pagar sua passagem e a de Magnus para longe da Inglaterra, porque Niall FitzJulien estava com ele. Se, pelo menos, pensou, olhando para a prata espalhada pela mesa do ourives, ela estivesse com Magnus ainda... Enfrentaria qualquer coisa, se tivesse o filho a seu lado.

— Vamos voltar ao trabalho — disse.

Ainda tinham tempo para fazer um pouco de dinheiro, enquanto ela tentava pensar em um plano.

Depois de deixar as fronteiras de Gales, o chanceler do rei, Thomas Becket, tinha ido ao Norte para visitar a corte do conde de Chester, que não era o magnata mais amigo do rei Henrique, mas, com certeza, um dos mais poderosos. Então, o chanceler pegou a estrada para o Sul, de volta a Morlaix.

Era a festa de Sant'Ana, um dia quente e abafado, com o sol a pino num disco branco vibrante. Contudo, os aldeões nos campos cantavam conforme trabalhavam, como se fosse o melhor tempo para a colheita do feno. Em breve, estariam ceifando o milho maduro, depois colhendo os feijões e as ervilhas plantados na primavera. Agora, com a ausência de granizo ou chuvarada, parecia que o ano seria farto.

A longa fila da comitiva do chanceler, com os membros da casa, monges, cavaleiros, escribas, meirinhos, cavaliços, um par de trovadores, mulas e carroças, e uma multidão aparentemente sem fim de criados, esticava-se num passo preguiçoso pela estrada. Desfrutavam de longas sestas no calor do dia, quando os servos e moradores das vilas lhes traziam água fresca, ameixas vermelhas e amarelas e maçãs ácidas maduras para se refrescarem.

Becket não esperava encontrar os moradores do vilarejo fazendo a colheita num campo de painço nas cercanias da cidade. Nem o próprio lorde, FitzJulien, e muitos dos seus cavaleiros gascões, todos trabalhando despidos até a cintura. Uma cena assim tão rústica era ao mesmo tempo divertida e estranha. E o chanceler ordenou uma parada para sua comitiva apreciá-la.

Thomas tinha conhecido o novo lorde de Morlaix na corte em Londres. O tempo não havia melhorado sua impressão original sobre o impetuoso irlandês, mas reconhecia suas proezas nos campos de batalha, o resgate do jovem príncipe Henrique no cerco à Normandia, e a reputação conquistada nas lições dos torneios. Agora, Thomas podia ver, o lorde de Morlaix também aprendera, em algum lugar, a girar uma foice.

Observou-lhe os músculos sob a pele queimada de sol a se retesarem e se esticarem conforme ele manjava o cabo de madeira da foice. Ao mesmo tempo, a voz ríspida ecoava pelos campos, incitando os trabalhadores a se esforçarem do jeito que estava lhes mostrando. Na traseira das carroças, alguns ajudantes de cozinha e cozinheiros soltavam risinhos nervosos.

Os cavaleiros gascões foram os primeiros a notar o chanceler e sua comitiva observando da estrada. Alguns largaram suas foices no mesmo instante e saíram pelo campo de feno, fingindo indiferença e enfiando seus coletes almofadados conforme se aproximavam. Risos de caçada irromperam entre os londrinos.

— Calem-se. — Becket repreendeu seu pessoal. — Quando o senhor ordena, seus fiéis cavaleiros devem segui-lo. Até mesmo tratar uma batalha contra um feroz campo de milho.

As gargalhadas ecoaram. Naquele momento, Niall FitzJulien emergiu do trigal parecendo um deus pagão bronzeado de sol ainda com ramos de trigo espetados nos cabelos. Quando viu Thomas Becket, suas feições enrijeceram.

— Deus abençoe seus esforços, Morlaix — disse Becket. O arqui-diácono da Inglaterra fez o sinal da cruz, torcendo os lábios. — O Livro Santo nos diz que Deus realmente abençoa Seus colhedores dos frutos de Sua terra.

O lorde de Morlaix não estava ouvindo. Com um rosnado, pegou o gascão mais próximo e deu-lhe um murro no estômago. O cavaleiro desabou, esparramando-se de costas no chão. Os outros hesitaram. Então, apesar das explosões de riso por parte da comitiva do chanceler, pegaram as foices e voltaram para o campo, onde o cereal lhes chegava até a cintura.

FitzJulien virou-se para encarar o homem a cavalo.

— Bem-vindo aos meus domínios, senhor arqui-diácono. Perdemos dois campos maduros para a chuva esta noite, e estamos usando todas as mãos na colheita. Deve perdoar nossas tarefas grosseiras.

— Ora, homem, não se irrite. — O chanceler ficou sério. — Nosso generoso rei iria encarar sua... diligência como digna de nota. Morlaix, preciso de hospitalidade em sua campina mais uma vez para acampar até seguir caminho de volta a Londres.

— É sua. — O tom de Niall dificilmente se passaria por cordial. — E minha mesa para esta refeição da noite, e quaisquer outros desejos, grandes ou pequenos, que milorde possa ter.

— Hum. — Thomas fez um sinal ao seu capitão, e a coluna começou a andar novamente.

Os cavaleiros em cota de malha, depois um meirinho, passaram seguidos pelos cavaleiros, criados e, finalmente, pelas carroças. Na última carreta, um trovador segurando um alaúde atravessado nos joelhos olhou diretamente para Niall e começou a cantar com voz de falsete sobre a alegria do lorde e de seus bons camponeses desfrutando de um tempo feliz de colheita, terminando com um vibrante *ia-ia-oo!*

Niall soltou uma impreciação contra ele.

Apesar do fato de Becket transportar forração para os animais e iguarias para sua própria mesa, a estada daquela multidão ávida no castelo os sobrecarregara enormemente da última vez. Até mesmo os taverneiros de preços ultrajantes em Wrexham e Chirk tinham dificuldade em manter abastecido aquele exército itinerante de janotas e bajuladores.

Niall queria mais que o sagaz ministro do rei voltasse para Londres e ficasse por lá. Dificilmente poderiam aguentar-se por mais uns meses, quando os novos grãos ainda não estariam no ponto, e os estoques dos antigos se acabando; a cozinha passara a contar mais com tutano e bagas secas.

À distância, na estrada que contornava a cidade, Walter Straunge e uma tropa de cavaleiros de Morlaix se aproximavam a galope. Os ceifadores no campo tinham voltado ao trabalho. Niall esperou, enxugando o suor do peito com a camisa enrolada.

Quando estava perto o suficiente para gritar, seu capitão quis saber se a comitiva à frente era a do chanceler. Niall segurou-lhe a brida quando Walter puxou as rédeas do garanhão com a boca cheia de espuma.

— Sim, é aquele asno cheiroso, Becket, quem mais? — Debaixo do elmo, a boca de Walter curvou-se num sorriso irônico. — Quem mais cruza a Inglaterra como um harém de algum sátrapa da Pérsia indo para um casamento? Foram para o castelo para montar acampamento para a noite.

O capitão fez uma careta.

— Por que ele voltou aqui?

— Porque Morlaix fica a caminho do sul pela estrada.

— Não, juro que deve ser mais que isso. — Walter saltou da sela. — O rei Henrique não iria mandar Becket até as fronteiras de Gales e depois voltar simplesmente para experimentar o repolho em conserva com que seus leais súditos irão alimentá-lo. Há algo mais, aposto com você um xelim.

— Não temos nada aqui para Becket cobiçar.

— Hum, não estou muito seguro disso. Esse contador é um camarada muito esperto. Dizem que a rainha Leonor o detesta.

— Nenhuma mulher gosta do melhor amigo do marido — retrucou Niall.

— É isso o que ele é?

— Acredite em mim. — Niall sorriu. — Fiz campanha com Henrique, príncipe e rei, e seu apetite é insaciável, porém todo para as mulheres.

O restante da tropa de Walter aproximou-se a meio-galope. Um deles carregava um camponês de aspecto rude, com as mãos amarradas atrás das costas.

— Outro adorador de porcos — explicou Walter. — Normalmente são mulheres de meia-idade e gordas, que alegam que eles prestam serviços à velha deusa e podem fazer sortilégios e feitiços para as estéreis e as que perderam seu amor. Mas agora, existem muitos como esse aí. Estão surgindo feito moscas desde a maldita véspera do solstício de verão, quando, apesar de suas ordens, tiveram os costumeiros teatros de mascarados com fogueiras e danças com todo mundo nu. Temos quatro no poço da prisão que pregam contra a Igreja e o castelo, e que chamam os lordes da Inglaterra de ladrões.

Niall ergueu os olhos para o camponês descabelado. O rosto do homem estava machucado e cortado; era evidente que tinha lutado muito antes que o pegassem.

— O que diz, homem? — perguntou, em francês normando. — É um adorador da velha Cerridwen?

Havia mencionado o nome local da velha deusa. Um brilho feroz reluziu nos olhos do homem, por baixo dos cabelos emaranhados, mas não houve resposta.

— Se fosse por mim — bufou Walter —, eu lhes daria o direito de venerar o que

lhes agradasse... porcos, pedras, estrume de cavalo... é tudo a mesma coisa, contanto que os bárbaros façam seu trabalho. Mas eles não vão se contentar com isso, vão? É chocante ouvir o que dizem sobre os nobres.

— Ponha-o no poço dos prisioneiros — ordenou Niall —, até que os nossos novos monges encontrem algum motivo para levá-los ao julgamento da Igreja. Virou-se para voltar ao campo, mas seu capitão pegou-o pelo braço.

— Ela estava na mansão de novo — Walter disse, baixinho. — É a segunda vez esta quinzena, sempre à mesma hora. Niall encarou-o, enquanto demorava um pouco para assimilar o sentido das palavras.

— Quais cavaleiros estão com ela?

— Os mais confiáveis. Mas milady vai para outra parte da mansão, fecha e tranca a porta. Jehan e os outros são obrigados a esperar. E passam horas lá dentro com ela.

Niall virou-se, já enfiando os ombros na camisa.

— Me dê um cavalo. Quero que venha comigo. — Conforme um cavaleiro saltava e lhe estendia as rédeas, ele se irritou. — Não, fique aqui, mudei de ideia. Se eu a encontrar com um amante, não quero que o mundo inteiro saiba, maldição! — Saltou para a sela e olhou ao redor. — Será que é o empregado artesão? Vou matá-la. O idiota tem idade para ser pai dela.

Walter adiantou-se e pegou a brida da montaria da Niall.

— Fique, Niall... ah, milorde, o senhor não sabe... pode ser algo inocente, pode não ser nada! Não deixe que minhas palavras o encham de ódio. Desde que aquelas mulheres, as beatas, chegaram, ela tem ido muitas vezes até a casa.

— Jesus, isso é pior ainda! Ela passa o tempo trancada sozinha com mulheres estrangeiras? Walter pareceu perturbado.

— Não, não, eu não quis dizer isso! Eu lhe disse, ela fica em outra parte da casa, e faz os cavaleiros permanecer nos estábulos.

— Pelas chagas de Cristo, você chama isso de coisa inocente? — Niall virou a cabeça do cavalo, chutou o garanhão com força suficiente para fazê-lo empinar, e então partiu num galope pela estrada rumo à cidade.

— Agora, ele vai matá-la — disse o cavaleiro com o prisioneiro atrás dele na sela. Os outros concordaram.

Capítulo XV

Niall galopou pela estrada e pela cidade, pegando o velho padre com o pé na rua para o passeio da tarde e fazendo-o erguer a batina e pular como louco para a segurança do pátio da igreja. A pleno galope, fez o corcel saltar sobre um carrinho de vinho diante da porta da frente do vinhateiro. As donas de casa do vilarejo clamaram a Deus e aos anjos quando o viram passar como um louco, incitando o garanhão banhado de suor, até entrar

pelo portão da casa do ourives e para o quintal dos estábulos, onde puxou as rédeas, fazendo a montaria escorregar pelo chão. Uma tropa de cavaleiros da guarnição, que jogava dados, rastejou para sair do caminho.

— Milorde! — gritou Jehan.

Arregalaram os olhos diante da camisa esvoaçante e dos cabelos cheios de palha do lorde quando ele escorregou da sela.

— Onde ela está?! — ele esbravejou.

Os homens ergueram as mãos para apontar em direção a algum lugar do outro lado da casa. Niall saiu andando, praguejando com a dor na perna que o duro galope deixara agora desesperadora.

Maldita! Sabia que ela se dispusera deliberadamente a desafiá-lo por mandar o garoto embora. Ela não conseguia enxergar que era para o próprio bem da criança; o menino precisava ser treinado como um nobre, não como um artesão, para que pudesse lutar por o que quer que herdasse, algum dia.

Não, ela não iria enxergar isso, pensou, encolerizado. Expô-lo ao ridículo, assim com os amantes diante de seus próprios homens... diante da cidade inteira. Ela o estava desafiando a matá-la!

Niall girou a maçaneta de uma porta com toda a força e abriu-a, deixando à vista as despensas do fundo de uma cozinha. Fechou a porta com um baque. Ela estava em alguma parte. Não se atreveria a levar o amante para dentro da mansão, para o quarto; aquelas mulheres frísias que ela contratara estavam ali. Ele vira um rosto emoldurado de branco numa janela do andar superior, e que recuara depressa.

Vingança. Era isso, ele disse a si mesmo.

Ela preferia que ele a matasse, que trouxesse o escândalo sobre todos eles como vingança pelo casamento forçado e por ter levado o menino embora. Ah, ela se achava tão esperta! O rei Henrique, ele mesmo recém-casado com uma herdeira e uma criatura voluntariosa, além disso, iria encarar o fato de o lorde de Morlaix ter encontrado a esposa infiel com um amante humilde e a matado, como um ato estúpido e tosco. Ninguém jamais suportaria a ignomínia de ser traído. O povo da cidade iria se sentir do mesmo jeito.

Escancarou uma portinhola. Dava para a rua e para os barris de lixo da cozinha. Fechou-a com um pontapé.

Mas, por Deus, o que mais ele poderia fazer? O mundo iria pensar que ele era um covarde se não a estrangulasse quando a encontrasse do lado do amante! Fora um idiota de não ter posto um fim nisso dias atrás, quando a pegara fugindo com o pisoeiro.

A porta da loja do ourives estava fechada. Niall atirou-se sobre ela, batendo o ombro contra a madeira, até que a tranca quebrou. Cambaleou para dentro, e a força do impulso o levou até o meio do aposento. Sua perna ruim vacilou, mas ele agarrou-se a uma bancada a tempo.

Ouviu um grito agudo e virou-se, ofegante.

Jesus, sua esposa não estava na cama com o amante, estava de pé com um martelinho na mão, gritando como louca!

Ao olhar ao redor, ele percebeu que estava na loja do ourives. Não havia nenhuma cama, só mesas e prateleiras, fornos e ferramentas, caixas e baldes.

— Que diabos está fazendo aqui?! — gritou. — Quem está aqui com você?

O lugar estava sufocante de tão quente. Ela estava usando um vestido fino de linho com as mangas enroladas e a gola aberta, deixando à mostra a pele úmida e leitosa do monte dos seios e do pescoço. Um avental de couro, ele percebeu, olhando, não disfarçava as curvas sensuais daquele corpo esbelto.

— Aqui, comigo? — Ela o encarou como se ele fosse um maluco de fala incoerente.

Niall avançou contra ela, poupando a perna dolorida. Os cabelos de Emmeline estavam amarrados num pano branco, mas as mechas úmidas cor de cobre escapavam e esvoaçavam-lhe em torno das faces afogueadas. Os lábios tremiam, de medo ou de culpa, ele não saberia dizer.

— Sim, o artesão de ouro, o velho, onde está?

Uma expressão estranha toldou o semblante de Emmeline. Os olhos verdes se arregalaram.

— Quer dizer que pretendia me surpreender aqui na companhia de todos os meus amantes? Niall fez uma carranca, não gostando nada do jeito como ela dissera aquilo.

— Ah! Você admite, então?

— Admito? É por isso que irrompeu aqui, derrubando uma porta boa e me assustando a ponto de quase me fazer perder o juízo? — Largou o martelo num suporte de metal e virou-se para ele. — Ai de mim — disse, de repente, com meiguice —, não é meu desejo desapontá-lo, milorde, mas eles são muitos, compreenda, para um espaço tão pequeno como este. Afinal, esta é só a loja de um ourives. Portanto, tenho de deixar meus amantes esperando em turnos no quintal de lavar roupa. Fique onde está só um momento, e eu irei chamá-los.

Ela rumou para a porta aberta, mas Niall estendeu a mão para agarrá-la. Pisou em algo que tinha caído no chão quando entrara arrebentando a porta, e a coisa esmigalhou-se sob seu pé. Mas mesmo assim, ele conseguiu pegar Emmeline pelo braço.

— Maldita, não zombe de mim! — Arrastou-a para perto, sentindo de imediato a maciez e a quentura daquele corpo, mesmo no calor insuportável do lugar. — Você ainda não me disse o que está fazendo aqui.

Emmeline inclinou a cabeça para trás, desafiando-o com aqueles olhos verdes faiscantes.

— Deixe-me em paz! Você já não tirou o suficiente de mim?

O menino. Ele estava certo quanto a isso.

— Tirarei o quanto eu quiser, quer isso lhe agrade ou não! Maldita, você é minha esposa. O que está escondendo de mim?

Estendeu a mão em torno dela e tateou a mesa. Tinha visto o brilho de prata, quando achava que o lugar fora limpo de tudo de valor. Ergueu um alicate, e um pedaço de fio de prata caiu das tenazes.

— Diabos! Está aqui fazendo trabalho de ourives? — Ergueu o fio. Ainda estava quente, aquecido para formar uma filigrana que se ajustaria ao redor de uma pedra azul numa garra. — Mostre-me. — Pegou-a pelos ombros e sentou-a no banco. — Mostre-me como faz isso.

Emmeline sentou-se com as costas retas, olhando para a frente. O nó do lenço de cabeça deixava exposta parte de sua nuca com as mechas suadas de cachos ruivos. Niall, de repente, teve vontade de passar os dedos por ali. Sua esposa era linda,

deliciosa... e o detestava. Era um pensamento desanimador.

Ela curvou os ombros e soltou um suspiro alto. Pegou as tenazes e segurou o fio diante de um orifício no forno de barro, rodando-o com habilidade. O local de trabalho era silencioso, a não ser pelo espocar e estalar das chamas.

Ela sabia o que estava fazendo, pensou Niall. Observou-a conforme colocava o fio com destreza sobre uma laje de pedra e o moldava com o martelinho. De um lado havia um engaste, uma borda que iria segurar a safira, com pequenos dentes na borda que seriam empurrados para baixo a fim de segurar a gema preciosa no lugar. Depois de alguns instantes, ela ficou tão concentrada no broche que não parecia mais estar ciente de que ele ainda estava ali.

Olhando para as mãos esguias que se moviam com tanta confiança, Niall sentiu uma comoção profunda dentro de si. O velho Neufmarche ensinara a ela o trabalho de ourivesaria, um velho com uma esposa que mal passava de uma criança, os dois passando o tempo juntos ali, no local de trabalho. O ourives não fora capaz de lhe dar um bebê, então lhe dera aquilo.

Niall sabia pouco ou quase nada sobre o ofício de ourivesaria, mas podia ver a perícia de Emmeline. Um mestre em algo tinha aquele olhar absorto, concentrado numa coisa só: ele sabia que tinha o mesmo olhar quando estava trabalhando nos exercícios com sua espada.

Ah, Deus, era melhor que pensar que ela se entregava aos homens com luxúria! Estendeu a mão e puxou-lhe com força o nó do lenço. Ela deu um salto no mesmo instante, e as ferramentas sobre a mesa retiniram.

— O que...

Ele ergueu-a de pé e tomou-a nos braços, apesar de Emmeline se debater. Havia só um jeito agora para expulsar sua louca invasão da mansão diante de Jehan e dos outros. Suas mãos agarraram-lhe as coxas quando ele a ergueu sobre a bancada de trabalho.

— Não me enfrente — murmurou.

Os olhos de Emmeline se arregalaram, frios e verdes como o mar no inverno.

— Não, pare! — Debateu-se com mais força. — Seu idiota, vai se queimar!

— Então, não se mexa.

Com uma das mãos, ele empurrou o forno para trás, sobre a laje de pedra, e depois as ferramentas. Assim que a ajeitou no tampo de madeira, as mãos de Niall encontravam o que estavam procurando debaixo das saias de Emmeline, a fenda das calças e, através dela, a abertura quente e peluda do sexo, como alguma joia escondida. Deliciosamente apertada, contraindo-se sensualmente conforme seus dedos a invadiam.

Ela não poderia fugir dele, presa sobre a mesa atulhada com fornos e instrumentos de pontas afiadas. Niall segurou-a com uma das mãos enquanto a acariciava com os dedos, ouvindo-lhe os arquejos de protesto. Ainda a segurava quando desamarrou as calças e moveu o corpo entre os joelhos de Emmeline, enterrando-se dentro dela.

Ela embainhou sua espada de carne com uma suavidade quente e relutante conforme ele entrava e saía. Então, abafou-lhe os soluços raivosos com a boca. Era delicioso, intenso, tão inebriante como uma dúzia de taças de vinho tomá-la daquele jeito; ela nunca se mostrara tão receptiva, tão lasciva, tão... rendida. Conforme o corpo de Emmeline estremecia, Niall pensou que, apesar do plano demoníaco, ela era inteligente e

prática, uma artesã tão boa como qualquer homem. Algo nele desejou possuir e conquistar isso também.

Segurou-a com cuidado quando ambos chegaram ao clímax, uma torrente rápida, de tirar o fôlego, uma inundação de sensações escaldantes. Tão maravilhosamente intenso que o fez cambalear.

Quando ele abriu os olhos, Emmeline o encarava, furiosa. Ele encostou a boca em seu pescoço e murmurou:

— Quando vai me dar outro filho?

Ela soltou um grito agudo e o empurrou.

— Saia de dentro de mim! Deixe-me em paz!

Niall ficou tentado a deixá-la cair de costas sobre os cadinhos. Mas soltou-a e endireitou-se, e ergueu as calças. Então, puxou-lhe as saias sobre os joelhos. Manquitolou até a porta.

— Direi a Jehan e a seu acompanhante que você está de saída.

Niall fez um teatro e tanto amarrando os cordões na cintura da calça conforme atravessava o quintal. E viu os cutucões e os sorrisos maliciosos que os cavaleiros davam uns nos outros. Suas expressões diziam que o lorde estava com um humor tempestuoso quando irrompera casa adentro, mas agora, tendo possuído a esposa com bons resultados, voltava com um excelente humor.

A pequena farsa não o fez sentir-se nada melhor. Não se deu o trabalho de continuar a parecer o marido satisfeito quando o cavalo do gascão lhe foi trazido e ele montou, saindo em disparada pelo portão.

Na rua, quase atropelou um músico carregando um alaúde. O sol estava se pondo, e a claridade não era suficiente para que tivesse certeza, mas Niall achou que poderia ser o mesmo trovador atrevido que ele vira cantando na vanguarda de Thomas Becket, naquele mesmo dia.

Mas quando se virou para olhar, o homem tinha sumido.

— Os galeses não podem vencer — disse o chanceler —, porque seguem seus príncipes, e não um rei destinado por Deus. E seus príncipes, sendo muitos e briguentos, não concordam em nada. Owainn de Gwynedd, Rhys de Deheubarth, Cadwallader... sentam-se em conselhos infundáveis discutindo quando levantar seus exércitos, ou se devem ou não confiar nos aliados. A única coisa que sabem é que seu inimigo é a Inglaterra.

Uma voz distante, ao longo da mesa principal, comentou:

— Às vezes, milorde, isso pode ser o suficiente.

— Deus sabe que levou anos para subjugá-los — o meirinho do chanceler se intrometeu.

O administrador de Morlaix, Baudri Torel, estava de pé atrás da mesa principal do salão nobre, dirigindo o fluxo de criados da cozinha para a mesa e vice-versa. Então inclinou-se sobre o ombro de Niall e disse-lhe alguma coisa ao ouvido. O lorde de Morlaix afastou-o com impaciência.

— Os galeses nunca foram subjugados, muito menos conquistados — resmungou Niall. — Se é esse o pensamento agora em Londres, estão enganados. O meirinho

fungou com desdém.

— Sim, Morlaix, todos nós ouvimos como Cadwallader o tem atormentado bem aqui nos portões de seu próprio castelo. Que, eu creio, ele também incendiou. — Quando Niall o encarou feio, o homem sorriu. — Oh, má sorte, com certeza. Sem dúvida você está mais preparado para ele agora que ergueu as muralhas externas.

— Eustace — disse alguém.

— Ora, só quero destacar que nosso glorioso rei lutou naquelas terras da fronteira quando era apenas um príncipe de penugem na cara, e não teve nenhum problema em fustigar os galeses da maneira mais apropriada.

— Calma, Banastre — disse Thomas Becket. — Isso não é prudente, ridicularizar Morlaix. Ele tem pouco contingente desde que chegou. E conta com gascões. Nada mais, nada menos.

Um de seus lacaios estava passando um prato de enguias defumadas em geleia, trazidas de Londres. Becket serviu-se e depois apontou para Niall, que recusou com um gesto de cabeça.

— Nosso valoroso lorde FitzJulien — o chanceler continuou —, era o comandante do príncipe Henrique nesses anos de que você fala. E se Cadwallader nutre uma ira peculiar, é porque se lembra bem da derrota que as forças do príncipe Henrique lhe impuseram. E do comandante que foi a causa disso.

— Milorde, o rei... — começou o meirinho.

— Tem aversão por derramamento de sangue, Banastre — Becket o interrompeu. — Poucos sabem disso, mas por mais que tenha enfrentado corajosamente sua cota de batalhas, Henrique Plantageneta prefere de longe o debate e a negociação à guerra rude.

— Sim — resmungou Niall. — A carnificina, ele deixa para os outros.

Ninguém o ouviu. Niall inclinou-se para a frente no banco para olhar ao longo da mesa e ver sua esposa sentada do outro lado de Becket. Estava olhando para a travessa de enguias que o criado lhe estendia. Então pegou um pedaço com os dedos e colocou-o sobre a mesa, inclinando a cabeça reluzente com as tranças enfeitadas de ornamentos de ouro em pingentes para examiná-lo.

Embora algumas das esposas da comitiva do chanceler fossem excepcionalmente belas e elegantes, ela ainda era a mulher mais bonita no salão. Todos os homens tinham bebido a noite inteira, e Niall sentiu que fora imprudente em seu comentário sobre o rei deixar as mortes de guerra para seus comandantes. Mas, de repente, descobriu-se desejando estar a sós com a esposa. Observou aqueles pingentes brilhantes de ouro faiscando sob a luz das tochas, a curva do rosto conforme ela examinava a iguaria em conserva de Becket com uma expressão de cautela.

Pelas chagas de Deus, como ele queria sair daquele salão cheio de gente e barulhento e da companhia dos parasitas do rei! Queria tirar aquele casaco e as calças de seda e os sapatos de couro espanhol que nunca usara o suficiente para deixá-los confortáveis, e esticar-se ao lado de sua esposa na cama enorme, talvez com um bom fogo queimando na lareira. E uma jarra de vinho.

A fantasia tomou-o de assalto com tanta força que, por um longo momento, Niall não conseguiu tirá-la da cabeça.

Ultimamente, havia pouca privacidade em Morlaix. Parecia que ele nunca se sentava à sua própria mesa sem imaginar quantas noites e dias mais seriam obrigados a entreter o primeiro-ministro do rei. Que, apesar de alguma sondagem, nunca realmente

esclarecera o motivo que o trouxera tão longe, na região fronteira de Gales, a não ser a razão anunciada: que embora o rei Henrique e a rainha Leonor estivessem na Normandia, seu chanceler viajava pela Inglaterra como seu agente de direito, derrubando castelos ilegais, nomeando xerifes e meirinhos e controlando a corte do rei.

Niall conhecia Henrique muito bem para acreditar que essa fosse toda a história. Era óbvio que havia algo mais.

Torel, o administrador, saiu de trás da mesa principal com um grupo de meninos da cozinha, e limpavam um espaço para os trovadores do chanceler. Os londrinos eram afeiçoados a um entretenimento, e a popularidade dos cantores e poetas era absolutamente inacreditável. Havia um novo favorito a cada mês na cidade, que conseguia prender a atenção do público com uma ou outra canção ousada, ou pela aparência, ou pelo estilo de roupa que lançara moda. E constantemente, chegavam mais outros da França, precedidos de reputações fascinantes.

Noite após noite, a comitiva do chanceler não parecia se faltar deles. Nas mesas mais baixas, alguns dos cavaleiros de Morlaix levantaram-se e foram até o monte de esterco para se aliviarem. Niall sabia que não iriam voltar.

Os dois trovadores traziam banquinhos e se sentaram, ajustando os instrumentos, um alaúde e uma flauta pastoril. Niall observou-os de mau humor. Seu hóspede, Thomas Becket, sem dúvida, era uma fonte de sagacidade, um mago de conhecimento e intelecto, mas ele ainda tinha os cuidados e os deveres de seu próprio feudo a considerar. Torel acabara de avisá-lo de que uma delegação de moradores do vilarejo e da jurisdição da aldeia de Wycherly, ao norte do rio, o esperava no pátio externo.

Niall sabia o que eles queriam.

Todos os moradores de Morlaix tinham trabalhado juntos na colheita do feno. As equipes escolhiam seus próprios líderes. Talvez por causa disso o corte do feno tivesse andado rápido, com poucas falhas e disputas. Mas a visita de Thomas Becket desordenara o verão. A horda de cavaleiros e servos do chanceler não só consumira as provisões da região, como também havia tirado gente boa dos campos para cozinhar e servir no castelo. O resultado era que o corte do feno tinha parado completamente. E muitos campos continuavam à espera da colheita.

Os homens de Wycherly queriam falar do corte da forragem, que deveria ser terminada para começar a colheita do milho. O tempo era o que se poderia esperar naquela época do ano: quente e tempestuoso, com pancadas de chuva aleatórias que já tinham estragado dois campos; tudo o que precisavam era que caísse um temporal para perder todo o feno do ano.

Niall olhou ao redor do salão. A colheita era a maior preocupação dos moradores do vilarejo, enquanto o grupo do chanceler se divertia com jogos de dados, caçadas e corridas de cavalo. Isto é, quando não se sentavam, naquilo que parecia uma maldita festança eterna.

Virou-se para Becket e disse:

— Milorde, com licença, mas há um assunto que devo resolver no pátio. Enquanto isso, dê ordens a meus criados como quiser, e minha senhora se empenhará o máximo para lhe ser agradável.

Olhou por sobre a cabeça do chanceler e atraiu a atenção de Emmeline. Isso ela poderia fazer por ele. Niall levantou-se, seguiu por trás das novas tapeçarias e saiu pelo fundo do salão.

Atravessou o pátio externo lotado de carroças dos provisioneiros. Os homens de

Wycherly estavam acocorados debaixo de uma saliência do telhado do estábulo que proporcionava alguma cobertura para o sol. Eram homens castigados pelo clima, bronzeados, de camisas compridas, calças xadrez rasgadas e pés descalços, todos da mesma cor. Quando o viram, saltaram de pé. Niall poderia afirmar que não esperavam que ele aparecesse, na verdade.

Parou diante deles, com os punhos nos quadris. Tinha exigido muito daqueles homens, afastado todos eles dos campos, dia após dia, para reconstruir o castelo. Alguns, ele reconhecia pelos palavrões que tinham lhe endereçado das sebes, quando ele passava a cavalo.

— Viemos falar do feno — alguém resmungou.

Um enorme aldeão grisalho nos fundos se manifestou:

— A gente não conseguiu mãos que bastem para o corte do feno, e meus dois meninos estão aqui em cima no castelo indo e vindo com as coisas do lorde!

— Qual é o nome deles? — quis saber Niall.

— O pequeno Rhys, e Gwern. Soava verdadeiro.

— Vem vindo uma tempestade feia por aí — disse outro. — A gente já andou perdendo feno. Os outros resmungaram, concordando.

Niall olhou ao redor. Alguns poucos baixaram os olhos, mas a maioria o encarou com coragem.

— Com esse tempo e esse clima, rezem pela sorte. E usem um velho truque dos soldados. Houve um silêncio mortal.

— O que é isso? — alguém perguntou, por fim.

— Os chefes de turmas — disse. — Sorteiem os lotes com o feno restante. E cortem nessa ordem. Foi difícil não rir diante daquelas expressões perplexas.

— Aceita jogar a moeda para o alto? Invocar a velha Cerridwen? — Os homens se entreolharam. — A gente pensou que não podia mais fazer essa coisa pagã.

— É justo — disse uma voz. — Mais justo do que era antes, com nossos campos esperando depois do lorde.

— É mesmo — o grandalhão concordou. — Muito melhor para nós de Wycherly tirar na sorte do que ficar por último! — Virou-se para Niall. — A gente precisa dos homens que milorde deixou cuidando dos convidados lá na festa.

— As mãos boas para a colheita estarão fora do castelo ao cair da noite — disse Niall. — Eu mesmo vou cuidar disso. Disse a si mesmo que era um meio, pelo menos, de livrar-se do chanceler.

— Milorde! — o grandão o saudou, com voz ríspida.

Ouviu-se um burburinho entre eles, e Niall sentiu que tinha conquistado os homens; estavam prestes a cair de joelhos. Afastou-se.

— E continuem — gritou, por sobre o ombro, conforme voltava pelo pátio — a rezar fervorosamente para a Virgem Santa para que, até que a gente recolha todo o feno, não chova!

Dentro do salão, os trovadores cantavam uma linda melodia, as vozes se mesclando numa harmonia provençal. Um dos cantores era alto e bonito, com pernas musculosas que ele exibia numa calça justa com desenhos de diamantes. O outro, um homem ligeiramente mais baixo, usava uma capa curta com capuz. Conforme se inclinava

sobre o alaúde, era difícil ter uma boa visão de suas feições.

Embora o pessoal do chanceler risse e aplaudisse àquilo que parecia uma apresentação muito divertida, para Emmeline, as letras beiravam um terreno perigoso. As coisas que os namorados expressavam nas canções, as coisas que os amantes faziam, não pareciam inocentes, não importava o que os trovadores dissessem.

Uma das coisas que se podia perceber naqueles sulistas estranhos, pensou, empurrando para longe o pedaço de enguia com geleia, era que a veneração à Santa Virgem era muito forte entre eles; constantemente a chamavam de Mãe de Deus, a Pomba, a Estrela, a Joia de Deus, em vez de invocar o Deus Pai, ou o Santo Cristo. Era quase como se preferissem uma mulher, também, para sua deidade.

— Gervais Russel. — O chanceler apontou para o cantor de pernas compridas que tocava um solo difícil na flauta. — Russel é o grande favorito da rainha Leonor. Mas como trovador, não se compara, claro, ao grande Bernart de Ventadour, que era o trovador de nossa bela senhora quando ainda era rainha de França. Apesar do nome Ventadour, ele não era nobre. A mãe não passava de uma criada de cozinha da família Ventadour, em Limousin. Mas, na Aquitânia, eles aceitam isso com generosidade, sempre em nome da arte. Claro, houve um escândalo...

Emmeline olhou para o trovador, que pusera de lado a flauta e agora, acompanhado pelo outro, no alaúde, cantava uma canção sobre o amor de um cavaleiro por uma dama chamada Alweyn, presa numa torre pelo marido cruel.

Estava atônita com o gosto daquela gente por boatos e fofocas. E pelo que soubera, a corte do rei era ainda pior.

Ela não era tola. Afinal, era viúva, mulher e artesã. Mas as histórias que aquele pessoal contava mostravam um Henrique II ainda mais devasso que o avô, o famoso Henrique I, que se vangloriava de ter feito mais bastardos que qualquer homem na Inglaterra.

A filha dele, mãe do atual rei, fora esposa do imperador do Sacro Império Romano, e depois, aos trinta anos, casara-se com o pai do atual rei, o belo duque de Anjou, que tinha então dezessete anos. Que família era a desses angevinos!

Pelos comentários, a rainha Leonor e sua família na Aquitânia não eram coisa melhor. O avô de Leonor, o duque Guilherme da Aquitânia, fora um lutador fanfarrão e um cruzado, cantor e poeta, que raptara a esposa de um conde vizinho, chamada Dangerous... literalmente, “a Perigosa”... e depois de violentá-la, a prendera numa torre e a mantivera como amante. O homem morrera excomungado pela Santa Igreja. O pai de Leonor, o duque Guilherme X, saqueara mosteiros e ameaçara abades e bispos e fora excomungado muitas vezes antes de morrer. A rainha Leonor se divorciara do marido, o rei Luiz de França, e se casara em seguida com Henrique de Anjou, onze anos mais novo que ela.

O chanceler continuava a falar, e só então Emmeline prestou atenção.

— Esses trovadores sentem que devem declarar amor verdadeiro por suas damas, *pro forma*, como se diz. Mas Ventadour ultrapassou os limites. O rei Luiz pôs um paradeiro às intenções do jovem admirador de sua rainha, e Ventadour foi punido, não se sabe como. Ouvi dizer que nunca mais voltou à França.

O trovador terminou a canção e se levantou, inclinando-se para receber os aplausos. Thomas bateu palmas com entusiasmo.

— Naturalmente — continuou, erguendo a voz por causa do barulho —, isso foi enquanto a rainha Leonor ainda era esposa de Luiz de França, e antes de se casar com

nosso amado rei.

Emmeline mal o escutou. As coisas que Thomas Becket estava dizendo sobre o rei e a rainha a deixavam temerosa. Pensou no próprio escândalo: ter dado à luz um filho de um homem enquanto era casada com outro. E esse homem, o lorde de Morlaix, a tomara agora como esposa. Soava tão horrível como as histórias dos londrinos!

Viu que FitzJulien voltara ao seu lugar na mesa principal. O sol se afundava além das muralhas do castelo. Os criados começavam a trazer velas e lampiões para colocar nas mesas diante deles.

Ela olhou para o marido, tomada da terrível sensação de que, cedo ou tarde, seria obrigada a lhe contar sobre o dinheiro dos galeses. Ela o roubara, não iria negar; e por certo alguém viria, em algum momento, para pegá-lo de volta. Mas só de pensar em como ele receberia essa notícia, seu coração disparava.

Niall FitzJulien nunca acreditaria que ela era inocente. Iria encarar a questão do ouro como pura traição. Sem querer, Emmeline gemeu. Suportaria qualquer coisa, se pelo menos tivesse Magnus. Pensava nele a todo momento do dia, preocupava-se se estava sendo bem-cuidado, se tinha uma boa cama para dormir e o suficiente para se alimentar.

Seu marido estava conversando com o meirinho do chanceler. A luz das velas tocava-lhe a linha do queixo, as sombras dos olhos, os nós dos dedos avermelhados da mão forte conforme ele gesticulava.

Santo Deus, se isso abrandasse o coração daquele homem, ela se arrojaria aos pés dele e imploraria para ter seu filho de volta! Porém, sabia que era inútil. Ele nunca a poupava; julgava-a como algum tipo de monstro lascivo por aquilo que ela fizera tantos anos atrás.

Os dois trovadores se levantaram, inclinando-se diante dos aplausos. Emmeline mal conseguira ouvir a última canção, um dueto. O homem mais baixo virou-se e fez uma mesura para os nobres na mesa principal; o meirinho, o lorde de Morlaix e a esposa, o alto chanceler da Inglaterra, o próprio Becket. O capuz escorregou um pouco para trás.

Depois do primeiro choque, Emmeline percebeu o que ele queria que ela visse. Sentou-se, paralisada, conforme o emissário do ouro, em trajes de trovador, virou a cabeça e encarou-a diretamente.

Cadwallader, pensou Emmeline, tentando impedir os dentes de baterem, os informara de que não recebera o ouro, afinal.

Capítulo XVI

Surpreendentemente, foi o outro trovador que procurou Emmeline, e não o emissário do ouro.

A campina era uma confusão de cavaleiros montados, carroças e criados, todos disputando a única estrada que levava à cidade. Thomas Becket já tinha se despedido do senhor e da senhora de Morlaix e se afastava a cavalo, na companhia do xerife de Wrexham, dos amigos e suas esposas. Mas a tropa que deixavam para trás parecia uma debandada de um campo de batalha.

Niall FitzJulien saiu apressado para os campos de feno. Emmeline desceu para a praça a fim de ajudar o senescal, Baudri Torel. Alguns dos desgarrados da comitiva de Becket tinham atrelado uma carroça a um par de mulas, alegando que era deles, e estavam tentando ir embora. O trovador apareceu e parou diante dela, enquanto Torel e alguns cavaleiros de Morlaix desatrelavam as mulas, apesar dos protestos dos londrinos.

Gervais Russel sorriu.

— Isso não é nada... é bem pior quando o rei viaja. O rei Henrique é zeloso em conhecer cada cidade e aldeia de seu reino, mas nada é preparado com antecedência, a não ser os alojamentos para o soberano e a rainha, sua senhora. Todos os demais se ajeitam o melhor que podem. Os magnatas, os ministros, os altos membros da Igreja passam razoavelmente bem, mas para o restante de nós, é a anarquia, cada um por si e o diabo que carregue o último. Já vi cavaleiros sacar as espadas brigando por um lugar para dormir em algum curral ou beira de cerca.

Emmeline não disse nada. Os homens de Becket pareciam estar prestes a abandonar a carroça que era, evidentemente, de Morlaix. Ela se lembrava de tê-la visto, com as laterais pintadas com nuvens e anjos, na procissão da festa da Ascensão. Uma multidão se reunira. Gotselm, enfiando o elmo na cabeça, veio correndo das barracas, gritando.

— Não é deles — disse Emmeline, afastando-se. Era necessária na cozinha, onde as cozinheiras estavam desesperadas com o que havia restado dos estoques de comida. — É evidente que alguém roubou a carroça deles, e não podem ir embora sem uma.

O trovador seguiu-a. Um dos criados de Becket saiu correndo e pegou-o pelo braço, dizendo que estavam atrasados e que o chanceler procurava por ele para cantar enquanto viajavam para Chirk. Russel o empurrou para longe.

— Milady — disse, ao alcançá-la —, uma palavra, por favor.

Ela o olhou de soslaio. Não queria a companhia daquele homem. Ficara nervosa a manhã inteira procurando pelo emissário do ouro em seu disfarce de menestrel, receando que ele viesse perguntar o que havia acontecido ao ouro de Cadwallader. Porém, não havia sinal dele. Ela não podia imaginar o que aquele outro haveria de querer.

O trovador postou-se diante dela.

— Eu... eu, senhora... milady... eu ouvi dizer que a senhora tem algum conhecimento de ourivesaria.

Emmeline estacou, pensando que aquilo era algum tipo de piada. Não duvidava de que os fofoqueiros de Londres caçassem dela, a senhora de Morlaix. A ex-esposa de um ourives.

— Não, meus mais profundos respeitos, este é um assunto de imensa importância para mim — ele apressou-se a emendar. — Eu não a procuraria, lady Emmeline, se não precisasse pedir sua generosa ajuda.

O que ele poderia querer dela? Russel era uma cabeça mais alto que ela, de feições animadas encimadas por grossas sobranceiras escuras. Era falante, cheio de confiança em si; todas as mulheres procuravam sua atenção. Ele a puxou para as sombras do muro baixo ao lado da armaria.

— Eu suplico — disse com voz rouca —, antes que recuse, deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

Antes que Emmeline pudesse recuar, ele enfiou a mão no casaco de cetim verde e tirou uma corrente de ouro com alguma coisa presa a ela. Segurou-lhe a mão e colocou dentro a corrente e uma peça de cristal.

— A senhora não pode imaginar o quanto isto significa para mim. Quebrou-se, foi um acidente, e agora estou meio maluco para encontrar alguém que possa consertá-lo. Não posso esperar até chegarmos a Wrexham. Além disso, há razões...

Emmeline ergueu o pingente. O cristal era particularmente refinado, do tipo encontrado nas minas das montanhas da Boêmia. Havia vários nas caixas de gemas de Neufmarche. Cristais sem defeitos, ainda maiores que aquele, não eram tão raros assim, porém populares nas cortes de Espanha e do sul da França. Quando cortadas e polidas, as gemas de um branco azulado faiscavam como nacos de gelo. E podiam ser facetadas, a nova arte de cortar gemas preciosas que as tornava muito mais brilhantes e interessantes que os antigos cabochões redondos, polidos.

Aquele cristal era grande, quase do tamanho da metade da palma da mão de Emmeline, e em formato de coração, com as bordas facetadas. Pulara do engaste, um conjunto de colar em filigrana de ouro com rubis e granadas.

Virou-o de um lado para o outro, pensando que valia dinheiro, talvez um bocado, mas era muito chamativo para seu gosto. Se a loja de Neufmarche o tivesse feito, dificilmente se gabaria disso.

Mesmo assim, era valioso por seu próprio estilo, na moda. Metade das damas na corte daria suas melhores bugigangas em troca.

As damas da corte, pensou Emmeline. Tinha certeza de que era algum presente afetivo.

— Você o usa em torno do pescoço nesta corrente? Ele concordou, de olhos baixos.

Os dedos de Emmeline encontraram os pontos onde as irregularidades do cristal se encaixavam no colar. Encaixou-a no lugar, e apertou-o com um clique.

— Soltou-se, simplesmente — disse, ao devolvê-la. — Terá de mandar prender, ou a pedra cairá de novo.

Ele não conseguia acreditar. Arquejou, olhando para o pingente como se ela tivesse acabado de realizar um milagre.

— Só isso?

Emmeline tentou passar por ele para ir procurar Gotselm e suas aias.

— Sim. Era isso o que queria me pedir? Ele ainda olhava para a joia.

— Isso foi... isto, a joia que estava quebrada, eu vi por mim mesmo. — Ergueu-a na mão, as feições contorcidas de gratidão. — Ah, cara senhora, como eu maldisse minha própria falta de jeito esses últimos dias! Fiquei desesperado ao imaginar que este coração em joia que é tão precioso para mim, que me foi dado pelas mãos de minha santa e amada, nunca tivesse conserto.

— Bem, a pedra vai pular do engaste de novo, a menos que procure Bertram, em Wrexham, ou algum outro ourives para soldá-la. Ele continuou a olhar o pingente.

— Não posso dizer o que lhe devo. A senhora tem minha vida em suas mãos, verdadeiramente. — De repente, caiu de joelhos diante de Emmeline, tomou-lhe os dedos

e levou-os aos lábios com fervor. — Juro que, deste dia em diante, protegerei o símbolo de meu amor com minha vida. E porque a senhora foi o próprio anjo do céu para mim, salvando o que eu prezo mais que o ar que respiro, lady Emmeline, jamais esquecerei isso.

— Sim, sim. — Ela tentou se livrar dele.

Por Deus, como as pessoas se comportavam por causa de suas joias!...

— Mande me chamar, cara senhora, caso precise de mim — disse o trovador. — Sou seu eterno escravo. Peça qualquer coisa. Ela desviou-se e passou por ele, com os dentes cerrados.

— Não, fico contente de ter sido de ajuda.

Quando chegou onde estava Gotselm, os condutores do chanceler ainda se penduravam teimosamente na carroça.

— São os últimos? — Emmeline se referia ao pessoal de Becket. O sargento assentiu.

Pela aparência de seus utensílios, das panelas, dos potes e dos catres, os londrinos eram mascates, um bando desorganizado. Sua carroça, se é que realmente tinham uma, era provavelmente inútil.

— Diga a eles para nos darem duas mantas e algumas caçarolas grandes de ensopado em troca da carroça — disse ela.

A multidão ao redor arquejou. Ela estava propondo desistir da carroça, a menos que os mascates tivessem algo de valor para barganhar. Gotselm berrou, passando as ordens. Os mascates começaram a descarregar suas mercadorias, ansiosos. Torel aproximou-se para examinar, enquanto Emmeline se afastava.

O trovador, Russel, fora embora, era evidente. Do portão da guarita, podiam ainda ver a fila da comitiva de Thomas Becket na estrada da cidade, viajando por entre os campos de feno recentemente aparados na colheita.

Emmeline sentiu como se uma terrível espada bíblica da ruína pairasse sobre ela. Esperava que o emissário do ouro tivesse ido embora com eles. Ficara na expectativa de que se aproximasse dela para perguntar sobre o ouro perdido de Cadwallader antes da partida do chanceler, mas, fora o olhar, enquanto ele e Russel estavam cantando, não acontecera nada.

O senescal aproximou-se por trás de Emmeline, querendo que ela examinasse as caçarolas que os mascates queriam trocar pela carroça. Era provável que algumas, explicou, não fossem tão boas como ela gostaria.

Com um suspiro, Emmeline afastou-se.

O tempo continuou quente e seco, exceto por um pé d'água que varreu o milho na parte leste do feudo com granizo, porém mal danificou o restante.

O meio do verão, tempo de colheita, era a melhor época do ano. Dia após dia, um sol abrasador percorria um céu azul. Morlaix realizava uma feira de lã no fim de julho, e vinham fabricantes de Londres e de Flandres. A tosa trouxera preços tão bons que os pastores tinham se embebedado durante dias. A primavera quente e úmida fizera o painço e o milho crescer mais altos e mais granados do que muitos podiam se lembrar. Os ceifadores trabalhavam da hora em que o sol esquentava o suficiente para secar o orvalho das espigas até o orvalho começar a cair de novo ao anoitecer. Depois das primeiras semanas nos campos, todos em Morlaix estavam bronzeados.

Emmeline pensava constantemente em Magnus. No verão anterior, ela o presenteara com seu primeiro pônei, e fora uma luta manter os olhos nele e não deixar que se aventurasse pelos prados mais distantes da região. Agora, ela se lembrava de sua empolgação ao cavalgar nos campos de verão em sua pequena montaria.

A algazarra das crianças na praça do castelo atraiu-a até a janela mais próxima; procurou, sem raciocinar, a voz do próprio filho. Torturava-a pensar que ele estava crescendo sem ela por perto. Imaginava sem cessar se ele estava no Norte, em algum lugar perto de York, ou se fora mandado para o Sul, talvez para um castelo como o de Chepstow. Alguém, especialmente entre os cavaleiros, certamente saberia. Ela estava morrendo de vontade de perguntar a eles, mas sabia que não lhe contariam.

Walter se mostrava extraordinariamente simpático.

— Não se aflija, milady, o menino está bem. Conheço meu lorde e não existe cavaleiro mais corajoso e confiável. Ele só quer o melhor para o garoto. Talvez... — fez uma pausa — ...talvez algum dia, não muito distante, ele permita a um padre escrever uma carta para que a senhora não sinta assim tanta saudade. Por que não pede a ele?

Pedir a ele? Emmeline já tinha de suportar o suficiente sem ter de rastejar até o marido para implorar que a deixasse receber uma carta do filho. Era provável que fosse uma carta falsa, que não lhe contasse nada. Sabia que era um bônus que ele não concederia, de qualquer forma.

À noite, o ânimo melancólico de Emmeline parecia apenas despertar a lascívia do lorde. Ele queria outro filho, e seus atos diziam que um bebê compensaria a perda de Magnus. Porém, várias vezes, depois que suas carícias não provocavam nenhuma reação, ele virava de costas e dormia.

Era em momentos assim que Emmeline ficava deitada acordada, ouvindo os ceifeiros na eira, celebrando até tarde com danças e bebidas, apesar do dia duro de trabalho a enfrentar pela manhã. Os moradores da vila apressavam-se em trazer os feixes para que pudessem debulhar os novos grãos para fazer farinha para o primeiro pão do Lammastide, o primeiro de agosto. Esse primeiro pão trazia boa sorte, uma boa colheita e um inverno farto. Todas as encruzilhadas da estrada seriam enfeitadas com flores e com os filões de pão recém-assados, para serem abençoados pelos deuses tanto cristãos como pagãos.

À noite, quando a lua estava quase cheia, o tráfego era intenso até tarde nas estradas. Não era incomum ter mascates fortes caminhando durante a noite, no verão, com fardos nas costas e nas carroças. Nos dois últimos anos, desde que o jovem Henrique era rei, havia não só sacoleiros e mercadores, mas também frades pregadores de muito longe, como de Paris e da Itália, e até mesmo bandos de atores e músicos itinerantes que lutavam por um mínimo de subsistência nos pequenos vilarejos. Acompanhando-os, vinham mercadores sarracenos com tapetes e latão, italianos com contas e tecidos, e até alguns poucos nórdicos maltrapilhos vendendo peles.

Além dos mercadores, havia ainda saqueadores vindos da longa guerra que viviam nas florestas. Eram numerosos e fortes o suficiente para atacar viajantes com escoltas de cavaleiros armados. O agente de polícia do conde de Hereford, com duzentos cavaleiros armados, tinha feito uma incursão pelos covis dos fora da lei ao sul, prendera muitos e mandara enforcar uma multidão em Leominster. E por fim, havia um fluxo constante de guerreiros vindos da Terra Santa, alguns procurando pelo novo barão do rei no Castelo Morlaix, para ver se precisava de bons esgrimistas para lutar contra o príncipe galês, Cadwallader.

Walter Straunge e Niall FitzJulien sentavam-se quase que diariamente no salão

nobre para conversar com esses cavaleiros. Muitos eram mandados embora. Descobriu-se que um tinha lepra, o que ele tentara esconder. Outro era um antigo templário. Niall o rejeitara por completo.

— É um homem de bela aparência — disse Walter, observando o templário sair do salão. Niall suspirou por entre os dentes.

— Eles nunca os deixam em paz, os templários. Ele pode pensar que está fugindo, mas os homens do grão-mestre virão atrás dele um dia, onde quer que esteja. Além do mais, descobri que há sempre algo perigoso lá. Se os templários falidos rezam dia e noite, não é por piedade, mas por algum pecado profano que julgam que os atormenta. Se não rezam, é pior. Então, eles se voltam para o demo.

Emmeline estava observando as meninas da cozinha que escaldavam as barricas para a nova colheita de pickles, quando um dos sargentos, um gascão de pernas arqueadas chamado Jiane, veio buscá-la.

Quando ela entrou no salão, os marceneiros estavam serrando um batente para a porta dos fundos, e ela mal conseguia ouvir o que Jiane estava tentando lhe dizer. Niall estava sentado à mesa com Walter, com as longas pernas esticadas à frente, o colete acolchoado aberto por causa do calor, mostrando o peito suado e os tufo de pelos escuros. Um cofre estava sobre a mesa, diante de Walter, e um dos livros de contabilidade aberto na frente de Niall. Pela expressão de seu rosto, ela poderia dizer que ele não sabia o que estava lendo.

— O que deseja?

Ela deixou o ombro tocar o dele ao se debruçar e virar a página grossa, amarelada. Via-se a letra familiar de Bernard Neufmarche, fina como uma teia, no alto, e a dela, mais curta e grossa, abaixo.

Três cavaleiros cruzados, um deles um saxão magro de cabelos claros e pele como couro de sela, estavam de pé em frente à mesa. Encararam-na, com suspeita, quando ela se inclinou sobre o livro-caixa.

— Diabos, onde está a soma que deveria estar aqui? — Niall bateu a ponta do dedo na página. — Ninguém pagou. Emmeline ergueu os olhos e encarou os cavaleiros.

— Por que está pagando esses homens agora? Ainda não prestaram nenhum serviço. Ele parecia aborrecido.

— Olhe, aqui. Nenhuma dessas pessoas está pagando suas dívidas. Malditos, estão se escondendo, esperando que a gente os desentoe, antes de entregarem o que devem!

Ele estava falando sobre os empréstimos que tinham sido concedidos fazia mais de um ano.

— Bem, não pode cobrá-los neste instante — ponderou Emmeline.

Sentou-se e fez com que Niall escorregasse pelo banco para lhe dar espaço. Os cavaleiros se entreolharam. Estavam magros como cães de caça, com as roupas cheias de remendos, mas a cota de malha e as armas estavam limpas, polidas de soltar faíscas. Todos os três usavam insígnias feitas de conchas. Emmeline estendeu a mão na frente de Walter e puxou o cofre para perto.

— Para que está dando dinheiro a esses homens? Para comprar armas? Ele a observou por baixo das pálpebras semicerradas.

— Equipamento completo. — Viu-a pegar a pena, enfiá-la no tinteiro e fazer uma entrada. — E empréstimos para cavalos melhores. Estão cavalgando em pangarés

velhos.

Emmeline abriu o ferrolho do cofre e olhou lá dentro.

— Você já tirou dinheiro daqui e não fez anotação dele nos livros. Mas isso não tem nada a ver com quantas pessoas estão pagando suas dívidas. Walter deixou escapar um bufo de protesto. E Niall estudou-a com uma expressão estranha.

— Não, deixe-a fazer isso. É um talento dela. Sei como um fato que ela tem um livro-caixa onde outra mulher teria... outra coisa.

Os três cruzados explodiram em gargalhadas. Quando Niall os encarou, eles pararam. Então, ele pousou a mão sobre o livro-caixa e afastou-o dela.

— Deixe Walter pagá-los. Depois leve o livro e o examine, e me diga quantas dessas pessoas podemos cobrar. Emmeline não levantou os olhos. Ele não precisava lhe dizer que já estavam com falta de dinheiro.

Cinquenta cavaleiros, de um recrutamento decretado pelo rei em Londres, chegaram no dia de São Jaime, na última semana de julho. A maioria era de ingleses, dos condados do Leste. Walter passou a treiná-los no pátio com os gascões e os cruzados. Niall e Walter, mais os sargentos, passavam longas horas sentados no salão nobre discutindo estratégias de como atacar o príncipe Cadwallader antes da primeira nevasca.

— Algo para feri-lo — disse Walter —, já que nosso amigo galês se vangloria de nos importunar subindo e descendo pelo Oeste roubando ovelhas e queimando os portões de nossos próprios castelos.

O plano era uma incursão pelas montanhas de Gales até o forte galês em Glyn Cierog. Uma ação ousada e um ataque a Glyn Cierog agradariam ao rei. Não estavam mais sob pressão agora, com os novos cavaleiros e um pequeno quadro de experientes cruzados. Uma feira de cavalos que viera à cidade os supria de mais corcéis. Com a colheita quase acabada, poderiam levar mais alguns moradores do vilarejo com eles, como soldados de infantaria.

Falar sobre isso os enchia de energia. O pátio de treinamento ficava lotado desde a primeira claridade do dia até depois de escurecer. A armaria trabalhava até tarde, sob a luz de tochas.

Emmeline tinha dificuldade para dormir. Quando o marido a procurou, enfiando as mãos debaixo de sua combinação, ela o empurrou.

— Qual é o problema com você?

Ela virou o rosto para o outro lado. Niall ergueu-se no cotovelo e a encarou. Ela esperava que ele, como sempre esperava, noite após noite, dissesse alguma coisa sobre Magnus. Que seu filho estava bem. Ou mesmo para saber se Walter conversara com ele, como havia prometido. Que tentariam levar uma carta de Magnus para ela.

Porém, ele deitou-se de novo, virou-se do outro lado e adormeceu.

Capítulo XVII

Niall FitzJulien, Walter Straunge, noventa e cinco cavaleiros de armadura montados e dezessete aldeões equipados como soldados marcharam do Castelo Morlaix, com os cavalos de batalha batendo os cascos e forçando os freios, os estandartes vibrantes flutuando.

Emmeline e suas aias se debruçaram sobre a muralha do castelo para observar a coluna passar sobre a ponte levadiça e descer a estrada para o rio. Seu marido cavalgava de costas eretas, imponente, com a cota de malhas reluzente, segurando o elmo na curva do braço, com o sol faiscando nos cabelos ruivo-acastanhados.

As moças em torno dela soltavam exclamações admiradas, dizendo como ele era belo. Ao longo das muralhas, irromperam gritos de alegria. Não parecia importar que, ao cair da noite, os galeses soubessem que o exército de Morlaix estava chegando. E que rumassem para o grande forte de Glyn Cierog em busca do príncipe Cadwallader, queimando aldeias e povoados e espalhando os chefes tribais conforme seguiam.

— É uma loucura ir assim para a guerra — resmungou Emmeline, por entre os dentes. — Só vai acabar com todas as provisões e armas pelas quais trabalhamos o ano inteiro.

Parado ao lado dela, Torel fez um ar de censura.

— É preciso subjugar os galeses — disse, num tom devotado. — É a vontade de Deus.

Emmeline suspirou. Não era possível encontrar um homem em toda a Morlaix que não quisesse atacar Cadwallader. Ela, porém, vivera com os galeses durante toda a sua vida e nunca os vira ser verdadeiramente conquistados.

No dia seguinte, os feridos começaram a chegar. Houvera uma emboscada em Maidenwall, e alguns dos jovens cavaleiros que o rei Henrique lhes cedera tinham inadvertidamente caçado arqueiros escondidos nas árvores. Seis deles foram carregados para o salão nobre e deitados sobre as mesas de cavalete para seus ferimentos serem enfaixados. Tudo levava a crer que três poderiam se recuperar, mas dois tinham levado flechadas nos pulmões.

Emmeline mandou buscar a enfermeira, Gaeweddan, esposa de John Avenant, chefe da corporação da lã, uma mulher robusta e capaz, e uma boa parteira. Havia na cidade dois barbeiros especialistas em sangria, bastante habilidosos, mas cujos pacientes com frequência morriam de febre depois da cirurgia.

Gaeweddan examinou os dois rapazes com ferimentos no pulmão e meneou a cabeça.

— Às vezes eles sangram, e às vezes não — disse. Afastou a camisa manchada de sangue do cavaleiro, indiferente aos olhares suplicantes do rapaz. — Está vendo como o sangue borbulha para dentro e para fora do buraco que as flechas fizeram? Se não parar de sangrar, ele vai morrer.

Sentindo-se um pouco enjoada, Emmeline afastou-se. Mas a enfermeira tinha razão. Os dois sulistas morreram ao pôr do sol, e Gotselm mandou os cavaleiros da guarnição cavar sepulturas na encosta do morro. No dia seguinte, os outros foram removidos para os alojamentos apertados das barracas, na Torre dos Cavaleiros. Logo depois disso, o mestre construtor, cujos homens estavam terminando os últimos trabalhos no salão nobre, veio até Emmeline para lhe mostrar o que havia encontrado.

— Havia uma pequena capela dentro destas muralhas — disse, quando a levou para fora. — Eu me lembro de ouvir falar disso, da capela do castelo. Antes que a Capela

de Nossa Senhora fosse construída na beira do rio.

Conforme o construtor falava, seus dedos tateavam as pedras da muralha. Uma pequena peça de pedra talhada saltou e subiu, e ouviu-se o clique de uma trava, depois os lados de um pilar se moveram para mostrar uma fenda escura, vertical.

Emmeline inclinou-se para espiar lá dentro. Era um buraco grande o suficiente para uma pessoa esgueirar-se por ele.

— Santa Mãe de Deus, aonde isso vai dar? O construtor coçou o queixo.

— Ah, aí é que vem a parte inteligente. Ontem, eu, mais o pedreiro Cob e o marceneiro Mat Wason, nos enfiámos aí dentro e descobrimos que há um túnel que desce até os canais da cisterna. O poço e a cisterna que fornece água para o castelo estão embaixo de nós, bem aqui. Fizeram uma defesa com água contra os sapadores.

Emmeline endireitou-se.

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas.

— Benditos sejam os santos, milady, é algo que a senhora deveria saber, pode precisar algum dia. Se o castelo estiver sob cerco, o inimigo mandará sapadores para cavar por baixo das muralhas do castelo e miná-las. Quando as muralhas se romperem e caírem, o inimigo invade e toma tudo. Aqui em Morlaix, o velho construtor pôs uma galeria de canais que podem ser inundados com a água da cisterna. Então os sapadores ficam encurralados lá, embaixo da gente, se afogam e morrem.

Emmeline estremeceu. De acordo com o mestre construtor, os homens que escavassem sob o castelo se afogariam nos túneis de água que passavam ali, debaixo de seus pés.

— Eu nunca soube que Morlaix tivesse sido sitiada.

O homem tirou o gorro de feltro, branco com a poeira da pedra, e coçou a cabeça calva.

— Mas foi, milady. O último cerco foi ordenado pelo pobre rei Estevão, que Deus guarde sua alma, quando estava lutando contra a rainha. — Enfiou o gorro de novo na cabeça. Estendeu a mão, passou-a sobre o pilar e soltou a trava de pedra. Quando a coluna voltou, ele apoiou o ombro dela e empurrou-a de volta no lugar. — Pode ser bom saber disso para alguma coisa no futuro. Tempos de paz não duram. E as guerras dificilmente acabam agora, não é mesmo?

Emmeline pensou nos jovens cavaleiros feridos na torre, nos mortos lá embaixo na encosta da colina. O homem estava certo. A guerra tinha acabado e, contudo, a guerra continuava.

— O que a senhora precisa saber — ele continuou — é que a antiga defesa de água ainda está ali, caso tenha tempo de encontrar as roldanas e as comportas e abrir, quando e se for necessário, Deus permita que não.

Emmeline não tinha ideia de como procurar as comportas de água de que o construtor falava. Ninguém descera até lá. Não achava que a cisterna, que às vezes largava musgo e fiapos verdes nos baldes, tivesse sido limpa em anos.

— E isso não é tudo — prosseguiu ele. — Nós não paramos ali, eu e Cob e Mat, mas descemos nós mesmos pelos canais e descobrimos aonde todos esses túneis vão dar, lá fora.

Emmeline ficou pálida.

— Lá fora?

— Isso mesmo — ele assentiu. — Os túneis dão direto lá na margem descendo o rio. Ela arquejou, espantada.

— Está dizendo que há um caminho secreto para fora do castelo?

— Milady, isso é coisa corriqueira, a senhora sabe — ele assegurou. — Poucos cavaleiros em seu juízo perfeito se trancariam numa fortaleza ou numa torre sem um jeito de sair, se pudessem. — Virou-se para examinar a velha muralha. — Com todo o respeito, milady — disse num tom diferente, ríspido —, a senhora deveria pensar um pouco em reconstruir a velha capela. Seria bom ter uma igreja dentro das muralhas, como era antes.

A ideia de uma capela dentro do castelo não agradava a Emmeline. Era costume ter uma para o lorde e sua família e os cavaleiros da guarnição, mas agora tinham os zelosos monges cistercienses na nova casa capitular, que já tinham pedido permissão para pregar na praça do mercado da cidade aos domingos e nas aldeias de Wycherley nas noites de quarta-feira.

Se houvesse uma capela dentro do castelo, Emmeline disse a si mesma, os cistercienses iriam querer mandar um dos monges de sua ordem para celebrar missas e ser seu confessor. E ela não queria isso. Os cistercienses eram conhecidos por pregar contra as mulheres. O líder da ordem, Bernard de Clairvaux, ensinava que a única vocação para mulheres cristãs virtuosas não era como mães e esposas, mas como freiras castas fechadas num convento.

— A senhora poderia fazer um belo oratório — o construtor insistiu —, como o da Capela de Nossa Senhora. E manter esta coluna que se abre para o caminho secreto por baixo exatamente onde está.

Tal reforma custaria um bom dinheiro; Emmeline suspeitou de que o construtor estivesse pensando no próprio ganho. Mesmo assim, ela podia quase visualizá-la, pensou, meio tristonha. Uma nave em branco e rosa, colunas delicadas para sustentar o teto e uma pedra entalhada no altar.

Meneou a cabeça e percebeu que o construtor parecia desapontado.

Porém, mais tarde, quando pensou sobre isso, ficou imaginando por que o construtor tinha esperado até que Niall FitzJulien tivesse partido para lhe falar sobre o caminho secreto para fora.

O castelo parecia vazio. Ainda estava cheio de gente, porém; os sargentos exercitavam os novos cavaleiros da guarnição no pátio, Torel e os criados ensacavam a colheita de milho do verão nos fundos das instalações da cozinha, os ajudantes de estábulo treinavam os corcéis que tinham comprado na feira de cavalos de julho, e toda manhã havia sacoleiros e diaristas esperando no portão da guarita para entrar com suas ferramentas para a praça e o quintal da cozinha. Mas ninguém conseguia se esquecer dos homens de Morlaix que tinham marchado para Oeste.

Os guardas nos passadiços da muralha mantinham os olhos nas distantes montanhas azuis de Gales. Tinha chegado a notícia de que houvera uma batalha perto de um rio em algum lugar ao norte de Glamorgan. As forças de Morlaix tinham saído vitoriosas e continuado rumo ao forte em Glyn Cierog.

Em poucos dias, os feridos fizeram o caminho de volta para Morlaix. Estavam em péssima condição. O exército de Niall FitzJulien, na pressa para perseguir os galeses, não tivera tempo de preparar algum tipo de escolta de volta pelas montanhas. Os feridos, exaustos, estavam deitados na praça quando Walter Straunge chegou galopando de volta pela estrada do castelo com as carroças vazias de suprimentos.

— Jesus! — exclamou, olhando ao redor. — Tão poucos? — Estava com a cabeça descoberta, com os cabelos loiros manchados de sangue e caindo sobre os ombros. — Havia mais da metade deles feridos na estrada. Não voltaram?

Emmeline não teve tempo de responder. Ela e Gaeweddan tinham organizado as camareiras e copeiras, mas havia pouco abrigo dentro das muralhas de Morlaix, a não ser nos estábulos e na Torre dos Cavaleiros. E ambos os lugares estavam lotados, eram escuros e horivelmente sujos. Ela não queria colocar feridos ali. Agarrou Walter Straunge pelo braço.

— Você não vai embora até que suas carroças levem esses homens para a cidade, para a casa do ourives. — As beatas poderiam ajudar. Emmeline não queria homens morrendo pela praça. — Vamos usá-la como hospital.

— Não, não há tempo. — Ele olhou ao redor, com uma careta. — Estamos carregando armas extras agora. Lorde Niall está esperando por elas.

— Então, que espere mais.

Ela foi até a carroça e começou a tirar lanças e escudos para fora e jogá-los no chão. Os homens pararam o que estavam fazendo para encará-la. Walter aproximou-se a passos largos.

— Deixe os feridos onde estão. São cavaleiros, estão acostumados com isso. Preciso voltar para a batalha em Glyn Cierog. Não sabe o que está acontecendo? Emmeline tirou um machado de guerra de dentro da carroça e jogou-o aos pés dele.

— Agora, ouça. — Ele estava com os lábios esbranquiçados de raiva. — A casa do ourives não é mais sua para usá-la para alguma coisa! Pertence ao meu senhor.

— Saia do meu caminho.

Emmeline subiu no banco da carroça e pegou as rédeas. O povo do castelo rodeou-a, num círculo, todos boquiabertos. Ela usava um velho avental e estava com os cabelos presos no alto da cabeça; era difícil mandar em Walter quando ela própria parecia uma escrava. Contudo, não ficaria com o castelo atulhado de gente doente e moribunda. Inclinou-se para falar:

— Se não vai me ajudar, então eu mesma levarei os feridos para lá.

Por um momento, os dois se encararam, furiosos. Então Walter afastou-se dela, praguejando. Agitou os braços para seus cavaleiros. Os homens se entreolharam e, em seguida, começaram a jogar o restante das armas para fora das carroças, no gramado da praça.

O tempo continuava seco. Fora bom para a colheita do milho, mas as pastagens estavam mortas. Sem a grama verde, as vacas não dariam muito leite.

— É sempre alguma coisa — disse Mainsant.

A beata estava sentada num banco no quintal de lavar roupa com a sobrinha, descascando ervilhas. Emmeline saíra e fora sentar-se com elas, para descansar do calor da loja do ourives.

— Eles reclamam o tempo todo — a mulher mais velha comentou. — É a mesma coisa em toda parte. O que é bom para o milho não é bom para o leite. Abriu uma vagem de ervilha com o polegar e a unha e deixou os grãos cair no lençol estendido aos pés delas.

— É muito bom para ervilhas — murmurou a mais nova.

Emmeline lançou-lhe um olhar de soslaio. Berthilde raramente falava. Os cantos

daquela perfeita boca esculpida ergueram-se quando os olhares das duas se encontraram.

— *Ja* — resmungou Mainsant, distraída. — Bom para as ervilhas.

Emmeline sorriu. Então, havia algo mais sob aquela expressão suave, sob aqueles olhos baixos, do que alguém poderia suspeitar.

Além do pátio do estábulo, alguns garotos pegavam água para os cavaleiros feridos que ainda estavam deitados ao sol sobre as capas, em catres de palha. As coisas tinham ficado mais tranquilas desde que ela trouxera os ajudantes de cozinha do castelo para cuidar dos feridos, e mantivera as aias longe. Agora, podia ver, os olhos dos cavaleiros seguiam avidamente a bela Berthilde.

As duas beatas estavam descascando a nova colheita de ervilhas fazia dias, já. Quando cada lençol se enchia, elas o carregavam para uma pilha de cestas chatas mais largas, onde pegavam uma e despejavam as ervilhas dentro. Depois de várias chacoalhadas para acomodar os grãos, colocavam a cesta no telhado do galinheiro. Em um dia, dois no máximo, com aquele tempo quente e seco, as ervilhas enrugadas estariam secas o suficiente para serem armazenadas em sacos. No inverno, a sopa grossa de ervilha que as cozinheiras faziam com nabo e osso de carneiro era uma iguaria excelente.

Ao observá-las trabalhar, Emmeline maravilhou-se com a velocidade daquelas mãos. Vupt! Os grãos de ervilha eram debulhados no lençol. Vupt! As vagens vazias voavam com um giro do pulso para aterrissar num saco colocado entre elas, que seria levado para alimentar os porcos. Não havia sujeira; tudo ao redor das duas mulheres era esfregado até reluzir. Quando o lençol que recolhia as ervilhas ficava empoeirado, era embrulhado e levado para a pilha de roupas para lavar, e outro, limpo, era colocado no lugar.

Emmeline fechou os olhos, erguendo o rosto para a luz escaldante do sol. Quando sonhava com alguma coisa, além de ter Magnus de volta, pensava como fora bom ter as beatas na mansão. As despensas estavam um milagre de limpeza e ordem. As cebolas e as ervas pendiam dos caibros junto com linguiça dura e carne defumada, o queijo era curado debaixo de panos perto dos ovos e da manteiga salgada, e agora, dos sacos de ervilhas e feijões para o ano vindouro. Os quartos de dormir cheiravam bem com as palhas frescas e os colchões arejados, e as roupas de cama eram amaciadas com lavanda e algo mais que as beatas punham na água de lavar.

Ela bocejou. Não era de admirar que fossem caras. Cuidavam com perfeição de uma casa. Tanto que ela brincava com a ideia de transformar a mansão Neufmarche numa hospedaria para as beatas administrarem.

Ora, por que não?, pensou, despreocupada. Ultimamente, toda a Inglaterra fermentava de prosperidade e comércio com o jovem rei, e havia mais viajantes do que nunca nas estradas. Quanto mais ela pensava nisso, mais a ideia açulava sua fantasia. Sabia que ambas as mulheres eram muito econômicas; dificilmente gastavam qualquer parte dos salários que ela lhes pagava. Poderia tentá-las a se tornarem, por mais que trabalhassem, extremamente ricas.

Seu pensamento correu adiante. Com a mansão como uma hospedaria decente e muito bem administrada, e o trabalho na loja do ourives, ela poderia viver e trabalhar com conforto. Com lucro. Com paz. Sem ter de se preocupar com o ouro que tentara usar para fugir de Niall FitzJulien, e que ele agora usava para guerrear contra a própria pessoa a quem o ouro era destinado: o príncipe Cadwallader.

Santa Mãe do Céu, como ela ansiava por arranjar um jeito de sumir do Castelo

Morlaix e do domínio daquele lorde sanguinário, que nada mais queria do que deitar-se com ela noite e dia para engravidá-la.

— Vou buscar água.

Emmeline abriu os olhos. Berthilde levantou-se, abaixando sua ponta do lençol e dobrando-a para trás para que as ervilhas não se espalhassem.

— Está quente — disse a garota. — Vou buscar água para beber.

Emmeline observou-a conforme a beata atravessava o quintal, trajada num vestido cinza simples e tamancos de madeira, balançando o corpo esguio, com as longas tranças douradas dançando entre os ombros. Os cavaleiros feridos, no quintal de fora, se mexeram, seguindo-a com os olhos.

— *Ja* — disse Mainsant, sem levantar os olhos —, e os monges vêm para cá também. Ela só podia estar se referindo aos cistercienses.

— Por que viriam aqui? — indagou Emmeline.

— Por causa dela. — A beata apontou a cabeça na direção de Berthilde, que era observada atentamente pelos cavaleiros, conforme tirava um balde de água do poço. — Comigo, eles não se preocupam muito, eu sou velha. Mas eles querem Berthilde. — Seus olhos cinzentos, de bordas escuras, encontraram os de Emmeline. — A senhora quer saber por quê? Para torná-la freira. Eles procuram o tempo todo mulheres que trabalham e não se casam, esses monges. Dizem que é o único bem, aos olhos de Deus, a gente viver a vida de uma freira num convento. Bah! — Empurrou as ervilhas da vagem aberta para o lençol. — Essa Berthilde... Eles enchem a cabeça dela, eu acho.

Emmeline sentiu um dedo gelado correr por sua espinha.

— Dê comida aos monges, é isso que eles vêm pedir. Não permita que entrem.

— Minha irmã, a mãe de Berthilde, só tem filhas — a mulher continuou. — Nenhum menino. Berthilde foi criada sempre entre mulheres, toda a vida, nove irmãs, duas tias e a mãe. Minha irmã perdeu o marido antes de Berthilde nascer. Berthilde é uma boa menina, trabalhadeira, feliz. Não sabe nada dos homens. Minha outra irmã e eu rezamos para reunir beatas, queira Deus e o Filho que está no céu, para trabalhar em outros lugares e ganhar dinheiro. Mas não queremos ser freiras.

Emmeline observou a moça no poço. Berthilde movia-se e falava como se habitasse um mundo calmo e gentil. Era bem possível acreditar que mal conhecia a companhia dos homens.

— E aquele outro... — Os dedos fortes de Mainsant abriram outra vagem de ervilha. — Ele chegou também. O artesão diarista apareceu na porta da loja atrás delas.

— Senhora, eu trouxe a prata.

Tinham procurado, por céus e terra, por prata para comprar ou trocar. Ortmund havia encontrado um pouco em Chirk em troca de um punhado de berilos de Neufmarche e outras pedras que tinham conseguido salvar do saque de FitzJulien.

— Estou indo — avisou Emmeline, em voz baixa. — Diga-me, quem mais aqui conversa com Berthilde?

— Conversar? — A mulher soltou um bufo de escárnio. — Isso ele iria gostar de fazer. Conversar. Ah, conversar com ela, sim, ele quer. Mas só fica sentado lá fora na rua, olhando. Quando não vem com a senhora.

Emmeline se levantou do banco e baixou os olhos para a beata.

— Walter.

A mulher pegou um punhado de vagens.

— O moço de cabelo amarelo. Desce do castelo, anda pela cidade e, às vezes, traz serviço do lorde para o ferreiro, depois vai à taverna, mas sempre que está na cidade, vem para cá, para esta rua. E senta no cavalo lá fora e espera. Por Berthilde.

Emmeline afastou-se. Estava brava. Walter Straunge não tinha direito de aborrecer suas criadas. Ela sabia o que estava por trás disso, podia ver nos olhares dos cavaleiros feridos deitados lá fora, à toa, que nunca tiravam os olhos da garota. O que havia naquelas mentes sujas? Pelas chagas de Cristo, ela poria um paradeiro nisso! Mesmo que tivesse de falar com Niall. Quando quer que ele voltasse da guerra.

O vento soprava pelo funil do vale galês e depois fazia a curva, fustigando seus rostos. Portanto, haveria fumaça, Niall sabia, quando os sapadores acendessem seus fogos.

Cavalgava seu corcel pelas fileiras dos flamengos, chamando-os para que voltassem quando as barricadas de piche fossem acesas. Os soldados que o rei Henrique lhe mandara descansavam apoiados em suas picaretas, sorrindo através das máscaras de poeira.

O céu, escuro como um imenso hematoma, ameaçava chuva por sobre as montanhas. Precisavam que o tempo continuasse seco para levar o maldito cerco a um fim, Niall pensou, exausto. Conduziu o corcel num trote ao longo do fosso para encontrar Walter.

— Bem, vamos botar fogo neles — avisou Walter, alegre. — Já ficaram sentados atrás da pilha de terra tempo demais. E nos deram mortos e feridos o suficiente, em troca.

Niall não respondeu.

Acima deles, num monte de terra de meia légua de comprimento, erguia-se o forte celta, mais antigo que os normandos na Bretanha, talvez ainda mais antigo que os saxões que tinham lutado contra os galeses ali mesmo, muitas vezes, protegidos por fortificações externas em forma de círculo, e depois por paliçadas de madeira, e em seguida por torres de madeira do lado de dentro. Glyn Cierog vinha resistindo ao assalto do exército de Niall fazia quatro dias. Tinham arrasado a paliçada e as torres com torres de cerco e catapultas, incessantemente. Mesmo à distância do alcance de uma flechada, o dano era visível.

Ele quase detestou ter de começar. Os galeses lá dentro tinham lutado um valente combate. Niall queria que se rendessem em vez de ser forçado a incendiar o velho forte, um local altamente inflamável, pelo jeito. Com um suspiro, tirou o elmo, endireitou a peça do nariz para poder ver ao redor e puxou a malha de aço do pescoço para cobrir a parte inferior do rosto. Walter iria tomar posição no flanco direito, levando a torre de cerco até as muralhas, depois que o fogo começasse. A investida principal, a cargo do próprio Niall, seria pelo portão da guarita.

Para cima e para baixo na fila, os sapadores flamengos estavam prontos com suas tochas. Cabeças furtivas apareceram recortadas contra o céu, no topo do forte, e então recuaram. Niall imaginou se os galeses lá dentro saberiam o que estava prestes a acontecer. A menos que fossem cegos e sem faro, podiam ver as tochas e sentir o cheiro do maldito piche.

Niall ergueu a mão e em seguida deixou-a cair com um gesto brusco, o sinal para que os flamengos acendessem os barris de piche e partissem para o forte. Descendo a fila, uma catapulta lançou pelos ares um barril aceso que voou soltando chamas como um

cometa sobre as muralhas e caiu lá dentro. A torre de cerco rolou com sua carga de cavaleiros de armadura, prontos para abrir uma brecha nas muralhas.

De repente, tudo saiu errado. Uma coluna de fumaça escura subiu do centro do velho forte. Línguas de fogo corriam pelo topo da muralha de madeira em paliçada. Ouviu-se um estrondo forte, um gemido gigantesco, como o bramir de uma vaga do mar. Então, gritos horripilantes cortaram o ar.

Jesus, não era algo comum homens em combate gritarem de dor assim!

Por um momento, Niall ficou confuso. Os gritos agudos fizeram seus pelos se arrepiar. Um dos cavaleiros gascões aproximou-se correndo. Com sua fala enrolada, Niall não conseguia entender o que o gascão falava.

Crianças?

Mais gascões agora gritavam em torno dele. Os malditos galeses estúpidos contavam em conservar Glyn Cierog para sempre. Um lugar inexpugnável. Pelo menos, acreditavam nisso, como se não houvesse coisas tais como barris de piche, torres de cerco normandas e catapultas. Tinham enchido o amaldiçoado forte de mulheres e crianças.

Niall esporeou seu corcel para a ponte levadiça, que queimava ferozmente. O interior do forte era uma imensa fogueira, cuspindo fumaça e labaredas vermelhas. Os berros deixavam seus nervos à beira de um colapso.

Walter aproximou-se a galope.

— Estão jogando gente pela muralha! — berrou. — As crianças!

— Pegue um gancho! — rugiu Niall.

Os sapadores já tinham prendido uma corrente à ponte levadiça em chamas e tentavam quebrá-la. Lá dentro do forte, os soldados não soltavam o mecanismo do portão. Acima dos urros, ouviam-se soluços, criancinhas chorando.

Niall conteve Martelador, que estava quase incontrolável, assim tão perto do fogo. Walter surgiu de novo com alguns dos sapadores. As tábuas da ponte levadiça queimavam os pés dos homens.

— Que apodreçam no inferno! — Walter gritou. — Poderiam ter negociado uma trégua para as crianças.

— Esse não é o jeito como lutam.

Não era o jeito como eles lutavam também.

Os sapadores colocaram o gancho no lugar. A ponte levadiça estava quente demais para se pisar, então eles recuaram, puxando a corrente. Alguém começou a disparar flechas sobre eles do parapeito. Um dos flamengos caiu. Dois de seus amigos largaram o pedaço da corrente para arrastá-lo para fora. Walter saltou da montaria e pegou a corrente de novo.

O fogo devorava as madeiras. A ponte levadiça partiu-se, e metade caiu no fosso.

Alguém lá dentro encontrou o eixo que abria o portão. Os gritos e o choro golpeavam os ouvidos de todos. As portas se abriram com um estalo, e uma horda de mulheres, crianças e homens se espremeu para passar, como formigas, subindo uns sobre os outros, alguns se desviando das tábuas fumegantes da ponte levadiça e caindo no fosso profundo. A porta escancarou-se, então, e uma multidão de galeses selvagens irrompeu por ela. Os membros da tribo atacaram os sapadores com lanças e espadas curtas. Alguns tinham as roupas em chamas. Os sapadores flamengos recuaram.

Niall tentou obrigar Martelador a atravessar o que restava da ponte levadiça. Uma multidão uivante ululava em torno deles, agitando os braços, agarrando-se uns aos outros, alguns cambaleando, gritando e caindo no fosso. O gado, ensandecido, estourou para fora. O interior do forte ainda estava em chamas, com os telhados de palha das edificações parecendo tochas. O povo ainda se comprimia lá dentro. O cheiro de carne queimando encheu sua boca e suas narinas.

No meio da multidão que se acotovelava, alguém o chamou. Uma mulher com o rosto vermelho ergueu um embrulho queimado, ou um porco, nas duas mãos e gritou alguma coisa. Então, Niall viu que a coisa queimada era um bebê.

A mulher queimada tinha uma faca comprida ou uma espada. Conforme ele tentou recuar Martelador para afastar-se dela, a mulher atirou-se sobre o garanhão e enterrou a faca na espádua do cavalo. O animal empinou, relinchando.

Niall perdeu o equilíbrio e foi jogado fora da sela, ainda agarrado às rédeas, no meio da multidão enlouquecida de galeses e debaixo das patas de Martelador.

Hedwid entrou no quarto do lorde carregando uma vela. Emmeline acordou no mesmo instante com a claridade, mas a criada tocou-a no ombro, mesmo assim. As moças que dormiam ao redor da cama ergueram-se nos cotovelos, murmurando, sonolentas.

— Eles estão voltando — murmurou Hedwid, inclinando-se sobre ela. — E estão trazendo o lorde. Aquilo não soou bem.

Emmeline sacudiu a cabeça para afugentar o sono. A penumbra de uma vela, Hedwid ali no meio da noite, deram-lhe uma estranha premonição. Afastou as cobertas e sentou-se na cama. O som da chuva fustigava o quarto da torre. O tempo finalmente tinha mudado. Afastou os cabelos emaranhados e revoltos da face.

— Por que o lorde está voltando? A moça desviou os olhos.

— Há um mensageiro lá embaixo na praça. Isso é tudo o que ele disse. Estão voltando e trazendo o lorde.

Santo Deus e Santa Maria! Com o coração disparado, Emmeline tirou uma manta da cama para cobrir-se e desceu correndo as escadas, com as aias seguindo atrás, conversando.

Não era possível sair, estava chovendo demais. A praça gramada já estava um lago. Na chuva, o brilho vermelho das tochas na guarita faiscava como joias. Uma longa fila de formas escuras e embrulhadas serpeava pela estrada que subia até o castelo. Homens e cavalos. Os homens de Morlaix retornando de Gales. Emmeline saiu no aguaceiro. Estava descalça, e a água chegava aos seus tornozelos.

Walter vinha na vanguarda. Puxou as rédeas, e Emmeline mal reconheceu suas feições brancas, ferozes, os olhos empapuçados por falta de sono.

— Walter! — Atrás dele, os cavaleiros estavam silenciosos. Ela correu chapinhando na água e pegou-lhe a brida. — Deus o mandou são e salvo para casa. Onde...

Algo a fez parar. Eles eram como homens de pedra em suas capas ensopadas, de armadura e espadas, parados ali, na chuva. Walter segurava as rédeas de um garanhão malhado cinza e branco com um vulto negro, todo enrolado atravessado sobre a sela.

A escuridão rodopiou. Emmeline engoliu em seco, procurando os olhos de Walter. Ele os desviou para longe. Ela queria a verdade.

— Ele está morto, não está? — murmurou.

Passou-se um momento antes que o retinir em seus ouvidos clareasse o suficiente para ela ouvir a resposta.

Capítulo XVIII

— O cavalo foi ferido e o pisoteou na perna ruim, que sempre o incomodou e não sarava — contou Walter. — Mandei chamar os barbeiros quando passamos pela cidade.

Dois cavaleiros carregaram o corpo de Niall FitzJulien enrolado na capa pelas escadas sinuosas da torre até o quarto do lorde. As aias, surpreendidas pelos cavaleiros fedendo a suor e a cavalo, espremeram-se contra as paredes. Os homens chegaram ao patamar da escada e colocaram o corpo de lado para segurá-lo melhor. O homem enrolado gemeu. As aias dispararam na frente, para o quarto, a fim de preparar a cama.

— Não houve meio de ele poder sentar na sela — continuou Walter —, portanto, como vê, eu o enrolei na capa, amarrei tudo com o cinto e coloquei-o sobre o cavalo de barriga para baixo para viajar desse jeito. Mas depois de algum tempo, o balanço o fez vomitar.

Emmeline sentiu um bolo na boca do estômago. Não esperava ver o marido levado para casa num estado próximo da morte. O castelo inteiro sabia que não havia nenhum amor entre os dois. Mas o que ela iria fazer agora?

Os corpulentos cavaleiros recendiam a fumaça e a corpos molhados e suados. Emmeline postou-se de lado conforme os homens colocavam Niall na cama. De algum lugar nos embrulhos encharcados da capa, veio outro gemido grave. Os cavaleiros reuniram-se ao redor, preocupados, remexendo-se nos pés cobertos pelas malhas de aço. Walter inclinou-se para soltar as tiras da capa.

Emmeline empurrou Walter para fora do caminho. Olhando para o rosto do marido, mal reconheceu aquele semblante escarnecedor que estava agora murcho, quase sem vida. Parecia um cadáver enrolado numa mortalha imunda.

Walter esfregou o queixo.

— Ele estava vivo no desfiladeiro. Desci de minha montaria e o virei para ver se ainda estava respirando, mas, nessa hora, ele não me reconheceu, como se estivesse num torpor profundo.

Emmeline encostou as mãos no rosto do marido. A pele estava pegajosa e fria.

— A perna está ruim — disse Walter. — Acho que está quebrada.

Ela teve vontade de gritar para Walter parar de falar. Uma das aias trouxe uma faca, e Emmeline usou-a para cortar os laços da capa. Quando o deixou parcialmente descoberto, fez um sinal para que os cavaleiros o virassem, para tirar Niall da capa. Ele não estava acordado, mas soltou um grito rouco de dor.

Agulhadas úmidas de transpiração se espalharam por todo o corpo de Emmeline.

Ela recuou. Debaixo da capa, ele ainda trajava a cota de malha. Os elos estavam impregnados de sangue, mas ela não saberia dizer por onde ele sangrava.

Santa Mãe do Céu, e se ele morresse agora enquanto estavam apenas tentando tirar-lhe a roupa? Será que ela seria acusada de sua morte?

— Walter — Emmeline murmurou. Suas mãos tremiam.

— Milady. — Ele deu um passo à frente. — Deixe isso conosco.

Colocou-a de lado, e os cavaleiros tiraram-lhe o colete acolchoado e a cota de malha do peito e das pernas. Niall rugiu de dor. Emmeline foi até as janelas, tentando fechar os ouvidos aos gritos. Passos nas escadas precederam os dois barbeiros-cirurgiões. Pararam logo do lado de fora da porta, trazendo suas ferramentas num saco.

— Ah, aí estão vocês.

Walter afastou-se dos cavaleiros e foi até a porta. Falou durante um longo tempo, parando de vez em quando para relancear os olhos por sobre o ombro para o homem na cama. Os barbeiros continuaram olhando para Emmeline. Tinham cabelos engordurados, enrolados, e unhas sujas; ela nunca gostara deles. Podia imaginar o que queriam fazer.

Virou-se de costas e disse a uma das camareiras para descer e levar um recado a Gotselm. Que deveria mandar um dos gascões à cidade buscar a enfermeira.

Os lábios da moça formaram um “Oh!...” redondo.

— Senhora, quer mesmo fazer isso? O mestre Avenant não vai deixar a esposa sair na rua a uma hora destas. Os nervos de Emmeline vibravam de tensão. Ela deu um empurrão na moça que a fez cambalear.

— Pelo amor de Deus, quer que eu bata em você? Diga que é o lorde de Morlaix que precisa dela! Soluçando, a camareira virou-se e desceu correndo as escadas.

Walter estivera observando-a, com uma expressão impenetrável. Baixando os olhos, Emmeline viu que tinha deixado a manta em algum lugar e estava só com a camisola branca de dormir. Qualquer um poderia ver seus mamilos, os contornos dos seios e de suas pernas. Mas ela estava cansada demais para fazer alguma coisa a respeito. Afastou-se e parou do lado da cama.

Niall jazia completamente nu, de braços abertos e as longas pernas esparramadas, com a vara enorme do sexo caída de um lado, meio ereto entre os pelos da virilha. Tinha as faces escurecidas pelos tocos ásperos de barba. Seu corpo, que emanava um cheiro de fumaça e umidade, estava anormalmente pálido, a não ser pelo enorme inchaço roxo, amarelo e vermelho que corria do quadril esquerdo até o joelho. Seus pés estavam enlameados, e havia riscos de sujeira em seus braços. Quando ela olhou de mais perto, viu que suas mãos estavam queimadas.

As aias tinham trazido bacias com água. Emmeline pegou um pano, umedeceu-o na água morna e limpou-lhe a face.

A pele de Niall queimava de febre, e o calor penetrou pelo pano. Emmeline sobressaltou-se quando ele abriu os olhos, não mais que fendas por trás das íris faiscantes, e então fechou os dedos em torno de seu pulso. Mesmo ferido e fraco, o aperto dele machucava.

— Não arranque a perna... — disse, com voz enrolada. Os olhos acastanhados cravaram-se nos dela. — Prefiro morrer com ela a viver sem ela...

Emmeline sentou-se na beirada da cama, presa pela mão que a agarrava. Walter aproximou-se para se postar ao lado dos dois. Ela não precisou olhar para Walter. Sabia

como ele se sentia, já que trouxera os barbeiros-cirurgiões.

Seu olhar continuou cravado no rosto branco e rígido do marido. Sem a perna, Niall FitzJulien teria pouca chance de manter o feudo. O rei Henrique poderia se permitir ser generoso com um cavaleiro que lhe salvara a vida em batalha, porém, para guardar as terras de fronteira ali, entre Chester ao norte e Hereford ao sul, era preciso um homem fisicamente apto.

Santo Deus, ela pensou, exausta, se quisesse vingança, supunha que não poderia ter pensado numa melhor. Se lhe tirassem a perna e ele sobrevivesse, o rei poderia lhe dar algum posto como castelão de um castelo real, como fiscal da receita, ou policial de uma cidade do interior. Mas aleijados eram aleijados. Ele teria de andar de muletas.

— Não há nenhuma chance de salvar a perna — Walter resmungou.

O aperto do pulso de Emmeline aumentou. Ela olhou para aqueles olhos febris, da cor do ouro. Encaravam-na com fúria, ameaçando-a silenciosamente com tudo que era ruim debaixo do céu e da terra.

Ameaçavam, mas não imploravam. O que ele queria dela?, pensou Emmeline. Niall sabia o quanto ela queria se ver livre dele de qualquer jeito que pudesse, menos pela morte. Talvez até mesmo isso. Ela não havia roubado dinheiro para tentar fugir? Fugir com um membro da corporação de ofício? Se ele ficasse com a perna, se o ferimento infeccionasse e o matasse, então até mesmo o lorde saberia que ela finalmente se livrara dele.

Niall deixou escapar um som seco, rascante, da garganta.

Emmeline fez um gesto para que uma das moças trouxesse uma caneca de água. Inclinou-se sobre ele e segurou-lhe a caneca nos lábios; ele engoliu penosamente, a maior parte da água escorrendo pelos cantos da boca e pelo pescoço. Os olhos se fecharam. Os lábios rachados de febre se moveram.

— O garoto — ele rouquejou.

Os cavaleiros, ao redor, inclinaram-se, ouvindo, atentos. Walter olhou para ela. Emmeline não conseguia se mexer, aprisionada por aquele aperto de ferro em seu pulso.

Quando ela o fitou, uma grande revelação lhe indicou o que ele estava tentando dizer. Só ele sabia onde seu filho estava. Cristo misericordioso, se ela quisesse Magnus de volta, teria de mover céus e terra para conseguir que Niall sobrevivesse!

A seu lado, Walter indagou:

— Milady, devemos virá-lo de novo? A perna vai descansar melhor desse jeito.

Emmeline olhou para o homem na cama. Se tivesse algum dia sentido pena dele, abrigado alguma ligeira e mirrada afeição por ele, paixão por algum dever conjugal, estava acabado agora. Puxou a mão com um violento safanão, e ele a soltou.

Ele queria barganhar com ela: a salvação da perna podre, supurada, pela única coisa que ela amava na vida... seu filho. Ela não podia imaginar algo assim tão primitivo. Tão cruel.

— Milady? — Walter chamou-lhe a atenção.

Ela sentou-se de novo. Ah, ele ficaria com a perna. Ela encontraria um jeito de fazer isso, de alguma forma. Porque, se Niall FitzJulien morresse, ela nunca descobriria onde Magnus estava.

Debruçou-se sobre ele para que os outros não pudessem ouvir e disse, em voz baixa:

— Prometo, os barbeiros não vão cortar sua perna fora. — Os lábios de Niall torceram-se de um jeito desagradável. Emmeline sabia que ele não confiava nela tanto quanto ela não confiava nele. — Não, eu faço um juramento, se é isso que quer. Mande buscar na cidade a esposa do mestre Avenant, Gaeweddan. Ela é enfermeira. A parteira.

Os olhos de Niall se arregalaram.

Ah, ele que pensasse o pior. Emmeline não conseguiu resistir, e disse:

— Mas os barbeiros estão lá fora e prontos para tirar sua perna, se é esse o seu desejo. Só tem que dizer. Ela sabia que Niall não chamaria os barbeiros.

Por que ele não podia mostrar alguma piedade agora que estava horrivelmente ferido? Entre a vida e a morte, quem sabe ele pronunciasse as palavras que lhe diriam onde seu filho estava. Um ato misericordioso, quer ele vivesse ou morresse. Um crédito para sua alma, aos olhos de Deus, quando subisse aos céus. Mas ele não faria isso, também. Niall fechou os olhos, e Walter inclinou-se sobre ele.

— Milorde? Niall?

— Ele desmaiou de novo — disse Emmeline. — Não vai ouvi-lo.

Pegou o pano e começou a banhar-lhe o rosto e os ombros. Chamou as aias para trazerem mais água e começou a limpar-lhe as pernas e os pés. Ele estivera no campo durante dias. Cheirava a ranço.

Walter parou ao lado da cama, mastigando o lábio.

— Não deveria ter dito isso a ele, sobre a enfermeira. Emmeline afastou o longo véu do rosto.

— Sir Walter, leve os cavaleiros para fora do quarto e diga à cozinheira para lhes arranjar o que comer. Mande os cavaleiros preparar os cavalos. Depois mande Baudri Torel me procurar com uma jarra de vinho e um pouco de comida. Quero tomar meu desjejum.

Ela não pensou que Walter permitiria que lhe desse ordens assim. Mas ele apenas tirou o elmo e enfiou a mão pelos cabelos colados na cabeça. Então, sem uma palavra, virou-se, fez um sinal aos cavaleiros para que o seguissem e saiu do quarto.

Continuava a chover. O velho padre e seu jovem assistente vieram da cidade para administrar a extrema-unção ao lorde. Emmeline disse-lhes que o senhor não estava morrendo ainda e mandou-os embora. Gaeweddan, a enfermeira, chegou, arrastando a sacola de ervas pelas escadas da torre, gemendo. Emmeline ajudou-a a tirar a capa e colocou-a diante do fogo para secar.

— Ah, esse tempo! — reclamou a enfermeira. — Finalmente estamos com água agora, benza Deus e todos os Santos, se Ele não resolver nos afogar com outra inundação. O rio está uma torrente.

Emmeline trouxe-lhe uma caneca de vinho com especiarias e levou-a até a beira da cama. A enfermeira debruçou-se sobre o corpo de Niall, apertando-lhe a barriga por toda a extensão, cheirando-lhe a boca, escutando com o ouvido encostado ao peito febril. Então, olhou para a perna. Depois puxou um banquinho e sentou-se.

— O que quer que eu lhe diga? Que a senhora mandaria aqueles belos cortadores de barba embora e que salvaremos a perna do lorde? É isso que ele lhe disse que quer?

Emmeline pegou a panela do fogo e serviu mais vinho quente para a enfermeira.

— Hum... foi o que pensei — disse Gaeweddan, de mau humor. Tomou um gole do vinho. — Vão me queimar, moça, por bruxaria, se a perna envenenar o corpo do lorde e

ele morrer. Não a senhora, porém, que será uma viúva. O rei mandará arranjar bem depressa um marido para uma coisinha linda como a senhora. Agora, se era para eu lhe dar um conselho — continuou —, eu diria para mandar buscar o médico de Wroxeter. Ele é bom, judeu como o avô, o velho Ha Kohen. Gosto mais deles que dos italianos. E, depois, vai lhe assegurar os melhores cuidados, e ninguém poderá culpá-la do que vier a acontecer.

Emmeline encarou-a com um olhar desolado.

— Vai levar dois dias para ir e voltar de Wroxeter. A esta alturas, as estradas estão como um charco. A mulher estendeu as mãos para o fogo.

— Ele tem um ferimento faz um bom tempo. Mas um belo corpo forte assim é uma dádiva maravilhosa. — Ergueu as mãos, fazendo gestos no ar. — Em todos nós, os fluidos bons e os ruins correm num grande fluxo da cabeça até os braços e as mãos, assim, depois descem para o tronco e para as pernas e os pés e voltam de novo, como a gente sabe ao ver o sangue saindo. Quando o fluxo é danificado, estanca e apodrece. Ele tem essa putrefação aí faz algum tempo.

Emmeline desviou os olhos.

— O ferimento nunca sarou.

— Bah! — A enfermeira recostou-se, cruzando os braços no peito. — Bem, os barbeiros cortariam a perna fora. Meu pensamento é que isso o mataria também. Emmeline não conseguiu mais se aguentar de pé. Sentou-se na cadeira e enterrou a cabeça entre as mãos.

— O velho Ha Kohen, que Deus dê descanso à sua alma — continuou a enfermeira —, tinha boa sorte em extrair fluidos pútridos. Tinha as melhores lancetas de aço de Toledo para drená-los dos venenos malignos. Não é como se alguém abrisse um furúnculo, a senhora me entende. A parte podre precisa ser cortada, depois envolvida em farinha quente, quem sabe cebolas bem fervidas também possam puxar para fora a podridão, até que a carne fique limpa.

O senescal entrou com as ajudantes de cozinha carregando bandejas com vinho e comida. Embora tivesse pedido o desjejum, Emmeline não tinha estômago nem para sentir o cheiro. Ofereceu-o à enfermeira, que levou seu banco até a mesa, pegou uma colher e começou a comer a linguiça que estava no prato. O senescal parou ao lado dela com uma jarra de cerveja e serviu-lhe uma caneca.

Emmeline fechou os olhos e engoliu em seco. A chuva e o calor do fogo deixavam o quarto opressivo, o ar difícil de respirar.

— Abra a ferida e drene os venenos, mas me prometa que não vai lhe cortar a perna — pediu. Gaeweddan deixou de lado a colher para limpar os dentes com a unha.

— Existem riscos. O corte em torno da putrefação faz a carne crescer, é como cavar ao redor de um trecho de terra onde há verduras, na primavera. Depois, não há o que fazer. O corpo inteiro será tomado pelo miasma, e a morte vem depressa. É por isso que tanta gente que chama a si mesma de cirurgião acha melhor deixar as velhas feridas como essa em paz. — Empurrou o prato e limpou a boca na manga do vestido. — Mas a carne ruim de seu lorde não ficará a mesma coisa. Vai piorar, agora que o cavalo caiu em cima dele. A gente pode afirmar isso pela febre.

Walter entrou de novo no quarto. Havia tirado a cota de malha e usava o colete almofadado. A chuva lavara seus cabelos, mas havia círculos de cansaço, escuros como sujeira, debaixo dos olhos azuis.

— Walter — disse Emmeline —, traga quatro cavaleiros fortes para segurar lorde

FitzJulien deitado. A enfermeira levantou-se.

— Diga a seu administrador que preciso de quatro baldes de farelo de trigo fervido ainda fumegando. Panos limpos, de seu armário, para os sangramentos, senhora, não da cozinha, por favor. Tenho minhas próprias facas, mas gostaria de dar uma olhada nas da cozinheira também.

Os barbeiros entraram no patamar das escadas. Ambos fizeram uma mesura e sorriram. Um deles enfiou a mão num saco, tirou uma serra de aço fina e brilhante e ergueu-a.

Ouviram um gemido de protesto que vinha da cama.

Então ele estava acordado, pensou Emmeline. Gostaria de pensar em algo cruel, fazê-lo achar que os barbeiros-cirurgiões estavam prontos para começar. Porém, sentia-se cansada demais para isso.

— Você tem dois xelins? — perguntou a Walter. Ainda não tinha nenhum dinheiro seu. — Dê-os aos barbeiros e mande-os para casa. — Pensou na tempestade caindo lá fora. — Não, pague-os e mande-os para a cozinha para comerem alguma coisa.

O cavaleiro encarou-a com um olhar estranho. Emmeline apoiou a cabeça na perna da cama, e suas pálpebras se fecharam. A enfermeira já andava atarefada pelo quarto, avivando o fogo.

— Vai tentar manter a perna, então — disse o capitão cavaleiro. Com voz rouca, Emmeline soltou uma risada.

A perna não estava quebrada. Pelo menos isso pôde ser constatado quando a enfermeira, com quatro cavaleiros segurando Niall na cama, cortou-lhe a pele da coxa. Uma enorme bolsa de pus e sangue estourou no mesmo instante e espalhou-se por todo o ferimento. O homem na cama soltou um berro de agonia e depois desmaiou.

Da ferida aberta vinha um cheiro que fez os olhos de todos lacrimejar. As aias subiam e desciam correndo as escadas, levando pedaços de lã e pilhas de panos limpos de limpeza. Outras trocavam as roupas de cama ensanguentadas. Baudri Torel entrou com a cozinheira. Ficaram de pé, conversando sobre a maneira certa de cortar o músculo, enquanto Gaeweddan trabalhava, jogando pedaços da carne pútrida numa bacia de madeira. De vez em quando, os cavaleiros subiam as escadas, vindos da praça, oferecendo vinho e cerveja para sir Niall, caso ele precisasse, mas o homem deitado na cama permanecia num torpor profundo.

Emmeline sentou-se num banco aos pés da cama, o rosto apoiado na perna do móvel, ouvindo as vozes no quarto. Estava cochilando quando a cozinheira, à frente de uma fila de ajudantes de cozinha, entrou com baldes de farelo de trigo fumegante e cebolas descascadas. Um pedaço de couro de vaca foi colocado debaixo do quadril do lorde, depois uma manta de pele de carneiro ainda com a lã. Enrolaram a perna naquilo, do tornozelo até o quadril, para segurar a compressa fervendo. Niall urrou quando a mistura foi colocada ali.

— Segurem-no! — Walter gritou.

Os quatro cavaleiros jogaram-se sobre ele. Foi tudo o que puderam fazer para segurá-lo, conforme ele se debatia e gritava. O cheiro putrefato voltou.

A enfermeira andava de um lado para o outro, enxugando as mãos no avental. Seu rosto brilhava de suor. Depois de algum tempo, ela se aproximou da cama e ajudou os meninos da cozinha a abrir o couro de vaca e tirar os sacos de farelo manchados de sangue para substituí-los por outros, novos. A perna de Niall, até os dedos dos pés, parecia uma posta de carne fervida.

Emmeline adormeceu sentada no banco. Quando acordou, ainda estava escuro, mas tinha parado de chover. Algumas velas tinham sido apagadas; o quarto estava silencioso e na penumbra. As aias tinham arrumado suas saias e varriam as palhas molhadas, colocando outras, limpas. O cheiro de podre ainda pairava no ambiente.

Gaeweddán estava sentada ao lado do fogo. Levantou-se pesadamente e aproximou-se da cama. Torcendo as mãos por baixo do avental, olhou para o lorde. Corado de febre, ele resmungou alguma coisa e jogou as cobertas. Ela o cobriu de novo, puxando-lhe as mantas sobre o peito e os ombros.

— A compressa vai puxar as toxinas, mas uma febre longa irá enfraquecê-lo — avisou. — Mantenha-o sempre banhado em água fria. Emmeline ergueu-se do banco.

— Mandarei dois cavaleiros de volta à cidade com você.

A mulher pareceu agradecida. A estrada estava escura; ainda não tinha amanhecido. Seguiram para a porta. A enfermeira virou-se para Emmeline, os olhos cinzentos a fitá-la com sagacidade.

— Diga-me, moça, por que quer que ele viva? Emmeline fitou-a, boquiaberta.

— Então, que seja — a mulher apressou-se a dizer. — Se houver um inquérito, direi que a senhora fez tudo o que podia por ele, como uma esposa leal.

Gotselm tinha posicionado um par de cavaleiros no patamar da escada. Emmeline fechou a pesada porta do quarto, mas não se deu o trabalho de colocar a trave. Foi até o fogo e abafou-o. O quarto ainda estava excessivamente quente, a chuva não refrescara o ar. Sua camisola estava manchada e úmida. Ela parou diante da lareira e tirou-a pela cabeça, para depois deixá-la cair no chão. Sob a luz dançante do fogo, seu corpo de repente parecia mais macio, mais livre, mais leve. Tocou os braços e o ventre, empalmou os seios com as mãos e depois espreguiçou-se. Com as mãos para o alto, enfiou-as pelos cabelos e correu os dedos pelos fios, desmanchando os nós. Seus cabelos tinham ficado soltos a noite inteira e estavam emaranhados e úmidos.

Virou-se e voltou descalça para a cama. Ergueu a coberta e enfiou-se debaixo dos lençóis. As roupas tinham sido trocadas, mas ainda cheiravam a cebola, e ela afastou-se o mais que pôde para o seu lado da cama.

Uma veia latejava na cabeça de Niall. Seu rosto estava rígido, queimando de febre, e ele só conseguia enxergar o quarto através dos olhos semicerrados. Pior, alguma coisa prendia sua perna num tornilho mal-vedado, de tal modo que ele não conseguia se mexer. Sentia uma dor horrível, mas tinha acabado de ter a visão de uma fada dançando naquele mesmo quarto, nua diante do fogo, as mãos delicadas se agitando por sobre a cabeça. Tinha os cabelos compridos. Quando ela se movia, eles balançavam e faiscavam com a luz das chamas.

Ele correu a língua pelos lábios rachados pela febre. Estava doente, horrivelmente ferido, mas muito longe de morrer, disse a si mesmo. E aquela peça que seus sentidos lhe pregavam dificilmente seria um anjo, mas alguma criatura encantada que assombrava os sonhos mais lascivos de um homem. Ela moveu-se, e seus olhos a perderam de vista.

Então, de repente, ela apareceu a seu lado, numa luz dourada. Deslumbrante e completamente nua, torceu os cabelos revoltos como uma corda sobre o ombro, ergueu as cobertas e acomodou-se a seu lado na cama.

Quando Niall tentou se mexer, tentou tocá-la, o lodo debaixo de sua perna e quadril deslocou-se perigosamente. Seu quadril doía como se demônios com espadas rubras e incandescentes o atacassem. Porém, ele sabia que a fada esguia e nua estava na cama a seu lado; sentiu o ondular das cordas da cama quando ela se virou.

Alguém, pensou, perplexo, a mandara para cuidar dele. Niall quase podia sentir todo aquele fogo brilhante, cheio de vida da forma esguia respirando dentro dele, através daquele ser a seu lado. Fechou os olhos. E, a despeito da febre atordoante e palpitante, ele dormiu.

Do outro lado da cama, Emmeline jazia deitada de olhos abertos, estudando as sombras que a luz do fogo lançava nas paredes. Um momento antes ela estava tão cansada que mal conseguira se arrastar para dentro da cama. Agora estava completamente acordada, mas tinha se esquecido de alguma coisa.

Tinha a intenção de pedir a Gaeweddán uma porção de poejo e artemísia, antes que a mulher fosse embora, para forçar a menstruação a descer. E se esquecera.

Torceu as mãos debaixo das cobertas, procurando não balançar a cama e acordar o homem a seu lado.

Se Niall sobrevivesse, havia uma esperança de que ela pudesse encontrar Magnus. Mas ela não precisava de outro filho. Isso a deixaria totalmente encurralada.

Capítulo XIX

Walter Straunge ficou atento e alerta a manhã inteira. Como capitão da fila de cavaleiros que se estendia por todo o caminho do portão da guarita do castelo até a praça do mercado na cidade, ele não deveria deixar seus pensamentos, ou seus olhos, divagar.

Os cavaleiros da guarnição eram uma visão impressionante em suas montarias, com os olhos cravados adiante, cada um deles segurando um estandarte branco e verde de Morlaix. A multidão ansiosa se agitava e ondeava atrás deles. Centenas, talvez milhares de pessoas, Walter percebeu, tinham se reunido para ver o rei Henrique e sua rainha. Mas *ela* não estava entre eles.

Walter sabia que era a própria obra do demônio distinguir apenas uma moça na multidão que igualava as que se reuniam para as festas de Natal ou de Páscoa. Não apenas estavam ali os moradores dos vilarejos e outras pessoas da região de milhas ao redor, mas muitas de tão longe como Chirk e Wrexham tinham se arrastado penosamente pelas estradas para ter contato com o rei. Walter disse a si mesmo que, apesar de tudo, o rosto e as formas esguias que ele estava procurando deviam estar longe da multidão. Deus sabia que, nos olhos de sua mente, ela parecia tão real como se estivesse em seus braços. Em sua cama.

Contudo, nas últimas horas em que estivera sentado em sua montaria em plenos trajes formais de combate, com elmo, colete de cota de malha, manoplas e botas, segurando o estandarte verde e branco de Morlaix em saudação, não vira nenhum vislumbre de qualquer uma parecida com ela. Sentiu-se como se seus olhos fossem pular para fora do crânio, ao olhar além da longa proteção de aço de nariz do elmo, tentando encontrá-la.

O velho buldogue da tia não a deixara sair da mansão, ele pensou, nem mesmo para ver o rei e a rainha.

Ele não sabia o que fazer com as beatas. Alguém poderia pensar que, se desejavam piedade e a devoção a Deus, deveriam optar por tomar o véu e se educarem para o Cristo num convento adequado. Mas esse, aparentemente, não era o jeito delas.

Elas, é claro, não conversavam com ele. Mesmo que ele quisesse perguntar sobre aquele modo de vida, o que não fizera, elas pareciam não perceber sua presença na face da Terra, a não ser com um bater das pálpebras, não importava quantas vezes ele aparecesse na mansão ou cavalgando pela rua. Duvidava de que Berthilde até mesmo soubesse como ele era. Além de usar cota de malha e elmo como os outros cavaleiros, e carregar uma espada.

Walter havia perguntado nas barracas, especialmente na dos flamengos, e soubera que a ordem das beatas, se alguém poderia chamá-las assim, já que não faziam votos e não tinham superiores, encorajava apenas as melhores mulheres nascidas livres e não subordinadas a ninguém a se entregarem aos regulamentos rígidos de rezar, trabalhar, viver uma vida simples e praticar boas ações, especialmente para os pobres.

Para ele, o mais estranho de tudo era que, embora não fossem freiras, pareciam muito serenas e satisfeitas com aquela condição de vida semelhante à das freiras, talvez até mais ainda. E não pareciam precisar de homens.

Walter não conseguia entender uma coisa dessas. Principalmente com alguém tão bela e jovem. Agora, olhando ao redor, em meio à multidão, ele não podia acreditar que as duas tivessem uma curiosidade tão pouco feminina que não fossem ver o rei Henrique e a rainha Leonor. Pelas chagas de Cristo, até mesmo *ele* queria ver se Leonor de Aquitânia era, como todo mundo parecia acreditar, a mulher mais bela de toda a Europa.

Um retumbar de clarins cortou o ar, o sinal de que o rei chegaria em breve. A multidão agitou-se na rua estreita conforme a primeira coluna da escolta do rei Henrique abria caminho pela estrada de Chirk. Os burgueses de Morlaix, os laneiros, coureiros e açougueiros, todos juntos amontoados numa alta plataforma de madeira na encruzilhada do mercado, pareciam esplêndidos em seus melhores trajes. As esposas, vestidas com excesso de enfeites, estavam num grupo atrás. Walter reconheceu o ferreiro, Watris, na fileira de trás, o corpanzil imenso espremido numa túnica de lã preta sobre as brilhantes calças justas cor de púrpura. Pela aparência, os membros das corporações de ofício e o pessoal do comércio tinham, todos, preparado discursos de boas-vindas.

Uma lufada de vento soprou pelos telhados e agitou os estandartes. Gotselm, o sargento que percorria trotando a fila de cavaleiros para cima e para baixo, levou seu corcel até o lado de Walter. A vanguarda dos cavaleiros de Anjou, do próprio ducado do rei Henrique na França, vinha em trote descendo a rua em grupos de três, lado a lado. Os angevinos usavam túnicas de seda em laranja e vermelho. Seus elmos em cone eram decorados com tufo de plumas pretas de galo, que se agitavam ao vento.

— Ouvi dizer que haverá um torneio! — Gotselm gritou, acima do clamor das trombetas.

Walter assentiu. Os cavaleiros angevinos pareciam em muito boa forma. Sem dúvida, havia bons homens entre eles. A Inglaterra tornara-se fanática por torneios como a França. Cavaleiros que não eram jurados a algum lorde percorriam a terra, no verão, chamando a si mesmos de campeões e procurando algum desafio em feiras nos dias festivos. Alguns até mesmo conseguiam um lucro decente com isso. O torneio de costume tinha dois dias de pelejas, combates de mentira nos quais os cavaleiros lutavam para fazer um ao outro cativo em troca de resgate.

Walter pensou, com inveja, que era possível fazer um bom dinheiro dessa maneira. Como um dos filhos mais novos e mais pobres do conde de Couteme-Lassey, ele poderia

ser escolhido pelo nascimento nobre para a peleja do rei, isto é, se pudesse subornar alguém. Mas não Gotselm, que era parte alemão e, como cavaleiro, não muito acima de um mercenário.

Mandou o sargento voltar para alinhar novamente as fileiras da guarda de Morlaix. Seus cavaleiros estavam a postos desde o nascer do sol, e os cavalos precisavam beber água. Walter tinha pensado em mandar os cavaleiros com baldes de água, mas àquela altura os estandartes cor de púrpura dos cavaleiros do bispo de São Botulfo já estavam se aproximando.

Os cavaleiros do bispo eram tão coloridos como os artistas mascarados italianos em suas túnicas maravilhosas. A multidão agitou-se atrás do corcel de Walter, querendo ver o espetáculo. O enorme animal bufou e avançou para a rua, onde se aliviou com um longo e barulhento jato de urina. A multidão gargalhou. Walter virou o garanhão de volta a tempo de sair do caminho dos regentes do rei, Robert de Beaumont, conde de Leicester e Richard de Lacy, que cavalgavam lado a lado, conversando, no meio dos cavaleiros, e mal prestando atenção aos aplausos e vivas.

De repente, Walter pensou tê-la visto. Berthilde, em seu simples vestido cinza e um lenço branco nos cabelos, a reveladora trança de cabelos muito claros pendendo nas costas. Movia-se pela multidão do lado oposto, com seu andar gingado, gracioso, mais alta que a maioria das mulheres, quase tão alta quanto alguns homens.

Por um momento, tudo o que Walter pôde fazer foi se conter para não esporear seu cavalo para fora da fila e ir atrás dela. Se pelo menos pudesse alcançá-la, fazê-la parar, conversar com ela... O sangue latejou em sua cabeça.

Mas então, quando olhou de novo, ela havia desaparecido.

Do outro lado da cidade, Baudri Torel e alguns de seus capatazes estavam tendo problemas com os angevinos do rei e as cozinheiras e lacaios de cozinha de fala provençal. Deveriam preparar os dezessete cervos que haviam sido caçados nas terras do conde de Hereford no dia anterior e levados em carretas para o banquete daquela noite.

Chegar à cidade para pegar a caça já tinha sido bastante difícil. A procissão da corte, com centenas de homens a cavalo e a pé, junto com criados e cavaleiros e as damas da rainha Leonor, mais os padres e nobres da Igreja e respectiva bagagem, tinha entupido a estrada de Chirk, se esparramado pelos campos colhidos recentemente e se dispersado até perder-se pelas ruas de Morlaix. Custara horas a Torel para levar as carroças para o ponto de encontro nos matadouros do açougueiro.

Uma vez lá, o senescal e seus homens tinham descoberto que o pessoal do rei falava uma língua que nenhum normando decente entenderia. Pelo que puderam deduzir, os criados reais, cheios de suspeitas, não acreditavam que ele fosse o senescal do castelo, e os trataram como se tivessem chegado com carroças para roubar os veados do conde de Hereford.

— Bando de ladrões tagarelas! — um dos capatazes de Morlaix vociferou. — Isso é o que esperam dos outros.

Os franceses sacudiram suas armas, gritando que mesmo que entregassem o veado, toda a comida do rei deveria ser preparada por angevinos ou provençais. O rei, ou talvez fosse a rainha Leonor, não confiava na cozinha local do norte da Inglaterra.

O pessoal de Morlaix ficou indignado. Qualquer inglês normando se ressentia daquele imenso bando barulhento de pessoas arrogantes que acompanhava o rei Henrique e que, como era bem sabido, logo acabaria com todas as provisões e, depois, sairia pela região, limpando tudo que pudesse usar. Todos da cozinha do castelo tinham

ficado sabendo que a corte do rei poderia transformar um feudo próspero numa terra arrasada em poucos dias.

Os ânimos se inflamaram. Os dois lados xingavam, aos berros, uns aos outros e seus ancestrais por várias gerações. Uns poucos socos foram trocados. Segurando o nariz ensanguentado, o administrador do rei Henrique ordenou a seus homens para carregar os cervos de volta nas carroças de Hereford.

Houve um súbito silêncio. Então, a voz de Luc, o cozinheiro-chefe de Morlaix, ressoou exigindo saber se aqueles que cuidavam dos pratos do rei poderiam preparar um veado inteiro recheado de nabos temperados, bolinhos e molho, com as patas, cabeça, olhos e galhada totalmente reconstituídos, para ser levado ao salão e apresentado para o prazer do rei.

— Nabos? — O cozinheiro real torceu o nariz. — Com bolinhos? Nunca! Que tipo de bolinhos?

Os dois lados se estudaram. Pavões assados servidos com suas penas em volta, às vezes com as asas estendidas como se fossem alçar voo, e porquinhos suculentos e saborosos cozidos em fogo lento, dispostos em fila em réplicas das tetas da porca eram triunfos culinários reservados para os mais magníficos banquetes. Um cervo adulto, pesando tanto quanto três homens quando preparado, era o triunfo máximo.

Os franceses se entreolharam.

— Claro, pode ser feito perfeitamente — disse um *saucier* provençal. — É um dos pratos favoritos do nosso glorioso rei. Mas perguntamos... vocês conseguem?

Por um momento, ninguém disse nada. Um cervo adulto num leito de nabos e bolinhos de cebola, assado à perfeição, com sua galhada e até mesmo olhos de maçãs ácidas, reconstituído à sua aparência quase perfeita? As expressões da equipe de cozinha de Morlaix mostravam que os lacaios do rei Henrique deviam achar os habitantes da região de fronteira de Gales ignorantes e bárbaros, mas, pelas barbas de São Davi, ainda teriam de ver as maravilhas que as cozinhas do castelo poderiam produzir.

À distância, nas ruas perto da praça do mercado, o alarido de centenas de vozes saudava a comitiva real. O rei e a rainha de Inglaterra tinham chegado.

O senescal ouviu o barulho, percebendo que tinha perdido o que mais desejava ver. A rainha Leonor, a mulher que diziam ser a mais bela do mundo.

Então, recordou-se de que a rainha estaria na festa. Seu coração saltou diante da perspectiva. Com sorte, ele encontraria tempo em meio à loucura da cozinha e do salão de festas para observá-la sentada à mesa principal com o senhor e a senhora de Morlaix e os maiores magnatas da Inglaterra. O banquete primoroso que o castelo haveria de preparar seria absolutamente soberbo. Ele e sua equipe empenhariam suas almas nisso.

O cervo assado, de certa forma, não era nada.

Thomas Becket também pensava em comida naquele momento, conforme seguia os juízes e sua comitiva de meirinhos e cavaleiros. Era meio-dia, e ele estava ficando com fome, mas supunha que havia pouca esperança de quebrar o jejum. O jovem rei Henrique era famoso pela indiferença às horas das refeições, estivesse no lombo de um cavalo, ou lendo um livro. E suas provisões, o chanceler lembrou-se, estavam em algum lugar na traseira com a bagagem onde ele não poderia pegá-las, mesmo que quisesse.

Com um suspiro, Thomas resignou-se a esperar até que a corte subisse o morro para montar acampamento nos campos que rodeavam o castelo.

Também esperava que a briga que o rei e a rainha tinham começado de manhã na

cabana de caça de Hereford tivesse, de alguma forma, terminado, embora duvidasse.

Manteve os olhos no casal real cavalcando à frente. O corpo atarracado e musculoso de Henrique amontoava-se deselegantemente na sela, porém ele não parecia muito aborrecido. A rainha, alta e ágil, estava rodeada pelos trovadores gascões e provençais e de parasitas que lhe disputavam a atenção.

Apesar de o rei, naquela manhã, ter saltado sem avisar em seu cavalo e galopado para longe num ritmo de quebrar o pescoço para seus acompanhantes, seus lacaios tinham dado um jeito de vesti-lo numa túnica de cetim e um chapéu com plumas. Ele parecia menos desmazelado que de costume, embora Thomas soubesse que ainda usava as botas sujas e gastas de caça. Depois da última bebedeira com Lacy e Leicester, Henry havia dormido com o calçado. No último minuto, um dos valetes mais corajosos tinha jogado uma capa enfeitada de arminho sobre seus ombros. Agora, pajens montados cavalgavam seus pôneis levando atrás uma barreira, cada um carregando um canto.

A procissão desfilou pela praça do mercado da cidade. A multidão compacta gritava vivas e jogava flores silvestres sob as patas dos cavalos. A rainha incitou seu cavalo à frente da montaria do rei. Thomas sabia que deveria haver algum tipo de cerimônia de boas-vindas por parte de FitzJulien, o senhor local recém-chegado de seu triunfo sangrento com os galeses, e dos homens da cidade. Pelo que qualquer um poderia afirmar, o rei e a rainha não tinham se falado desde que haviam deixado a encruzilhada. Mas, como também poderiam atestar, era de longe bem melhor aquele frio silêncio do que a disputa aos gritos.

Sem querer, ele suspirou. Se pelo menos o soberano inglês de vinte e três anos esquecesse não só as damas da rainha, e as viúvas e filhas de seus nobres, mas também as filhas dos moradores comuns das vilas, as aias de cozinha, e as coisinhas de cabelos desgrenhados mal saídas da infância que se podia ver pelos campos... A rainha tinha direito de ficar furiosa.

Por outro lado, era preciso considerar a aversão do rei pela maioria da corte de trovadores, filósofos, estudiosos e poetas da rainha, inúmeros dos quais se destacavam pela maneira de ser ultrajante e provocante, tanto no vestir como nas maneiras. A rainha era conhecida por seu senso de humor malicioso. Ele, havia tempo, suspeitava de que algumas das mais bizarras estranhezas que ela mantinha na corte tinham o propósito de irritar o marido. Os súditos da plebe do rei Henrique, infelizmente, achavam a coleção de seres exibicionistas que orbitavam a rainha extremamente difícil de aceitar.

Um dos jovens clérigos da chancelaria de Thomas puxou as rédeas do cavalo a seu lado. O rapaz estendeu um pequeno odre de vinho e metade de um pedaço de pão crocante ainda quente, acabado de assar em algum lugar na cidade. O chanceler pegou o vinho e o pão, agradecido.

— Deus o abençoe, Earnwig — disse. — Por esse gesto cristão, acabei de designá-lo para lorde arcebispo.

O padre enrubesceu. Espremidos entre homens e cavalos que acompanhavam o rei, eles diminuíram o passo das montarias. Adiante deles, Gilbert Foliot, bispo de Londres, tinha desmontado para fazer algum tipo de invocação. Ainda estava ventando; o vento carregava a voz do bispo para longe pela praça enorme. Thomas examinou o verso da cabeça da rainha. Ela usava os cabelos presos numa echarpe de seda com um filete de ouro encimado por uma fila de *fleurs-de-lis* cravejadas de rubis. Mesmo na sela, ela se sentava de modo elegante, esguia e alta.

Thomas estava preocupado, e com razão, que ela estivesse cansada em excesso. Quando Henry, num ataque de mau humor, incitou o cavalo a um galope, a rainha pegou

sua montaria e correu atrás dele com o mesmo tipo de ânimo, acompanhando-lhe a marcha quilômetro a quilômetro. No mínimo, Leonor cavalgava tão bem quanto o rei. E, que Deus ajudasse a Inglaterra, era tão impulsiva quanto ele. Correr a pleno galope pelas estradas do interior era uma tolice absoluta, especialmente já que havia rumores na corte de que ela estaria grávida outra vez. Como Thomas bem se lembrava, o último bebê, o príncipe Henrique, tinha apenas três ou quatro meses de idade.

Terminou o restante do vinho e entregou o odre a Earnwig. Foi então que Thomas Becket lembrou-se de sua última visita ali, a Morlaix. Fora bastante agradável apesar do insolente irlandês, de quem não gostara especialmente. Mas apreciara muito a encantadora ruivinha esposa do lorde.

Niall desmontou diante do bispo de Londres, mantendo o novo corcel entre si e a multidão, já que sua perna não estava completamente curada. Ainda se movia de forma desajeitada para sentar e saltar da sela e, como consequência, tentava expor-se o mínimo possível em público.

Segurando as rédeas numa das mãos, estendeu a outra para a esposa. Era um gesto não tanto de sentimento, como para mantê-la a seu lado. Conhecendo Henrique, sabia que o rei ainda não terminara com ele. Os decretos impondo uma pesada taxa pelo casamento sem a permissão do soberano tinham chegado semanas atrás. O outro, uma reivindicação real de metade de todos os bens de sua esposa do antigo casamento, acabara de chegar.

Segurando o pulso da esposa para se apoiar, Niall curvou-se sobre um joelho. Uma breve lufada de vento cheio de pó, prenúncio do outono vindouro, rodopiou para além do bispo de Londres, que estava de pé no primeiro degrau no centro do mercado. Niall começou seu discurso dando as boas-vindas a Henrique, pela graça de Deus duque da Normandia e soberano rei da Inglaterra.

A lufada de vento jogou poeira nos olhos de Emmeline. Piscando, ela mal sentiu o puxão em sua mão quando Niall se ajoelhou diante do rei e da rainha. Conforme se ajoelhava com ele, um cavaliço aproximou-se para pegar as rédeas da égua branca da rainha. O rei tirou um pé do estribo e reparou em seus vassalos de Morlaix.

O rei Henrique não era bonito, Emmeline pensou, desapontada. Ela ouvira falar durante toda a sua vida sobre o pai dele, o conde de Anjou, um belo homem que detestava a esposa feia, a velha imperatriz onze anos mais velha. O filho devia ter puxado a ela. Henrique Plantageneta era atarracado, com um peito largo que parecia um barril e as pernas arqueadas de um cavaleiro. Uma cabeça grande e arredondada, um rosto cheio de sardas, olhos azul-acinzentados esbugalhados e cabelos e barba ruivos cortados bem curtos não o tornavam mais bonito.

Ela ouvira dizer que tinha ataques terríveis de raiva, quando ficava roxo e caía no chão chutando e urrando até perder os sentidos. Mesmo assim, Emmeline pensou que nunca tinha visto um homem com um olhar tão agudo, tão inteligente. Havia tanto poder naquele semblante sardento que a fez lembrar-se de que Henrique invadira a Inglaterra quando mal completara dezesseis anos, desafiando o velho rei, Estevão, pelo trono, e que quase fora bem-sucedido.

O rei dizia alguma coisa a Niall. Fascinada, Emmeline desviou o olhar para a rainha.

Ali, por certo, não havia motivo para desapontamento. A rainha Leonor era deslumbrante, porém não tanto quanto ela esperava. Nem loira nem de olhos azuis como as damas ideais, delicadas como pétalas de rosa das canções dos trovadores, mas com a beleza de um salgueiro, com a pele cor de oliva, um rosto esculpido e perfeito, uma boca

um tanto grande e olhos escuros cheios de ternura que mostravam satisfação, alegria, humor, teimosia e um encanto infinito.

Usava um toucado vermelho de seda preso no lugar por uma pequena coroa de ouro e rubis, mas os longos cabelos que caíam sobre os ombros e as costas eram castanhos com mechas douradas. Leonor de Aquitânia possuía uma beleza confiante, eterna, que deslumbrava. Não era de admirar que as pessoas falassem nisso.

Emmeline percebeu que encarava a rainha. O bispo de Londres inclinou-se e disse alguma coisa sobre a soberana, e ela concordou. Ainda segurava a mão do marido. O rei continuava a falar. E, naquele momento, Emmeline olhou além de Henrique e viu dois pajens com seus pôneis galeses segurando as pontas do manto enfeitado de arminho.

Um deles era Magnus.

Capítulo XX

— Como diabos eu iria saber que o rei o encontraria? — resmungou Niall. — Mandei Joceran levar o garoto para o chefe de polícia de Wallingford. Ele é um bom amigo, um excelente cavaleiro com uma família própria. Era um bom lugar para treiná-lo.

Empurrou a camareira que tentava ajudá-lo a enfiar as botas. O quarto da torre estava cheio de criados auxiliando-os a vestir as roupas de festa. Do lado de fora, o patamar da escada estava lotado de mensageiros dos nobres da corte, todos querendo alguma coisa. Walter e outro cavaleiro mantinham-nos à distância. Sua esposa encarou-o, tremendo, de lábios descorados.

— O rei sabe de tudo — disse, com voz inflamada. — Está mantendo meu filho refém!

— Diabos, qual é o problema com você? — Ele pegou as botas nas mãos e sentou-se com cuidado na cama, protegendo a perna ainda não de todo curada. — O rei sabe o que eu lhe disse, que eu a encontrei e me casei com você. E que o garoto é meu filho por acaso. De acordo com a ordem judicial que Leicester me entregou, também pagarei uma maldita multa de um valor imenso por ter me casado sem a permissão real.

As aias nervosas tinham tirado as roupas íntimas de Emmeline. Ela ficou parada, tremendo, apenas de combinação.

— Seu filho, por acaso? É assim que você o chama? — Ela torceu as mãos. — Oh, por que não me deixou ir ter com ele? Lá estava ele, meu filho, e só pude olhar, observá-lo afastar-se com a corte.

Niall a encarou com raiva. Não tinha ideia do que havia acontecido para deixá-la tão aterrorizada. Tinha segurado Emmeline com força pelo pulso naquela tarde, caso contrário, ela teria saído correndo até o garoto para arrancá-lo do pônei na frente de Henrique, da rainha, de todo mundo.

Walter entrou com um recado de que não havia mais espaço na campina e que alguns dos mais desregrados elementos da corte do rei Henrique estavam se espalhando

pela cidade. Os burgueses e o pessoal dos ofícios, já no castelo para a festa, queriam conversar com o lorde sobre isso.

Praguejando, erguendo as calças, Niall foi até a porta e gritou para os mercadores para irem ao salão de festas, que mandaria alguém cuidar do problema. Walter voltou para dentro com ele e fechou a porta.

— Por Deus, depois de todo esse tempo, era de se pensar que eles aprenderiam a cuidar de si mesmos. Mas o rei adora o caos. — Niall pegou o colete acolchoado de uma criada e entregou-o ao cavaleiro alto e loiro, que o ajudou a colocá-lo. — Observe só, Walter. Ao romper da alvorada, o rei saltará em seu cavalo sem avisar, qualquer que seja a hora infeliz em que ele resolva ir caçar, deixando o restante da corte para pegar suas botas, ceroulas e sela de seus cavalos praguejando num enorme furor. Já vi acontecer. Bispos, condes e barões da realeza, todos se atropelando atrás de Henrique, imaginando o que ele fará a seguir. — O capitão cavaleiro segurou a túnica de seda bordada com grifos brancos sobre sua cabeça, e Niall enfiou-se dentro dela. — Levou anos para eu, como soldado do príncipe, descobrir do que se trata.

Walter entregou-lhe um cinto feito de couro dourado fechado por uma fivela com cabeça de lobo em prata com olhos de berilo, com uma bainha encaixada para o punhal.

— O que é isto? — Inclinou a cabeça, examinando a fivela, e a luz das velas destacou o brilho avermelhado de seus cabelos. — O príncipe Henrique já é mestre em tratar os grandes magnatas da Inglaterra como alguém trataria cães de caça. Mantém todos eles eternamente caindo uns sobre os outros, procurando seus favores para, depois, chutá-los de lado quando caem. Leicester, Hereford, Chester, de Lacy, até o arcebispo... você viu como os grandes homens rastejam na presença do rei?

Walter ajeitou o colarinho da túnica brilhante, alisando-a pelos ombros de Niall. Uma das aias estendeu-lhe duas correntes de ouro e ele as passou pela cabeça do lorde.

— O rei não parece sujeitar o senhor ao mesmo tratamento — disse, em voz baixa. Niall tocou o ouro pousado em seu peito.

— Ah-ah, que diabos, estamos nos refocilando diante do rei como porcos na lavagem da cozinha. E quando ele for embora, estaremos pedindo esmolas e ainda de joelhos. Ainda esperando conquistar um pouco de bondade.

As aias amontoaram-se em torno dele, segurando um pequeno espelho. Niall inclinou-se para espiar, alisando os cabelos compridos e cacheados com as mãos. Endireitou-se depressa e olhou para o outro lado do quarto, onde a esposa estava, enquanto as mulheres lhe ajeitavam o vestido.

O vestido, de uma seda firme amarelo-vibrante, tinha uma cauda, agora em voga em Londres, e era justo desde o busto até a cintura fina e os quadris, onde então se abria em pregas profundas. Emmeline parecia uma enorme flor amarela.

Ela havia resolvido não usar um toucado com véu como as damas da corte do rei Henrique, mas mandara escovar os cabelos repartidos ao meio, no estilo antigo, caindo pelos ombros e pelas costas. Trançados nas mechas faiscantes, havia fieiras de pérolas. Tranças ao lado de cada face eram entremeadas com mais pérolas, como luas de um branco reluzente em meio ao vermelho.

Walter disse alguma coisa por entre os dentes. Ainda estudando a mulher, Niall concordou. A palidez de pavor na pele de Emmeline desaparecera, beliscada pelos dedos das camareiras até ficar rosada. Parecia haver uma pomada brilhante vermelha em sua boca e um toque de azul nas pálpebras superiores. Parada ali, com um leve franzido no belo rosto, sua esposa era nada mais nada menos que maravilhosa. Só a rainha poderia ser mais bela.

De repente, ele lembrou-se dos dias deitado na cama, com a perna purgando e latejando, e da enfermeira e da confusão de compressas de farelo quente. Supôs que devia sua vida a ela. Por alguma boa sorte, sua esposa não havia deixado que os barbeiros de mãos sujas o tocassem.

— É melhor a colocarmos no pátio externo — disse, secamente —, longe da rainha.

— Ah-ah — Walter resmungou —, colocarmos em algum lugar longe do rei. Era a pura verdade. Niall fez uma careta.

Emmeline ouviu-os falando sobre sua pessoa como se ela não estivesse ali. Não se deu ao trabalho de erguer os olhos; não precisava. Sabia muito bem qual era a aparência de Niall e como suas aias se agitavam em torno dele desde que ele entrara. Descalço e de pé apenas com as calças justas, os olhos cobiçosos das mulheres passeavam pela curva forte de seu traseiro, pelas longas pernas, pelas coxas, pela superfície ondulada do ventre nu, e demoravam-se, arregalados, no enorme volume em sua virilha.

Emmeline diria que ele era um belo homem. Não tanto quanto Walter, que era alto e de cabelos loiros e que fazia as aias suspirar e desmaiar. No mínimo, Niall FitzJulien a fazia lembrar as imagens de pedra dos cavaleiros normandos na cripta da igreja da vila, deitados ali com seus elmos e coletes de malha, segurando as espadas com ambas as mãos, sérios, fortes e calados.

Exceto, é claro, quando ele estava com raiva.

Ele nunca a perdoaria, Emmeline pensou, com um ligeiro arrepio. E ela carregava o segredo do ouro do traidor como uma pedra no coração, e sentia a cada dia que estava à beira da destruição.

Desde o momento em que vira pela primeira vez o rosto do rei na praça do mercado, Emmeline soubera que o jovem Henrique Plantageneta não era um homem ignorante daquilo que seus nobres estavam planejando. Aqueles olhos azul-acinzentados esbugalhados suspeitavam de tudo, pensavam em tudo. Só de olhar para ele, era possível ver por que ele era um líder de homens, enquanto a maioria daqueles ao seu redor estavam, com sua idade, apenas ganhando as esporas.

Era por isso que ele agora tinha Magnus, Emmeline disse a si mesma. Não era nenhum capricho estranho do rei arrancar seu filho da casa do cavaleiro para onde ele fora mandado e trazê-lo ali de volta. A única coisa que ela podia pensar era que Henrique iria manter Magnus até que descobrisse a verdade sobre o emissário e o ouro. E sobre os traidores que o forneciam.

Tentou acalmar seu tremor. Não sabia como sobreviveria à festa de boas-vindas quando o rei, se desejasse, poderia expô-la diante de todo mundo, acusá-la de ser um dos traidores, mandando dinheiro e ajuda ao seu arquiniimigo, o príncipe galês.

Parou com a cabeça inclinada, refletindo que havia condenado Niall e seu filho também, que não sabiam de nada daquilo. Todos, inclusive ela, teriam mortes horríveis.

Seu marido adiantou-se e as aias se afastaram, rindo. Lado a lado, com os trajes e as joias, o lorde e a dama de Morlaix eram belos, magníficos. Os semblantes dos criados refletiam isso.

Ele a fitou de cima a baixo.

— Deus dos anjos, se você vai fazer essa cara, pensarão que estamos nos dirigindo para um funeral, não para uma festa.

— Milorde, não diga isso, nem por brincadeira — Walter o censurou.

— Ora, então, faça essa mulher sorrir.

Os criados apressaram-se a abrir a porta. Baudri Torel, com sua túnica preta e a enorme argola de chaves, e uma multidão de gente da cozinha, quase caíram dentro do quarto.

— Milady! — exclamou o senescal. — Preciso falar com a senhora, é de absoluta importância. Há um problema com milorde e os cervos de Hereford... Walter empurrou-os para fora das escadas. No patamar, a multidão de pajens e mensageiros recuou, apressada.

Emmeline firmou os dedos no braço do marido e ergueu a cauda do vestido com a outra mão. Os degraus da torre eram sinuosos e estreitos, e ela ainda estava tremendo.

Teve de lidar com o pensamento desesperado de que o rei poderia não acusá-la de alta traição ali, naquela noite, na festa. Seria algo mais sutil. Ainda havia tempo para ver Magnus; ele era apenas uma criança. O rei, por certo, não poderia julgá-lo culpado de alguma coisa.

Desceram as escadas para a praça.

Estava uma bela tarde de fim de verão. Os porteiros reais postavam-se no pátio diante do salão, tentando ordenar alguns dos mais importantes nobres da Inglaterra em fila, de acordo com a posição social. A maioria não prestava atenção, conversando entre si. Os condes de Chester e Hereford reclamavam que estavam famintos e não ficariam parados como garotos de escola, e então saíram à procura de mais cerveja. O rei chegou com seu casaco de seda parcialmente abotoado, com manchas de gordura na frente. Dois padres carregando rolos de pergaminho o ladeavam; ele parecia irritado. Gritou para alguém que empurrasse os músicos para a frente e comesçassem. Passaram pelas portas numa multidão que se acotovelava apesar das súplicas dos porteiros, pelas naves, até as mesas de cavalete. O novo salão de festas do castelo ainda cheirava a toras recém-aparadas.

Os porteiros reais se apressaram ao redor, sentando os representantes mais importantes da Igreja e nobres de segunda grandeza numa segunda mesa logo abaixo da plataforma. Hereford e Chester subiram no tablado e se acomodaram num banco na mesa principal de carvalho ao lado de Gilbert Foliot, o bispo de Londres. Os músicos, seguindo alguma etiqueta prévia, circulavam pelo fundo do salão, tocando os violinos, soprando as trombetas até que o rei Henrique e a rainha Leonor tomassem seus lugares nas cadeiras especiais de encosto alto.

O casal real sentou-se separado por vários lugares. O chanceler Becket esgueirou-se suavemente para um dos espaços, junto com seu amigo, o conde Patrick de Salisbury. Começaram a conversar com o rei.

A rainha era uma visão resplandecente de uma bela morena vestida em seda pesada entremeada de ouro e com uma coroa cravejada de rubis da qual pendiam véus de seda vermelha transparente. Inclinou-se sobre a mesa e chamou um trovador entre as mesas de mercadores para que se aproximasse e pegasse um banquinho do lado oposto ao dela. Ele obedeceu, trazendo um companheiro.

Walter estava postado atrás de Niall à mesa principal. Inclinou-se e murmurou-lhe ao ouvido:

— A rainha está de ânimo virado. Olhe só para o rei.

Niall olhou. Leonor de Aquitânia estava jogando um jogo perigoso. Henrique começara a beber desde de manhã; tinha o rosto vermelho, as pálpebras pesadas. Dois

jovens e belos trovadores sentaram-se diante da rainha, de costas para a multidão, e começaram a conversar. A risada cristalina de Leonor ressoou.

O rei Henrique ficou a observar, com os cotovelos apoiados entre as taças de vinho. A seu lado, Thomas Becket começou a conversar, discutindo sobre Aristóteles com o bispo de Londres. Os criados de Morlaix e os lacaios do rei andavam de um lado para o outro com jarras de vinho, pão e rodela de queijo. O juiz, de Lacy, do outro lado de Emmeline, estava impaciente, falando sobre a dificuldade dos angevinos e provençais sentados na mesma corte.

Niall tomou a mão da esposa. Ela virou-se e o encarou. Walter Straunge inclinou-se e murmurou que a rainha colocara suas próprias tendas na campina mais baixa, deixando o rei do lado de fora do portão, na companhia de Thomas, com o bispo de Londres e o arcebispo Theobald de Canterbury acampados ali perto. Os gascões e provençais da rainha estavam em um acampamento, os angevinos e normandos do rei em outro.

Niall arqueou as sobrancelhas.

As risadas na extremidade da mesa da rainha ecoaram outra vez. Um dos trovadores declamou uma poesia, com o pé apoiado no banco. A rainha inclinou a cabeça para trás e encarou-o com uma expressão animada. Veloz como um raio, a mão do menestrel voou e cobriu a dela, numa carícia, e depois recuou rapidamente. Os homens da Igreja na mesa mais baixa viraram-se e o encararam. O outro trovador sentou-se de repente no banquinho e começou a afinar seu alaúde.

— Jesus — Niall murmurou. Vira a cabeça do rei abaixar ameaçadoramente, como a de um touro.

Alguém apareceu atrás de Emmeline. Quando ela se virou, era Baudri Torel com um avental manchado de sangue, acompanhado de dois ajudantes de cozinha de Morlaix. Quando ela o encarou, o senescal explodiu:

— Milady, em nome de Deus, mande alguém para nos ajudar! A cozinha não é mais nossa.

Emmeline virou-se no banco. Os dois pequenos pajens do rei apareceram, e ela tentou empurrar o senescal de lado para que eles pudessem oferecer uma tigela de frutas cozidas. Walter agarrou-os pelos colarinhos e os fez dar meia-volta.

— O pessoal do rei usurpou nossos lugares! — gritou Torel. — Neste exato momento, Roberson e Dyce e alguns dos arqueiros de sir Gotselm estão defendendo a comida.

Walter ouviu atentamente.

— Deus é meu juiz, juro que deixei cavaleiros na cozinha justamente para o caso de algo assim. O maldito povo do rei vai saquear tudo.

Emmeline julgou que deveria ir com Walter para resolver o problema na cozinha, mas duvidava de que se saísse bem. Não era absolutamente próxima da equipe do castelo; eles ainda tinham a tendência de tratá-la como a esposa do ourives. O que jamais fariam diante dos angevinos do rei, que julgavam todos eles bárbaros, de qualquer maneira.

Ao lado, de Lacy serviu-se de uma taça de vinho e em seguida encheu a dela.

— A rainha, apesar de tudo, é enormemente estimada — disse-lhe ao ouvido. — Que ninguém se engane. Até mesmo os ingleses gostam dela. Emmeline tentou encontrar o olhar do marido, que conversava com o juiz.

— Vá até a cozinha e faça o que puder — disse a Walter.

O rei já não estava mais conversando com Thomas Becket que, agora calado, torcia uma taça vazia de vinho na mão. A rainha Leonor, o belo rosto animado, pegara uma flauta de um dos trovadores e tocava, desafinada. Alguém chamou os músicos. Eles seguiram por entre as mesas, tomaram lugar na frente da rainha e seus trovadores e atacaram um acompanhamento para a canção que ela tocava.

— Claro que não há dúvida que de ela tem o dom de encantar — disse de Lacy. — E está habituada a ser adorada. E Luiz, o rei da França, não fazia segredo de que a amava. — Parou e olhou para ver se Emmeline estava prestando atenção. — Sabe que ela deveria ter se casado com o irmão mais velho de Luiz, não? Mas ele morreu num infeliz acidente a cavalo, e o jovem príncipe, que fora entregue à Igreja para ser monge, foi tirado do mosteiro para ser coroado rei e casar-se com a noiva do irmão.

Emmeline concordou. Sabia como Leonor de Aquitânia, aos catorze anos, fora dada ao meio-irmão destinado a ser monge que viria a ser o rei da França. Quem na Inglaterra não sabia?

— Ah, mas esses trovadores e poetas... — De Lacy tomou um gole de vinho, pensativo. — Muitos, na Inglaterra, os veem como uma grande calamidade. Mas a rainha os adora, como o pai e o avô dela adoravam, enquanto o rei Henrique ama seus livros legais, seus estudos, os filósofos, apesar de seus... gostos mais terrenos.

Suspirou, antes de continuar:

— Eles são muito diferentes. Enquanto ela era casada com Luiz de França, quase houve um escândalo com relação ao trovador Macarbru. E, outra vez, já rainha da Inglaterra, com Bernard de Ventadour, que não só era um plebeu, mas tinha uma paixão extravagante pela rainha que tornou de conhecimento público em algumas de suas canções. Mas Henrique Plantageneta não é tão bondoso como Luiz de França. Ventadour desapareceu. Dizem que está agora na corte de Ermengarde, viscondessa de Narbonne, sua nova *patronesse*. Mesmo assim, por algum tempo, ninguém conseguiu encontrá-lo.

Emmeline estava acostumada com o modo como a corte fofocava sobre a rainha. Mas de repente, lembrou-se do trovador que estava com Thomas Becket na primeira visita do chanceler. O pingente quebrado, a conversa sobre um amor misterioso... Qual era o nome dele?

Virou-se para perguntar a de Lacy, mas o rei Henrique debruçou-se abruptamente sobre a mesa para chamar os músicos que, de costas para ele, reunidos diante da rainha, não ouviram. Zangado por não terem parado de tocar, o rei jogou um pedaço de pão na mesa. O pedaço caiu na frente da rainha.

No salão, todos pararam de falar. O rei empurrou sua taça de vinho, entornando-a. Visivelmente cambaleante, levantou-se do lugar com os olhos cravados na rainha Leonor e no grupo barulhento ao redor dela. Thomas Becket pousou a mão em sua manga, mas Henrique repeliu-o com um gesto brusco.

Todos os olhos se voltaram para o rei, no salão lotado. Henrique Plantageneta tinha um temperamento terrível. Conforme iam suas feições se tornar mais vermelhas e raivosas, uma onda de pavor percorreu o ambiente.

Ao mesmo tempo, Emmeline viu Baudri Torel e um grupo de cozinheiros e ajudantes de cozinha do castelo surgir pelas portas abertas carregando uma tábua que, pelo tamanho, parecia uma porta tirada dos gonzos. Sobre ela, havia um cervo assado inteiro, decorado com a galhada reconstituída, cascos e com maçãs ácidas nos olhos.

Ela não conseguiu enxergar cada detalhe, estava muito longe, e as naves estavam cheias de lacaios carregando bandejas de comida. Mas dois cavaleiros usando as cores da guarnição de Morlaix adiantaram-se, ergueram suas trombetas e as fizeram soar.

Ao toque, as cabeças se voltaram. Baudri Torel, mais apresentável agora, de casaco preto e com a enorme argola de chaves, assumiu seu lugar na frente, ladeado por quatro cozinheiros que carregavam conchas de madeira à altura do ombro.

Emmeline cutucou o braço de Niall. Ele estava observando o rei e não notara a aparição de Torel e seus homens. Niall deu um pulo.

O cortejo seguiu para a mesa principal um pouco hesitante, com os carregadores segurando as bordas engorduradas da tábua. Uma salva de palmas saudou a vista do tradicional cervo, característico da corte de Londres, mas raro no território de fronteira com Gales.

Quase de imediato foi possível ver que algo estranho estava acontecendo. O corpo enorme do cervo assado jazia num lago de molho que estava começando a passar por cima da barragem de nabos e bolinhos de cebolas colocados ao redor das bordas.

A procissão de cozinheiros apressou o passo. Conforme a plataforma de madeira balançava, o molho escorria pelos dedos dos ajudantes de cozinha e dos cozinheiros. A parte da frente, que suportava o peso da cabeça e das espáduas do cervo, escorregou um pouco das mãos dos carregadores e começou a se inclinar para a frente. Uma onda espalhou-se pelo molho quando o cervo se deslocou, a galhada esquerda despencando visivelmente para baixo e para a esquerda.

O cortejo ficou mais lento, mas então o senescal murmurou:

— Não parem. — Dispensou um dos cavaleiros de Morlaix, que, ainda de trombeta na mão, aproximou-se para ajudar. — Ergam a frente — resmungou. — Andem um pouco mais depressa.

Os cozinheiros da dianteira ergueram a tábua, mas o peso todo se concentrava agora na frente. O senescal tinha razão, só havia uma coisa a fazer: andar mais depressa.

Um banco cheio de cavaleiros do conde de Norfolk de repente ficou vago, conforme os carregadores avançavam num passo oscilante. O cervo, com o couro crocante de dar água na boca, respondeu ao impulso para a frente deslizando um pouco mais. Naquele momento, uma porção do molho escapou pela muralha de bolinhos e espalhou-se pelo chão. Um ajudante de cozinha pisou na poça e caiu de costas, com um grito abafado.

O cervo havia escorregado muito depressa para parar. Os cozinheiros e os ajudantes, suados, cambalearam e a travessa inclinou-se perigosamente para a direita e depois de novo para a esquerda. Com uma notável demonstração de força, eles se deslocaram para preencher o espaço vago do rapaz que caíra, e avançaram.

Niall saltou de pé. De Lacy também. Assim como a metade das pessoas sentadas à mesa principal. O rei inclinou-se para a frente, completamente bêbado, com a boca escancarada de espanto, enquanto o pessoal de Morlaix e sua carga corriam na direção do tablado.

— São Jorge nos salve, Morlaix, acha que a coisa vai fugir do controle deles? — perguntou o juiz.

Não houve tempo para responder. O pessoal da cozinha, em pânico, se aproximava num trote. A cabeça do cervo já estava pendurada pela borda, o focinho pingando molho. Baudri Torel ofegava para se aguentar, gritando para que sua equipe parasse.

Não havia lugar para parar.

No último momento, conforme faziam um esforço para se desviarem ligeiramente do rei, um dos cozinheiros gritou, numa tentativa de colocar a tábua com o cervo entre os pratos:

— Para cima, rapazes... Ergam! Mas não era para ser.

A nova direção levou-os direto para o grupo de músicos e os dois trovadores, que ergueram os olhos a tempo de ver o cervo assado, que parecia vivo, carregado pelos cozinheiros a galope, assomar sobre eles numa velocidade aflitiva.

Os músicos gritaram, jogando seus instrumentos para longe, e mergulharam sob a mesa em busca de proteção. Os dois jovens trovadores, depois de um olhar aterrorizado, jogaram-se corajosamente na frente da rainha Leonor, agitando os braços para protegê-la.

Os dois carregadores da frente fizeram uma última tentativa de erguer a beirada da tábua. Mas, agora mais ou menos nivelado, o cervo saltou de seu lugar de descanso e voou para a frente, precedido por uma chuva de nabos. Acertou os trovadores, na altura do peito.

A primeira gargalhada estrondosa veio do rei Henrique. De repente, cheio de um explosivo bom humor, ele sacou seu punhal e saltou sobre a mesa, convocando todos para ajudarem os cristãos sob ataque dos inimigos ancestrais da floresta.

O salão mergulhou num silêncio estarecido.

Depois de um olhar para o rei que gritava e brandia seu punhal, os cavaleiros da guarda real saltaram sobre a mesa principal e ergueram a tábua para soltar os trovadores presos sob ela.

— Não estão vendo? — o jovem rei clamou. — Aqueles que caçamos desde o início dos tempos agora nos procuram para consumir sua diabólica justiça. A rebelião deve ser reprimida!

Uma explosão de risadas finalmente coroou tal discurso. Os condes de Hereford e Salisbury, tão bêbados quanto o rei, reuniram-se a ele na mesa, entre o pão e as taças viradas. Os cavaleiros que se esforçavam para libertar os trovadores repartiram o cervo em várias partes. O policial da equipe doméstica do rei ergueu um quarto salpicado de bolinhos e, com cuidado, depositou-o diante do rei. Henrique sentou-se, respirando com dificuldade de tanto rir, enquanto Patrick de Salisbury, com toda a cerimônia, aceitava a cabeça, menos a galhada, estendida a ele por um de seus cavaleiros.

Emmeline se levantara assim que tinha visto a equipe da cozinha do castelo correndo na direção da mesa. Agora agarrava-se, trêmula, a de Lacy. O lorde de Morlaix tinha saltado sobre a mesa e estava entre aqueles que erguiam a porta de madeira de cima dos trovadores semiconscientes. De pé, do lado, a rainha Leonor limpou os espirros da frente do vestido com um guardanapo e então afastou-se, rodeada de suas damas.

— Excelente, excelente, minha cara — de Lacy disse ao ouvido de Emmeline. — Nosso soberano recuperou o bom humor, graças a seu pessoal. Pense no que quiser, minha senhora, pois agora o rei Henrique vai lhe conceder qualquer favor que lhe pedir.

Capítulo XXI

Emmeline tinha apagado a maior parte das velas e estava de camisola quando ouviu o som de passos correndo pelas escadas da torre.

— Não os deixe entrar — disse Niall. Mandara os criados embora e estava sentado na beira da cama, tirando as botas. — Com festa ou sem festa, deve haver um jeito de alguém conseguir dormir um pouco por aqui, maldição!

A porta escancarou-se, e Magnus irrompeu para dentro, seguido por Joceran, que carregava os embrulhos de roupa. Por um momento, Emmeline ficou paralisada, incapaz de gritar sua alegria.

— Mamãe! — Magnus jogou-se sobre ela, passou os braços em torno de sua cintura e quase a fez perder o equilíbrio. — Espere até eu contar sobre os lugares pelos quais viajamos, Joceran e eu! — Sua voz soava esganiçada de excitação. — Ah, sim, tenho de lhe dizer que não podemos ficar, Joceran disse que devemos descer para as barracas agora mesmo para ver se conseguimos uma cama. Mas eu estava com o rei, mamãe. Há um mestre dos pajens, sir Wulfran, ele é muito severo. Minha tarefa é levar os elmos para serem polidos e substituir as velas, além de outras coisas. E ontem e hoje tive de andar com outros pajens e escudeiros da corte o caminho todo desde Chirk porque não havia espaço suficiente nas carroças. Mas agora, sir Wulfran disse que estou em casa, para ficar.

— Céus, não grite! — Emmeline o abraçou, depositando beijos no rosto do filho. — Ah, querido, pare um pouco e deixe-me olhar para você.

Ela quase soluçou de felicidade. Depois de todas aquelas semanas, tinha os braços em torno de Magnus. Se tivesse como, ela nunca o deixaria longe de sua vista outra vez.

Ele conseguiu livrar-se de seu abraço.

— Mamãe, *não*! — Joceran, por sobre o ombro de Magnus, fez um ar de desaprovação. — Precisa parar de me beijar assim, não sou mais um bebê.

As mãos de Emmeline penderam dos lados do corpo, e ela encarou o filho. Magnus tinha ido fazer apenas algumas semanas, mas uma coisa terrível acontecera. Ele estava tão mudado que ela mal podia acreditar. Alguém lhe cortara os cabelos como os de um cavaleiro normando. Seguiu pela testa acima das sobrancelhas numa linha reta e se arredondava como uma tigela sob as orelhas. Estava vestido com as cores do rei, e a pequena capa que usava nos ombros tinha um ramo de giesta preso nele, a *plant a genet*, o símbolo de Anjou.

Ainda mais revelador, ele aprendera em algum lugar a ficar de pé, ereto, os olhos cravados à frente, os ombros empinados para trás, as mãos viradas para dentro e as palmas comprimidas às pernas. Os emissários, as guarnições de cavaleiros, todos se apresentavam dessa maneira. Emmeline não podia acreditar naquela miniatura de cavaleiro parado ali, rígido, de prontidão.

No entanto, o rei o mandara de volta.

— Senhora minha mãe — disse Magnus. Lançou um olhar a Joceran, como se lembrando de alguma coisa, e então apoiou-se sobre um joelho e tomou-lhe a mão. — Que Deus possa guardá-la e abençoe-a.

Deu-lhe um beijo apressado nos dedos e ficou de pé. Atravessou o quarto correndo até onde estava Niall, que havia tirado as botas e estava sentado na beira da cama,

observando a cena.

— Meu senhor. — Inclinou-se até a cintura, outra coisa nova. — Milorde — disse, solenemente —, meus melhores votos para sua saúde e bem-estar. Estou muito contente em estar aqui com o senhor novamente.

Niall mediu-o de alto a baixo.

— É bom vê-lo tão bem. — Sua voz era ríspida. — Como é que cresceu tanto no curto tempo que ficou longe? Magnus estava sério como um juiz.

— Não foi tão curto assim, senhor, ficamos longe durante a maior parte do verão, não ficamos? Quando ao fato de crescer... — Suspirou. — Dizem que é uma característica da minha idade.

Niall esforçou-se para parecer tão solene quanto o garoto.

— Você está bem aconselhado. Lembre-se de sua mãe em suas preces, ela sente terrivelmente a sua falta. — Olhou por sobre a cabeça do menino para o escudeiro. — É melhor irem atrás de uma cama lá embaixo depressa. Procure sir Gotselm. Ele tem alguns lugares bem guardados para os nossos.

O escudeiro fez uma saudação. Magnus viu e fez o mesmo depressa, tocando os nós dos dedos na testa. Mas Emmeline bloqueou-lhes o caminho.

— Não, não vá tão cedo, você acabou de chegar aqui. Querido, nossos hóspedes ainda devem estar bebendo, deixe Joceran descer. — Tentou segurá-lo pela mão. — Sente-se na cama comigo como costumava fazer quando... era um garotinho. Vou providenciar alguma coisa para você comer, e você pode me contar onde esteve e tudo o que aconteceu.

Ele a encarou com aquele mesmo olhar sério.

— Não, senhora minha mãe. Devo obedecer ao meu senhor e descer. — Respirou fundo. — Mas eu realmente gostaria de ficar com a senhora — confessou. — Gostaria muito. Minha cachorra, Rega, ainda está aqui? Teve cachorrinhos?

Soltou uma exclamação alta, fez um gesto para Joceran para que o seguisse e saiu correndo do quarto.

— Joceran! — Emmeline chamou, descontrolada.

Niall levantou-se e tirou as ceroulas. Inclinou a cabeça para o escudeiro, que o saudou de novo e saiu.

Emmeline foi até a cama e sentou-se, com a mente ainda cheia das imagens de Magnus, do modo como ele falava agora, de sua aparência.

— Por que Joceran é tão frio comigo?

Niall ergueu os pés, esfregou-os e enfiou-os embaixo das cobertas.

— Você desfaz todo o bom trabalho dele.

Ela virou-se para encará-lo. Ele estava deitado de costas entre os travesseiros, com uma sobancelha arqueada, estudando-a. Na festa, naquela noite, ele era mais belo e vigoroso do que muitos dos nobres do rei ao redor. Mas, e se soubesse sobre os traidores que mandavam ouro para apoiar os galeses? Talvez soubesse *dela*.

Virou a cabeça de lado, sabendo que estava se atormentando. Até seu próprio filho parecia venerá-lo. E, santo Deus, por que não? Magnus, afinal, era filho dele.

Sentou-se, com olhar vago, pensando que sua vida estava se fechando em torno dela, moldando-a por conta própria, independentemente de quanto ela lutasse. Não era

mais senhora de nada agora. Nem de seu filho, nem da mansão, nem mesmo da loja do ourives. Qualquer padre lhe diria que era por causa de seus pecados, passados e presentes. Que ela não tinha a humildade de espírito para aceitar o que Deus ordenara para sua vida.

Porém, ela ainda não queria ser a esposa de Niall FitzJulien, pensou, com uma onda de amargura. Pelo que tinha visto nos últimos dias, detestava a corte do rei, as fofocas, aquela gente briguenta em constante disputa pelos favores do rei e a imensa massa de padres, clérigos, meirinhos, cozinheiros, carregadores e criados que carregavam e moviam a corte para baixo e para cima e lhe davam existência. O sol e a lua giravam em torno de Henrique, que, pelo que ela vira, poderia arruinar qualquer um com uma única palavra.

Ela não queria viver assim.

Santo Deus, detestava pensar que isso já poderia estar acontecendo. Será que nunca mais teria sua vida, boa e segura, com os comerciantes da cidade? Ou sua confortável casa que era de longe muito melhor do que qualquer coisa no Castelo Morlaix, o prazer da loja do ourives... e a companhia de Magnus, Ortmund e Tom?

— O que está fazendo? — Niall quis saber. — Apague as velas e venha para a cama.

Emmeline levantou-se e procurou o abafador de velas pelo quarto. O castelo estava cheio de criados, mas cuidavam de tudo com má vontade. As coisas sumiam o tempo todo. Lugares assim não eram feitos para se viver neles; eram, afinal, apenas fortes para soldados.

— O que o rei lhe disse sobre o cervo? — perguntou.

Ela estava muito distante para ver tudo o que acontecera depois que o assado caíra sobre os cantores da rainha, mas Niall estava lá com eles. Encontrou o abafador nas palhas, pegou-o e tirou a cera com os dedos.

— O rei deu uma bolsa ao seu administrador — disse Niall. — Claro que estava bêbado, mas a coisa toda o agradou demais. Graças aos céus que o pessoal da cozinha não caiu em cima da rainha com aquela maldita coisa. — Bocejou, puxando as cobertas até o peito. — Se Leonor fosse mais inteligente, ela se livraria daqueles passarinhos cantores da Aquitânia. Já causaram problemas antes.

— Ouvi dizer. — Emmeline apagou as velas com o abafador e depois lambeu os dedos e apertou os pavios para que não fumessem. — De Lacy estava me contando de um trovador que causou problemas à rainha quando ela ainda era casada com o rei de França. E de outro, depois que ela desposou o rei Henrique. Ambos tinham um grande amor por ela e saíram cantando isso em público. Não posso imaginar alguém que deixasse os trovadores ser assim tão ousados. — Levou a última vela até o lado da cama e colocou-a sobre a mesinha. — O juiz é um grande fofoqueiro. Disse que a grande fraqueza da rainha é que ela está acostumada a ser adorada.

Niall estava deitado com os braços atrás da cabeça, observando-a.

— Ele está acostumada a ser rica e bonita. Não sabe fazer mais nada. Emmeline afastou-se. Sabia que ele queria se deitar com ela.

— Acho que ela quer que o rei Henrique a ame como o rei francês amava. Niall estendeu a mão, pegou a barra de sua camisola e puxou-a para a cama.

— Henrique a ama à sua própria maneira. Ela lhe deu tudo o que ele quer, metade da França, fortuna e, agora, dois filhos que Luiz não pôde fazer com ela.

— Não é a mesma coisa.

Emmeline deixou que ele a abraçasse. Niall puxou-a sobre o corpo e ergueu-lhe a camisola até alcançar as nádegas nuas e acariciá-las, para depois escorregar as mãos por suas pernas. As mãos fortes empalmaram suas nádegas e as apertaram.

— E ela é linda — ela murmurou, um pouco sem fôlego. — Nunca vi uma mulher tão encantadora.

Ergueu os braços para deixar que ele puxasse a camisola por sobre sua cabeça. Seus seios balançaram, livres, de bicos rosados, tão perfeitos como as pérolas em seus cabelos. E Emmeline percebeu que Niall respirava fundo.

— Você é mais bonita — ele murmurou. Ela ergueu a cabeça para encará-lo.

— Venha cá.

Niall segurou-a pela nuca e puxou-a, tomando sua boca. Os lábios macios e quentes colaram-se aos seus, e a língua insinuou-se para dentro, buscando a sua.

Com um gemido suave, Emmeline cedeu, escorregando as coxas até se encaixar entre as dele. Niall estava nu sob as cobertas. Suas pernas roçaram a rigidez do membro ereto. Respirando forte, ele deslizou a mão entre suas pernas abertas e encontrou o centro quente e úmido. Introduziu os dedos, forçando a entrada, esticando seus músculos, provocando logo uma dor latejante e ansiosa que fez Emmeline se contorcer de desejo.

— Minha feiticeira fogosa... — A outra mão apertou suas nádegas. — Minha bela feiticeira fogosa.

Emmeline podia sentir a tensão de Niall diante da força do desejo. Então, mudou de posição e escorregou a boca por seu abdômen para fazer o que ele gostava, especialmente. Ele a impediu.

— Não, fique, quero olhar para você. — Segurou-a pelos cotovelos e puxou-a para que o montasse. Em seguida encolheu-se. — Cuidado com minha perna.

Ela nunca o vira assim. Começou devagar, beijando-a com uma dolorosa gentileza nos ombros e braços, com pequenas mordidelas carinhosas. Lambeu os bicos de seus seios conforme balançavam, e depois puxou-a para perto para que pudesse sugá-los, chupando e mordiscando até que ela gritou. Enquanto isso, a mão entre suas pernas a mantinha fincada ali, com os dedos a penetrá-la.

Em seguida, puxou sua cabeça para baixo, enterrando a mão em seus cabelos.

— É isso que custa fazê-la feliz? — murmurou, contra seus lábios. — Ter o menino com você? O encanto quebrou-se. Emmeline tentou se afastar.

Niall segurou-a com força, franzindo a testa.

— Tentei lhe dizer naquela noite... a da minha maldita perna... que, se eu morresse, Joceran traria o menino de volta para você. Emmeline não acreditou.

— Maldita seja. — Ele a agarrou pelos braços. — Você está com o menino de volta como eu prometi. O rei não teve nada a ver com isso. — Sacudiu-a. — Quero que me mostre sua gratidão.

Numa coisa, Emmeline julgou que acreditava. Que ele tivesse dito a Joceran para trazer Magnus de volta, caso morresse.

Ela jogou os cabelos para trás e baixou os olhos para o marido. Com as costas arqueadas, os quadris encaixados ao corpo moreno e poderoso, ela ergueu os braços,

segurando a massa reluzente dos cabelos para o alto, atrás da cabeça.

Ouviu-o respirar fundo quando se debruçou sobre ele, nua como uma deusa pagã. Ele segurou o falo na mão, enorme e inchado, e Emmeline abaixou-se devagar até encaixá-lo na fenda úmida. Niall agarrou-a pelos quadris e puxou-a para baixo, com força. Emmeline soltou um grito trêmulo.

Niall arquejou quando os músculos dela o apertaram. Então, Emmeline começou a girar os quadris em pequenos círculos. Ele não conseguiu aguentar por muito tempo. Segurou-a com as duas mãos, de repente, esfregando-a contra o corpo, em movimentos fortes e duros. Emmeline gritou; era mais do que podia suportar.

Empalada pelo membro rijo, ela o cavalgou como louca, com os cabelos de fogo a fustigar o rosto de Niall. Ele os recolheu com as mãos e puxou Emmeline para baixo, conforme começava a se contorcer a caminho do alívio. As cobertas da cama se emaranharam em torno dos dois enquanto eles se debatiam nas chamas da paixão. Então, ele a ouviu gritar através das ondas espasmódicas do próprio êxtase e abraçou-a, apertando-a com força contra o peito, até tudo se acalmar.

Emmeline, de repente, explodiu em lágrimas. Ainda montada nele, deitou-se sobre o corpo forte do marido e chorou.

Respirando pesadamente, ele acariciou-lhe os cabelos úmidos, emaranhados.

— Shh, está tudo bem. Pelas chagas de Cristo, por que está chorando? Você tem o menino de volta agora.

Ela enxugou a boca, molhada das lágrimas, com o dorso da mão, mas continuou com o rosto enterrado no corpo ainda arfante do marido. Não queria se mexer ainda. O corpo grande e nu sob o seu era forte e quente.

De repente, ouviram um tumulto ruidoso na praça lá embaixo, cantoria, as batidas de um tambor e o som de um alaúde; alguns dos festeiros bem-nascidos do rei Henrique ainda não estavam prontos para ir para suas tendas, embora fosse quase alvorada.

Emmeline sentiu o membro de Niall sair de dentro dela, mole e frouxo e, com relutância, moveu os quadris. Não queria deixá-lo. Por alguma razão, queria ficar deitada assim, agarrada a ele.

— Emmeline — ele disse, baixinho, ao seu ouvido. — Quando vai me contar sobre o bebê?

A ponte levadiça fora deixada aberta a noite toda para o tráfego da festa para o rei e a rainha e sua corte acampada na campina. Walter incitou seu corcel num trote pelas tábuas da ponte e rumou para a estrada da vila. O sol já era uma pálida presença no céu nublado acima das árvores. Seus olhos queimavam por falta de sono, mas havia uma coisa mais que ele precisava fazer.

Na campina, alguns criados estavam de pé, se espreguiçando, já acendendo as fogueiras para o desjejum. Os guardas da cavalaria, postados ao longo da estrada, o saudaram quando ele passou.

Na ponte de pedra, a névoa cobria a superfície do rio cor de chumbo. Conforme o corcel a atravessava, e o tropel era abafado pela neblina, Walter fez o sinal da cruz, pedindo proteção contra os espíritos da água, duendes, ondinas e outros seres ancestrais que era sabido que assombravam lugares assim. Ele estava tenso e exausto do dever da noite na festa, e a névoa eriçava os pelos em sua nuca de uma forma desagradável. No final da ponte, ele cutucou o garanhão com as esporas. Surpreso, o animal lançou-se

para a frente, galopando até o meio do morro para a cidade antes de diminuir o passo. Walter sorriu, sentindo o feitiço quebrado.

Freou a montaria a um trote lento nos portões da cidade. O povo já estava de pé, trabalhando com as primeiras luzes da manhã; um lavrador com uma carroça lotada de verduras para o mercado, o vigia da cidade erguendo a lanterna à procura de ladrões e vagabundos pelos cantos, o padeiro abrindo as portas de sua loja e deixando sair o cheiro de pão fresco de dar água na boca.

Olharam para Walter quando ele passou. Todos o conheciam, o jovem capitão loiro do lorde, com sua armadura pesada, manoplas, elmo em bico e o longo visor do nariz. O padeiro e o vigia o cumprimentaram.

Ele ergueu a mão. Supunha que sabiam aonde ele ia. Muitos deles o tinham visto na rua da ourivesaria, gastando uns poucos momentos roubados de alguma tarefa.

O enorme corcel quase sabia de cor o caminho. Passaram pela igreja, pelo muro de pedra que cercava as árvores no cemitério, e depois pelo bloco de armazéns dos fabricantes de lã. O cavalo, sabendo onde estavam, diminuiu o passo e, então, parou.

A mansão era rodeada por um muro alto. Mas da rua, era possível ver os andares superiores, as janelas fechadas da ala dos criados, os quartos apertados sob o telhado de palha. Havia luz em um deles. Walter viu uma vela passar, lançando sombras brilhantes nas paredes.

Pensou em como trabalhavam do nascer do dia ao pôr do sol. Trabalho e oração. Mesmo assim, as beatas pareciam felizes. Quando estavam uma com a outra, riam, e o sorriso contrastava com o jeito como se portavam com as outras pessoas. Mantinham os olhos baixos, as faces serenas, os lábios dizendo o mínimo nos cumprimentos.

Alguém chegou à janela, abriu as venezianas e jogou uma bacia de água para fora. Walter viu a película prateada, ouviu o ruído. Seus olhos procuraram, na penumbra, a face emoldurada na janela.

Santa Maria, era Berthilde! Tinha acabado de acordar, usava uma camisola solta que mostrava os contornos de seus seios de moça. Não pusera os cabelos para o alto ainda, caíam sobre os ombros como cascatas ao luar. Ela ergueu o braço e ele viu o movimento quando ela começou a escová-los.

Ficou sentado ali, na rua, sobre o cavalo, olhando para a janela, transfixado. O céu tingiu-se de uma cor mais clara. Havia luz suficiente agora para ver alguém sentado num cavalo logo do lado de fora do portão.

Berthilde olhou para baixo, bocejou e, então, o avistou. Walter viu-a sobressaltar-se. Seus olhos hesitaram apenas um instante. O olhar de surpresa e a expressão de espanto penetraram Walter Straunge como fogo até as profundezas da alma.

No instante seguinte, ela largou a escova, estendeu a mão depressa e fechou as venezianas com um baque. A vela apagou-se abruptamente.

Walter não se moveu. Continuou sentado em seu cavalo por um longo tempo, ainda olhando para a janela, mas não havia nada lá, a não ser a escuridão. Finalmente, ele virou a cabeça do corcel e voltou pela rua.

Era mais do que ele havia esperado. Pelo menos, ela sabia que ele estava ali.

Capítulo XXII

— Ora, quero que todos os demônios me levem para apodrecer no inferno, antes que lhe diga que existe alguma coisa de bom que Henrique Plantageneta tenha dado para nós!

Niall jogou para longe a taça de vinho que segurava. Esta bateu na parede e o vinho esparramou-se pelas pedras em filetes rubros. O conde de Hereford inclinou-se e pegou a taça, colocando-a sobre uma mesa próxima.

— Pelo menos o rei deu a você, a Chester e a Salisbury a cortesia de seu conselho. Para mim, nada, embora eu tenha ficado estes últimos meses me torcendo ao vento com meu falo pendurado para fora para que Cadwallader e metade dos malditos Glamorgans tirassem pedaços dele.

Rannulf de Chester coçou a enorme barriga.

— Seja razoável, Morlaix, a última vez que vi esse seu cacete, não parecia que os galeses o tivessem mastigado. O conde de Hereford parecia pensativo.

— Morlaix tem razão. Quem poderia saber o que o rei mandaria Thomas Becket negociar secretamente como nosso amigo Cadwallader? Está vendo como Henrique saboreia surpresas? É o jeito dele de nos manter na mira. — Deu de ombros. — Acho que foi seu ataque a Glyn Cierog que os fez mudar de ideia, FitzJulien. Algumas das mulheres do próprio príncipe estavam no incêndio.

Niall endereçou-lhe um olhar causticante.

— Pelas chagas de Cristo, quero esquecer essa matança. Não é algo de que eu me orgulhe.

— Calma — disse Hereford. — Alguém foi idiota de colocar todas aquelas mulheres e crianças num forte de madeira.

A porta do quarto da torre estava entreaberta, mas Emmeline não teve vontade de entrar. Ficou do lado de fora, no patamar, ouvindo o que estava se passando. A notícia de que o rei iria procurar fazer um pacto de paz com o príncipe galês fora um choque. Tão próprio de Henrique Plantageneta, todo mundo dizia. O rei adorava diplomacia, política, negociação; esses eram os seus elementos. E que a notícia caísse como uma surpresa sobre os barões das terras de fronteira era ainda mais característico dele.

Ela estava com a delegação dos membros das corporações de ofício que tinham ido reclamar sobre as condições na cidade, quando ouvira falar disso pela primeira vez. Havia brigas e perturbações de bêbados desde que o rei e a corte tinham estado ali, porém o que mais preocupava a cidade era que outros surgissem do lado de fora de seus portões, como negociantes e lojistas de tão longe como York e Chester. Não só havia estranhos pedindo comida para a corte do rei Henrique, mas era possível comprar quase qualquer coisa agora, de um verdadeiro exército que oferecia artigos de ferro, roupas de cama, trajes, joias e até cavalos e mulas.

As reclamações dos burgueses tinham diminuído quando souberam que o rei Henrique e o príncipe Cadwallader iriam encontrar-se para discutir um tratado de paz. Ninguém sabia o que pensar disso.

— Lembre-se — dissera Watris, o ferreiro —, o velho príncipe, pai de Cadwallader,

reclamava essa terra como sua desde tempos ancestrais. O pequeno mercador de vinho havia gemido de indignação.

— O jovem rei Henrique nos traiu. Este é um vale inglês. Sempre lutamos contra os galeses aqui.

A paz com Gales não era o que preocupava Emmeline. Cadwallader viria ali, para Morlaix, para encontrar-se com o rei Henrique.

Durante todos aqueles anos em que os emissários tinham transportado o ouro da França e, depois, os pastores o levavam pelas montanhas para Gales, apenas um único emissário do ouro a tinha visto. Porém, com certeza outros conheciam a casa de Neufmarche e como fora usada.

— Talvez a paz não aconteça — ela lhes dissera. — As negociações costumam se estender por um tempo muito longo.

Os membros das corporações ainda continuavam soturnos. Tinham voltado a fazer reuniões dos ofícios e discutir se deveriam peticionar uma audiência com o rei. Se tivessem de conviver com os belicosos galeses, era importante que o rei soubesse das suas dificuldades.

Emmeline não podia entregar-se ao pânico. Era inútil tentar fugir de novo, não tinha dinheiro, nenhum lugar para ir; não conseguiria nada, mesmo que tentasse. Os membros das corporações tinham vindo procurá-la com seus problemas porque ela ainda era um deles, porém, mais importante, era agora a castelã de Morlaix e esposa do lorde. Recorriam a ela para ajudá-los em razão de sua nova influência.

Era quase demais para se suportar. Qualquer influência que ela tivesse se acabara a partir daquele momento em que seu senescal e os cozinheiros quase tinham matado dois dos trovadores da rainha com um cervo assado.

Um cavaleiro surgiu nas escadas com uma bandeja de pão, carne e taças limpas. Parou quando a viu de pé ali. Emmeline pegou a bandeja das mãos dele e entrou.

Os dois condes de terras fronteiriças pararam no mesmo instante de falar do rei e começaram a conversar sobre o torneio vindouro.

— Teremos nosso trabalho reduzido — disse Hereford. — Os galeses não lutam em torneios. Dificilmente vão saber o significado da palavra. Em vez de pedir resgate pelos cavaleiros, arrancarão nossas cabeças.

— Então, poderão observar como os normandos e angevinos fazem isso — retrucou Niall com secura. Chester terminou sua cerveja, os olhinhos escuros cravados em Emmeline.

— Ah, os galeses não são tão selvagens como se pensa. O príncipe tem um ou dois que podem participar de uma luta decente. Daffy dap Llandro esteve um ano na corte com Luiz, o rei francês, não esteve? — Colocou a caneca na bandeja. — Cuide-se, FitzJulien. Duvido de que tenham esquecido Glyn Cierog. Se capturado, seu resgate seria alto.

Hereford bufou, tomando seu vinho.

— Se eles se derem ao trabalho de capturá-lo, afinal! Niall afastou-se.

— Não gosto de torneios. É um desperdício de homens e bons cavalos. Herefordriu.

— Eu o pegarei, Morlaix, se os galeses não conseguirem. Gosto do jeito de seu novo garanhão. O cavalo em si faria valer a pena. Pena que tenha perdido o outro. Qual

era o nome dele?

— Martelador.

— Sim, um bom cavalo. Eu o vi lutar com você na França.

Os condes saíram, e Emmeline ficou parada com a bandeja nas mãos. Se houvesse um torneio, todo mundo estaria ali. O rei e o príncipe Cadwallader, certamente. Tinha de pensar em alguma coisa.

— Não pode lutar no torneio — disse. — Se alguém o capturar, seu resgate levará tudo o que temos. Achem que somos ricos. Niall serviu-se de vinho e entornou-o de uma vez. Enxugou a boca com o dorso da mão e encarou Emmeline.

— Pelas chagas de Cristo, eu estava esperando uma conversa mais piedosa, algo como não entrar numa peleja por causa de minha pobre perna ferida.

— Por que eu faria um pedido inútil como esse? — ela voltou, por entre os dentes. — Você fará o que quiser. É o dinheiro que me preocupa. Sou a única que tenta impedi-lo de esbanjar o pouco que ainda temos.

Ansiava por descobrir o quanto as contas de Neufmarche tinham sido sangradas. Àquela altura, pelo que imaginava, poderiam estar esgotadas. A maioria dos nobres de Inglaterra a quem o rei Henrique honrava com sua presença poderia testemunhar o quanto isso custava. Até mesmo Chester fizera algum comentário vago sobre ser dele a próxima vez.

Emmeline observou-o servir-se de outra taça de vinho. Niall estava bebendo havia horas, com Hereford e Chester, e dificilmente poderia estar sóbrio.

— Ninguém vai me capturar por resgate em qualquer torneio. — Suas palavras saíam arrastadas. — Jesus, você tem uma péssima opinião de minhas habilidades... Mas, por outro lado, nunca me viu lutar.

E nem queria ver, pensou Emmeline. Pousou a bandeja sobre a mesa.

— O rei Henrique está procurando moças na cidade. Watris, o ferreiro, contou que ele manda uma mulher mais velha com dois cavaleiros reais como acompanhantes dela. A mulher vai à cidade diariamente, procurando moças novas. O mestre Avenant, o laneiro, já mandou suas filhas para ficar com parentes.

— Cristo do céu. — Niall encarou-a, cambaleando ligeiramente.

Emmeline mordeu o lábio. Queria lhe contar sobre Cadwallader e o ouro. Que Cadwallader poderia ter ouvido falar quem ela era e que parte representava na passagem do ouro, e poderia denunciá-la a Henrique. Mas duvidava de que o marido estivesse suficientemente sóbrio para acreditar numa tal história. Com um suspiro, disse:

— Há alguns que gostariam de ter as filhas e até mesmo as esposas... na cama com o rei Henrique. Poderiam se gabar de que dormiram com um rei. Algumas moças pensam que, se tiverem sorte, talvez tenham um bastardo dele.

Ele a encarou com ar sombrio.

— Não deixe que ele a toque. Está me ouvindo? Emmeline afastou-se.

— Pelo amor de Deus, é por isso que você nunca tira os olhos de mim quando o rei está perto?

— Conheço Henrique. — Ele serviu-se de mais vinho. — Ele já a teria a estas horas, mas sabe que estou vigilante.

Só porque ele estava vigilante. Os lábios de Emmeline se curvaram de desdém.

Era inútil pensar que poderia explicar sobre o ouro de Cadwallader.

No começo, ela só tinha continuado a mandar o ouro para Gales como o falecido marido fazia. Agora, não era assim tão inocente. Passara o ouro mesmo quando o emissário a avisara de que vinha não só do rei Luiz de França, mas também de alguns dos próprios nobres do rei Henrique. Só Deus sabia quem eram. Talvez alguns deles estivessem com o rei ali.

— Qual é o problema com você? — Niall estava de pé com as mãos enfiadas no cinto, encarando-a com raiva.

Sou uma traidora, Emmeline estava pensando. Não importava o que mais pudesse ter feito, essa era a verdade: tinha roubado o último ouro que o emissário trouxera, pensando em usá-lo para fugir.

De repente aturdida, pensamentos de que a morte podia estar muito próxima a invadiram. Traidores tinham uma morte horrível. Primeiro eram torturados, depois estripados e, em seguida, esquartejados. Finalmente, os pobres restos agonizantes eram pendurados.

O quarto oscilou diante de seus olhos. Santo Deus, ele tinha razão. Qual era o problema com ela? Por que se sentia como se não quisesse mais viver, se isso significasse aquele constante estado de terror?

— Emmeline. Minha esposa... — Ela ouviu a voz do marido, rouca de preocupação, como se viesse de muito longe. — O bebê... fale comigo. Você não está se sentindo bem?

Ela não conseguiu responder. Sua cabeça girava, sua boca estava cheia de uma gosma. Teve a sensação de que iria vomitar.

Talvez fosse o bebê, afinal. Começara a ter enjoos de manhã, antes de se vestir. Nunca se sentira mal assim quando esperava Magnus.

Niall pegou-a no colo e carregou-a para a cama, onde a deitou. Debruçou-se sobre ela.

— Fique aí. — Sua voz era rouca. — Vou chamar Hedwid.

Ela não queria a criada, queria que ele ficasse ali. Precisava de alguém para ajudá-la. Mãe Santíssima, agora, entre todas as horas, ela precisava que alguém a ajudasse e a protegesse!

Porém, não disse nada. Um momento depois, ouviu-o sair e fechar a porta.

Capítulo XXIII

— Onde, diabos, está Walter Straunge? Onde está meu capitão? Deveria agir como meu escudeiro.

Niall estendeu os braços enquanto Gotselm amarrava suas calças de malha na cintura e ajeitava a barra do colete almofadado sobre elas. Ele iria suar como um cavalo

debaixo de tudo aquilo antes que a manhã acabasse, mas quando se usava armadura completa de torneio, não se podia ficar sem uma proteção acolchoada mais grossa. Gotselm trouxe outro colete limpo, pendurando-o com cuidado num galho de árvore ali perto.

Pelo canto do olho, Niall viu o arauto anunciar um velho cruzado de nome FitzEadnoth, cujo cavalo percorreu o campo de torneio, verificando se havia buracos e pedras. Um grupo de cavaleiros angevinos do rei Henrique tinha armado acampamento debaixo das melhores sombras das árvores.

O dia ia ser quente. O sol mal subira no horizonte e o orvalho já se evaporava na grama. Os galeses tinham acampado a oeste, mantendo distância dos franceses e ingleses do rei Henrique. Criados galeses, de pequena estatura, corriam para exercitar os cavalos, separando equipamentos e armas e arrumando-os no chão.

Para alívio de todos, apenas alguns cavaleiros do príncipe Cadwallader iriam disputar a peleja, veteranos de torneio como Daffy dap Llandro e o primo, Meiford, que tinham passado algum tempo na corte do rei Luiz. Corria um boato de que os galeses poderiam tomar o campo pela força e lutar juntos, o que assumiria a forma de uma nova guerra. Era evidente que mesmo os galeses queriam evitar esse perigo. Aqueles que tinham dado seus nomes para o arauto podiam ser contados numa só mão.

O príncipe Cadwallader em pessoa surgiu em seu corcel negro, usando uma armadura polida que arrancava faíscas ao sol, e uma túnica preta com o brasão de um dragão prateado. Carregava o elmo na curva do braço. Seu rosto moreno queimado era belo, sorridente. Todos os galeses aplaudiram aos gritos.

Ao lado de Cadwallader, corpulento, ruivo, de rosto rosado, o jovem Henrique parecia feio como uma irmã solteirona. E estava em seus dias mais perigosos. Se enfrentasse o rei, o galês não sabia o tamanho do problema que estava arranjando.

O campo que FitzEadnoth escolhera para o torneio era nos planos perto do rio, bem nivelado, e grande o suficiente para lutarem vinte ou mais, lado a lado. Os criados da corte que enxameavam até lá tinham armado pavilhões com cadeiras para a rainha e suas damas. Estava decorado com rosas de fitas e vários pingentes vivamente coloridos nos postes. A rainha Leonor ainda não havia chegado, mas algumas de outras damas já estavam presentes, a esposa alta e gorda de Chester entre elas. O casal havia parado de um lado, conversando. Niall procurou Emmeline, mas não conseguiu encontrá-la.

Tinham tido outra discussão enquanto ele se vestia. Terminara só porque ela se sentira mal e vomitara no bacio.

Bem-feito para ela, disse a si mesmo, por ter um maldito ataque de raiva por que ele lutaria no torneio. Como se pudesse ficar de fora... Com sua reputação na França, e depois sob a velha rainha, não poderia fazer essa desfeita ao rei.

Ela não estava preocupada, tampouco, com sua perna... ainda sarando e não tão forte quanto ele gostaria. Aborrecera-se por ela gritar feito uma bruxa com a história de resgates, que alguém pudesse capturá-lo, provavelmente um cavaleiro galês, e os levasse à bancarrota com exigências de uma taxa ultrajante.

Era o bebê a causa disso, disse a si mesmo, já que agora ela não poderia deixá-lo. E não o medo de que ele fosse capturado.

Hereford apareceu quando Gotselm o ajudava a vestir o colete acolchoado.

— Onde está o jovem Walter? Pensei que você tivesse dito que ele seria seu escudeiro.

Niall balançou os braços para se acostumar com o peso da cota de malha.

Mandara um cavaliariço até a torre dos cavaleiros, e o garoto voltara com a notícia de que Walter não havia sido visto naquela manhã. Nem, aparentemente, tinha dormido em sua cama.

— Vai disputar a primeira justa? — perguntou.

O primeiro combate do dia era, geralmente, cheio de novos cavaleiros ansiosos para participar. Os veteranos normalmente ficavam sentados, esperando pelo segundo, depois de ter analisado os cavaleiros e, principalmente, os cavalos.

— Não, a segunda — respondeu Hereford. — E você?

— Sairei na primeira.

Niall queria experimentar a perna. Havia a possibilidade de que pudesse não aguentar o dia inteiro. De tarde, o campo estaria revirado, afinal; teriam de lutar numa nuvem de poeira. Onde, diabos, estava Walter? Ele raramente se atrasava. E quando isso acontecia, era sempre por uma boa razão. Magnus veio correndo pelo campo, desviando-se dos cavalos, com Joceran atrás dele.

— Oh, senhor! Oh, senhor!

O garoto escorregou até parar, e seus olhos abarcaram Niall por inteiro vestido em plena armadura de torneio. Niall percebeu que tinha se esquecido de como era uma adoração ardente. A expressão enlevada de alguém, como se olhasse para um ser que por certo não era menos que o arcanjo Miguel.

— Oh, senhor — o filho balbuciou, sem fôlego. Não conseguia desviar os olhos de Niall. — Posso... eu posso ajudar? Dizem que sir Walter está atrasado. — Correu a língua pelos lábios, olhando para Gotselm, que amarrava a espada de Niall. — Eu poderia... poderia...

— Veja minha esporas — Niall respondeu, ríspido. — Verifique se estão presas com segurança. Gotselm virou-se para encará-lo, com as sobancelhas arqueadas.

Niall endereçou-lhe um olhar significativo que dizia que não conseguira pensar em alguma outra coisa. Magnus se ajoelhou, examinando cada disco com as mãos espalmadas, tão reverente como um padre na missa. Joceran sorriu.

Depois de alguns instantes, Niall segurou o garoto pelo ombro e gentilmente o afastou. Então dobrou um dos joelhos e fez o sinal da cruz, rezando uma prece. Levantou-se, e o cavaliariço se aproximou com o novo cavalo, um baio enorme chamado Júpiter. O garanhão era fácil de controlar, porém não tinha nenhuma experiência, fosse em combate fosse em torneio. O animal portou-se bem quando Niall ergueu-se para a sela.

— Ele é um pouco preguiçoso, senhor — avisou o cavaliariço galês. — De bom temperamento, por assim dizer. Jesus, ele não precisava disso num cavalo de batalha.

— Bem, eu não sou.

Enfiou a lança debaixo do braço e deu um toque de espora no baio. O cavalo estremeceu e, então, partiu num trote rápido. Dentro do campo, Hereford e seu enorme alazão pareciam um só.

— FitzJulien! — ele gritou, alto o suficiente para ser ouvido entre as árvores. — Aposto quinhentas coroas hoje. Como está sua perna? O corcel de repente esticou o pescoço e tentou morder o conde no pé coberto pela malha. Hereford recuou, praguejando. Niall riu. FitzEadnoth estava postado sob o estandarte do rei, na extremidade do campo.

— Vai sair na primeira? — perguntou.

Quando Niall assentiu, ele indicou-lhe o outro lado.

Niall sabia que FitzEadnoth o observava conforme ele se afastava. Sob os olhos do arauto, ele se sentiu autoconsciente, como se já começasse a proteger a coxa ruim.

Assim que atravessou o campo, Niall manobrou o baio para uma fila de cavalos que se remexiam. Pelo menos daquele lado, o sol estava na altura de seu ombro esquerdo, não nos olhos. A luz dançava nas malhas de aço, nos elmos polidos, nos arreios do cavalo. Do outro lado do campo, alguns na fila dos cavaleiros tinham seus escudos pintados. Ele viu o cavalo branco de Chester, o javali de Hereford, o dragão de Cadwallader.

Uma voz em sua fila disse, bem alto:

— Há uma depressão no meio, coberta pela relva. Cuidado com ela.

Um segundo depois, o arauto levou a trombeta à boca. Niall puxou as rédeas com força para que Júpiter recuasse um pouco e, então, esporeou o animal. A trombeta soou em seguida. De boca aberta e pescoço esticado, o corcel disparou pelo campo.

O truque era ficar na frente na primeira investida. Seis dos sete deles tinham ganhado a frente. Do outro lado do campo, cerca do mesmo número estava na dianteira. Niall abaixou sua lança, ajeitou seu escudo e colocou Júpiter direto contra o imenso alazão de Hereford. Chocaram-se com um baque surdo. Por toda parte do campo, as filas se encontravam com gritos, o estalar de lanças e os relinchos dos cavalos ecoando.

A lança de Hereford resvalou no escudo de Niall, enquanto ele desferia um golpe fora do centro que ergueu o outro homem da sela, quase o tirando do assento. Passaram, esporearam as montarias e viraram para se confrontar outra vez.

Um cavaleiro num cavalo negro assomou de repente no meio. Antes que Niall tivesse tempo de reparar no rosto debaixo do elmo e da proteção nasal, o cavaleiro negro girou uma maça que Niall conseguiu aparar com o escudo. O golpe abalou seu braço até o ombro.

Ele contra-atacou com a espada, arrancando boa parte do escudo do outro. Júpiter atropelou o cavalo preto, forçando-o a recuar. Os dois guerreiros passaram a lutar com grandes giros de suas armas, golpeando um ao outro. Hereford trotou de volta, avaliou o combate e, então, afastou-se da disputa.

O campo ondulava com os homens lutando, alguns a cavalo, outros a pé. Cavalos sem cavaleiro galopavam pela arena. Nas bordas, escudeiros tentavam pegá-los e tirá-los de lá.

Niall esporeou Júpiter, e o corcel atacou o cavalo negro como um rolo compressor, focinho para dentro, a espuma voando de suas mandíbulas. Àquela altura, Niall sabia com quem estava lutando. Pela ferocidade dos golpes de espada, sem dar trégua, ele sabia que Cadwallader queria matá-lo bem ali. Fosse ou não segundo as regras do torneio.

Niall desviou-se de outro golpe em giro da maça do adversário, e fez Júpiter virar em círculo, surgindo do outro lado. Girou a espada. Antes que o outro pudesse virar a montaria, Niall atingiu-o com um ataque violento pelas costas, derrubando-o por sobre o pescoço do garanhão.

O príncipe Cadwallader bateu no chão e saltou no mesmo instante de pé, sacando a espada e desviando-se de dois cavaleiros em cavalos feridos que martelavam um ao outro. Niall levou Júpiter para cima dele, obrigando-o a recuar. O galês tropeçou e cambaleou para trás, quase caindo. Parou, arquejante, e abaixou a espada, rendendo-se.

Niall puxou as rédeas e pousou a espada por um breve instante no ombro coberto de preto do príncipe.

Dois combatentes galoparam em torno deles, as patas dos cavalos arrancando pedaços de mato. O príncipe galês saiu do caminho e arrancou o elmo. Seus cabelos estavam colados de suor na cabeça, e seus olhos brilhavam como os de um louco. Niall não tinha dúvida de que Cadwallader havia jurado vingança por causa de Glyn Cierog.

— Diga qual é o resgate! — gritou o príncipe.

— Seu cavalo e a armadura! — Niall gritou de volta.

Era o mínimo que poderia exigir. Deus sabia que ele não queria dinheiro. Não depois da matança no forte. O príncipe concordou.

— Mandarei meus escudeiros até você.

Niall tocou seu elmo e virou seu cavalo na direção da linha lateral. FitzEadnoth fez soar a trombeta. Os cavaleiros saíram a cavalo ou andando do campo. Um cavalo jazia morto no chão. Outro, com a perna quebrada, estava sendo arrastado. Debaixo dele, o grande baio, Júpiter, com o pescoço e as espáduas ensopadas de suor, esticou a enorme cabeça para cima, não querendo parar.

Quando Niall passou pelo pavilhão das damas, percebeu que a rainha Leonor ainda não tinha chegado. Por sinal, ele também não vira o rei nas lições.

Joceran e o cavaliário correram para pegar a brida de Júpiter.

— Como ele se saiu, senhor? — perguntou Joceran. Niall desmontou e jogou as rédeas para Gotselm.

— Ele é louco. — Magnus pulava para cima e para baixo, de excitação. Niall levou a mão à cabeça do garoto e afagou-lhe os cabelos ruivos. — O maldito cavalo é louco. Tentou morder Hereford.

O escudeiro sorriu.

— Ele o serviu de um modo insuperável na justa. Estávamos observando quando o senhor derrubou o príncipe galês. Ouviu os aplausos? Não, ele não ouvira. No campo, no meio do combate, não se ouvia nada. Niall olhou ao redor.

— Não teve nenhuma notícia de sir Walter?

Outra disputa fora organizada. Do outro lado do caminho, as damas do pavilhão da rainha estavam amontoadas, de costas para eles, conversando animadamente. Um mensageiro com as cores do rei afastou-se e partiu numa corrida pela estrada do castelo.

Niall arrancou seu elmo. Dentro da cota de malha, suas roupas estavam ensopadas de suor. Sua coxa começava a doer; e ele desistiu completamente de entrar nas disputas da tarde. Não conseguia afastar uma sensação crescente de que alguma coisa estava errada. A segunda justa ia começar, e o rei deveria estar ali. Hereford e Chester conversavam num grupo de magnatas, ignorando a trombeta do arauto.

Avistou Becket, o chanceler do rei, caminhando pela multidão. Pela expressão de Becket, alguma coisa acontecera. Niall sentiu os cabelinhos em sua nuca se eriçarem.

Gotselm e o cavaliário levavam o garanhão agitado de um lado para outro para acalmá-lo. Diante do aceno de Niall, Joceran afastou o garoto e sentou-o na relva, apontando para a fila de cavaleiros prontos para o próximo confronto, com as lanças erguidas em saudação.

Thomas Becket aproximou-se de Niall e segurou-o pelo braço.

— Morlaix — disse o chanceler, num tom urgente.

Tudo que Niall conseguia pensar era que não poderia ser coisa dos galeses, estavam todos no torneio. Preparou-se, nervoso.

— Continue andando — disse o chanceler —, para que os outros não possam nos ouvir. — Tomou-lhe o braço e então seguiu para dentro do arvoredo. — Temos sérias complicações. O rei ficou com uma moça da cidade durante as duas últimas noites. Agora, seu capitão Straunge raptou-a.

Um pouco antes do meio-dia, o rei desceu de seu acampamento para juntar-se ao torneio. Lutou no quarto confronto do dia, do lado oposto ao do príncipe Cadwallader. Na verdade, o conde de Chester incumbiu-se do príncipe, só para ser inteligentemente arrancado do cavalo e obrigado a pagar um alto resgate, além de entregar a montaria e as armas. Chester ficou com um humor horrível pelo resto do dia, depois de perder tanto a espada como o novo corcel.

O rei Henrique lutou tanto com o cavaleiro galês, Daffy dap Llandro, como com o campeão provençal, Garibault, e saiu-se bem de dois prolongados combates bem equilibrados. A rainha não apareceu para ver seu sucesso. O torneio fervilhava com as fofocas, e os cavaleiros só falavam disso nas liças, antes de a trombeta tocar.

O rei Henrique tinha uma moça diferente em sua tenda na maior parte das noites em que a corte ficara em Morlaix. Mas um cavaleiro, que alguns diziam ser um dos gascões da rainha, um flamengo a serviço do rei ou um da guarnição de Morlaix, a havia raptado. Corriam rumores de que a rainha Leonor estava se preparando para partir e voltar a Londres.

No meio da tarde, Thomas Becket, o juiz de Lacy e Gilbert Foliot, o bispo de Londres, encontraram Niall nos fundos do salão nobre do castelo. O arcebispo

Theobald não apareceu; ainda estava com a rainha.

— Ela quer deixá-lo — informou o bispo. Enxugou a face suada com um pequeno guardanapo de linho. — A rainha está afrontada com essa imensa humilhação que sente que o rei lhe impôs. Não só com essa moça, mas com todas as outras. As brigas entre os dois esta manhã foram muito públicas.

De Lacy bufou.

— Ela seguiu o rei de sua tenda até o acampamento gritando palavrões, e jogou uma jarra de cerveja nele. O bispo pestanejou.

— A rainha está grávida de novo, e tem os humores dispépticos normais de sua condição. Era de se supor que o rei Henrique visse isso com bondosa consideração.

— Ele precisa dar mais que bondosa consideração — disse Becket —, mas eu receio que não faça isso. Estou imensamente preocupado com o tratado com os galeses. Seria um erro para Cadwallader julgar Henrique Plantageneta um tolo. — Virou-se para olhar para Niall. — O rei disse alguma coisa a você sobre mandar procurar Straunge e a moça?

A conversa de Niall com o rei, naquela manhã, fora excessivamente breve. Afinal, um dos próprios cavaleiros de Niall cometera aquela traição.

— Não, milorde — disse a Becket —, e duvido de que alguém aqui saiba onde procurá-los.

Esperava que o rei não lhe pedisse para mandar Gotselm com uma tropa de cavaleiros para caçá-los até os confins da Terra. Além do pensamento ocasional do que faria a Walter se ficasse entre a cruz e a caldeirinha, Niall não queria fazer parte daquilo

até que conseguisse enxergar sua própria posição mais claramente. O rei não tinha jogado limpo com ele na questão da paz com os galeses, mas não parecia bravo com ele por causa de Walter. Ainda.

Por outro lado, se a rainha Leonor deixasse Henrique, Deus não permitisse, ela levaria metade da França consigo, e outro herdeiro que poderia estar carregando.

Becket ia falar, mas de Lacy o interrompeu.

— Se a rainha for embora agora, e levar seu pessoal, percorrendo essa extensão da Inglaterra até Londres, todo mundo vai saber.

— Receio que metade do mundo já saiba — disse o bispo. — Ou saberá pela manhã, diante do falatório de nossa corte. Senhores, não devemos tratar esse assunto com leviandade. Não é apenas a questão do tratado com os galeses, mas a Inglaterra não pode sofrer as consequências da separação do rei e da rainha.

Thomas Becket afastou-se da mesa.

— O rei Henrique proibiu a rainha Leonor de deixar Morlaix. Eles ainda não estão separados. — Virou-se para Niall. — O rei participou do torneio esta tarde. Como se saiu?

— Muito bem, senhor. Enfrentou tanto Llandro, de Cadwallader, como Garibault, o provençal da rainha, derrotou-os e exigiu grandes resgates. Parecia animado. Assim que saíram do salão, o chanceler puxou-o de lado.

— Não faria nenhum bem trazê-los de volta — disse Niall, antes que Becket pudesse falar. — O rei disse isso. Haveria uma acusação de deslealdade e traição por causa de uma prostituta que o rei levou para a cama por uma ou duas noites.

Becket acompanhou-o, segurando-lhe o braço. A praça estava praticamente deserta, a não ser por uns poucos criados e o guarda do castelo em seus postos. Todos os demais estavam lá embaixo, no torneio.

— Fique tranquilo, Morlaix, Henrique o adora — disse, com sua voz profunda e suave. — Você é seu fiel cavaleiro das terras fronteiriças, não alguém a ser arruinado desta vez. — Calou-se, conforme contornavam as carretas na frente da cozinha, lotadas de sacos de cereais. — Agora, se fosse Hereford...

Niall sobressaltou-se. O chanceler sorriu.

— Não, não precisamos trazer de volta o cavaleiro nem a moça. Seu capitão causou bastante confusão, porém a coisa é mais complicada que isso. Eu não quis falar na frente de de Lacy ou Gilbert, mas o rei agora está tomado de uma fúria vingativa, e busca se defender perante a rainha como pode. O que significa, com um ataque ousado.

Pararam no pátio do ferreiro. Becket soltou o braço de Niall que, pela primeira vez, via o chanceler sem sua máscara de calma e serenidade.

— O rei não permitirá que a rainha volte a Londres até que tenham acertado algumas questões sobre as quais já discutiram antes. Ela sofre imensamente com as infidelidades do rei, enquanto Henrique, com muita imprudência, acusa Leonor do mesmo com aqueles membros da corte da rainha que ele mais detesta, os trovadores. E, em particular, um deles, Gervais Russel. A quem, eu creio, você viu da primeira vez que o visitei.

— Ele não está com a rainha — disse Niall, cauteloso. — Se é o cantor loiro de que me lembro, eu o teria notado.

— Não, Russel sumiu. — O chanceler olhou para o lado. — Morlaix, você deve saber que não sou apreciado pela rainha Leonor. Sou o melhor amigo do marido dela, e

ela tem ciúme do tempo que ele passa comigo. Mas Leonor com certeza deve saber que a igreja não lhe permitirá outro divórcio, e uma anulação é impossível. Além disso, a rainha deu dois filhos ao rei Henrique, Guilherme e Henrique, e dizem que está grávida de novo.

Niall franziu a testa.

— Milorde, eu...

O outro ergueu a mão.

— O rei exigiu ver certos presentes que deu à rainha, os quais ela admitiu ao arcebispo Theobald ter feito a tolice de presentear aos seus prediletos. Eram dois. Um deles, um anel, foi devolvido. O outro está desaparecido.

Niall o encarou. Henrique, realmente, estava no ataque. A rainha Leonor fora pega em sua própria armadilha, se os presentes do rei haviam sido dados como símbolos de amor a algum trovador.

— É algo que possa ser substituído? Becket meneou a cabeça.

— Era uma joia que o rei julgou muito bonita quando a deu à rainha. E que Leonor, não tendo gostado muito, diz agora, deu a Gervais Russel, que, Deus nos ajude em Sua misericórdia, pode estar a esta altura em algum lugar na Espanha. Ou, quem sabe, na Itália.

— Jesus! — Niall murmurou, por entre os dentes.

Estavam na fronteira de Gales. Russel encontrava-se longe demais, mesmo que alguém soubesse onde estava, para procurá-lo. Não pôde deixar de dizer:

— Como tudo seria mais simples se Henrique apenas liberasse seu temperamento e desse uma surra na rainha. Thomas Becket sorriu com amargura.

— Infelizmente, o rei não vai fazer isso. E não se bate em Leonor, pela graça de Deus, rainha da Inglaterra e duquesa de Aquitânia. Pararam na praça meio vazia, com o sol batendo quente no verso de suas cabeças. O chanceler suspirou fundo.

— Trabalhei muito pela paz com os galeses. Não quero ver esse tratado escorregar por nossas mãos por causa da fraqueza de um rei e as tolices de uma mulher. Receio que aqueles que amam a Inglaterra e querem mantê-la longe de seus inimigos, devam rezar com todo o fervor a Deus para preservar o futuro desse casamento!

Capítulo XXIV

Niall jogou-se na cadeira diante da lareira e enfiou as mãos nos cabelos.

— Cristo do céu, só agora me contam, Gotselm e o resto, que Walter ia para a casa do ourives quase todo dia! Ficava sentado na rua esperando por algum sinal dela, como um moleque estúpido perdido de amor. A guarnição sabia e, malditos, ninguém deu um passo para me avisar!

Emmeline esticou a barra do vestido que estava costurando contra o joelho.

— Não é culpa de Walter. O jovem rei é um devasso. Como o avô, o primeiro rei Henrique. Niall virou a cabeça abruptamente.

— Não fale desse jeito! Pelas chagas de Cristo, estamos perto o bastante da desgraça do jeito que as coisas estão... Fui um tolo em deixar você trazer aquelas mulheres para cá. São crias do demônio, não querem ficar num convento como mulheres decentes.

— Sim — ela disse, num tom indiferente —, você me lembra diariamente da minha indecência. O comentário provocou uma resposta ríspida.

— Por Jesus que está no céu, terei de aguentar isso de você agora? Que implique com cada palavra que eu digo? Emmeline deu de ombros.

— É o que você disse. Todas as mulheres decentes estão em conventos.

Com um resmungo, Niall levantou-se da cadeira, foi até a mesa e serviu-se de uma taça de vinho. Enquanto ele bebia, Emmeline murmurou:

— Sabe, eu também tive minhas perdas, mas ninguém pensa nisso. Mainsant, a tia, foi embora. Os membros das corporações vieram me procurar e me contaram que tanto o padre na igreja como o prior dos novos monges disseram que minhas beatas são prostitutas, que Berthilde tentava os homens. Não mencionaram o rei Henrique. — Ela puxou a linha, cortou-a com os dentes e alisou a barra do vestido. — Então, os homens das corporações a visitaram. Trouxeram-me as chaves da casa.

— Ótimo. De agora em diante, eu mesmo alugarei a casa. — Começou a andar de um lado para outro no quarto, em torno do banco onde ela estava costurando. — Maldito Walter, como foi sumir quando só tenho Gotselm para substituí-lo? Não se tira um bom capitão cavaleiro do ar.

Tinha plena certeza agora de que o rei não lhe pediria para mandar uma tropa de cavaleiros atrás de Walter e da moça. A atenção estava sobre a rainha que, se imaginava, tinha sido confinada à tenda no acampamento da campina. Contudo, ainda havia a conversa de que ela partiria para Londres.

Enquanto isso, Becket conquistara seu tratado. Haveria um grande banquete para celebrar a assinatura de um tratado de paz entre a Inglaterra e o príncipe Cadwallader, do Norte de Gales. Uma fila de carroças carregadas de comida e vinho estava a caminho, vinda de Wrexham, desde o torneio.

Emmeline parou de costurar e olhou para as mãos no colo.

— Você sabe que ele não se casará com Berthilde — falou baixinho. Niall parou de caminhar.

— Provavelmente não, se o rei a teve primeiro. Walter é um filho mais novo, mas, de qualquer maneira deve fazer o que o senhor seu pai disser. — Jogou-se na cadeira de novo. — Preocupe-se conosco, se quiser se preocupar com alguma coisa — disse, cansado. — Henrique ainda pode resolver que somos a causa de seus problemas... você, com a bela beata que a alcoviteira prontamente lhe encontrou... e eu com meu tolo capitão cavaleiro tão enamorado da moça que a arranca da cama de Henrique. Jesus, quem mais o rei culparia pelo grande escândalo, além de nós?

Saltou de pé e foi encher a caneca de vinho outra vez.

— Vou lhe dizer, nossa boa sorte é que o rei parece querer depositar todas as falhas aos pés da rainha Leonor. Emmeline abriu a boca, mas depois a fechou, pensativa.

— Eu não soube disso.

— Pois saiba agora. — Niall pegou a jarra de vinho. — A corte inteira treme de pavor, receando um cisma na Inglaterra se a rainha Leonor abandonar o rei, e até mesmo que vá embora para Londres, num acesso de raiva. Santo Deus, não consigo imaginar o que acontecerá se sua tribo de gascões e provençais resolver nos deixar e voltar para a Aquitânia! Henrique nunca mais governará lá de novo. Teria uma revolta da Gasconha nas mãos.

— Então, a rainha ainda não vai embora.

— Não, ele a proibiu de ir. E para que as razões dela fiquem bem cerceadas, o rei ordenou que ela usasse uma certa joia que ele lhe deu. O que ela não pode fazer. Becket me contou que a rainha Leonor presenteou-a a um trovador apaixonado antes de mandá-lo embora.

Emmeline estava boquiaberta, com os olhos cravados no marido.

— Mas o trovador está na Espanha, ou na Itália, ou em algum lugar assim distante, consolando o coração ferido. E a joia também, é o que se deduz. Ninguém sabe onde ele está, ou como chegar à joia. Pelas chagas de Cristo, está vendo só como o rei ganhou com essa reviravolta inteligente? Agora, ele é o marido enganado, e não o vilão adúltero. A rainha faz um belo par com ele em termos de tramoias, mas acho que ele lhe deu um xeque-mate. — Virou-se para olhar para Emmeline. — Nossa, está passando mal de novo? — Ela estava branca como um lençol. — Qual é o problema?

— Qual é o nome do trovador? — Emmeline murmurou. Ele largou a caneca de vinho.

— Se vai vomitar, vou buscar o bacio.

— Pare! — Ela ergueu a mão. — O chanceler Becket... alguém disse o nome dele? Niall franziu a testa.

— Do trovador? O nome é Gervais. Gervais Russel.

— Santa Maria... — Os lábios de Emmeline mal se moveram. — Eu vi essa joia. Ele a trouxe para mim para consertar.

Chovera a noite inteira conforme rumavam para o Norte, pelas colinas, e o aguaceiro na trilha escorregadia e lamacenta os atrasava. Várias vezes, Walter parou debaixo de árvores frondosas para descansar os cavalos e para se pouparem do castigo das gotas pesadas que batiam em suas faces.

Desde que partira de Morlaix, forçara ao máximo sua montaria, puxando a égua em que a moça viajava, que comprara na feira de cavalos semanas antes. O animal era um bicho forte, e mantinha um bom passo, mas não se comparava ao garanhão em velocidade e resistência. Walter continuava no mesmo o ritmo, teimosamente, dizendo a si mesmo que não importava o que acontecesse, ele não se arrependia de tê-la raptado. Cada vez que paravam, inclinava-se na sela para lhe erguer o capuz e fitá-la. E toda vez, não importava se estivesse escuro ou chovendo, o brilho pálido de um sorriso fazia seu coração acelerar.

Depois de algum tempo, sua esperança de que nem as forças do rei nem as tropas de Morlaix iriam persegui-los tornou-se mais forte. Nas cercanias de Chester, quando o sol estava nascendo, ele deixou a moça e a égua bem escondidas num bosque de amieiros e cavalgou até uma hospedaria para comprar queijo e pão. Animou-se quando ninguém, lá dentro, mostrou ter ouvido falar de um cavaleiro e uma moça fugindo para o

Norte. Ou de que alguém os procurasse.

Começava a ter esperança de que poderiam escapar. De que o rei Henrique não julgaria que valia a pena caçá-lo para recuperar Berthilde. Afinal, o rei raramente mantinha suas mulheres por mais de uma ou duas noites; Walter contara com isso quando chegara puxando a égua e pegara Berthilde, quando ela esperava perto da tenda do rei que um acompanhante a levasse de volta à casa do ourives. Ele se inclinara da sela, erguera-a e a colocara à sua frente e saíra antes que qualquer dos guardas do rei pudesse impedi-los.

Niall FitzJulien, contudo, era outro problema. Walter não podia fugir da culpa horrível quando pensava em como tinha abandonado seu posto, quebrando seu juramento de dever e fidelidade de cavaleiro. O lorde de Morlaix era quem ele esperava que o perseguisse.

Porém, até então, a sorte os bafejava.

Encontrou Berthilde no mesmo local, sentada na margem relvada do riacho salpicado de sol. Tinha tirado a capa, que pendia nos galhos de um amieiro, e soltara os longos cabelos cor de ouro platinado para secá-los. Walter ficou parado por um longo instante antes de desmontar, só olhando a mais bela mulher que já vira na vida.

Berthilde virou-se para ele e sorriu. O vestido azul que usava estava úmido e agarrava-se ao seu corpo, mostrando as coxas redondas, os seios perfeitos com os mamilos em botão delineados contra o pano.

Walter escorregou da sela, incapaz de falar, e caminhou para a margem do riacho. Sentou-se ao lado dela e lhe estendeu o pedaço de queijo e o filão de pão.

Ela inclinou-se ao seu lado, roçando seu peito com o braço, tirou seu punhal do cinto, e começou a cortar o pão.

Walter passou o braço em torno dela. Ainda não conseguia acreditar que ela estava ali, ao seu lado. Tanta coisa tinha acontecido... ele havia planejado tanto, arriscara-se tanto naquelas horas desesperadas quando soubera que o rei a levaria... Henrique de Anjou não era brutal com mulheres, tinha muito prazer em estar com elas. Portanto, Walter sabia que o rei não a maltratara. Porém, a ideia de Berthilde deitando-se pela primeira vez nos braços de outro homem o enchera de um tormento impotente.

Agora, não tinha de pensar muito, além de uma coisa só: levá-la para longe e tê-la só para si.

— Berthilde — ele murmurou, junto aos cabelos dela.

Por certo que tudo andaria bem de agora em diante. Daria a vida por ela, se preciso fosse. Ela merecia.

Ela ergueu a ponta da faca com um pedaço de queijo preso e franziu os lábios, querendo que ele abrisse a boca. De perto assim, os olhos azuis encheram o campo de visão de Walter como o céu de verão lá no alto.

Ela era tão encantadora, tão calorosa, apoiando o corpo macio contra o seu, que Walter engoliu o queijo quase sem sentir o gosto. Antes que pudesse recusar, ela colocou um pedaço de pão em sua boca.

Ele o tirou da boca, sem ter certeza do que iria dizer.

— Ah, agora... — começou, com voz rouca.

Ficou surpreso ao sentir as mãos de Berthilde em seu cinto, soltando a fivela. Quando a abriu, ela inclinou-se para trás, pegando a barra de seu casaco.

Walter ia resistir. Então, uma inquieta vozinha interna lhe disse que ali era bastante

seguro, sob o sol de sonho. Ele precisava tirar as roupas molhadas e pendurá-las para secar, de qualquer forma. Seu colete acolchoado debaixo da cota de malha minava água sempre que ele se mexia.

Ela o ajudou a tirar o colete de malha, e depois a túnica, sorrindo quando suas botas molhadas entalaram e não saíram até que ela sentou-se na relva e apoiou pés contra ele e puxou-as com toda a força. Walter queria tanto tocá-la, abraçá-la! Porém, quanto tentou puxá-la para seus, ela lhe deu outro pedaço de pão para comer.

— Berthilde — murmurou.

Ela falava pouco o normando francês, e Walter não sabia a língua dela, o flamengo, ou fosse lá o que fosse. Berthilde empurrou-o de costas na grama e debruçou-se sobre ele.

— Eu vou ficar com você — murmurou, de encontro aos seus lábios.

O próprio som da voz encheu-o de encanto. Aquelas poucas palavras, Walter disse a si mesmo, eram, na verdade, um longo discurso no qual ela lhe dizia que estava feliz que ele a tivesse resgatado do rei Henrique, e que acreditava que os dois sobreviveriam e não seriam capturados.

Walter pousou a mão na nuca de Berthilde, puxou-lhe a boca para a sua, e beijou-a.

O sol estava quente onde estavam deitados. Em algum lugar pela relva, uma abelha zuniu. O mundo parecia estar cheio de fagulhas que fluíam para dentro de seus corpos, como um rio dourado em suas veias, quente e delicioso.

— Diga que você é minha, Berthilde — Walter murmurou ao tocar-lhe os lábios com os seus. — Que não é mais uma beata, minha amada, que agora é minha. Não havia retorno para nenhum dos dois. Ele a levaria para casa, para a Normandia, onde talvez seu pai permitisse que se casassem. Quando seu pai a visse, Walter disse a si mesmo, claro que não seria capaz de resistir a ela.

Berthilde sorriu outra vez, com ternura. Seus longos cabelos, ainda secando ao sol, balançavam em torno de seu rosto e dos ombros. Seus olhos azuis, serenos e cheios de afeto, tiraram o fôlego de Walter.

— Quem sabe eu seja beata algum dia — ela murmurou —, se você estiver morto. Espantado, ele a viu sacudir a cabeça, fazendo o véu dos cabelos esvoaçar entre os dois.

— Viúvas viram beatas — ela explicou. — Mainsant é viúva. Não é ruim. Mas agora... — sua mão escorregou pelas calças de Walter, e seus dedos encontraram-lhe o falo rígido e pulsante — ...agora, eu quero ficar com você.

— Berthilde — Walter conseguiu dizer, com voz estrangulada.

Sua mente estava tumultuada. Ele arriscara a vida de ambos para tirá-la do rei Henrique. Talvez ela não compreendesse. Porém, não conseguia pensar com clareza quando as mãos quentes de Berthilde estavam sobre ele, a acariciá-lo. De repente, sentiu que se afogava num tormento de êxtase. E então, sentiu-a tomá-lo na boca.

As coisas não estavam acontecendo do jeito que ele pensava que aconteceriam. Não que não fosse maravilhoso... era o céu. Contudo, era estranho; sua amada de rosto de anjo não era tímida; parecia orgulhar-se do que estava fazendo.

Uma noite com o rei Henrique, Walter pensou. De certa forma, isso não parecia mais importar. Os longos cabelos de Berthilde ondulavam sobre suas pernas. Ele ouviu-lhe a voz, abafada contra sua pele.

— Eu vou ficar com você — murmurou ela —, fazer você feliz. Vou mostrar para você... como seu rei mostrou para mim.

O pergaminho cheirava a perfume. Emmeline colocou-o sobre a bancada de trabalho, alisou-o com os dedos e inclinou-se para examinar o esboço.

A própria rainha o desenhara debaixo do maior segredo, Thomas Becket havia lhe assegurado, e mandara que fosse levado de sua tenda, às escondidas, por uma das damas de sua corte.

Emmeline sabia por que não havia sido chamada para pegar o desenho das próprias mãos da rainha Leonor, com instruções e explicações. Contudo, agora que tinha conhecido Gervais Russel, acreditava que a rainha era enamorada de seus poetas, porém não culpada de infidelidade. Na verdade, queria acreditar que a imperiosa e impulsiva rainha havia dado um presente final de despedida ao trovador apaixonado para suavizar-lhe o coração partido. Tal como Russel havia dito.

Porém, podia entender por que o rei Henrique estava furioso com ela.

— Não é assim — disse. — Minha memória vai me ajudar melhor. Thomas Becket franziu a testa.

— Você só viu a joia uma vez, pelo que me contou. A rainha...

— A rainha não é um ourives — Emmeline retrucou, sem erguer os olhos. — Eu a segurei em minha mão e a examinei.

Atrás do chanceler, Niall disse:

— Ela conhece o ofício, milorde, vi seu trabalho.

Emmeline olhou-o de soslaio, mas a expressão de Niall era indecifrável. Becket puxou uma banquetta de sob a bancada de trabalho e sentou-se perto dela. Observou-a pegar o tinteiro, mergulhar a pena nele e fazer uma correção no esboço. Ortmund, que estava de pé ao lado de Emmeline, inclinou-se para olhar.

— É um trabalho grosseiro. Eu teria posto rosetas aí.

O chanceler ergueu a cabeça e atraiu os olhos do artesão. Sua boca torceu-se num sorriso irônico.

— O rei, embora seja um homem brilhante, não é nenhum mestre do bom gosto. Pode-se ver isso em seus trajes diários. Ouvi dizer que apesar do coração de cristal ter sido presente do marido, a rainha Leonor nunca o apreciou.

Emmeline empurrou as caixas de pedras na direção de Ortmund.

— Isso é o que o bondoso senhor meu marido nos trouxe de volta. Há um cristal ovalado aí dentro. Veja o que pode ser feito para facetar o topo e o fundo para que fique em formato de coração.

Ortmund sentou-se. Emmeline pegou um pequeno fole, abriu a porta da caldeira de fundir e soprou o carvão até soltar chamas amarelas. Se trabalhassem a noite inteira, deveriam terminar o trabalho ao amanhecer. Confiava em Ortmund; não havia um lapidador de gemas preciosas melhor no oeste da Inglaterra. Se o cristal não trincasse ou partisse, ele poderia modelar o coração em poucas horas.

— Acha que pode ser feito, então? — perguntou o chanceler.

Sem querer, Emmeline suspirou. Poderia dizer “se o cristal não trincar ou quebrar”, mas não era assim tão fácil. Não tinham pedras de sobra, pelo menos não uma daquele

tamanho. Se quebrassem aquela...

Ortmund encontrou a pedra e ergueu-a entre o polegar e o indicador. À luz das velas, o cristal parecia mais um pedaço de gelo claro.

O que mais os preocupou foi que o cristal de Neufmarche tinha um pequeno defeito no que seria, se tivessem sorte, a curva superior direita do coração. A falha era um minúsculo foco de luz, uma fenda incrustada, não maior que metade de um cílio, que era preciso procurar e difícil de localizar. Mas estava lá. Não poderiam nem mesmo puxar a filigrana para baixo o suficiente para escondê-la.

Emmeline pegou o martelo e um elo de fio de ouro maleável e começou o anel em forma de coração do colar. Estava muito quente dentro da loja do ourives. Os grilos cantavam alto suas canções à noite lá fora, mas na loja havia silêncio, a não ser o ocasional bufo e sibilar das caldeiras quando Emmeline soprava os foles, e o suave raspar do cinzel de Ortmund no cristal.

Em seu lugar num banco ao lado do artesão, o pequeno Tom cabeceava de sono. Depois de algum tempo, o chanceler tinha se levantado e saído, e o senhor de Morlaix o seguira. Podiam ouvi-los conversando.

Emmeline percebeu o tom de voz baixo que usavam. Não precisava que lhe dissessem que Thomas Becket não estava nada feliz conspirando com a rainha, que nunca fora sua amiga. O chanceler era um homem excepcionalmente inteligente, Emmeline soubera disso da primeira vez em que ele estivera em Morlaix. Era esperto o bastante para saber que, se o rei Henrique descobrisse que fora enganado com uma cópia da joia que dera à rainha, ele perderia a confiança e a amizade do rei para sempre. Mas Thomas também acreditava que a Inglaterra enfrentava um grande perigo com o rei Henrique e a rainha Leonor em conflito no casamento.

Não fazia diferença, Emmeline disse a si mesma, já que tinha planos próprios. A oportunidade de fazer a joia da rainha caíra como uma dádiva do céu. Levava tempo para convencer primeiro Niall FitzJulien e depois o chanceler do rei de que era possível ser feito. Mas, se desse certo, ela teria amigos poderosos. E, com Deus por seu juiz, ela precisava deles!

Sentira o olhar de Cadwallader sobre si mais de uma vez naqueles últimos dias, embora tivesse feito de tudo para ficar longe do caminho do príncipe galês. E o pensamento de encontrar o emissário do ouro outra vez assombrava seus sonhos.

A joia extravagante, Emmeline lembrava-se muito bem, não era difícil de fazer com a ajuda de Ortmund. O pouco tempo que tinham, mal uma noite para trabalhar, era o que a preocupava.

— Santa Mãe Santíssima — ela murmurou, baixinho — permita que eu seja bem-sucedida. Ortmund olhou-a com um ar de interrogação.

— Nada — Emmeline lhe disse. — Eu só estava pensando que não creio que alguém nesta Terra seja feliz no casamento.

Thomas Becket foi embora, saindo a cavalo do quintal da mansão, acompanhado por um clérigo de olhos sonolentos num jumento. Os sinos da igreja tocavam as matinas, que os cistercienses em seu mosteiro fora da cidade agora observavam. A alvorada ainda estava distante umas três horas ou mais.

Niall esperou o chanceler sair pelo portão da mansão. Quando voltou para a loja, quase tropeçou na criança que dormia encolhida embolada no chão. Sua esposa e o artesão de ouro ainda estavam debruçados sobre o trabalho. A noite de fim de agosto estava quente, e as pequenas fornalhas deixavam a loja ainda mais quente. As

venezianas estavam fechadas para afastar as nuvens de mariposas que se reuniam ao redor das chamas das velas.

Ele abaixou-se e pegou o garoto no colo, curvado numa trouxa de pernas e braços ossudos. Sem encontrar um lugar para colocá-lo, Niall sentou-se na cadeira ao lado da lareira. A cabeça do menino tombou para trás em seu braço, sem que ele acordasse.

Ouviu o artesão ourives suspirar.

— É loucura trabalhar assim tão depressa. Olhe para isto.

— Não vejo nada — disse Emmeline. Suas cabeças estavam tão próximas que quase se tocavam. — Parece igual para mim. Niall fechou os olhos, ouvindo a conversa sobre um defeito na pedra que não conseguiu entender direito.

Estava aborrecido agora, que sua mulher e o ourives tivessem sido arrastados para aquela coisa, embora tivessem concordado de boa vontade em ajudar. Se sobrevivessem ao problema, o diarista teria de ser recompensado de alguma forma. Não apenas pela habilidade, mas por arriscar a própria vida. Era provável que tivesse de comprar o certificado de mestre de ofício para o homem. A falta de dinheiro era, possivelmente, tudo que o impedia, com aquela idade, de conseguir o título.

Quanto à sua esposa...

Niall abriu os olhos ligeiramente para observá-la. Sob o fulgor das velas, ela era uma figura suavemente curvada, apesar do enorme avental de couro, com os cotovelos apoiados na bancada de trabalho, batendo o martelinho no fio de ouro e transformando-o em filigrana. A luz incidia sobre as mechas ardentes de seus cabelos ruivos revoltos. Uma mancha de transpiração manchava seu vestido entre as espáduas.

Uma elegante dama do castelo, ele pensou. Minha esposa ourives.

Ficou surpreso diante da onda de sentimentos. E diante da ideia de que atacaria qualquer um que usasse essas palavras para caçoar dela.

Duvidava de que Emmeline percebesse plenamente o perigo do que estava fazendo. A rainha não poderia protegê-los se o rei Henrique descobrisse a verdade. Entretanto, ela se empenhara nisso com muita coragem.

Ela era corajosa, Niall pensou. Casara-se com ela pela força e tomara-lhe o dinheiro, a casa, o filho, e ela não fora conquistada. Agora, era uma parte tão grande de sua vida que ele não sabia o que faria sem ela.

Era a verdade sagrada de Deus, Niall percebeu com uma sensação de apreensão. Sua esposa costurava suas roupas, sentava-se a seu lado às refeições... cuidara dele e o trouxera do inferno quando ele tivera medo de perder a perna. Deitava-se a seu lado na cama à noite e lhe dava conforto só de com o calor da presença, para não mencionar o corpo quando ele a desejava. Ele lhe devia uma honrosa recompensa tanto quanto devia ao artesão ourives.

Mais. Por que ele a amava.

Ficou sentado, completamente imóvel, pensando nisso. Amava sua esposa. Em algum momento nos dias em que tinham vivido juntos, apenas tolerando um ao outro, aquela tigresa ruiva orgulhosa e de pavio curto roubara seu coração.

Mudou a criança adormecida de lado em seu colo. Fios de suor corriam por suas coxas onde o garoto estava sentado. Tudo em que ele podia pensar era que amava sua esposa. E isso abriu um buraco enorme e oco dentro de seu peito. Pois sabia que para lhe dar o que ela mais desejava, teria de deixá-la livre.

Não pôde suportar o pensamento.

Se a deixasse ir embora, ela levaria seu filho e o bebê que carregava no ventre. E isso era pior do que qualquer coisa que ele tivesse enfrentado num campo de batalha. Perderia tudo.

Havia uma coisa que poderia fazer. Poderia mandá-la para o avô, o velho Simon de Wroxeter. Mesmo com as pesadas taxas que teria de pagar ao rei Henrique pelo seu casamento, ainda havia dinheiro suficiente para acomodar Emmeline e os filhos confortavelmente sob o teto do velho. Era irônico saber como ela ficaria surpresa ao descobrir que a preciosa fortuna que trouxera para o casamento não fora tão esbanjada como ela pensava. Que ainda restasse muita coisa.

Deus sabia que ele não poderia culpá-la. Morlaix era tudo o que ele sempre quisera, graças aos sonhos de seu pai, junto com fortuna suficiente para mantê-la. Agora, por ser um idiota consumado, por ser implacável, sem amor e ávido de poder, teria de dar a liberdade à sua esposa. Sua honra não o deixaria fazer menos.

Maldita fosse ela, pensou... quando finalmente ele havia encontrado o que queria, ela estava lhe tirando tudo. A ideia de perdê-la fazia o resto de sua vida estender-se diante de si vazia, e insuportavelmente sombria.

Moveu o menino adormecido de novo e pensou em colocá-lo no chão e sair para tomar um pouco de ar, mas descobriu que tinha o corpo cansado demais para reagir.

Em algum lugar, na noite lá fora, ouviu-se o estrondear de um trovão.

Pouco antes do amanhecer, Emmeline fechou as aberturas das fornalhas, abafando o fogo, e debruçou-se sobre a mesa para assoprar a maioria das velas. Tinham trabalhado por tanto tempo que a mesa estava manchada de cera. Ortmund levantou-se e abriu as venezianas. A brisa da noite soprou para dentro, sobre eles, fria e úmida o bastante para denunciar uma tempestade em algum lugar.

Ela levantou-se e afastou o banquinho, sentindo o corpo rijo por ter ficado sentada durante tanto tempo. A seu lado, Ortmund esfregou os olhos com os punhos, e bocejou. Mãe Santíssima, estavam cansados e *pareciam* exaustos.

— Deixe as mesas — Emmeline disse ao artesão. — Arrumaremos tudo direito pela manhã. Ele sorriu com ironia.

— Senhora, é quase de manhã agora.

Pararam diante da bancada para ver uma última vez o que tinham feito.

O pingente em forma de coração terminado, em seu colar de filigrana de ouro, jazia sobre um quadrado de pano preto, com a corrente dourada enrolada acima dele. Tinham apagado a maior parte das velas, mas as restantes línguas de fogo faziam o cristal polido e facetado reluzir. Não parecia tão espalhafatoso agora. Era, na verdade, uma réplica perfeita daquela que Gervais Russel lhe mostrara.

Sendo de joalheiros, os olhos dos dois procuravam no mesmo instante o defeito do tamanho de um fio de cabelo. E o encontraram.

Ambos suspiraram.

— Não vai ser notado — Ortmund assegurou.

— Vamos rezar para a Virgem Santíssima. — Emmeline fez o sinal da cruz. A mãe de Deus era uma mulher; entenderia essas coisas. Afinal, como o chanceler dissera, estavam tentando preservar um casamento.

E estou tentando me salvar e salvar meu menino, ela pensou.

— O chanceler vai recompensá-la — o artesão murmurou. — E a própria rainha... por certo ficará maravilhosamente agradecida.

Emmeline só pôde concordar com a cabeça. Ortmund deu-lhe as chaves da loja para fechá-la e saiu. Ela enrolou o coração de cristal em torno da corrente e colocou-o num bolso das saias. Então soprou o resto das velas e pegou uma pequena lamparina. Quando se virou, encontrou o lorde de Morlaix, profundamente adormecido na cadeira de espaldar alto, com o pequeno Tom nos braços.

Aproximou-se dele silenciosamente, cobrindo a luz da lamparina com a mão.

Ele dormia com as longas pernas esticadas diante de si, as pontas das botas viradas para cima, segurando o menino aprendiz pelo colo. Um homem forte e bem constituído, de ombros largos, num bom casaco de lã vermelha contornado com fios de prata e botões prateados... roupas da corte... usado com calças justas pretas. Dormia com a cabeça para trás e a boca ligeiramente aberta como a maioria dos homens, e os cílios escuros projetavam crescentes de sombra contra as maçãs do rosto. Os cabelos de um ruivo escuro tombavam em torno de sua face. Ele parecia jovem e belo, de lábios ternos e macios.

Era uma ilusão. Mas aquelas feições fizeram Emmeline suspirar, lembrando-se do jovem cavaleiro que havia conhecido.

Não importava, ele seria recompensado também, Emmeline disse a si mesma. Se o que tinham feito naquela noite saísse bem, o prestígio de Niall FitzJulien com a rainha Leonor seria imensurável. Para não mencionar o todo-importante homem, o chanceler do rei, Thomas Becket. O rei Henrique já estava em débito para com ele; Niall salvara-lhe a vida uma vez.

Ele tinha tudo que queria agora, Emmeline pensou. Não precisava mais dela. Tinha sua fortuna, sua mansão, sua loja de ourives. Com tudo isso, ficaria contente e a deixaria ir embora.

Sem pensar, ela inclinou-se sobre ele e afastou uma mecha de cabelo da face do marido. Ele mexeu-se e abriu os olhos.

Viu quem era, e suas feições mudaram e se endureceram.

— Acorde — disse Emmeline. — A joia está pronta. Você precisa levá-la agora para a rainha.

Capítulo XXV

O banquete começou no fim da tarde com uma apresentação contínua de pernis de vaca, carneiro, vitela e cervo, frangos de leite, patos novos, galinhas, coelhos, centenas de ovos, vinho e cerveja no barril, queijos, cabeças de porco assadas e cisnes com plumagem, pudins, docinhos, tortas, maçãs, ameixas e até mesmo uvas brancas doces e laranjas trazidas da França e da Espanha, e levadas ao Norte pelos mensageiros

diretamente das docas de Londres. Havia também cervos inteiros, mas, por uma questão de delicadeza, ou talvez de segurança, foram mantidos em seus espetos de assar lá fora na praça, e só os quartos traseiros e os cortes de lombo foram levados para o salão.

Menestréis acompanhavam os pratos sucessivos, com música e canto. Assim que o vinho com especiarias, folhados e frutas foram servidos, os arqueiros galeses de Cadwallader apresentaram uma dúzia de harpistas e um coral que entreteve a todos com canções galesas até que os acrobatas e malabaristas entraram. A diversão durou até a meia-noite, quando, como de costume, as mesas foram desmontadas e os convidados tomaram o salão para dançar com a música de vários instrumentos de corda, violinos e pequenos instrumentos de percussão chamados “tamborins”.

A rainha e suas damas não apareceram até que fosse servido o primeiro prato. O rei parecia esperar, impaciente, por sua chegada. Bebera muito e continuava olhando para as portas de tempos em tempos, apesar da conversa animada com Thomas Becket e o bispo de Londres.

Todas as vozes no salão do banquete se calaram quando Leonor de Aquitânia, com sua figura alta e refinada que não mostrava nenhum sinal do bebê em gestação, e trajada num vestido justo de seda pesada em tons de prata, cingido por um cinto de ovas de prata cravejadas de rubis, fez sua entrada pelas portas e pela nave principal do salão de festas.

Usava uma tiara de prata polida na testa, da qual caía um véu curto de seda transparente. Sob ele, seus longos cabelos escuros e ondulados com mechas douradas caíam soltos e livres até os cotovelos, como os de uma donzela. Mais encantadores do que nunca, seus luminosos olhos escuros estavam contornados de carvão, e as pálpebras tinham um toque de algo prateado. Conforme caminhava, seu corpo esguio ondulava, e sua boca curvou-se no mais sutil dos sorrisos.

— Pelas chagas de Cristo — Niall murmurou, por entre os dentes.

O senhor e a senhora de Morlaix estavam sentados à mesa logo depois do rei Henrique e do moreno príncipe de Gales, Cadwallader, do chanceler Becket, do lorde arcebispo Theobald, dos juízes e dos condes de Inglaterra, Hereford, Chester e Salisbury.

O rei Henrique levantou-se, entornou o restante de sua taça de vinho e saltou do tablado da mesa principal, quase acertando o abade de São Botolfo e outros religiosos sentados logo abaixo. Desceu pela nave, sacudindo o corpo forte e troncado, para ir de encontro à rainha.

Thomas Becket inclinou-se para a frente, fechando as mãos na mesa até que seus dedos ficaram brancos. O juiz de Lacy, virou-se para encará-lo.

— Onde está? — murmurou o chanceler. — Onde está a joia?

Emmeline não conseguia ver também. O rei aproximava-se da rainha, e suas costas bloqueavam-lhe a visão. Niall virou-se para a esposa naquele momento, e os olhares de ambos se encontraram.

Ela estava atordoada, tivera apenas algumas poucas horas de sono depois do frenético trabalho noturno, mas não estava enganada. *Os dois estavam naquilo juntos*, o olhar de Niall dizia.

No meio do salão de festas, o rei Henrique tomou a mão da rainha. Virou-se, erguendo-a bem alto como se fosse começar uma dança da corte, e rumou para a mesa principal. A rainha arqueou as sobrancelhas com um ar provocativo.

— Pelo amor de Deus, que jogo estão jogando agora? — murmurou de Lacy.

O jovem rei e sua rainha não tiravam os olhos um do outro. O rosto corado de Henrique estava iluminado por uma alegria irônica. Com seu sorriso felino, a rainha a retribuía. A paixão, o desafio, a fascinação flagrante que tinham um pelo outro estavam ali para todo mundo ver enquanto continuavam a caminhada comedida para mesa principal. Uns poucos vivas irromperam do fundo do salão e, então, transformaram-se num estrondo. O sorriso de Henrique alargou-se.

Thomas aceitou uma taça de vinho de um criado e tomou-o de um só gole. De Lacy inclinou-se para ele.

— Você leva essas coisas muito seriamente, Thomas — comentou. — Isso só vai lhe trazer problemas no futuro, marque minhas palavras.

O vestido de seda prateada da rainha tinha o decote baixo segundo a moda francesa, mostrando a fenda de seus belos e famosos seios. Aninhado entre eles, estava o presente que o rei lhe dera, o coração de cristal engastado em filigrana de ouro numa corrente também de ouro. A luz das tochas e velas incidia nas facetas da joia, e arrancava faíscas reluzentes.

Serventes, trinchantes, condutores e mordomos misturavam-se à frente do rei e da rainha conforme Henrique acompanhava sua senhora até o lugar. Assim que a rainha Leonor parou ao lado da cadeira, ele pousou-lhe as mãos nos ombros, puxou-a para perto e beijou-a. Ainda com mais galanteria, ergueu o pingente de cristal e colou os lábios na joia.

Um beijo para a rainha. Um beijo para o símbolo de seu amor por ela.

Emmeline percorreu os olhos pela mesa até Thomas Becket, cuja face de uma beleza morena era como uma máscara. Mas os olhos o traíram.

Com um choque, ela percebeu que assim que aquele homem esperto e inteligente, Henrique de Anjou, erguera o coração de cristal na mão, ele vira o defeito, e soubera da verdade.

— Não importa — disse Niall. Desceu as escadas da torre jogando a capa sobre os ombros.

— O que quer dizer, não importa?

Emmeline correu atrás dele, segurando o vestido ao corpo. Ainda não estava vestida porque todo mundo se apressara em encontrar o rei, que já estava na estrada. Magnus e Joceran esperavam ao pé da escada, ao lado da porta aberta, e o escudeiro segurava as rédeas do corcel de Niall, Júpiter.

— Você já viu como o rei e o rei Henrique acertam as coisas, não viu? — ele disse, por sobre o ombro. — E Henrique não mandou Thomas Becket secretamente para cá para negociar a paz com os galeses, não deixando que seus próprios barões de fronteira soubessem disso?

Ele estava ainda muito amargurado com isso. Magnus jogou-se sobre Niall para abraçá-lo, e o Niall passou o braço pelos ombros do menino.

— Mas você avisou que ele era vingativo — disse Emmeline, com uma voz que os outros não poderiam ouvir. Niall deu de ombros.

— Se o rei sabe que não é a joia que deu à rainha Leonor, eu lhe digo que isso não importa. Ele a levou para a cama depois do banquete, e os criados disseram que ficaram acordados até metade da maldita noite. E esta noite ele dormiu com ela de novo.

Mas depois, Emmeline fora avisada, o rei Henrique se levantara antes do amanhecer, erguera acampamento e cavalgara para Chester sem que nem mesmo o

conde Rannulf soubesse disso. A noite cairia antes que toda a corte pudesse se encontrar na estrada para o Norte. Até o príncipe Cadwallader fora acordado no meio da noite para se despedir do rei Henrique. Agora, os acampamentos fervilhavam com o habitual tumulto, e diziam que a rainha iria acompanhar o rei a Chester em seu próprio ritmo.

Niall FitzJulien tinha ordens do rei para partir para o Norte com uma escolta de cinquenta cavaleiros de Morlaix na vanguarda de seu lorde soberano, Rannulf, o conde de Chester, para fazer o juramento anual de lealdade lá, diante de Henrique. Joceran arrumara seus pertences e, na ausência de Walter Straunge, atuaria como seu escudeiro. Magnus ficaria para trás, para desgosto explícito do garoto.

Graças a Deus, Henrique de Anjou não era seu marido, pensou Emmeline. Sentia-se como se um redemoinho os tivesse capturado. E, na verdade, tinha.

Acompanhou Niall conforme ele levava seu cavalo para a praça. Cavaleiros e criados andavam atarefados por todo lado carregando carroças e selando cavalos. Emmeline pensou que aquilo que ele lhe dissera, que não importava se o rei tinha reconhecido o coração de cristal como uma cópia, não fazia sentido.

E, no entanto, de uma certa forma, fazia. Ela estava aprendendo que tudo que cercava o rei e a rainha, e sua corte, não era o que parecia. E mesmo isso mudava constantemente. Aquela cena estranha na festa, quando a rainha Leonor se apresentara quase desafiadora ao marido... e ele se deliciara com isso... ficaria gravada em sua memória para sempre.

Joceran fora mandado para procurar alguma coisa na bagagem. Voltou correndo com um rolo de pergaminho e entregou-o ao seu senhor, que estava apertando os arreios da sela.

Niall pegou-o e virou-se para a esposa.

— Não tive tempo de conversar com você sobre isso.

Emmeline sabia que ele tivera tempo e, pela expressão do marido, havia postergado aquilo até o último minuto. Pegou o rolo de pergaminho amarrado com uma fita vermelha, sentindo que era algo desagradável. Magnus pendurou-se no braço dela, implorando:

— Mamãe, mamãe, posso selar meu pônei e cavalgar com eles até o rio?

— É o documento da Mansão Neufmarche na cidade — disse Niall. — Becket mandou um de seus clérigos escrever para mim, para deixar claro o que eu estava ajustando com relação a você e ao garoto.

Emmeline virou o pergaminho nas mãos, sem vontade de abri-lo. Não queria lê-lo, disse a si mesma.

— E algum dinheiro. Resolveremos isso quando eu voltar.

Ela o encarou. Niall estava viajando em plena armadura e armado, à vanguarda de seus cavaleiros, e só faltava o elmo que Joceran segurava. Falando com ela, era o perfeito cavaleiro normando, distante e implacável.

— Santo Deus! — ele exclamou — Por que está com essa cara? Pensei que isso a deixaria contente.

— Por que me deixaria contente? — ela murmurou.

Joceran estendeu-lhe o elmo, e Niall o colocou, empurrando-o pela testa. Fitou a esposa por trás do protetor saliente do nariz.

— Jamais vou entendê-la. Você vai precisar da renda da casa e de algum dinheiro

quando for viver com o velho Simon em Wroxeter. Queria ser livre, não queria?

Joceran e Magnus esbugalharam os olhos diante daquelas palavras, boquiabertos. A própria Emmeline não conseguia acreditar no que ele dizia. Niall nunca havia mencionado o assunto antes.

O lorde pegou as rédeas das mãos do escudeiro e ergueu-se para a sela. Rannulf de Chester aproximou-se num trote vindo do pátio e freou o cavalo ao seu lado.

— Aqui está você — disse o conde. — Imaginei se iria sair de uma cama quente como o restante de nós. É essa multidão desordenada que planeja levar conosco? — Tocou o elmo num cumprimento a Emmeline, e fez um belo agradecimento a ela com relação à excelente hospitalidade.

Ela continuou apertando o fino robe contra o corpo, enquanto Magnus a puxava pela mão.

— Não, você não pode ir — murmurou ao filho. Agradeceu a Chester e convidou-o a voltar.

Os homens a cavalo se despediram. Saíram da praça lotada e seguiram pelo arco até o pátio. Joceran voltou para pegar seu cavalo e a mula de carga com a bagagem.

— Eu não quero ir morar em lugar nenhum! — berrou Magnus. — Quero morar aqui! Ela soltou a mão do filho, que saiu correndo pelo pátio, gritando para Joceran esperar.

Emmeline apertou o rolo de pergaminho com força conforme voltava pela grama pisoteada em direção à torre. Só conseguia pensar numa única coisa. Que ele havia dito que ela estava livre.

Começou a chover no dia seguinte, num prenúncio do tempo ruim que teriam no fim de verão. Havia tanto trabalho a ser feito, agora que a corte levantara acampamento da campina e da cidade, que todos estavam irritados e aborrecidos. Primeiro, tinham descoberto que havia mulheres e crianças deixadas para trás, a maior parte de seguidores da corte no acampamento. Os padres cistercienses no mosteiro recolheram as mulheres e os bebês e os alimentaram até as chuvas passarem, e os abandonados pegaram a estrada de novo à procura de seus homens.

Então, o senescal do castelo, Baudri Torel, caiu na cama com um ataque de angina, deixando os capatazes e as camareiras livres para folgar e fofocar, e as cozinheiras e a equipe de cozinha para discutir e brigar como sempre faziam, caso tivessem chance. Gotselm, o sargento, fora para Chester com seu lorde, deixando Jiane, o magro sargento provençal a cargo do resto da guarnição, que logo se entregou à preguiça. Várias brigas estouraram de imediato por conta de dívidas com jogos de dados.

Emmeline levou Magnus para a mansão da cidade, já que o menino se mostrava impaciente engaiolado no castelo enquanto as chuvas de outono continuavam. Pensou que ele gostaria de trabalhar com Tom e Ortmund em alguns novos pedidos para pratos e cálices de comunhão que tinham chegado. Magnus, porém, reclamava em voz alta que não estava interessado no trabalho de ourives, era grosseiro com o jovem Tom, e não obedecia Ortmund. Queria passar seu tempo nas barracas no Castelo Morlaix, observando a jogatina e as brigas, e ouvindo as conversas dos cavaleiros.

Ortmund aconselhou-a a deixá-lo ir.

— O trabalho não está mais na cabeça dele, senhora — disse o artesão. — Mas ele não precisa ofender a gente com palavras também.

Emmeline obrigou Magnus a desculpar-se e o fez passar o restante do dia polindo

metal. A mansão vazia a fazia sentir-se estranhamente deprimida. Sabia que seria feliz; tinha o documento de posse da casa agora e a promessa de poder ir embora, de escapar de um casamento que detestava, para ir morar em qualquer outra parte. Porém, conforme caminhava pelos aposentos imaculados, Emmeline não pôde deixar de imaginar por onde andavam Walter e Berthilde, e como estariam passando. Com alguma sorte, estariam na casa de Walter na Normandia, àquela hora.

Imaginou se ele se casaria com ela. Será que ainda queria isso? Descobriu-se pensando muito mais neles do que pensava no rei Henrique e na rainha.

À noite, deitou-se na cama e tentou imaginar-se vivendo com seu avô, o velho Simon de Wroxeter, que estava com uns oitenta anos agora. Não o via desde que era uma garotinha. Como alguém poderia saber se o velho haveria de querê-la, ou ao menino? E ao bebê que estava para chegar?

A vida não era fácil para mulheres que não viviam com seus maridos. A maioria estava em conventos. Por outro lado, dinheiro e uma boa reputação eram tudo o que importava. Quando se tinha isso, não se era muito aborrecida pelos padres e mulheres fofoqueiras. Mesmo assim, Emmeline estava preocupada.

Seria estranho ficar sozinha outra vez. A liberdade era algo muito bom, mas ela não tinha certeza de como criaria Magnus. O pouco que ele vira da profissão de cavaleiro, principalmente nos dias com a corte do rei, aparentemente o tinham deixado injuriado com a ourivesaria e uma vida de comerciante. Santa Maria, embora fosse algo que ela nunca pensara em levar em consideração, se o ruim ficasse pior, ela supunha que teria de mandar Magnus de volta para o pai e deixá-lo treinar para ser cavaleiro no castelo. Mas, por outro lado, sua vida mudara tanto que não era mais fácil decidir o que fazer ou não.

Montaria uma loja de ourives em Wroxeter, disse a si mesma.

Pensou na corporação de Wroxeter, e em como teria de recorrer a ela. Já havia vários prósperos ourives por lá; se tivessem um bispo ou um abade no distrito que se opusesse a mulheres no comércio, seria ainda mais difícil.

Virou-se e puxou as cobertas, inquieta e inexplicavelmente descontente. A cama parecia vazia; sentia falta do calor de um corpo perto do seu.

Era uma tola, pensou.

A chuva finalmente parou, e um vento gelado varreu as nuvens cinzentas pelo céu baixo. O solo secou o suficiente para que os moradores da vila comesçassem a arar, preparando a terra para a colheita de grãos do inverno. O lorde de Morlaix mandou dois de seus cavaleiros de Chester buscar suas lanças de torneio, já que o rei Henrique o e conde Rannulf tinham resolvido promover outro torneio para desafiar os barões do norte da Nortúmbria. Quando Emmeline perguntou aos jovens cavaleiros que tinham vindo buscar as lanças como estavam o rei e a rainha, se ainda se mostravam cordiais um com o outro, eles limitaram-se a encará-la com uma expressão confusa.

Então, John Avenant chegou com alguns de seus amigos membros da corporação dos laneiros, trazendo uma carta de Nigel. Emmeline ficou atônita. O jovem pisoeiro tinha desaparecido tão completamente que ela julgava que tivesse morrido.

— Não morreu, senhora — disse o fabricante de lã, parecendo pesaroso —, mas foi mandado acorrentado para York por seu lorde como castigo por ajudá-la e, depois, vendido como servo para compradores de lã de Bruges. Felizmente, como é culto e vigoroso, o jovem Nigel recobrou-se desse infortúnio e foi aceito por uma companhia de mercadores naquela cidade. É sobre isso a carta.

Emmeline ouviu, fascinada, conforme o escriturário da corporação lia a carta do

pisoeiro. Depois de cumprimentos floreados e votos de que todos estivessem com boa saúde e ânimo e, mais particularmente, desejando a felicidade da bondosa senhora de Morlaix, propunha a comercialização dos tecidos locais em Bruges. Oferecia um contrato de longo prazo com uma substancial soma em dinheiro de adiantamento, concordando com um pagamento anual pré-fixado pela duração do contrato.

— Mas Flandres faz seu próprio tecido em grande quantidade — disse Emmeline —, e é por isso que vendemos a eles nossa lã. O pouco que fazemos aqui sempre foi para nosso próprio uso.

Grande parte da tosa de Morlaix era embarcada em bruto e sem classificação para os flamengos. Assim que a recebiam, um aprendiz removia a lã danificada e a dividia em três categorias: fina, média e rústica. Depois, era lavada em lixívia para remover a gordura e estendida em tábuas de madeira para secar. Com fórceps na mão, os aprendizes ficavam de quatro e se arrastavam sobre ela, retirando pedaços de terra e outras partículas. A lã da carcaça da ovelha usada para o abate era mantida separada. Era considerada uma ofensa misturá-la e, normalmente, os fabricantes não se importavam em mandá-la para fora do país.

A lã de Morlaix era conhecida por sua alta porcentagem de fios de categoria “fina”. Porém, mesmo assim, os fabricantes locais sempre retinham o melhor para ficar na cidade onde, depois de lavada e seca, era batida, penteada e cardada até que as fibras se alinhassem. Depois, John Avenant e a corporação dos laneiros a entregavam sob consignação para as fiandeiras, todas mulheres, que a esticavam num fio com um fuso e um bilro. Em seguida, ia para os tecelões, que eram quase sempre homens, embora umas poucas mulheres especialmente talentosas se ocupassem do negócio.

Nigel tinha tratado do acabamento dos tecidos dos tecelões de Morlaix em sua loja, molhando e encolhendo o pano e esfregando-o com greda de pisoeiro, um tipo espesso de argila com sílica que não só limpava e encorpava o tecido, mas condicionava o pano para aceitar o tingimento.

Emmeline passara pela loja muitas vezes e vira o pisoeiro e seus assistentes pisando a mistura num cocho com os pés descalços, num processo chamado de “pisoadá”, o que também explicava por que os artesãos eram chamados de “pisoeiros”.

Depois que o pano era molhado de novo, era pendurado para secar em molduras de madeira chamadas de estendedouro e preso por ganchos à armação para que ficasse esticado na largura e comprimento certos.

Emmeline sempre soubera que o tecido de Morlaix era excelente, motivo pelo qual mantinham a maior parte dele para si mesmos e não o vendiam. Ela gostava de observar o estágio final de acabamento do tecido de lã, quando a lanugem era erguida com cardos enquanto ainda estava úmida, e tosada quando seca, com grandes tesouras de tosquiador que às vezes tinham um metro, um metro e vinte de comprimento. O melhor tecido era tosado inúmeras vezes. O número exato era um segredo, porém a maior parte do povo do norte da Inglaterra sabia que sua lã fina fazia uma roupa extraordinária. Ter uma capa de lã de Morlaix significava que não só era bela, mas quase à prova de chuva. Podia-se usá-la e dificilmente ver passar uma gota d’água através da trama.

Contudo, era um plano muito ambicioso pensar em fazer o tecido em quantidade, como por certo teriam de fazer, para mandá-lo a Flandres para ser vendido. Nigel, porém, era um jovem muito ambicioso. E Emmeline não pôde deixar de imaginar se ele ainda pensava que a amava.

John Avenant a observava atentamente.

— Ah, sim, senhora, o mercador flamengo de tecido que trouxe a carta de Nigel diz

que o jovem pisoeiro pergunta ansioso sobre a senhora e quer notícias suas e de seu menino. O que eu lhe dei, para que pudesse levar de volta a Bruges.

Emmeline dobrou o pergaminho e devolveu-o a ele.

— E, por favor, o que foi que disse? Os olhos do fabricante reluziram.

— Que minha esposa Gaeweddan tinha me contado que a senhora estava esperando o bebê do lorde. Emmeline lançou-lhe um olhar glacial.

— Fico honrada que tenha vindo me procurar com a proposta de Nigel, mas não posso fazer nada. O senhor deve pedir uma audiência ao senhor de Morlaix, e expô-la a ele. É a permissão do lorde que quer, afinal, para comerciar com Flandres.

Ouviu-se um resmungo de desapontamento.

— Não, sra. Emmeline, é a senhora que sempre procuramos! — um dos tosquiadores gritou. — Não emprestou dinheiro para a gente e trocou nossas moedas e deu conselhos sábios no passado? Conhece nosso negócio de lã desde que era uma mocinha casada com o velho Bernard Neufmarche. — Fez o sinal da cruz. — Que Deus seja misericordioso com sua alma eterna.

Ouviu-se um alvoroço de mãos conforme os outros também se benziavam.

Emmeline não conseguiu responder, embora todos os olhos estivessem sobre si. Não podia lhes contar que logo iria embora para morar num lugar distante. Mas, céus, eles queriam *mesmo* segurá-la ali, pensou, ao olhar em volta. Queriam que ela fosse a senhora de Morlaix, seu anjo bom, seu banqueiro e sua financiadora também!

De repente, teve uma sensação bastante estranha de que, se quisesse ficar em Morlaix, Niall FitzJulien não faria objeção.

Começou a chover de novo quando os laneiros saíram do pátio e desceram a estrada para a cidade. O chefe da corporação e alguns fabricantes de lã montavam mulas, os outros estavam a pé.

Ficariam ensopados antes de chegarem em casa, Emmeline pensou, ao observá-los do portão da guarita. Era uma bênção que o tempo de setembro ainda estivesse tão suave. Em outubro, sentiriam não apenas a chuva que lavava as encostas das montanhas de Gales, mas as primeiras mordidas do inverno.

Patos e gansos chapinhavam pelas poças no pátio externo. Correram grasnando quando Emmeline enxotou-os de seu caminho. Ela parou no prédio da cozinha para mandar um dos pequenos ajudantes buscar Magnus na torre dos cavaleiros, e tomou uma caneca de cerveja que a cozinheira lhe deu.

Sentou-se a uma mesa de cavalete na cozinha, no meio do vapor e do alvoroço com os preparativos da refeição da noite, e disse a si mesma que mal conseguia se lembrar de Wroxeter. Fora até lá algumas vezes quando era pequena. Mesmo naquela época, seu avô era um homem velho, alto e taciturno, com olhos negros e cabelos grisalhos que havia sido um guerreiro na juventude, um amigo do rei Henrique I, o Leão da Justiça. E finalmente, um professor nos últimos anos, muito afamado, não apenas na Inglaterra, mas na França e na Alemanha e outras terras estrangeiras. Às vezes, embora ela não conseguisse se lembrar onde ouvira isso, ele era chamado de Simon, o Judeu. O sangue judeu corria nas veias da família, alguém havia murmurado.

Quando Magnus entrou, arrastando os pés e implorando para ter permissão para dormir com Jiane e os cavaleiros gascões, ela prontamente o mandou para o quarto do lorde, e Hedwid atrás dele, para providenciar que tivesse água quente para lavar-se antes de descer para a refeição da noite.

Havia muito barulho na cozinha. Emmeline deixou metade de sua cerveja na caneca e saiu para a praça chuvosa com ideia de ver sua égua, que deveria parir a qualquer momento. Mas parou quando ouviu o grito de saudação dos guardas posicionados no portão dos fundos.

Quem quer que fossem os visitantes, os guardas os deixaram passar na mesma hora. Parada na praça, Emmeline viu dois cavaleiros se aproximando, com a chuva escorrendo das capas. Só quando o cavaleiro do corcel negro jogou o capuz para trás foi que ela o reconheceu.

Ele não estava usando um elmo. Seu cabelo era farto, cacheado e negro como as sobancelhas pesadas, em contraste com a palidez da pele. Um belo galês. Um que poderia se destacar em qualquer reunião.

O cavaleiro era o príncipe Cadwallader. O outro homem, que também jogara o capuz para trás, era aquele que Emmeline conhecia como o emissário do ouro.

Capítulo XXVI

Ele apertou sua mão com tanta força que doía. Assim de perto, ela podia sentir-lhe o cheiro almiscarado das roupas molhadas da viagem. Os olhos azuis do príncipe Cadwallader eram salpicados de pintas amarelas, como os de um gato.

— Não puxe — ele avisou. — Jiane, o sargento cavaleiro, tinha aparecido à porta do salão e parado lá, observando-os. Cadwallader ergueu sua mão até os lábios. — Milady, certifique-se de que seu povo veja que me dá as boas-vindas.

Havia gente em todo lugar ao redor deles: ajudantes de cozinha carregando lixo para o monte de esterco, cavaleiros acomodando seus cavalos, todos mais ou menos a observá-los. Mas, por sua vida, Emmeline não conseguia falar, não podia fazer nada, estava absolutamente paralisada de surpresa e pavor. Acontecera, finalmente, disse a si mesma. Viu o emissário do ouro de cabelos cacheados olhando para ela com um ar mais ou menos divertido.

— Lady Emmeline, está tremendo. — A voz do príncipe Cadwallader era suave. Ele soltou-lhe a mão. — É por causa da questão do último ouro que Rainald lhe passou e que a senhora guardou e não repassou a mim?

Ela virou-se ao redor para olhar para o emissário do ouro. Cadwallader assentiu.

— Ah, sim, mas fique calma, o que está feito, está feito. Deixaremos o passado de lado. Não estou muito preocupado com o que é devido agora, mas com a forma como será pago. — Bela como era, sua face era cheia de crueldade. — Como os pagamentos que quero arrancar daquele cão bastardo irlandês, seu marido, o que ele merece muito justamente.

Diante daquelas palavras, Emmeline tentou recuar. O príncipe sabia que ela roubara o ouro do emissário. Niall FitzJulien incendiara o forte de Cadwallader, Glyn Cierog, promovendo uma horrível matança, e depois o vencera no torneio diante de toda

corte do rei Henrique. Era evidente o que o príncipe galês pretendia, quando falava de pagamento.

Estremeceu.

Havia pensado, tolamente, que nunca o veria outra vez. E, agora, recordou-se, estava sozinha com Magnus. Joceran e Gotselm estavam fora, acompanhando o lorde com o rei Henrique, em Chester. Ela só tinha Jiane e os cavaleiros da guarnição.

De repente, viu-se tentada pela ideia louca de chamá-los para atacar Cadwallader e fazê-lo prisioneiro. No instante seguinte, percebeu que não poderia fazer isso sem provocação: o galês tinha assinado um tratado de paz com a Inglaterra e o rei Henrique.

Pelo canto do olho, viu Jiane começar a atravessar a praça na direção deles.

— Tem um lugar para nós, fora do molhado? — o príncipe indagou. — Precisamos pedir sua hospitalidade, minha cara senhora, foi uma longa jornada. Emmeline ergueu a mão e fez um gesto para mostrar a Jiane que não precisava dele. O jovem sargento não poderia ajudá-la, nem qualquer um dos cavaleiros. Ela teria de cuidar daquilo sozinha. Respirou fundo.

— Entre para o salão, então, milorde — convidou. — Há um bom fogo na lareira, onde pode secar suas roupas. E minhas cozinheiras podem lhe oferecer uma comida quente, vinho e cerveja.

Ela seguiu para o salão, mas, em vez de acompanhá-la, Cadwallader segurou-a pelo braço.

— Não estamos com fome — disse-lhe ao ouvido. — Desejo um lugar mais íntimo, onde você possa me entreter mais adequadamente. Leve-me até o quarto do lorde.

Por um momento, o pavor foi como um retinir horrível na cabeça de Emmeline. Santo Deus, estava encurralada, pensou; ele havia planejado aquilo antes de chegar. Era bastante adequado levar o galês ao quarto do lorde e oferecer-lhe uma troca de roupas e bastante água quente para o banho, porque o príncipe era um lorde soberano. Ela não faria nada menos para o rei Henrique.

Porém, não era a mesma coisa. E Emmeline sabia disso.

Correu a língua pelos lábios, com a mente em disparada. Não havia nada que pudesse fazer agora, exceto cometer um assassinato. O príncipe galês tinha o poder de arruiná-la, de arruinar todos eles, aliás. Tudo o que era necessário era que ele a denunciasse ao rei Henrique como uma traidora pelo que ela fizera com o ouro da França durante tantos anos. O próprio príncipe Cadwallader não seria considerado culpado naquele momento de paz; só aqueles que tinham contrabandeado o ouro para ele.

Impotente, ela apontou para a velha torre.

Atravessaram a praça, chapinhando nas poças d'água num pesado silêncio. Emmeline enfiou as mãos dentro de seu casaco, para que ele não visse o quanto tremiam. Os cavaleiros de guarda ao pé das escadas da torre os saudaram, com as feições cheias de curiosidade.

— Milorde Cadwallader — disse ela —, dê-me um momento, por favor, preciso mandar minhas aias embora.

Ele a encarou como se fosse dizer alguma coisa, mas Emmeline correu para a frente sem lhe dar a chance. Subiu as escadas sinuosas de dois em dois degraus, abriu a porta e depois a fechou, depressa. Magnus tinha se banhado conforme ela lhe dissera; os juncos do chão estavam cheios de toalhas molhadas. Hedwid o vestira com roupas limpas, e ele estava sentado num banquinho, calçando as botas. Duas das outras aias

estavam arrumando o quarto.

Emmeline aproximou-se depressa do filho, pousou a mão no ombro dele e colocou a outra mão na boca do menino. Hedwid virou-se, engolindo um grito quando viu a expressão da patroa.

— Shh — Emmeline disse a todos eles. — O príncipe galês está aqui. Saiam juntas conversando e rindo alto, e mantenham Magnus no meio de vocês. — Tinha uma boa razão para não querer que Cadwallader soubesse que seu filho estava ali. — Escondam-no, se puderem.

Tirou a mão da boca de Magnus e olhou para o rosto erguido do menino. Afagou-lhe os cabelos. Ele não parecia nem um pouco assustado, só excitado.

— Preciso de um juramento de cavaleiro de você — disse, com doçura. — Tem de me dizer se pode fazer isso. Era justamente o que ele queria ouvir.

— Sim, seja lá o que for, eu juro, mamãe! — disse, com voz esganiçada. — Ah, juro mesmo!

— Shh... — Ela quase lhe tapou a boca de novo. — Fale baixo!

Olhou para as mulheres assustadas que se amontoavam em torno dela e disse-lhes o que queria que fizessem. Virou-se para Magnus.

— Você precisa pegar seu pônei e seguir direto para a casa do mestre Avenant na rua dos laneiros — instruiu. Não achava que alguém fosse prestar muita atenção num garoto montado num pônei. — Não se demore em lugar nenhum. Jure agora, como um cavaleiro.

Os olhos de Magnus faiscavam quando ele ergueu a mão e colocou-a na dela, fazendo o juramento com solenidade.

As duas moças ajudaram-na a soltar depressa os cabelos. Pentearam as mechas pesadas com os dedos, deixando que caíssem por seus ombros e suas costas. Não havia tempo para mais nada.

Hedwid tirou a capa molhada de Emmeline e inclinou-se para endireitar seu vestido e a túnica.

— Oh, milady, seja o que for que aconteça, o povo de Morlaix ama apenas a senhora — murmurou. — É o galês que detestam.

Uma das moças agarrou sua mão e beijou-a antes que ela pudesse puxá-la. Emmeline sabia que estavam com medo do que Cadwallader iria lhe fazer. Também tinha medo.

Quase precisou empurrá-las para o patamar da escada. As aias desceram as escadas da torre conversando alto, com Magnus apertado no meio delas, e deixaram a porta aberta. Momentos depois, ouviram-se passos nas escadas, e o príncipe Cadwallader e o emissário Rainald entraram. O príncipe tirou sua capa e colocou-a num banco ao lado do fogo. Olhou atentamente para as tapeçarias na parede, das mesas marchetadas para a cama vinda de além-mar, e os dois imponentes armários flamengos.

— Muito elegante — disse, por fim. — Este aposento me agrada. — Sentou-se na cadeira de espaldar alto ao lado do fogo, e o emissário ficou de pé ao seu lado. — Ouvi dizer que trouxe muita fortuna para este enlace, lady Emmeline. Embora não seja segredo que não existe amor entre a senhora e Morlaix.

Ela foi até o aparador e pegou vinho e taças.

— Príncipe Cadwallader, alguém falou algo errado. Sou uma esposa dedicada ao

meu senhor e marido. Ele sorriu, cheio de charme.

— Não é isso o que eu disse.

Ela serviu uma taça de vinho para o príncipe, outra para o emissário, e estendeu-as aos dois. Depois de um gole, o príncipe ergueu as sobrancelhas.

— Ah, este é um vinho excelente. — Ergueu a taça num brinde a ela, com as malhas de aço prateadas do braço reluzindo em contraste com as roupas pretas. Não desviou nem por um instante os olhos dela. — Deus esteja conosco, lady Emmeline. Doce e agradável como o dia, agora que nos encontramos depois de tão longo tempo.

Ela não tinha ideia do que ele queria dizer, embora a expressão nos olhos do galês fosse bastante clara.

— O vinho é um dos premiados borgonhas do chanceler Thomas Becket — explicou, aproximando-se para encher de novo a taça. — Ele nos presenteou com alguns, como um símbolo de prazer por sua estada aqui.

Ele segurou-lhe o pulso quando Emmeline se inclinou.

— E a senhora fará minha estada muito mais prazerosa, não fará? Emmeline esforçou-se para livrar-se dele.

— Milorde, não sei o que quer dizer.

O emissário apressou-se em entornar o vinho e colocou a taça sobre uma mesinha.

— Senhor príncipe, milady, eu lhes desejo uma boa noite. — Manteve os olhos baixos ao sair, fechando a porta atrás de si.

— Aonde ele vai? — Emmeline usou a outra mão para tirar os dedos de Cadwallader de seu pulso.

— Simplesmente para fora. — Usando de força, ele puxou-a para o colo. — Vai guardar a porta.

Feita prisioneira contra aquele corpo rijo, Emmeline tentou não entrar em pânico. Não estava enganada; não era de admirar que seu primeiro pensamento fosse ordenar aos cavaleiros que carregassem aquele guerreiro galês de olhos de lobo e seu bajulador para as celas debaixo da cisterna e os deixassem lá, até que seu marido, Niall, pudesse tratar com eles!

Contudo, mesmo enquanto se debatia para livrar-se, percebeu que estava curiosa para saber o que aquele homem queria dela. Dormir com ela, sim. Porém, havia algo mais.

— Milorde, solte-me. Não fiz nada para atrair essa atenção.

Ele riu baixinho. Tinha os braços de Emmeline prensados ao corpo, enquanto sua mão estava ocupada soltando-lhe os laços do vestido.

— Não, cara senhora, precisa pagar o que me deve. — Parou e fitou-a dentro dos olhos. — Como, por exemplo, irá continuar a receber os presentes de ouro do rei Luiz de Rainald, mas não precisará mandá-lo pelas montanhas. Eu virei buscar. Não contarei a ninguém de sua ajuda. Porém, em troca, vai pagar por meu silêncio com muita doçura na cama.

Ela tentou esquivar-se das mãos que abriam o decote de seu vestido. Seus seios saltaram para fora, alvos, sensuais, com os bicos rosados.

— Príncipe Cadwallader, meu marido vai matá-lo por isso!

— Minha doce senhora, Morlaix teve sua chance e não fez isso, fez? Ora, você respeita esse açougueiro irlandês tanto quanto eu. — Depois de um longo e apreciativo olhar, ele inclinou a cabeça e esfregou o nariz na pele alva. — Como eu gosto... — continuou, com a voz abafada — ...de chifrar aquele monte tosco de vísceras que chamam de Henrique Plantageneta.

Seu hálito era estranhamente quente contra a pele de Emmeline. Ela debateu-se, mas o galês segurou-a com força, agarrando-a pelos braços de modo que ela não podia se afastar.

— Este é o pagamento de que falei. — Mordiscou-lhe o seio com os dentes. — Que me ajude contra o rei Henrique, e que me dê o que dá para aquele cão irlandês da sarjeta. Mas com muito mais prazer.

Emmeline jogou-se para baixo e literalmente escorregou para fora do colo do galês. Antes que ele pudesse agarrá-la, ela estava de pé, com o vestido aberto, os seios saltando para fora, o ar tocando os bicos molhados dos mamilos que ele sugara. Deixou-os daquele jeito, com o coração consternado, enquanto os olhos do príncipe a devoravam.

Pegou a jarra de vinho, atravessou o quarto até ele e inclinou-se, com os seios balançando tentadoramente diante do rosto de Cadwallader. Serviu-lhe outra taça.

— Jesus — ele rosnou. Estendeu o braço para pegá-la, mas Emmeline recuou, desafiadora, para longe de seu alcance.

Ela finalmente entendera o sujo esquema do galês. Apesar do tratado de paz que assinara com o rei Henrique, o grande príncipe Cadwallader queria que ela continuasse a ser uma traidora e passasse o outro estrangeiro para ele tal como havia feito, estupidamente, durante anos. Não deveria entregá-lo aos pastores para levarem pelas montanhas, tinha de esperar que o próprio príncipe viesse reclamá-lo. Ocasão em que ele se vingaria de Niall FitzJulien, arrastando-a para a cama!

Jesus amado, Niall era um homem corajoso e honrado, dez vezes mais digno que Cadwallader! Provara isso derrotando o galês tanto na guerra como no campo de torneio. Mas seduzir a esposa de outro homem... foi isso que a enfureceu. Isso, e que Cadwallader presumisse que ela fosse sórdida a ponto de trair o próprio marido.

Afastou-se. Atrás dela, o galês começou a tirar as botas, um tanto sem firmeza. Quando acabou, levantou-se e começou a desatar os laços das calças.

Emmeline pegou a jarra de vinho para lhe encher a taça outra vez.

— Deixe-me tocá-la — ele murmurou, levando a mão ao seio de Emmeline e apertando-o.

Estendeu-lhe a taça com a outra mão, e ela fingiu tomar um gole do vinho. Deixou que ele fizesse o que queria, com os dentes cerrados e um sorriso congelado nos lábios. Quando tentou beijá-la, ela o impediu. Então, pôs a jarra de vinho sobre a mesa e tomou-o pela mão, levando-o para a cama.

O galês, alto e moreno, arrancou a túnica e a camisa, ficando apenas com as calças. Parou ao lado da cama e as tirou. As canelas e o traseiro eram de um branco leitoso muito pálido, mas onde havia pelos, eram pretos como piche, sedosos. Ele subiu o degrau, virou-se e se sentou na cama.

— Ruivinha atrevida, eu a farei esquecer-se dele. — Suas palavras soaram um pouco arrastadas. — Eu a desejei no momento em que a vi no torneio do rei inglês. Completamente nu, Cadwallader caiu entre os travesseiros.

— Que pintura você é, com seu vestido aberto assim — disse. — Tire o resto da roupa.

Emmeline queria lhe dar mais vinho, mas duvidava de que ele o tomasse. Tirou a túnica, depois o vestido e ficou de pé, de combinação. Correria nua até o inferno, ida e volta, se ele pedisse, disse a si mesma.

O príncipe Cadwallader, o grande herói dos galeses, estava deitado de costas, com as pernas abertas, estendidas, o membro quase ereto, muito longo e estreito, saltando de uma moita de pelos pretos. Suas pernas também eram cobertas de pelos pretos, tal como os braços e a parte inferior do abdômen. Não era tão benfeito como seu marido, a despeito do tamanho de Niall.

Emmeline viu quando os olhos dele ficaram pesados e ele resmungou alguma coisa. Então, as pálpebras se fecharam.

Ela o encarou, pensando que teria ficado nua para o galês, se preciso fosse, e entrado naquela cama com ele, mas estava contente de não ter chegado a isso. Quando ele se mexeu, ela virou-se, correu para a porta e escancarou-a.

Jiane estava nas escadas com dois cavaleiros de Morlaix. Àquela altura, Magnus devia ter pegado seu pônei e rumado para a cidade.

Jiane passou por cima do corpo de Rainald esparramado no patamar da escada. Emmeline segurou a porta aberta para eles. Os cavaleiros seguiram para a cama, onde estava o príncipe Cadwallader, adormecido. Quando viram seu estado, soltaram uma exclamação de espanto.

Jiane puxou as cobertas para enrolar em torno dele.

— Não há tempo — sibilou Emmeline. — Levem-no como ele está.

Seus joelhos começavam a fraquejar de nervosismo e de um cansaço absoluto. Teve de sentar-se na beirada da cama.

Os cavaleiros de Morlaix ergueram o príncipe Cadwallader das cobertas e seguravam-lhe o corpo nu, dividindo o peso entre os dois.

— Está tudo bem agora, milady — disse o cavaleiro gascão. — Tomaremos conta do resto.

Carregaram o galês pelo quarto daquele jeito, com a cabeça balançando e os longos cabelos negros varrendo o chão. Com o resto de suas forças, Emmeline murmurou:

— E aquele no patamar da escada, levem-no também. Ouviu Jiane resmungar, concordando, quando fechou a porta.

Capítulo XXVII

Emmeline acordou e soltou um grito de susto.

Seu marido estava inclinado sobre ela, de vela na mão, tão coberto de lama que ela mal o reconhecia. Joceran e Gotselm, tão sujos quanto ele, estavam nas sombras atrás do lorde.

— O que aconteceu? — A voz de Niall soou rouca de cansaço. — Quase matei um bom cavalo vindo de Chester para cá. Diga-me o que você fez agora. Deitado ao lado dela, Magnus saltou na cama.

— Milorde! — gritou, alegre. — O senhor está de volta! Niall lançou-lhe um olhar selvagem.

— Não sou seu lorde, sou seu pai. E saia dessa cama, está muito crescido para dormir aqui com sua mãe como um bebê chorão. Emmeline sentou-se ao lado do filho, puxando as cobertas até o queixo.

— Santa Maria, perdeu a noção de tudo, para irromper aqui dizendo coisas assim a Magnus? — Num tom mais calmo, disse a Joceran: — Pegue mais velas do armário e nos deixem a sós, você e Gotselm.

Magnus encarou Niall com os olhos arregalados.

— O senhor é meu pai, milorde?

— Não, ele está mentindo. — Emmeline voltou-se para o filho. — Ele diz qualquer coisa quando está mal-humorado, você sabe disso. Com um rosnado, Niall virou-se e foi atizar o fogo enquanto Joceran pegava as velas. Arrancou a capa suja e jogou-a sobre um banco. De costas para ela, disse:

— Os cavaleiros de Chester levaram as notícias de que o príncipe Cadwallader foi encontrado na praça do mercado em Morlaix, nu e bêbado, com o membro pintado de preto.

— Azul. — Emmeline observou o filho arrastar-se para fora da cama e ir se postar timidamente ao lado de Niall. — E *tingido* de azul, não pintado. Não foi minha ideia, foram os tingidores de John Avenant que fizeram isso. O povo dos laneiros detesta o galês.

— Arre! — Joceran deu um pulo e derrubou uma vela acesa nas palhas do chão. Estendeu a mão para pegá-la. Niall foi até a cama e debruçou-se sobre Emmeline, com o rosto bem sobre o dela.

— Sabe o quanto o galês detesta ser ridicularizado? O rei Henrique tomou um imenso cuidado ao me contar que a sátira é o maior castigo que os bardos infligem a ele. Quando os chefes galeses são ridicularizados e objeto de zombaria, desistem de seus tronos, mandam suas mulheres para conventos, deserdam seus herdeiros, vão para o exílio!

Ela devolveu-lhe o olhar, sem se intimidar.

— Mãe de Deus, queria que eu o tivesse matado? Isso teria provocado uma guerra, não teria? Seu maravilhoso príncipe disse que veio aqui para chifrá-lo. Que era essa a vingança por tudo que você fez a ele.

Ele a encarou por um longo momento e, então, abruptamente, sentou-se na cama.

— Diga-me como Cadwallader apareceu nu na praça do mercado. Emmeline olhou para os dois cavaleiros e para o filho.

— Primeiro, mande Gotselm e Joceran embora. E depois, coloque Magnus na cama. Niall fez um gesto, e Joceran empurrou Magnus à força para a porta, e Gotselm os seguiu.

— Milorde! — Magnus gritou. — Mamãe...

Niall ergueu a cabeça.

— Falarei com você mais tarde, garoto. É hora de alguém lhe contar a verdade. Magnus saltava de um lado para outro.

— Milorde, os cavaleiros dizem... Sou mesmo...?

— Saia! — Niall berrou, apontando a porta. — Vá com Joceran e faça o que ele lhe disser! Quando a porta se fechou, Emmeline jogou as cobertas e sentou-se ereta na cama.

— Cadwallader não estava bêbado; dei-lhe os pós de Gaeweddán que eu ainda tinha da época de sua perna doente. Pelo amor de Deus, dei tanto vinho a Cadwallader que pensei que iria afogá-lo. Ele ainda tomou erva suficiente para fazer desabar um cavalo antes de cair adormecido. Então, Jiane e os cavaleiros o carregaram pela passagem debaixo da cisterna que leva para fora do castelo e desce a colina até o rio. Mandeí Magnus à cidade com o pônei, e ele levou uma mensagem a John Avenant e sua corporação. Você deve elogiá-lo, foi realmente uma coisa muito corajosa para um garotinho fazer. — Mordeu o lábio. — Santa Maria, ele não vai entender se você lhe contar que ele é seu filho.

— Ah... Você ouviu o que o garoto disse. Metade do mundo já adivinhou, de qualquer jeito. Emmeline suspirou.

— Os laneiros vieram e pegaram Cadwallader da beira do rio e fizeram com ele o que acharam melhor. Niall não tirava os olhos dela.

— Santo Jesus do céu, havia um caminho secreto para fora do castelo? Jiane e seus cavaleiros levaram o príncipe galês por ele? Emmeline deu de ombros, apreensiva.

— É uma antiga passagem. Eu ia lhe falar sobre ela. Os pedreiros a encontraram e me levaram para ver.

— Você ia me falar sobre isso. — Ele correu as mãos pelos cabelos ruivos emaranhados. — E quando ia me contar sobre o ouro francês?

A boca de Emmeline escancarou-se. Por um momento, ela não conseguiu respirar. O quarto começou a girar ao seu redor, atordoando-a, como se o mundo tivesse chegado ao fim.

Fechou os olhos. Quando os abriu, o quarto não mais rodava.

— Você sabia? — ela mal conseguiu murmurar.

Ele levantou-se da cama e foi até a lareira. Parou, olhando para o fogo, apoiando a mão no aparador.

— O rei tinha esperanças de expulsar Hugh Bigod e o restante dos amigos ingleses do rei francês que armaram um complô para lhe causarem muito mal — disse, com voz cansada. — O ouro que o rei Luiz envia há anos aos galeses rebeldes é apenas parte do esquema. Mas, em vez disso, graças à minha esposa e seus conspiradores improvisados, agora temos o próprio Cadwallader, nu e drogado diante da vista de todos, em praça pública de minha cidade, com o membro pintado com ísatis. O rei francês é extremamente pio; vai pensar um longo tempo antes de mandar mais qualquer ajuda a esse tipo de príncipezinho debochado. Contudo — resmungou, por entre os dentes —, quando soube disso, nosso próprio rei Henrique ficou absolutamente enlevado.

Emmeline engoliu em seco.

— *Enlevado?*

— Você é linda, maldição, e o rei adora mulheres bonitas, para sua eterna

insensatez; e os espiões de Henrique tinham lhe dito que você continuava, como uma esposa obediente, o que seu marido Neufmarche tinha começado a princípio durante a guerra entre sua mãe, a rainha, e o rei Estevão.

Niall virou-se para encará-la.

— Mas o mais intrigante é que o rei Henrique aprecia enormemente a maneira com que a senhora de Morlaix usou a comida no banquete real para derrubar aqueles malditos trovadores. E o jeito inteligente com que substituiu a joia perdida... o rei é um grande admirador da sagacidade, como você bem sabe, ou não ficaria com aquela cadela com quem está casado. Claro, Henrique está triste de não ter sido capaz, desta vez, de expor os traidores que o rodeiam, já que estava ansioso para pegar o “grande” amigo, o conde de Norfolk em ato de traição. Mas as notícias do membro pintado de azul de Cadwallader caíram nas graças do rei como nada antes desde seu cervo assado em fuga.

— Você está zombando de mim — disse Emmeline.

— Não, por tudo que é sagrado, não estou. O rei não gosta de Cadwallader, acha que é um bárbaro pomposo. O bom humor de Henrique agora não tem limites. Até mesmo a rainha Leonor recebeu sua atenção irrestrita. Depois de um grande banquete ruidoso e com bebida a rodo a noite passada, com muitos brindes obscenos às partes mais sensíveis da aliança com Gales, ele a levou para a cama com toda a presteza.

— Não acredito em você!

Ele sentou-se no banco, ergueu a perna e disse:

— Venha me ajudar a tirar estas malditas botas molhadas.

Emmeline levantou-se da cama e foi descalça até o marido. Erguendo a camisola, montou-lhe a perna, enquanto ele apoiava o outro pé em seu traseiro e empurrava.

— É a pura verdade. Henrique nos adora agora por todas as coisas que mencionei, que Deus os anjos nos salvem. Quer você... nós... na corte, uma condição a qual devotarei meus melhores esforços para dar em nada. Não quero o rei em parte alguma perto de você. Aqui, ajude-me a tirar minha armadura.

Dobrou o corpo para a frente, e Emmeline puxou seu casaco acolchoado pela cabeça. O peso a fez cambalear. Ele endireitou-se depressa e puxou-a contra o peito. Com um braço em torno dela, Niall fitou-a e ergueu a mão para afastar-lhe os cabelos revoltos para trás.

— Sei que deseja ser livre — disse, rouco —, e eu lhe prometi que você seria. Mas tenho de lhe dizer que o rei Henrique tornou isso difícil, já que irá em breve torná-la uma condessa.

A única coisa que Emmeline conseguiu fazer foi encará-lo.

— Não tem nada a dizer? — ele indagou. — Será uma tarefa difícil viver em Wroxeter com seu avô e com os preciosos herdeiros de Morlaix. Tão longe de seu marido, Niall FitzJulien, o grande conde.

— Não — ela murmurou. — Oh, não! Ele soltou-a, os olhos castanhos velados.

— “Não” que você terá sua liberdade e irá viver em Wroxeter? Ou “não” que eu não serei um grande conde?

Emmeline virou-se e seguiu para a cama, com os longos cabelos ruivos dançando livres por suas costas, a camisola agarrando-se às espáduas e à suave curva de suas nádegas.

— Não, não quero ser uma condessa. Nunca quis nenhuma dessas coisas. Não

gosto da corte e das fofocas cruéis e daqueles que bajulam o rei Henrique e a rainha Leonor. Sou membro de uma corporação, uma ourives, quero que Magnus seja um bom homem, quero que ele seja um ourives também. — Subiu o degrau da enorme cama e puxou as cobertas até o queixo. — É você que é ambicioso por fama e glória. Não quero fazer parte disso.

Niall arrancou a túnica e as calças e seguiu-a, depressa, debaixo das cobertas. Apoiou a cabeça no braço e rolou o corpo forte contra o dela. Emmeline puxou as cobertas sobre a cabeça.

Ele cutucou-a gentilmente com um dedo.

— Fale comigo, esposa.

Ela jogou a coberta e o encarou.

— Naquela noite, muito tempo atrás — murmurou —, quando o vi pela primeira vez, pensei que você fosse um jovem herói ansioso, como aqueles das narrativas sobre Arthur, o rei de Camelot. Lembra-se de como me conquistou nesta cama? Você era outro... Gawain. Outro sir Lancelot — ela disse, com um soluço. — Ah, fui uma tola idiota!

Niall debruçou-se sobre ela e beijou-a de leve.

— Eu nunca esqueci. Nem do quarto e das luzes das velas, nem das ricas tapeçarias na parede, nem que tinha comido uma refeição completa pela primeira vez em dias. Se você era uma moça tola, eu era um jovem cavaleiro bruto, sem um xelim em meus bolsos e, quando a vi de pé ao lado desta cama, você era tão linda que eu quase fiquei apavorado e perdi a razão. Pensei que fosse uma feiticeira terrível como a Morgana do rei Arthur. E soube que estava perdido. Pois eu a amei desde o momento em que a vi.

Emmeline saltou da cama e virou-se para encarar o marido.

— Você nunca me disse isso! Por que nunca disse nada disso a mim? Ele tirou o braço de trás da cabeça e olhou para Emmeline.

— O rei Henrique vai fazer de Magnus... *Julien*... meu herdeiro. Faremos uma petição ao arcebispo Theobald, que a enviará então a Roma, ao papa. Algum dia, o garoto será o conde de Morlaix.

Emmeline puxou o fôlego.

— O nome dele é Magnus, sempre será Magnus. — Niall estava puxando a camisola por sobre sua cabeça; a voz de Emmeline saiu abafada. — Eu nunca o chamarei de Julien. Santa Maria, não se pode chamar alguém de “Julien FitzJulien”! Todo mundo vai pensar que é uma piada.

As duas mãos de Niall empalmaram seus seios quando ela se debruçou sobre ele. Ele tocou os lábios nos bicos rosados.

— Fique comigo, Emmeline, querida, eu lhe darei qualquer coisa que você quiser, o rei Henrique não me deixará fazer por menos. Você tem sua loja e o documento de posse da mansão. Olhe, pode até mesmo ter outro par de beatas.

— Não, não quero isso. — Ela estremeceu quando Niall puxou-a para baixo e enfiou o corpo entre suas coxas. — Pobres mulheres... Imagino todo dia como Walter e Berthilde estão se arranjando.

— Humm — ele murmurou, beijando-a com ardor. — Feiticeira fogosa — resmungou. — Você ainda não disse que me ama.

Emmeline ergueu os olhos, fitando os familiares cortinados azuis e os pingentes dourados ao alto, que tinham circundado os dois naquela primeira noite em que haviam

feito amor um com o outro.

E fora amor. Durante todos aqueles anos, ela disse a si mesma, nenhum dos dois nunca fora capaz de esquecer.

— Hum, eu lhe direi mais tarde — murmurou, abrindo-se para ele e passando os braços amorosamente em torno do pescoço do marido.

Fim

A Nova Cultural tem muito mais emoções para você!

PAIXÃO SOMBRIA

Sara Reinke

Selo: Bianca

Augustus Noble é um homem que convive com muitos segredos. Sua vida inteira foi construída com meias-verdades, traições e mentiras. Medidas desesperadas para manter a mulher que ele ama, Eleanor Trevilian, em seu poder. Patriarca de seu clã, Augustus lutou durante séculos para criar um império de riqueza e prestígio para sua amada. Agora, porém, tudo o que ele lutou está em perigo, e Augustus não pode deixar que um inimigo de longa data descubra uma verdade que poderá pôr os membros de seu clã em risco...

Por direito de primogenitura, Eleanor Trevilian já teria garantida uma vida longa, além de seu casamento com o líder do clã lhe proporcionar também riqueza, luxo e conforto. Contudo, uma doença que secretamente devasta os membros de seu clã há gerações agora a aflige também. Seu prognóstico é sinistro, sua vida pode perder todo o sentido...

Ao longo de quase duzentos anos, Eleanor amou Augustus Noble, uma paixão que desafiava até as mais sagradas leis da Confraria dos Brethren. Por esse amor, ele a forçou a partir... Para protegê-la, ele partiu seu coração. Agora, Eleanor precisa regressar à fazenda no Kentucky que um dia foi seu lar, e ao núcleo da família, para salvar não só os seus entes queridos, como também Augustus. Porque, se ela não fizer isso, se por alguma eventualidade ela falhar, tudo o que ela e Augustus conheceram será destruído, inclusive o amor que compartilham...

PARAÍSO PROIBIDO

Kimberly Killion

Selo: Clássicos Históricos Especial

Forçado a fugir da Escócia em sua juventude e a abrir mão de um futuro como chefe de seu clã, Reid MacGregor prospera no Caribe depois de encontrar ouro. Mas ele ainda tem dois outros tesouros a reivindicar: a biblioteca perdida de uma antiga sacerdotisa maia e a jovem que ele deixou para trás...

Em seu esconderijo nas matas de Glenstrae, Mary-Robena Wallace vigia as fronteiras com os membros de seu clã, desesperada para salvá-los da crueldade do rei James. Renomada por sua habilidade como escavadora, ela concorda em unir forças ao homem que a abandonou e viajar com ele para o Caribe, em busca de ouro. Mas os frutos de um paraíso exótico e o beijo proibido de um traíçoeiro sedutor ameaçam desviá-la de seu objetivo...

A HISTÓRIA DE JANE

Joan Wolf

Selo: Julia

Lady Jane Fitzmaurice tinha tudo o que a sociedade aprovava e valorizava: uma beleza impecável, uma criação perfeita e uma respeitável fortuna. Mas sua personalidade forte e firmeza de opinião, por outro lado, provocavam críticas e comentários. Onde já se vira uma dama bem-nascida passar mais tempo em cima da sela de um cavalo do que em sua saleta, bordando? Como podia ela preferir a companhia de David Chance, o charmoso treinador de cavalos, à de Julian Wrexham, o nobre mais atraente da Inglaterra? Lady Jane já deixava a sociedade em polvorosa, mas um escândalo inédito estava prestes a explodir, no momento em que ela transgrediria todas as convenções e se prepararia para dar um passo perigoso, que poderia arruinar seu bom nome e deixar seu coração partido para sempre...

ARDIL DE UM CORAÇÃO

Patricia Rice

Selo: Clássicos Históricos

Dois enigmas deixavam Arianne Richards perplexa. Por que o atraente e rico lorde Galen Locke estava tão interessado no misterioso retrato que ela havia encontrado? E por que esse cavalheiro nobre, lindo e irresistível demonstrava tanto interesse por ela quando estava comprometido com sua prima, a carismática e cativante lady Melanie? Uma das perguntas atiçava a mente de Arianne... A outra inquietava seu coração... E ambas

ofereceriam respostas tão surpreendentes quanto os fantasmas do passado e os segredos do amor...

O CONDE CIGANO

Mary Jo Putney

Selo: Best Seller

Ele era conhecido por “Conde Demônio”, e diziam que era capaz de tudo. Filho de um embusteiro e de uma cigana, Nicholas Davies transformou-se em um notório libertino, até que uma traição devastadora o deixou sozinho e amargurado em meio à paisagem rural do País de Gales. Só mesmo o desespero levaria uma tímida e reservada professora a pedir ao Conde Demônio que a ajudasse a salvar seu vilarejo... Sem disposição para se envolver nos problemas alheios, Nicholas pediu um preço alto por sua ajuda: somente se Clara concordasse em viver com ele durante três meses, deixando que todos pensassem o pior dela, ele interviria na questão que tanto a afligia. Furiosa, porém sem escolha, Clara aceitou o desafio ultrajante, e os dois foram arrastados para um mundo inebriante de perigo e desejo. Como aliados, Clara e Nicholas lutavam para salvar a comunidade dela... Como adversários, exploravam um terreno perigoso de poder e sensualidade... E como amantes, entregaram-se a uma paixão que ameaçava abalar os alicerces de suas vidas...

DESTINO INSÓLITO

Kathryn Kramer

Selo: Clássicos Históricos Especial

Escócia, 1565

Casada contra a sua vontade com um brutamonte das Terras Altas, a linda e graciosa Kylynn Gowrie sentiu-se reviver quando conheceu o atraente Roarke MadKinnon...

Roarke irrompeu de repente na corte da rainha Mary da Escócia, para reivindicar suas terras, mas seus modos gentis e sua ternura conquistaram o coração de Kylynn, que ansiava por entregar-se àquela paixão proibida...

Quando, porém, a rainha da Inglaterra tramou um ardil para a rainha da Escócia, a quem Kylynn venerava, o destino fez de Roarke seu inimigo. Seria o amor deles forte o suficiente para sobrepujar as agruras e as traições de uma guerra implacável?...

O FEITIÇO DE BELTANE

Patricia Rice

Selo: Bianca Inglaterra, 1750

Ninian Malcolm Siddons vive sozinha numa cabana desde que perdeu a avó. Considerada como bruxa pela maioria dos moradores do vilarejo, Ninian não pode contar com ninguém, e tem de se conformar em ficar apenas observando, enquanto as moças e rapazes de sua idade saem e se divertem na noite de Beltane. Não que ela não seja uma jovem encantadora e atraente... Muitos rapazes adorariam namorá-la, não fosse o receio de serem vistos em companhia de uma bruxa...

Drogo Ives é um dos poucos que não resistem aos encantos de Ninian. Aproximados por um feitiço, nenhum dos dois consegue se afastar do outro. Entretanto, não é somente lenda, superstição e perigo que Drogo e Ninian terão de enfrentar... Eles terão de superar também a dificuldade de Drogo de confiar em alguém, e a maldição da família Malcolm. E à medida que o perigo se acerca cada vez mais, Drogo e Ninian precisam decidir se são capazes de confiar um no outro o suficiente para sobreviver ao caos e ser felizes juntos...

A FARSA DA CONDESSA

Joan Wolf

Selo: Clássicos Históricos

Inglaterra, Século XIX

Amiga leitora,

Quero deixar bem claro que não foi minha a ideia de criar uma armadilha para o melhor partido da Inglaterra, o conde de Greystone, se casar comigo. Meu tio, lorde Charlwood, é que estava por trás dessa pequena trama. Se meu pai não tivesse sido morto e me deixado aos cuidados de Charlwood, nada disso teria acontecido...

De repente, eu era lady Greystone, uma condessa e uma senhora casada. Aprender a ser condessa não foi tão difícil. Aprender a ser casada teria sido bem mais fácil se eu não corresse o risco de me apaixonar perdidamente pela única pessoa que estava além do meu alcance... meu marido!

Bem, se eu não podia conquistar o amor de Adrian, pelo menos eu estava determinada a me vingar, pelo meu pai. Eu jurei desmascarar o assassino dele, e não me importava de correr perigo para alcançar meu objetivo. Portanto, se você, caríssima leitora, está curiosa para saber como eu me saí dessa, leia esta história...

Com todo o meu carinho, Kate, Condessa de Greystone

ANJO DIABÓLICO

Lori Brighton

Selo: Bianca

Quando Ashley Hunter herda a hospedaria onde seu pai desapareceu anos atrás, ela vê a chance de finalmente descobrir a verdade sobre o misterioso desaparecimento. Mas logo depois de tomar posse da decrepita construção, ela percebe que herdou não só respostas para antigas perguntas, como também espíritos, demônios e até anjos caídos! E então entra em cena Cristian Lucius, um homem bonito, charmoso e atraente, insistindo que quer apenas alugar um quarto na hospedaria. Ashley acredita nele, até que, um por um, seus fantasmas começam a desaparecer...

Como anjo caído, destinado a uma vida de servidão, Cristian está incumbido de proteger a Terra de espíritos indesejáveis. Mas ele não pode realizar essa tarefa sozinho. Ele precisa da ajuda justamente da mulher que o deixa tão frustrado quanto intrigado. Cristian está decidido a ignorar a intensa atração que sente por Ashley e concentrar-se em sua missão. Se eles não cooperarem um com o outro, não terão a menor possibilidade de derrotar o demônio que ameaça suas vidas. O problema é conquistar a confiança de Ashley... Uma façanha nada fácil, considerando-se que o homem responsável pelo desaparecimento do pai dela é ninguém menos do que ele próprio...

AMOR E OBSESSÃO

Brynn Chapman

Selo: Clássicos Históricos

Determinada a esquecer um passado de amarguras e a começar uma nova vida, Constanza Smythe deixa sua terra natal, a Inglaterra, e aceita um emprego de professora na América, mas acaba sendo alvo das atenções de dois homens.

Ao conhecê-la, Edward Teache, o infame pirata conhecido como Barba Negra, se dispõe a fazer qualquer coisa, seja dentro ou fora da lei, para torná-la sua noiva.

Porém, as mãos do destino, põe em seu caminho, Lucian Blackwell, um fazendeiro da Carolina do Norte, que se apaixona por Constanza e está determinado a protegê-la das garras do mais terrível pirata de todos os tempos...

O PRELÚDIO DE CAMELOT

Cynthia Breeding

(1º livro da série Camelot)

Selo: Clássicos Históricos Especial

Bretanha, 480

Um menino nascido para ser rei

Uther Pendragon, o rei de Kernow, deseja Ygraine, mulher de um de seus vassallos. Com a ajuda do mago Myrddin, ele consegue tê-la e, com ela, concebe Arthur. Arthur cresce sem saber quem é seu pai. Seu mentor é Myrddin, e a única coisa que ele sabe é que deve lutar para salvar a Bretanha dos saxões...

Uma menina destinada a ser rainha

O melhor amigo de Arthur é Bedwyr, irmão mais velho de Gwen, uma menina independente e corajosa, que vive em Cameliard e está determinada a livrar o vilarejo do jugo de um homem, seja ele quem for.

Arthur e Gwen só se viram quando crianças, mas na adolescência ela tem sonhos frequentes com um guerreiro valente e bonito, alguém que ela não conhece, mas que lhe desperta fantasias românticas e sensuais...

Um príncipe com sangue de feiticeiro

A força de Lancelot nas batalhas se equipara à de Arthur, assim como suas habilidades na cama... uma competição que um dia irá determinar o destino de Camelot...

A CAVERNA

Amber Dawn Bell

Selo: Bianca

Você acredita em vampiros?

Eu, com certeza, não acreditava. Pelo menos até descobrir, no dia do meu aniversário de dezesseis anos, que eu era tudo menos humana. E a cereja do bolo – se é que se pode considerar assim – é que eu sou a primeira Vânător a existir depois de mais de quinhentos anos! Isso significa que minha missão é ser caçadora do mal. Isso mesmo, eu sou uma Buffy da vida real...

Para piorar as coisas, estou me apaixonando por Ryan, o novo garoto da classe. Nunca imaginei que fosse cair de amores desse jeito por alguém, que fosse ser uma adolescente boboca que fica aparvalhada, na frente de um rapaz. Que raiva... E para completar, ainda tem uma entidade que fica me perseguindo, querendo usar meu sangue raro para realizar seus feitos malignos, uma colega de classe insuportável que inferniza a minha vida, e um treinador de ginástica que quer porque quer que eu chegue às

Olimpíadas...

Pois é, e tudo começou com uma excursão da classe a uma caverna, nesta história que é tudo menos monótona, tudo menos normal, tudo menos previsível, da vida de minha pessoa, Cheyenne Wilde...

NOIVA POR ENCOMENDA

Michèle Ann Young, Kimberly Ivey e Billey Warren Chai

Selo: Julia

A NOIVA DE JAKE - Michèle Ann Young – Texas, 1867

Depois de perder suas parcas economias num assalto em Nova York, Tess Dalton agarra a primeira oportunidade que aparece e decide ir para o Texas como noiva por encomenda. Quem sabe o destino finalmente resolveu lhe dar uma chance de ser feliz?...

A NOIVA DE GRAY - Kimberly Ivey - Texas, 1885

Viúva e com um filho pequeno, Evangeline Payne foge para o Texas com a esperança de encontrar proteção nos braços do homem com quem se casou por procuração, apenas para descobrir que é o único homem que ela amou na vida...

A NOIVA DE JOSH - Billie Warren Chai - Texas, 1872

Depois de trabalhar como uma escrava para o pai e os irmãos, Annabelle Yeager chega no Texas para descobrir não só que seu noivo foi assassinado, como também que ele era o proprietário do bar e bordel chamado Chance Saloon... Em pouco tempo, a cidade se volta contra Annabelle, e alguém tenta matá-la. O xerife Josh Morrow jura mantê-la a salvo, mas a que custo para ele próprio?...

UM LORDE INESQUECÍVEL

Molly Zenk

Selo: Julia

Inglaterra, 1814

Mariah Woodhouse não consegue acreditar na própria sorte quando descobre que o atraente e carismático lorde Byron está morando numa casa de campo justamente em Southwell, Nottinghamshire, pertinho da estalagem de seus pais. Para se tornar mais desejável para o famoso poeta, Mariah convence seu amigo de infância, Walter Weylons, a se fazer passar por seu noivo. O plano funciona, e logo Mariah se vê obrigada a

escolher entre dois cavalheiros muito diferentes: um lorde charmoso e libertino, e o tímido bibliotecário que é apaixonado por ela desde que eram crianças...

DIVINO TORMENTO

Mary Jo Putney

Selo: Clássicos Históricos Especial

Lorde Adrian, conde de Shropshire, sabia que lady Meriel de Vere o estava enganando. Majestosa na floresta real, com seu falcão pousado no braço, ela corajosamente proclamava ser uma plebeia galesa, e não uma nobre normanda.

Adrian, contudo, contemplou extasiado os cabelos negros como as asas de um corvo e os desafiadores olhos azuis, ouviu suas mentiras, e sentiu uma paixão intensa e primitiva roubar-lhe todo o bom-senso...

Em um irrevogável lance do destino, Adrian deu ordens para que aquela beldade fosse trancafiada na torre de seu castelo, jurando que iria seduzi-la até que ela lhe contasse a verdade e se entregasse a ele, com beijos tão sequiosos quanto os seus...

Meriel, porém, jamais cederia. Morreria se preciso fosse... Esse foi o seu juramento... Até que um inesperado arroubo de impetuosidade envolve Adrian e Meriel numa rede de tormentos que poderá pôr em risco o mais sublime dos amores...

MARÉS DO DESTINO

Miriam Minger

Selo: Clássicos Históricos Especial

Inglaterra, 973

Inesperadamente, a linda e graciosa Anora vê seus planos de casamento ir por água abaixo. Ela e sua irmã gêmea idêntica, a travessa Gwendolyn, são raptadas e levadas a bordo de um navio viking. Pelo fato de ter cabelos curtos e estar usando calças compridas, Gwendolyn é confundida com um garoto pelo líder viking Hakon, capitão do navio, que a coloca a seu serviço. Gwendolyn e Anora mantêm a farsa, acreditando que assim será mais fácil conseguir escapar. Mas Hakon cai de amores por Anora e está determinado a possuí-la a qualquer custo. A fim de preservar a virgindade de sua irmã, que está noiva, Gwendolyn dá início a um jogo perigoso... porém acaba se descobrindo apaixonada por aquele viking alto e forte, bonito e atraente.

Serão as gêmeas resgatadas a tempo, antes que Gwendolyn entregue irremediavelmente o seu coração?...